

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**FACULDADE DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS LITERÁRIOS**

**Luiz Guilherme Amorim de Castro**

**A Literatura Filipina *Balikhayan* como Resistência Cultural:  
*Utang Na Loob* e Superioridade do Expatriado nos Estados Unidos.**

Juiz de Fora

2024

**Luiz Guilherme Amorim de Castro**

**A Literatura Filipina *Balikbayan* como Resistência Cultural:  
*Utang Na Loob* e Superioridade do Expatriado nos Estados Unidos.**

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Letras: Estudos Literários, área de concentração em Literatura e Crítica Literária, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves

Juiz de Fora

2024

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Amorim de Castro, Luiz Guilherme.

A Literatura Filipina Balikbayan como Resistência Cultural : Utang Na Loob e Superioridade do Expatriado nos Estados Unidos / Luiz Guilherme Amorim de Castro. -- 2024.  
264 p.

Orientadora: Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves  
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora,  
Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2024.

1. Imigração. 2. Resistência Cultural. 3. Filipinas. 4. Utang Na Loob. 5. Balikbayan. I. Rodrigues Gonçalves, Ana Beatriz , orient. II. Título.

Luiz Guilherme Amorim de Castro

**A Literatura Filipina *Boikbayan* como Resistência Cultural:  
*Utang Na Loob* e Superioridade do Expatriado nos Estados Unidos**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Letras. Área de concentração: Teorias da Literatura e Representações Culturais.

Aprovado em 30 de setembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

**Profa. Dra. Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves - Orientadora**  
Universidade Federal de Juiz de Fora

**Profa. Dra. Nícea Helena de Almeida Nogueira**  
Universidade Federal de Juiz de Fora

**Profa. Dra. Silvana Liliana Carrizo**  
Universidade Federal de Juiz de Fora

**Profa. Dra. Else Ribeiro Pires Vieira**  
Queen Mary - University of London

**Prof. Dr. Paulo Roberto de Souza Dutra**  
The University of New Mexico

Juiz de Fora, 06/09/2024.



Documento assinado eletronicamente por Nícea Helena de Almeida Nogueira, Professor(a), em 30/09/2024, às 17:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves, Professor(a), em 01/10/2024, às 13:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Else Ribeiro Pires Vieira, Usuário Externo, em 01/10/2024, às 15:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Paulo Dutra, Usuário Externo, em 01/10/2024, às 18:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Silvana Liliana Carrizo, Professor(a), em 01/10/2024, às 21:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-UFJF ([www2.ufjf.br/SEI](http://www2.ufjf.br/SEI)) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador 1972170 e o código CRC 5584A358.

## AGRADECIMENTOS

Ao terminar este longo processo, é impossível não olhar para trás e lembrar dos percalços que me trouxeram até aqui. Penso também em como teria sido mais difícil se não fosse o apoio incondicional de todos que não me permitiram fraquejar, que me ofereceram palavras amigas, piadas, sorrisos e suporte.

Na verdade, eu sempre me surpreendo quando ouço alguém dizer “apesar da torcida contrária, eu perseverarei”. Minha surpresa vem do fato de eu estar cercado por um grande número de pessoas que veem em mim um potencial que eu jamais acreditarei ter. E este pedacinho do meu texto é para vocês, insubstituíveis nesta jornada. Infelizmente, e reforçando a ideia de que sou extremamente abençoado, não terei espaço para mencionar todas e todos, mas tentarei ser o mais abrangente possível.

Agradeço, do fundo do meu coração:

à minha melhor amiga, Margareth, coincidentemente também aquela que me deu a vida: *Ma*, obrigado por ter me ensinado as letras, me encorajado a sempre tentar mais, ver mais longe, ser corajoso e correto. Sua dedicação àqueles que você ama é um valor que levarei para sempre comigo;

ao meu marido e companheiro já há 21 anos, Humberto. É uma honra dividir minha vida com você. Quero que, para sempre, você seja meu primeiro “bom dia”, e meu último “boa noite”. Crescemos e amadurecemos juntos, sem nunca perder o carinho, o respeito e a amizade que nos balizam. + D 10!;

ao meu pai, Petronio, que me ensinou a paixão pelos livros, me incutiu a obsessão pelo conhecimento, a nunca desistir dos meus sonhos. Obrigado por sempre acreditar em mim;

aos meus anjinhos de quatro patas, Pingo e Fix. Ter aceitado a missão de guiá-los neste mundo é algo que sempre me orgulharei. Vocês fazem minha vida mais leve;

aos meus irmãos, Bruno e Raphaela. Sempre respeitamos nossas diferenças e celebramos nossas semelhanças. Serei eternamente grato pelo apoio, pelas risadas, a estrutura que construímos juntos;

ao meu eterno melhor amigo, Bruno Mourão Paiva. Você foi embora tão cedo, mas, mesmo no meio da maior das tragédias, teve a generosidade de me fazer prometer que eu terminaria a faculdade. Cá estou, irmão, defendendo meu doutorado. Espero deixá-lo orgulhoso, daí de cima;

às minhas queridas cunhadas, Viviane e Luciana. Obrigado pelo carinho e gentileza com a qual me tratam. Que sorte a nossa, ter vocês na nossa família;

aos meus sobrinhos Antônio e Pedro. Mesmo tão jovens, vocês já deram lições inextinguíveis de resiliência e amor pela vida.

à minha orientadora, professora Ana Beatriz, que nunca, em momento algum, obstaculizou meu caminho. Muito pelo contrário: Você abre portas, janelas e estradas para que eu siga adiante. Vou sentir saudades dos seus áudios de “hello, darling!”, sempre com tanto carinho e positividade.

à professora Nícea Helena, minha segunda “fada madrinha” no PPG. Sua ajuda foi, é e sempre será impagável. A ~~senhora~~ você, meu mais sincero *Utang Na Loob*.

às amigas que fazem dos meus dias mais belos, mais amorosos e suportáveis: Marcinha [seu carinho sempre me acalma], Marina [nossa conexão não é deste mundo], Daniele – Dandan [temos mais piadas internas que histórias para contar], Danielle - Danete [a gente ri até chorando na chuva], Gheysa [A ‘Bunita’ com o sorriso mais radiante que conheço] , Mariana - Mary J [você não tem noção como eu me apoiei nas suas palavras para continuar] e Amanda [a americana mais brasileira que já existiu!];

à minha dearest American sister, Monica. Thank you for always treating me in such a kind, loving way. You make this world a better place, with your creativity and endless talent. Obrigado por existir!

Representando todos as tias e tios, minhas queridas Iramaia [Dinda], Tânia [Amada], Ubaldo [“Baldim” -*in memoriam*] Uilmar [Dindo] e Elizabeth [tia Beth]. Vocês foram figuras maternas e paternas para mim.

Representando os primos, a primogênita dos Amorim: Ana Maria. Obrigado por ser exemplo de fidalguia, erudição e simpatia;

aos maravilhosos amigos de confraria: Ellen e Pablo [sua amizade, presença e suporte me fazem querer ser melhor; Dayana e Guilherme [jantares deliciosos e um carinho que transborda]; Fabrício *Redrigo* e Ju [meus “infinitos” favoritos!]; Guilherme e Ninna [os amigos mais estilosos, sempre tão doces]. Vocês dão sabor à minha vida, e transformam o tédio em memórias inesquecíveis;

à onipresente família Maricato, Lúcia, Gustavo, Stella e Chico [Maricato honorário!]: vocês são exemplos de civilidade, de camaradagem e ternura;

às professoras Silvinia Carrizo e Else Vieira, por terem engrandecido e elevado a minha caminhada com tanto conhecimento e generosidade;

ao PPG Letras - Estudos Literários, por todo o apoio, todas as oportunidades e boa vontade.

à Capes e Fapemig, pelo contínuo apoio à ciência brasileira. Sem seu suporte, eu não teria chegado a este momento.

“Coragem é resistência ao medo, controle do medo, não ausência do medo.”<sup>1</sup>

(Mark Twain)

---

<sup>1</sup> *Courage is resistance to fear, mastery of fear, not absence of fear.*



## RESUMO

Esta tese analisa três obras literárias escritas por autores filipinos nos Estados Unidos, de forma a apresentá-las como ferramentas de resistência cultural, na concepção do autor Stephen Duncombe e sua obra *Cultural Resistance Reader* (2002). As obras são: *In The Country* (2015), de Mia Alvar, coleção de contos escritos pela autora filipina radicada nos EUA; o romance *America is Not The Heart* (2015), de Elaine Castillo, nascida em São Francisco, mas filha de filipinos; o *memoir* *The Groom Will Keep His Name* (2020), de Matt Ortile, nascido em Manila e criado em Las Vegas. Ao esmiuçar as obras, o estudo passa por conceitos únicos do arquipélago, tais como *Utang Na Loob* – sentimento que move os seus habitantes, dívida impagável para qualquer pessoa que recebera auxílio de alguma maneira -, *balikbayan* (filipinos que estejam vivendo permanentemente fora da nação) e *balikbayan box* (remessas enviadas aos familiares e amigos, por filipinos que moram no exterior). Ainda, esta tese se debruça, nos seus dois primeiros capítulos, sobre a rica história do país, um dos poucos a ser colonizado por três potências estrangeiras (Espanha; Estados Unidos; Japão). O terceiro capítulo aborda imigração e, ao estabelecer diferenças entre os conceitos de (i)migrante e emigrante, assim como a ideia de diáspora, esta tese se apoia em sociólogos como Stuart Hall e Robin Cohen. Há, ainda, a proposição de uma categoria epistemológica chamada Superioridade do Expatriado, dedicada à relação assimétrica entre aqueles que emigraram do país, e aqueles que lá permanecem. Já o último capítulo, o 4º, trabalha a resistência cultural vista através de aspectos específicos das obras, como expressão da sexualidade (em especial a *queer*); resistência através da raça/etnia; e a própria literatura enquanto instrumento de resistência. Os teóricos citados, entre outros, são: Raymond Williams, William Callahan, Michel Foucault. A conclusão à qual o estudo chega é que, sim, os livros estudados podem ser considerados ferramentas de resistência cultural, e os aspectos do país mencionados são indícios inegáveis de uma sociedade antropologicamente rica, orgulhosa das suas origens, e única dentro do continente asiático.

**Palavras-chave:** imigração; resistência cultural; Filipinas; *Utang Na Loob*; *Balikbayan*.

## ABSTRACT

This thesis analyzes three literary works written by Filipino authors in the United States, to present them as tools of cultural resistance, as per author Stephen Duncombe and his *Cultural Resistance Reader* (2002). The three books studied are: *In The Country* (2015), by Mia Alvar, a collection of short stories written by the Filipino author based in the United States; the novel *America is Not The Heart* (2015), by Elaine Castillo, born in San Francisco, to Filipino parents; the memoir *The Groom Will Keep His Name* (2020), by Matt Ortile, a Manila native raised in Las Vegas. By scrutinizing the works, this study covers unique concepts from the archipelago, such as *Utang Na Loob* – a feeling that moves its inhabitants and consists of an unpayable debt between anyone who received assistance in some way -, *balikbayan* (Filipino citizens who are permanently living outside the nation), and *balikbayan box* (specific remittances to family and friends, sent by those who live abroad). Furthermore, this thesis focuses, in its first two chapters, on the rich history of the island nation, colonized by three foreign powers (Spain; United States; Japan). The third chapter deals with immigration, and through the establishment of differences between the concepts of (im)migrant and emigrant, as well as the idea of diaspora, based on sociologists such as Stuart Hall and Robin Cohen. There is also the proposition of an epistemological category called Expatriate Superiority, which is dedicated to the asymmetric relationship between those who emigrated from the country and those who remain there. The last chapter, the 4th, delves into cultural resistance seen through specific aspects of the analyzed literature, such as expression of sexuality (especially queer); resistance through race/ethnicity; and literature itself as an instrument of resistance. The authors cited, among others, are: Raymond Williams, William Callahan, Michel Foucault. The conclusion reached by the study is that, yes, the books analyzed can be considered tools of cultural resistance, and the aspects of the country mentioned are undeniable signs of an anthropologically rich society, proud of its origins, and unique within the Asian continent.

**KEYWORDS:** immigration; cultural resistance; Philippines; *Utang Na Loob*; *Balikbayan*.

**LISTA DE FIGURAS**

Figura 1-Mapa do Sudeste Asiático .....	37
Figura 2-Ilustração- School Begins .....	103
Figura 3-Mapa de localização- A República das Filipinas .....	114
Figura 4-Capa do Philippines Sunday Express .....	127

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>2 E PLURIBUS, UNUM: A FORMAÇÃO DE UM PAÍS</b> .....	<b>30</b>
2.1 O <i>BALANGAY</i> ANTES DE MAGALHÃES: POVOS ORIGINÁRIOS .....	<b>33</b>
2.2 COLONIZAÇÃO ESPANHOLA (1565-1898) .....	<b>47</b>
<b>3 REPUBLIKA NG PILIPINAS – UM NOVO ATOR NO CENÁRIO MUNDIAL....</b>	<b>78</b>
3.1 COLONIZAÇÃO AMERICANA (1898-1946).....	<b>79</b>
3.2 AS FILIPINAS COMO PAÍS INDEPENDENTE (1946 – ATUAL) .....	<b>113</b>
<b>4 <i>BALIKBAYAN</i>, OFW, EXPATRIADOS – FILIPINOS ERRANTES</b> .....	<b>135</b>
4.1. DISCUSSÕES SOBRE IMIGRAÇÃO .....	<b>138</b>
4.2. <i>OFW</i> OU <i>BALIKBAYAN</i> ? O PINOY NO EXTERIOR.....	<b>154</b>
4.3. <i>UTANG NA LOOB</i> E A DÍVIDA ETERNA .....	<b>166</b>
4.4 A SUPERIORIDADE DO EXPATRIADO .....	<b>177</b>
<b>5 PINOY PRIDE: RESISTÊNCIA CULTURAL</b> .....	<b>188</b>
5.1 DISCUSSÕES SOBRE RESISTÊNCIA CULTURAL.....	<b>190</b>
5.2 RESISTÊNCIA ATRAVÉS DA RAÇA/ETNIA.....	<b>200</b>
5.3 RESISTÊNCIA ATRAVÉS DA SEXUALIDADE .....	<b>210</b>
5.4 A LITERATURA <i>BALIKBAYAN</i> COMO RESISTÊNCIA .....	<b>227</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>239</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>248</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O continente asiático ocupa ao redor de 30% de todo o território mundial, e impressionantes 60% da população do planeta (Antunes,1991). Assim sendo, é razoável imaginar a multitudine de povos, culturas, línguas e costumes que povoa tão vasta região.

Presumindo a Ásia como um agrupamento geográfico (Antunes,1991), um saudita de Riad, um indiano de Mumbai e um norte-coreano de Pyongyang são todos pertencentes a um mesmo grupo. Contudo, um mínimo esforço cognitivo nos leva à presunção de heterogeneidade, e à improbabilidade de coesão dentre tantas pessoas.

Seguindo sempre a baliza do capitalismo, que nos rege e embasa, três das cinco maiores economias do planeta são asiáticas, com a China em segundo lugar, o Japão em quarto, e a Índia<sup>2</sup> em quinto (FMI, 2023). Já aqui temos uma justificativa plausível e instigante para qualquer estudo que remeta a esse continente.

Após termos abordado, na dissertação de mestrado (Castro,2020), as populações hispânicas nos EUA, surge agora a oportunidade de imiscuirmo-nos nos filipinos-americanos, um povo que, dada a sua singularidade histórica, encontra-se na metafórica esquina entre Ásia e América Latina. Ao longo deste estudo, entenderemos melhor como esse grupo é representado, visto, consumido culturalmente e tratado dentro da mais pujante economia do mundo.

Os Estados Unidos têm larga tradição colonialista, ainda que tenham sido colonizados pelo Reino Unido. Na mesma guerra em que tomaram posse do território de Porto Rico<sup>3</sup>, os americanos invadiram e assumiram o controle das Filipinas, em 1898. O país-arquipélago era colônia espanhola desde o longínquo ano de 1565 (Francia, 2014). Foi com a guerra hispano-americana<sup>4</sup> que teve início a colonização norte-americana<sup>5</sup> no país, o que levou a quase cinquenta anos de domínio

---

<sup>2</sup> A Índia ultrapassou, em PIB (Produto Interno Bruto), sua antiga potência colonial, o Reino Unido, em 2022 (The Hindu, 2022). Tal feito econômico traz consigo uma possível nova ordem mundial, menos eurocêntrica, mas também frutíferas análises sobre a suplantação de uma grande potência por um povo anteriormente subjugado.

<sup>3</sup> Região até hoje no limbo jurídico entre Estado federativo de segunda categoria e um genérico e insípido título de Estado Livre Associado, que muito confunde e pouco explica ou atende as necessidades locais (Castro, 2020).

<sup>4</sup> Ocorrida entre 21 de abril a 10 de dezembro de 1898 (Nadeau, 2008).

<sup>5</sup> Para maior fluidez do texto, habitantes dos EUA serão chamados, de forma intercambiável, de “americanos”, “norte-americanos”, “yankees” e “estadunidenses”. A motivação é evitar

estadunidense, e a uma miríade de ramificações que serão explicadas e melhor abordadas ao longo das páginas desta tese de doutoramento.

Partimos como elo, então, das lutas e agruras latinas, para aprofundarmo-nos em um país singular no continente asiático, o único a ter sido colonizado pela Espanha e Estados Unidos. Os filipinos são chamados de “latinos da Ásia”, pelo pesquisador Anthony Christian Ocampo (2016), e espera-se, proporcionarão a este estudo a amplitude sociológica esperada de uma pesquisa desta magnitude.

O elo entre Ásia e América Latina ficará mais óbvio no primeiro capítulo, no qual abordaremos a história das ilhas Filipinas, e como surgiram os laços que mantiveram conectados a então colônia à antiga metrópole, com o intermédio do Vice-Reino da Nova Espanha (cujá capital era a cidade do México).

Assim como os latinos nos Estados Unidos, que se encontram espremidos na *Zona de Contato*<sup>6</sup> entre a cultura *mainstream* anglófona e suas próprias origens latinas (Castro, 2020), os filipinos sofrem duplamente o efeito de não serem o que se espera do asiático tradicional, mas também não se encaixam no ideário estadunidense de cor, etnia e língua (Ocampo, 2016).

A presente tese será composta por quatro capítulos. O primeiro, com título de *E Pluribus, Unum: A Formação de Um País*, abordará aspectos históricos que formaram as Filipinas, um arquipélago díspar e descentralizado, que, ao longo de séculos, encontrou uma identidade nacional e elementos agregadores, separando-o culturalmente dos seus vizinhos asiáticos.

No primeiro subcapítulo: *O Balangay Antes de Magalhães: Povos Originários*, o foco será a ocupação humana do arquipélago antes da chegada dos espanhóis. A intenção não é tratar os acontecimentos que antecederam a chegada europeia como pré-história, com um sentido pejorativo e de cultura menor, como a falácia da “descoberta do Brasil”, por exemplo. Na verdade, apesar de ter tido acesso a uma quantidade de fontes menor, este estudo objetiva, no subcapítulo, mostrar que os

---

uma repetição tão frequente que gere interferências no texto, mas estamos cientes de que as palavras podem ofender, em graus diferentes, pessoas de diversas matizes políticas.

<sup>6</sup> Zona de Contato é o conceito criado pela pesquisadora americana Mary Louise Pratt, explicado como "espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, frequentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação" (Pratt, 1999, p. 27)

espanhóis chegaram a um território que já existia, possuía economia pujante, ainda que fosse um emaranhado de ilhas não necessariamente conectadas entre si.

No segundo subcapítulo, intitulado *Colonização Espanhola (1565-1898)*, estudaremos a tomada das Filipinas pela Coroa de Madri, sua estrutura colonizadora, bem como uma discussão sobre o processo de colonização em si, o conceito de colonialismo, apoiados em Edward Said (1993) e Ania Loomba (1998).

Ainda falando dos 333 anos de poder espanhol, trataremos das políticas implementadas, das classes sociais existentes na colônia, e como elas tiveram influência sobre as revoltas que cortaram os laços entre os dois países. Também, como não poderia deixar de ser, estudaremos o papel da Igreja Católica na colonização e catequização dos locais, chamados depreciativamente de *índios*.

Dentre os aspectos levantados pelo subcapítulo da colonização hispânica, abordaremos elementos importantes para a formação do caráter único dos filipinos, que levaram a curiosidades como os sobrenomes espanhóis que ainda dominam o país, de a língua castelhana praticamente não ser mais falada, mas ainda assim uma enorme quantidade do vocabulário local vir diretamente do espanhol (Limos, 2020).

Já o segundo capítulo, intitulado *Republika ng Pilipinas – Um Novo Ator No Cenário Mundial*, dividido em dois subcapítulos, o primeiro dos quais abordará a complexa relação entre o gigante norte-americano e os quase cinquenta anos durante os quais eles colonizaram (em um processo de tutela indistintamente paternalístico) e exploraram economicamente as ilhas. Essa parte do estudo também incluirá a breve, porém destruidora ocupação japonesa durante a Segunda Guerra Mundial, e o processo de autonomia das Filipinas, entrando como membro efetivo da comunidade internacional.

Já o subcapítulo 2.2 – *As Filipinas Como País Independente*, trará um apanhado da história do país desde a sua separação oficial dos EUA, com grande foco no regime ditatorial de Ferdinand Marcos, presidente que permaneceu à frente do Executivo nacional de 1965 até sua deposição em 1986, sendo que por 9 desses anos, o país ficou sob um violento período de exceção conhecido como Lei Marcial.

Convém explicar que os dois capítulos iniciais, que abordarão a história das Filipinas, serão os mais longos do estudo. Primeiramente, porque consideramos imprescindível adicionar o máximo de dados possível, para que seja possível estabelecer para o leitor como foi possível para um arquipélago formado por milhares

de ilhas tornar-se, ao longo dos séculos, uma única entidade política. Além disso, por reconhecermos nas obras analisadas inúmeras referências históricas, decidimos construir uma base historiográfica sobre a qual as interpretações literárias pudessem ocorrer de maneira robusta e profícua.

Na continuação, o terceiro capítulo tratará de imigração filipina, sempre com ênfase no deslocamento para os Estados Unidos da América. Portanto, como um dos objetivos desta pesquisa passa por entendermos como funciona a identidade dos imigrantes filipinos, especialmente aqueles que emigraram para os Estados Unidos, é fundamental que nos embasemos no que há de mais frutífero nesta seara. É através das produções, sejam elas audiovisuais ou literárias, que poderemos encontrar a melhor definição para o que significa ser filipino-americano. Sigamos adiante com a orientação do estudioso Stuart Hall, em seu livro “Da Diáspora - identidade e mediações culturais” (2003). O autor nos diz, sobre identidade, que

A identidade não é tão transparente ou pouco problemática como nós pensamos. Talvez, ao invés de pensarmos na identidade como um fato consumado, que as novas práticas culturais então representam, nós devemos pensar, ao contrário, na identidade como uma “produção”, que nunca é completa, sempre em processo, e sempre constituída dentro, não fora da representação (Hall, 2003, p. 222)<sup>7</sup>.

Se a identidade é uma construção, ou uma “produção”, então é na representação que podemos encontrar os melhores exemplos do que significa ser deste ou daquele grupo. E poucos termos encapsulam melhor o que significa pertencer às Filipinas ou à sua cultura do que o termo *balikbayan*<sup>8</sup>, presente em todo este estudo, incluindo seu título. A definição legal da palavra é, como descrita pelo ministério das relações exteriores do país, “um cidadão filipino que viva continuamente fora das Filipinas por um período de ao menos um ano, um trabalhador filipino no estrangeiro” ou, algo que será recorrente nesta pesquisa, “um ex-cidadão filipino e sua família, como definido neste documento, que tenha sido naturalizado em um país

---

<sup>7</sup> “Identity is not as transparent or unproblematic as we think. Perhaps instead of thinking of identity as an already accomplished fact, which the new cultural practices then represent, we should think, instead, of identity as a 'production', which is never complete, always in process, and always constituted within, not outside, representation”.

<sup>8</sup> O termo *balikbayan*, em si, é a junção das palavras *balik* (retorno, retornar) e *bayan* (lar, pátria-mãe) (Oxford English Dictionary, 2024)



estrangeiro e volte ou retorne às Filipinas” (Embassy Of The Phillipines)<sup>9</sup>. O *balikbayan* e suas ramificações culturais, identitárias e econômicas serão abordadas no terceiro capítulo, sobre imigração filipina.

Como objetos deste estudo, utilizaremos três produções contemporâneas, os romances *In the Country* (2015), de Mia Alvar; *America is Not The Heart* (2018), de Elaine Castillo; o *memoir The Groom Will Keep His Name* (2020), De Matt Ortile. A escolha de obras tão recentes não foi aleatória. Nosso foco nesta investigação é entender como a secular cultura filipina segue viva na escrita dos *balikbayan*, especialmente naqueles da segunda década do século XXI, de forma a garantirmos uma pesquisa inovadora, como é esperado de uma tese de doutoramento. Além disso, todos os três autores se encaixam na definição de *balikbayan* descrita pelo governo, tendo nascido nas Filipinas (ou terem pais filipinos) e imigraram para os Estados Unidos, de forma a reforçar nossa busca por essa conexão entre os dois países, a ex-colônia e ex-metrópole.

Ainda na essência do que é ser filipino (ou percebido como tal), está a *balikbayan box* (caixa/pacote do *balikbayan*, tradução livre). Em suma, é uma caixa que contém inúmeros produtos (de primeira necessidade ou não) que os filipinos residentes no exterior enviam a seus entes queridos. De acordo a jornalista Sarah Tardiff, em um artigo para a revista *The Atlantic*, as caixas são não apenas um símbolo da conexão dos emigrantes com sua pátria-mãe, mas um movimento encorajado pelo próprio governo, que oferece isenção de impostos para os envios, de forma a trazer benefícios para a população local, de certa maneira até mesmo melhorando a sua qualidade de vida (Tardiff, 2021). Os três livros em questão abordam as *balikbayan boxes*. Em um dos contos de *In the Country* (2015) acompanhamos a ansiosa espera de uma família pela caixa a ser enviada pelo filho que está trabalhando na Arábia Saudita (*A Contract Overseas*). Essa presença constante na literatura reforça a nossa escolha por incluí-la no texto. Uma abordagem mais aprofundada deste elemento será encontrada ao longo da pesquisa, mais especificamente no capítulo 3, sempre

---

<sup>9</sup> “a Filipino citizen who has been continuously out of the Philippines for a period of at least one (1) year, a Filipino overseas worker, or a former Filipino citizen and his family, as this term is defined hereunder, who had been naturalized in a foreign country and comes or returns to the Philippines”

seguido com exemplos das obras e suas devidas análises pertinentes aos estudos literários.

O envio e a expectativa de recebimento de tais presentes se entrelaçam também com outro conceito que está no âmago, bem como no título, desta tese: *Utang Na Loob*. O termo, usado diretamente em *tagalog*, de maneira a respeitar a experiência multilíngue e multicultural deste estudo, significa, em tradução livre para o português, “endividamento”. Porém, o que temos é algo mais amplo, e envolve uma dívida de gratidão, ou mesmo uma dívida interna. A jornalista Malaka Gharib, de ascendência estadunidense, filipina e egípcia, nos explica, em podcast para a rádio NPR, que *Utang Na Loob* é ligado a uma dívida eterna que um filipino sente com relação aos outros, sejam eles familiares ou amigos, qualquer um que tenha feito algum favor a si. Porém, a jornalista argumenta que essa pesada dívida tem sido alvo de filipinos americanos de gerações mais recentes, por pensarem que essa ligação inquebrantável vai de encontro ao famoso espírito independente dos cidadãos americanos (Gharib, 2023). Todo este emaranhado de emoções e expectativas será abordado no capítulo 3, subcapítulo 3.3 – *Utang Na Loob e a Dívida Eterna*, apoiado em exemplos das obras literárias em questão.

Ainda, como elemento único desta pesquisa, tentaremos estabelecer as bases para uma categoria epistemológica definida por nós como “Superioridade do Expatriado”, no subcapítulo 3.4, um suposto senso de superioridade encontrado nas obras com relação aos que saíram do país para tentar vidas melhores no exterior. Os que ficam na pátria-mãe veem os imigrantes como pessoas que estão em um nível social acima, e são capazes (ou mesmo obrigados, dentro do espírito de *Utang Na Loob*) de prover para a família que ficou para trás. Ainda como parte da hipótese em construção, proporemos uma subdivisão de imigrantes chamada *expatriado*. Enquanto o (i)migrante, no geral, é representado por pessoas que vão a outros países para exercer profissões de menor prestígio social, o segundo eleva seu status com a imigração e a colocação profissional dentro do país que o acolhe. A chave para a nossa categoria epistemológica é a percepção. Como esses expatriados são vistos pelos que ficam e por eles mesmos. Nossos argumentos serão apoiados por teorias de imigração, identidade e *belonging* (pertencimento), com exemplos presentes nos três livros analisados.

Como dito acima, todas as obras analisadas trazem a palavra *balikbayan* e variações, tornando o termo imprescindível para entendermos a caleidoscópica identidade dos habitantes do país em questão. Portanto, dentro do escopo desta tese, *balikbayan* sempre será aquele que vive entre culturas, como preconizado por Pratt (1998) em sua teoria de “zona de contato”, enquanto mantém uma ligação umbilical com a pátria-mãe. Outros desdobramentos e especificidades serão tratados ao longo dos capítulos deste texto, onde for apropriado para a construção e análise da teoria e da literatura.

Mia Alvar, a primeira dos três autores dos livros a serem estudados, nasceu nas Filipinas, onde viveu até os seis anos de idade. Seu site oficial informa que ela é formada pela *Harvard College* e pela *School of Arts at Columbia University*. Além disso, o livro de Alvar estudado nesta pesquisa recebeu os prêmios *PEN/Robert W. Bingham* por ficção estreante e o *Janet Heidinger Kafka Prize*, da *University of Rochester*, além também do *Discover Great New Writers Award*, da rede de livraria Barnes & Noble (miaalvar.com, 2024).

Em entrevista à *Harvard Magazine* (Ngoyen, 2015), mais informações são dadas. Dentre elas, que seus pais se mudaram para Bahrein, no Oriente Médio, quando ela contava apenas 6 anos de idade. O motivo, segunda a escritora, foi acompanhar um tio que já morava no país árabe, e seus pais tentavam fugir das agruras econômicas que castigavam as Filipinas na década de 1980 (a situação do país de então será tratada amiúde ao longo do subcapítulo 2.2, ao descrevermos o governo do ditador Ferdinand Marcos).

Ainda de acordo com a entrevista à *Harvard Magazine*, após seis anos vivendo no Golfo Pérsico, sua família imigrou, então, para os Estados Unidos, onde sua mãe começou uma pós-graduação em educação para alunos com necessidades especiais, na *Columbia University* (Nguyen, 2015).

Dados biográficos podem ser facilmente confundidos com ruídos desnecessários em uma pesquisa extensa. Contudo, devemos ter em mente que a literatura é alimentada por pessoas, e suas histórias, ainda que ficcionalizadas, trazem contextos e fatos pertinentes à contextualização almejada nos estudos culturais. Essa relação intrínseca é explicitada pela própria Alvar, ao dizer que:

Como tantos dos meus familiares emigraram das Filipinas para trabalhar – tias, tios, meu próprio pai – eu sou fascinada por essa dinâmica de patronagem e dependência que se forma entre o *balikbayan*, ou as pessoas que viajavam entre os países, e as pessoas que permanecem nas Filipinas, aquelas que recebem o dinheiro e presentes dos imigrantes. Enquanto crescia, eu constantemente era apresentada a homens e mulheres que trabalhavam no exterior e subsidiavam as vidas de suas famílias nas Filipinas (Alvar, Mia *in* Nguyen, 2015)<sup>10</sup>.

Essa relação intensa dos *balikbayan* com os amigos e familiares que permanecem nas Filipinas são a essência dos nove contos que formam o livro de Alvar, *In The Country* (2015). Já na primeira história, *The Kontrabida*, um enfermeiro filipino retorna dos Estados Unidos para cuidar do pai que está no leito de morte, trazendo consigo um carregamento de medicamentos de maneira ilegal. Num forte exemplo da influência das experiências pessoais no produto literário, Alvar diz que usou, para o conto *The Kontrabida*, suas memórias de quando visitou as Filipinas para ver sua avó que estava à beira da morte (Nguyen, 2015). Por mais que entendamos e respeitemos a “morte do autor” preconizada por Barthes (2004) este estudo analisará aspectos da vida dos autores das obras-objetos para reforçar e embasar nossas teorias e proposições, sempre acatando a presunção de auto ficção.

Além de *The Kontrabida*, os outros oito contos<sup>11</sup> de *In The Country* trazem histórias de emigrantes que buscam vidas melhores em variados destinos, como Arábia Saudita, Bahrein, nos Estados Unidos e até um *balikbayan* que retorna à pátria-mãe. Cada uma das histórias será tratada ao longo deste estudo, diluídas ao longo da pesquisa e em passagens condizentes com as proposições desta tese.

O segundo romance analisado, *America is Not The Heart* (2018), é da autora Elaine Castillo. Apesar de ter nascido, em 1984, na região de San Francisco, California, ao contrário dos outros dois autores cujas obras serão analisadas (que

---

<sup>10</sup> Since so many of my family members have migrated from the Philippines for work— aunts, uncles, my own father—I’m fascinated by this dynamic of patronage and dependence that forms between the *balikbayan*, or people who travel back and forth, and the people back home, who receive their money and gifts. Growing up, I’d constantly be introduced to men and women who worked abroad and subsidized their family’s lives in the Philippines.

<sup>11</sup> Os nove contos são, em ordem: *The Kontrabida*, *The Miracle Worker*, *Legends of the White Lady*, *Shadow Families*, *The Virgin of Monte Ramon*, *Esmeralda*, *Old Girl*, *A Contract Overseas* e *In the Country*.

nasceram nas Filipinas), Castillo é descendente de *pinoy*s<sup>12</sup>, e seu trabalho reflete a miscigenação abundante em sua obra. Em entrevista à revista *The Margins*, parte do grupo *Asian American Writers' Workshop*, conta à jornalista Yasmin Adele Majeed um pouco da sua história e das origens do seu primeiro e bem-sucedido romance.

Castillo estudou na *University of California, Berkeley*, mas mudou-se para Londres em 2009 e obteve o título de mestre em escrita criativa pela *University of London, Goldsmiths* (Brown University, 2024). Enquanto estudou em Berkeley, a autora recebeu por três vezes o prêmio literário *Roselyn Schneider Eisner Prize*. Castillo também foi indicada aos prêmios *Pat Kavanagh, Pushcart* e *Gatewood* (Brown University, 2024). Tais informações reforçam a qualidade do trabalho escrito pela filipino-americana, especialmente no seu livro a ser analisado por nós. Um texto rico, denso, povoado de referências culturais exatas e pertinentes, abordando problemas sociais e culturais. Além disso, a obra foi elogiada pela sua representação autêntica da cultura filipina e por contribuir com vozes distintas na literatura (Majeed, 2018).

*America is Not The Heart* foi publicado em 2018 e tem como cenário principal a região de Milpitas, Califórnia, onde a própria autora nasceu. Lá, vemos o desenrolar de histórias que abrangem fatos ocorridos nas Filipinas da era do ditador Marcos, até os anos 90 no entorno da baía de San Francisco. Os personagens principais são Pol, imigrante que larga uma vida de luxo no seu país natal (onde era médico), casado com Paz, também vinda das Filipinas, uma enfermeira que trabalha longas horas para sustentar a família (tanto a que vive em terras americanas quanto a do país de origem). O casal tem uma filha, Roni, uma criança perspicaz, mas com muitos problemas para gerenciar seus impulsos de violência. Por fim, há Hero, sobrinha de Pol que emigra das Filipinas após passar anos como prisioneira da ditadura de Marcos. Ao passar a viver sem documentos com a família do tio, a ligação entre as duas culturas é exacerbada e vemos elementos essenciais a este estudo, como o senso de *Utang Na Loob* e as *balikbayan* boxes.

Para a jornalista Yasmin Adele Majeed, o livro de Castillo é influenciado por Junot Díaz, Jamaica Kincaid e Jessica Hagedorn, em especial o romance *The Gangster of Love*, “um livro que começa com a definição do yo-yo – a invenção filipina cuja característica definidora é seu movimento flutuante e seu destino pré-fabricado

---

<sup>12</sup> Pinoy, termo que será ostensivamente utilizado neste estudo, deve ser entendido como sinônimo direto de “filipino”.

de sempre retornar ao local de onde veio”<sup>13</sup> (Majeed, 2018). Todas essas influências mostram a mistura que enriquece o texto de Castillo e dá a ele a profundidade necessária para mais acuradas análises sobre a cultura filipina e, em especial, dos *balikbayan*.

Ainda segundo Majeed (2018), o livro de Elaine Castillo traz já no seu título uma referência direta a um clássico da literatura filipino-americana, *America is in the Heart*, de Carlos Bulosan (1913-1956). O texto, em formato de *memoir*, é semi-autobiográfico (dentro dos limites da autoficção), e conta a trajetória do jovem Allos, uma representação do próprio autor (Solberg, 1988), saindo da infância pobre nas Filipinas, e sua imigração para os Estados Unidos. Na sua nova pátria, o personagem principal enfrenta as agruras da vida em um país hostil àqueles com pele que não seja branca. O livro é acusado pela crítica filipina por ter uma visão distorcida do país, enquanto para os críticos americanos, é uma deturpação da real experiência de imigrantes nos Estados Unidos (Solberg, 1988).

O título clássico, *America Is In The Heart* (A América está no coração), segundo o crítico S. E. Solberg é:

um conto emocional e esteticamente verdadeiro sobre a imigração física e espiritual do *pinoy*, o jovem filipino com toda a sua inocência provinciana, focada em uma América ‘no coração’, que, como as mulheres brancas da sua vida, sempre prometeu mais do que estava disposta a dar. É a quintessência da experiência do migrante trabalhador *pinoy* na pesca, nos campos, para cima e para baixo da costa oeste dos Estados Unidos, que recebe uma forma áspera por alguns dos fatos externos à vida de Carlos Bulosan (Solberg, 1988, P 14)<sup>14</sup>.

Portanto, levando em consideração a visão de Solberg, vemos a atração quase sobrenatural exercida pela terra a ser imigrada sobre aqueles que desejam vivenciá-

---

<sup>13</sup> “*America is Not the Heart* is influenced by Junot Díaz, Jamaica Kincaid, and Jessica Hagedorn, especially her novel *The Gangster of Love*, a book that opens with a definition of the yo-yo—the Filipino invention whose defining traits are its fluctuating movement and its built-in destiny of returning to where it came from”.

<sup>14</sup> “An emotionally and esthetically true account of the immigration, spiritual and physical, of the *pinoy*, the young Filipino with all his village innocence, focused on an America “in the heart,” which, like the white women in his life, always promised more than it was willing to give. It is the quintessential experience of the *pinoy* migrant worker in fisheries and fields, up and down the western coast of these United States given rough shape by some of the outward facts of Carlos Bulosan's life”.

la. Hoje, em 2024, vemos multidões de imigrantes saírem de terras arrasadas pela miséria, guerra e catástrofe, das Américas ou de outros lugares do mundo, e arriscarem suas vidas ao cruzar o deserto mexicano com o intuito de entrar nos Estados Unidos da América que, em tese, estão no coração de todos. Contudo, o texto de Castillo, publicado 72 anos após a obra de Bulosan, traz a sua própria afirmação. Não, a América não está no coração. Pelo menos não no daqueles que se veem massacrados e despersonalizados pelos inclementes Estados Unidos.

Já a terceira e última obra a ser analisada por nós foi escrito por Matt Ortile, em 2020. O livro tem como título *The Groom Will Keep His Name – And Other Vows I’ve made About Race, Resistance, and Romance*<sup>15</sup>. O texto, um *memoir* (livro de memórias), conta a jornada de Matt desde sua infância nas Filipinas, passando pela imigração aos Estados Unidos após o divórcio dos seus pais, e sua existência enquanto cidadão na “zona de contato” (Pratt, 1998), imigrante e também cidadão LGBTQ+ em uma sociedade machista.

Matt Ortile nasceu nas Filipinas em 1991. Ainda criança, seus pais se divorciaram e ele foi com sua mãe para os Estados Unidos, estado de Nevada, onde viveu até o final do Ensino Médio. De acordo com dados informados pelo próprio site do autor (e corroborados pelo *memoir*), ele se formou na *Vassar College*, em Nova York, já lecionou escrita criativa em variadas instituições, incluindo a *City University of New York*. Ortile foi editor executivo da *Catapult Magazine*, editor-fundador do site *Buzzfeed Philippines*, e hoje trabalha como colunista para o conglomerado de mídia Condé Nast (Mattortile.com, 2024).

Todos os capítulos do livro contam histórias que aconteceram com o autor-narrador, e não há economia de palavras quanto da descrição de sua vida sexual. A identidade de Matt, enquanto filipino-americano e gay é amplamente discutida. Há uma constante referência ao esforço feito por ele para ser acima da média, de maneira que seja possível libertar-se das amarras que pré-conceitos raciais e sexuais são estabelecidas pela sociedade. Ao longo de todo o livro o narrador explicita seu sonho de encontrar um marido e que o anúncio do casamento seja publicado no *New York Times*, talvez como uma forma de aceitação explícita e pública da sua existência. Na nossa análise, a ser esmiuçada em momento oportuno, no capítulo 4, o título traz a

---

<sup>15</sup> Em tradução nossa, o título do livro de Matt Ortile é “O Noivo Vai Manter Seu Nome – E Outros Votos Que Fiz Sobre Raça, Resistência e Romance”.

ideia de o noivo manter seu nome para reforçar os limites da adaptação de um estrangeiro à sociedade que o recebeu.

Em entrevista para a revista *Entertainment Weekly*, conduzida pelo repórter Alamin Yohannes (2020), Ortile detalha aspectos da obra, dos desafios enfrentados por imigrantes, por pessoas de cor e cidadãos LGBTQ+. Yohannes afirma que o autor “tece histórias sobre sua vida e a história das comunidades marginalizadas às quais ele pertence, trazendo os leitores para a intersecção de suas experiências”<sup>16</sup>. Essa percepção do entrevistador nos parece pertinente ao levarmos em consideração o nível de intimidade exposto nos ensaios que formam o *memoir*. Ortile não se furta de detalhes que parecem saídos de uma conversa entre amigos, regada por generosos níveis étlicos, que permitem uma franqueza quase desconcertante para quem as testemunha. Talvez por isso mesmo, Yohannes afirme que Ortile:

lança um olhar profundo sobre si mesmo e continua a desempacotar. Seja o mito da minoria modelo, manejando o mundo enquanto uma pessoa *queer* e de cor, ou o seu relacionamento com a própria identidade cultural, Ortile segue seu curso através da vida – uma em que o leitor poderá reconhecer sua própria experiência em uma página e aprender algo novo na próxima<sup>17</sup> (Yohannes, 2020).

Dentre as informações abordadas por Yohannes na citação acima, algo que permeia a obra de Ortile, mais especificamente, é o que se chama de “mito da minoria modelo”. De acordo com ela, o estrangeiro, ou membro de algumas minorias, em especial os asiáticos, são representados como alcançando um nível maior de sucesso que a média da população geral através da superação de obstáculos como discriminação e desvantagens econômicas com trabalho pesado, valores familiares rígidos e uma ênfase em educação formal. Esse é um estereótipo comum, manifestado por exemplo, ao dizer que asiáticos são excepcionalmente bons em matemática.

---

<sup>16</sup> “Weaving stories together about his life and the history of the marginalized communities he belongs to, Ortile seamlessly brings readers into the intersections of his experiences”.

<sup>17</sup> “He takes an in-depth look at himself and continues to unpack. Whether it's the model minority myth, maneuvering through the world as a queer person of color, or one's relationship with their cultural identity, Ortile charts his course through life — one where the reader may see their experience on one page and learn something new on the next”.



Esse preconceito arraigado, mesmo com um véu de pretensa positividade elogiosa, é objeto do estudo da professora e pesquisadora da *Indiana University Bloomington*, Ellen D. Wu. Em seu livro *The Color of Success: Asian Americans and the Origins of the Model Minority* (2014). Com Wu, aprendemos que esse modelo começou a ganhar corpo nos anos 1960 e 1970, época do movimento por direitos civis nos EUA. Sob risco de nos aprofundarmos em um tema que deverá melhor ser abordado no capítulo sobre imigração e identidade, os asiáticos passaram de inicialmente vistos como “ameaça amarela” a “minorias modelo”, e a autora exemplifica essa coroação citando um artigo do *New York Times* de 1970, que trazia inúmeros casos de sucesso de japoneses e chineses nos EUA, que venceram na vida e se integraram perfeitamente à sociedade, a ponto de que, no historicamente racista sul do país, “os sulistas consideravam asiáticos como brancos”<sup>18</sup>.

Dentre a multitude de problemas advindos de tais asserções, temos o peso extra colocado sobre os ombros de indivíduos que já sofrem com uma pressão acima da média. A falácia da “minorias modelo” acaba por criar uma meritocracia às avessas, sem levar em consideração o sem-número de nacionalidades que compõem a Ásia, cada qual com seus níveis socioeconômicos e distintas oportunidades de acesso à educação, como explica o pesquisador Cliff Cheng, em artigo de 1997 publicado no *The Journal of Applied Behavioral Science*.

A perenidade e permanência do mito pode ser atestada pela data do artigo citado, 1997, o ano de publicação do livro de Wu, 2014, e o *memoir* de Ortile, de 2020. Em outras palavras, continua sendo esperado, há décadas, que o asiático (especialmente aquele com traços que consideramos mais orientais) seja acima da média, estude mais que seus pares, e alcance um patamar diferenciado. Como veremos aos esmiuçarmos o livro de Ortile, mais adiante, essa pressão o persegue e assombra, somada às limitações reservadas a pessoas de sexualidade divergente do *status quo*.

A sexualidade, justamente por ser um dos pilares da existência humana, é parte indissociável desta pesquisa. Se no livro de Mia Alvar (2015), ela aparece de forma mais sutil, especialmente tratando a liberdade sexual feminina, no conto *Shadow Families*, no texto de Elaine Castillo e Matt Ortile a diversidade sexual é um ponto

---

<sup>18</sup> “Southerners even considered Asians to be white”.

crucial, partindo de um lugar identitário, de forma a marcar a própria existência. A sexualidade, enquanto instrumento de resistência cultural, será abordada no capítulo 4.3.

Em sua entrevista para Yasmin Majeed (2018), Castillo explicita seu motivo de criar uma heroína bissexual: “Para mim foi muito importante escrever sobre mulheres *queer*, mulheres bi em particular, porque eu também sou bi e não vejo nenhuma representação de mulheres bi em lugar algum, especialmente filipinas ou asiáticas em geral”<sup>19</sup> (s/p). Ou seja, ao notar a ausência de exemplos próximos a si, a autora resolveu colocar no papel a marca da sua própria existência, em mais um exemplo de resistência cultural. A resistência pela própria existência *queer*<sup>20</sup>.

Matt Ortile, na sua entrevista para Alamin Yohannes, da revista *Entertainment Weekly* (2020), justifica a inclusão da própria sexualidade no livro como uma forma de jornada pessoal de entendimento e aceitação. O autor diz: “Eu ainda estou trabalhando em desaprender. Eu ainda estou desenvolvendo minha relação com a América e com quem eu sou enquanto um filipino-americano *queer*”, e explica que a necessidade de descrever momentos tão íntimos da sua vida sexual “são o que constroem aquela vulnerabilidade”<sup>21</sup> (Ortile *in* Yohannes, 2020).

Em outras palavras, a necessidade de os autores representarem a si mesmos nas obras, ou, ao menos, personagens que tragam importantes aspectos identitários familiares aos seus criadores, nos parece uma forma saudável de estabelecer um ecossistema literário que reflita o mundo tal qual ele é. Plural, dinâmico, denso e, desejamos, democrático.

O fato de os três livros analisados nesta tese serem os primeiros de seus respectivos e (jovens) autores não nos passou despercebido. Antes de ser uma falha investigativa, essa informação nos fornece um recorte geracional específico e nos

---

<sup>19</sup> “For me it was very important to write about queer women, bi women in particular, because I’m also bi and I don’t see any representations of bi women anywhere, especially not bi Filipina or Asian Americans”.

<sup>20</sup> Nesta tese, usaremos o termo *queer* como definido pela Enciclopédia Britânica: “uma pessoa que não é heterossexual, ou cujo senso interno de gênero difere daquele que foi identificado no nascimento; alguém que é gay, bissexual ou transgênero, etc (Britannica, 2024) (“A person who is not heterosexual or whose internal sense of gender differs from the gender they had or were identified as having at birth : someone who is gay, bisexual, transgender, etc”).)

<sup>21</sup> “I’m still working on unlearning. I’m still developing my relationship to America and to who I am as a queer Filipino American, and I think those moments are what build that vulnerability”.

empodera a criar a tese de que há uma nova geração de filipinos americanos desejosos de compreender suas raízes, seu lugar no mundo, e eternizar suas existências através da literatura. Ainda, um ponto em comum entre os autores é o fato de todos terem feito seus estudos em universidades americanas, o que aprofunda a inserção desses imigrantes na sociedade, a partir da elite intelectual do país de morada. Isso, em si, será defendido por nós ao longo desta tese como um ato de resistência cultural, dentro do capítulo 4.

O último capítulo, sobre resistência cultural, será dividido em 4 subcapítulos, sendo o primeiro uma discussão teórica e de revisão bibliográfica sobre o que é a resistência cultural, seguido por três subcapítulos de categorias de análise: Literatura, Sexualidade e Raça (Etnia). O conceito será trabalhado, dentre outras fontes, através do livro editado, compilado e comentado pelo autor, professor da *New York University* e ativista Stephen Duncombe, *Cultural Resistance Reader* (2002). Para Duncombe, a resistência é qualquer forma de cultura usada para “consciente ou inconscientemente, efetivamente ou não, resistir e/ou mudar a estrutura social, política ou econômica dominante” (Duncombe, 2002, p. 5).

Importante ressaltar que a análise das obras em questão será feita ao longo de todo o texto. Por acreditarmos na força da literatura comparada, cada capítulo trará temas relacionados às Filipinas e aos tópicos expostos no título do trabalho, e através deles exerceremos oportunidades de crítica das obras, buscando passagens que reflitam, descrevam, corroborem ou mesmo discordem dos assuntos em questão. Dessa maneira, ao invés de separarmos uma parte específica da tese para analisar e comparar os livros, isso se dará amiúde, com a clara intenção de tornar a leitura e nossa exposição mais fluida e agradável.

Consideramos crucial reforçar a variedade de fontes utilizadas para este estudo, passando por artigos (recentes ou não, dependendo da relevância), livros e também o uso consciente e maduro de websites, desde que pertencentes a instituições consagradas, como será frequentemente o caso da *Encyclopedia Britannica*<sup>22</sup>, sites do governo americano e filipino, bem como dicionários de variados idiomas. A internet será vista, por nós, como uma aliada, mas jamais usaremos informações que não possam ser verificadas e confirmadas por fontes estabelecidas.

---

<sup>22</sup> A *Encyclopedia Britannica* tem 250 anos de tradição e é dona, dentre outras publicações, do tradicional dicionário Merriam-Webster (Reuters, 2024).

Hierarquizaremos o uso dos materiais da seguinte maneira: Para definições científicas e que venham a corroborar ou confrontar ditames dos Estudos Culturais, nossa área, serão usados livros ou artigos científicos; para definições de termos de maneira mais genérica, como palavras ou conceitos práticos, bem como eventos históricos que sejam virtualmente irrefutáveis e/ou factuais, usaremos enciclopédias, websites de instituições reconhecidas (como universidades), ou notícias de grandes empresas jornalísticas. Nosso intuito com a organização descrita é seguir fielmente as regras acadêmicas, defendendo a nossa integridade intelectual, e embasando esta tese de doutoramento.

É imperativo afirmar que o termo *raça* será usado ao longo deste texto, mas estamos cientes e vigilantes do peso e controvérsia que ele traz consigo. Contudo, muitos dos autores usados como base teórica para a pesquisa, bem como os livros analisados, usam *raça* para falar da identidade filipina. O próprio *memoir* de Ortile (2020) usa a palavra no subtítulo da obra. Não obstante, a nossa abordagem não presume qualquer tipo de superioridade entre seres humanos baseados na cor de suas peles ou local de nascimento.

Como o *corpus* usado para este estudo é praticamente todo em língua inglesa, há uma utilização frequente do recurso de notas de rodapé, para acomodar o texto original e permitir que o leitor tenha acesso às eventuais modificações feitas nas citações. Tudo dentro dos ditames da escrita acadêmica.

Como justificativa geopolítica e populacional para esta tese, temos o fato de que em torno de 22 milhões de habitantes dos EUA são asiático-americanos (Budiman, A.; Ruiz, 2021), o que corresponde a 7% da população adulta do país. Já os filipinos-americanos contam mais de 4 milhões de pessoas, sendo o terceiro maior grupo asiático dentro do país, atrás apenas dos chineses e indianos (Budiman, A.; Ruiz, 2021). Uma população grande, que merece ser estudada mais a fundo. No capítulo 3, sobre imigração, traremos mais detalhes sobre filipinos dentro dos EUA e suas especificidades.

Ao inserirmos esse respeitável número na construção da sociedade americana, levamos em consideração a participação cada vez maior dos imigrantes não caucasianos na vida política e econômica do país. E isso inclui, de maneira já abordada nesta introdução, a heterogeneidade do grupo qualificado como “asiático”. Quando da escrita destas linhas, em 2024, os Estados Unidos têm hoje a primeira

vice-presidente de origem asiática em toda a sua história, já que Kamala Harris é filha de uma imigrante indiana.

Apesar de um grande número de filipinos ou descendentes terem atingidos posições de importância na cultura dos Estados Unidos, como por exemplo os cantores Olivia Rodrigo e Bruno Mars, ou os atores Darren Criss e Vanessa Hudgens (Tusing, 2022), politicamente a população do arquipélago segue sub-representada no país norte-americano. Em 2018, contavam apenas um congressista de origem filipina, o democrata Bobby Scott, da Virgínia (Constante, 2018). Uma possível explicação dada para a pequena representação política encontra morada nas teorias levantadas por este estudo. Para a repórter Agnes Constante, cogita-se que “a comunidade talvez priorize o uso do dinheiro com suas famílias nos Estados Unidos e no exterior, ao invés de usá-lo na política” (Constante, 2018)<sup>23</sup>. Essa obrigação, incluída no senso de *Utang Na Loob*, será tratada no capítulo três, sobre imigração.

Por fim, é justo perguntar por que um estudo feito no Brasil vem a tratar das Filipinas, um país tão distante, com o qual não compartilhamos um idioma, ou o mesmo país colonizador. Não obstante, os pontos em comum são mais do que simples exercício de contorcionismo acadêmico. Em uma longa reportagem para a BBC News Brasil, o repórter Vitor Tavares traz as semelhanças entre os dois países, e usa o termo “filiprimos” para se referir ao que nos une. São citadas a cultura altamente musical, a religião católica majoritária, o bom humor e capacidade de rir das próprias mazelas, o ‘jeitinho filipino’, que seria uma versão asiática do nosso ‘jeitinho brasileiro’, além das dificuldades socioeconômicas que ambos países enfrentam (Tavares, 2023). Contudo, um aspecto muito importante que une os dois países, e muito interessa a esta tese, é a identidade de filipinos e brasileiros em terras estadunidenses. Os dois grupos apresentam dificuldade para serem identificados com acurácia nos EUA. Os brasileiros não são considerados latinos (Carranço, 2023), e os filipinos não são considerados asiáticos (Ocampo, 2016). Essa dificuldade de localização étnica dentro da cultura *yankee* foi um dos aspectos que atraíram a nossa atenção para estudar o arquipélago filipino.

Sigamos agora para o primeiro capítulo, abordando a história e os elementos que transformaram as mais de sete mil ilhas em um único país.

---

<sup>23</sup> “The community may prioritize spending money on their families in the United States and overseas as opposed to politics”.

## 2 E PLURIBUS, UNUM: A FORMAÇÃO DE UM PAÍS

“Morro sem ver a aurora brilhar sobre minha pátria! Vocês, que hão de vê-la, saúdem-na... Não se esqueçam dos que caíram durante a noite” (José Rizal)<sup>24</sup>.

A grande maioria dos países do mundo tem relação com o colonialismo. Ou foram colonizadores, ou foram colonizados. Ao falarmos das Filipinas, arquipélago formado por mais de sete mil ilhas no Oceano Pacífico, essa chaga segue aberta e é indissociável de sua própria história. A começarmos pelo nome da república, Filipinas, em homenagem ao monarca espanhol Felipe II, que carrega até hoje o epíteto de “o prudente”. Mesmo estando a mais de 11 mil quilômetros de distância da sua antiga metrópole, a nação do sul da Ásia ainda traz o nome que reverencia seu primeiro colonizador europeu. Dizemos *primeiro* por um motivo ainda mais curioso: As Filipinas foram colonizadas por duas vezes. Após mais de 300 anos de jugo espanhol, caíram em mãos americanas em 1898, e permaneceram assim até 1946, quando finalmente foram reconhecidos como nação independente e digna das rédeas de seu próprio destino. Chegamos até o número de três metrópoles, se incluirmos o breve, porém devastador, período de ocupação japonesa, de 1942 a 1945.

Ao escrevermos este primeiro capítulo, estabelecendo as bases da sociedade filipina, é imperativo e inescapável afirmar que nenhuma história é isenta, completa ou definitiva. Escolhas são feitas baseadas na disponibilidade de obras sobre o tema, e como já diz a célebre frase, a história é escrita pelos vencedores. Neste caso, pelos conquistadores. Portanto, é natural que nossa linha do tempo enfoque os acontecimentos pós-1542, quando do primeiro contato dos espanhóis com o arquipélago.

Ainda, escolhas foram feitas ao longo de toda a confecção deste texto, suprimindo fatos, resumindo outros, de forma que, como qualquer produto da área das ciências humanas, esta tese seja subjetiva, e o texto final torna-se um mosaico

---

<sup>24</sup> “.”; ¡Muero sin ver la aurora brillar sobre mi patria! Vosotros, que la habéis de ver, saludadla... ¡No os olvidéis de los que han caído durante la noche!” José Rizal é um herói nacional das Filipinas, autor de duas importantes obras que inspiraram o ímpeto nacionalista do arquipélago.

de fatos entrelaçados escolhidos por nós como pertinentes à nossa narrativa. Em suma, não escrevemos a história das Filipinas, mas sim *uma* história das Filipinas, sempre com respeito total à ética e regras vigentes da academia.

O intuito é nos apoiarmos em diversos autores e obras que tratem da história das Filipinas e também da Ásia como um todo, por entendermos que a história humana é mais habilmente abordada quando vista dentro de uma rede entrelaçada. Em especial, usaremos como norte os livros *The History of the Philippines* (2008), de Kathleen Nadeau, professora e pesquisadora da California State University, também *A History of the Philippines* (2014), do poeta, jornalista e escritor Luis H. Francia. E, completando a tríade principal, os escritos de Samuel K Tan, historiador pinoy<sup>25</sup> (1933-2022) autor de *A History of the Philippines* (2008). As obras trazem a mesma estrutura utilizada neste capítulo, dividido em dois subcapítulos a começar pelos povos originários -subcapítulo 1.1, seguindo com a longa colonização espanhola -1.2, com análises dos desdobramentos históricos presentes nas três obras literárias usadas como foco desta tese. Ainda assim, não nos furtaremos de usar outras fontes que enriqueçam o trabalho e não nos tornem dependentes de somente três visões das origens do arquipélago.

Contudo, é importante antecipar que, em razão do recorte literário feito por este estudo, este primeiro capítulo trará menos oportunidades de análises literárias do que teremos a partir do segundo, *Republika Ng Pilipinas*, que traz o desenvolvimento do país a partir do final do século XIX em diante. Como os três livros em questão têm foco contemporâneo, menos da história precedente é abordada. Não obstante, houve literatura nos tempos pré-hispânicos e durante a colonização de Madri, e cremos fielmente no *continuum* da humanidade. Ou seja, direto ou não, toda obra predecessora pavimenta o caminho para as vindouras. Tais produtos literários serão abordados nos subcapítulos condizentes.

Na nossa concepção, história e literatura caminham juntas. Porém, não restrita ao clichê de que “a vida imita a arte”, ou “a arte imita a vida”. Consideramos a literatura um espelho e um laboratório da realidade. Ela é um espelho quando retrata o que a vida é, a sociedade de uma época, como veremos em inúmeros exemplos das obras

---

<sup>25</sup> Pinoy é um termo usado para referir-se a um habitante das Filipinas (OXFORD ENGLISH DICTIONARY, 2024). Utilizaremos a palavra de forma intercambiável com o gentílico *filipino*, de forma a enriquecer o texto e aumentar a fluidez para o leitor.

a analisar, sempre levando em consideração a ficcionalização que torna a literatura uma instituição em si mesma. O laboratório da realidade está presente quando vemos representações utópicas do mundo não tal qual ele é, mas como deveria ou poderia ser. Terry Eagleton nos diz que

talvez a literatura seja definível não pelo fato de ser ficcional ou 'imaginativa', mas porque emprega a linguagem de forma peculiar. Segundo essa teoria, a literatura é a escrita que, nas palavras do crítico russo Roman Jakobson, representa uma 'violência organizada contra a fala comum', afastando-se sistematicamente da fala cotidiana (Eagleton, 1983, p. 3).

Essa definição de Eagleton, passando por Jakobson, nos é útil duplamente. Apesar de vermos nas três obras literárias analisadas uma linguagem mais natural, do dia-a-dia, os textos são bombardeados por *code-switching*<sup>26</sup>, entre tagalog, ilocano e outras línguas nativas, além do inglês. Isso, para um leitor que não é filipino, como é o nosso caso, torna as histórias mais ricas, mais misteriosas e, no conceito *Jakobsoniano*, violentas. Ao imergirmos nos contos que acompanham a história do arquipélago, seguidamente precisamos do auxílio do dicionário para compreendermos a vida daquelas personagens, e esse assédio cultural frequente causava-nos a inquietação esperada da literatura enquanto arte, sem perder seu papel de lente da realidade. O uso dos termos em tagalog e outras línguas nos lembrava sempre do nosso local de estrangeiros, de espectadores.

Já sobre o *continuum* da evolução da humanidade e sua representação na literatura, ao qual nos referimos anteriormente, há algumas passagens no texto de Martin Fontius, dentro da coletânea compilada por Luiz Costa Lima (1983), que nos leva a reforçar a miríade de funções da literatura. Fontius nos explica que

a afluência abundante de novo material conceitual no final do séc. XVIII já constatada há muito tempo, evidencia que também neste período ocorreram tentativas de estabelecer novas funções da literatura a partir de transformações sociais (FONTIUS in LIMA, 1983, p. 86).

---

<sup>26</sup> *Code-switching* é o processo de variar entre um código linguístico (língua ou dialeto) e outro, dependendo do contexto social ou ambiente interativo (Encyclopedia Britannica, 2024). O termo será especialmente útil no capítulo 4, sobre resistência cultural.



O que vemos aqui é a necessidade perene de encontrar novas funções para a literatura. Neste estudo, esgarçamos, propositalmente, as linhas que separam historiografia e literatura. A função da literatura, para esta tese, é embasar a história e da história é embasar a literatura, para que consigamos o retrato mais fiel das Filipinas quanto possível, respeitando o recorte de três autores da segunda década do século XXI. Talvez nossas asserções possuam falhas, e por que motivo oferecemos o texto à apreciação de nossos pares, como preconiza a ciência. Não obstante, defenderemos que os muitos fatos históricos aqui descritos apoiam a literatura e são enriquecidos por ela. Este texto é um exercício retórico cujo objetivo é melhor compreender uma cultura tão distante (em vários sentidos) da nossa.

Começamos, então, pelo estudo, ainda que limitado pela disponibilidade de materiais pré-hispânicos, da ocupação humana das ilhas que hoje chamamos de Filipinas, bem como sua organização e inserção regionais.

## 2.1 O *BALANGAY* ANTES DE MAGALHÃES: POVOS ORIGINÁRIOS

Um aspecto imprescindível para entender a singularidade das Filipinas é a sua geografia. Ao contrário do que estamos acostumados no nosso país de dimensões continentais, o país objeto deste estudo é um arquipélago, um quebra-cabeças composto por mais de 7000 ilhas com um território total de 295 mil km<sup>2</sup>, e uma população de impressionantes 115 milhões de habitantes (Britannica, 2023). A título de comparação, é uma área ligeiramente mais extensa que a do estado de São Paulo, com um número de habitantes que é pouco mais que a metade da brasileira. Temos ali uma imensa sociedade espremida em um território proporcionalmente pequeno. Além disso, não se trata de uma área única que pode ser toda ou quase toda alcançada por estradas e ferrovias. Lidamos aqui com um todo fragmentado, uma nação unida, mais do que já é esperado, por laços etéreos e subjetivos. No Brasil sabemos que, mais além dos pontos que unem o Rio Grande do Sul ao Amapá, em regiões opostas do mapa, temos todo um território contíguo que os atrai para um mesmo centro. Já no país do sudeste asiático, as cidades mais ao norte (Laoag) e ao sul (City of General Santos) são separadas por 2 mil quilômetros e pelas inclementes águas do oceano Pacífico.

Toda essa fragmentação é pertinente e interessante à confecção e completude deste estudo. Principalmente quando introduzimos informações citadas por Francia (2008). Ao referir-se à população que formou o país, à mescla heterogênea que deu corpo à nação, o autor diz:

Em um sentido muito básico, esses ilhéus que ousaram lançar-se como separados da Espanha também se viam como unidos não simplesmente pela sua oposição à ordem colonial, mas pelas suas afinidades uns com os outros, por mais que tais afinidades possam ter parecido artificiais. Eles podem não ter necessariamente expressado a si mesmos dessa maneira, mas sua abordagem da história foi, eu acredito, uma ficção necessária, mas inventiva. Aqueles que atacaram e continuam a atacar o conceito de identidade coletiva baseado em uma construção amalgamada de miríades lealdades, línguas e limites geográficos estão corretos em fazê-lo. Porém, a sua mera insistência apenas prova que a veracidade pode ser aleijante e levar, paradoxalmente, a um *cul-de-sac* intelectual e espiritual. Mesmo quando regimentado por lógica, fatos sem imaginação continuam mancos e sem sangue. Mas a ideia de uma nação pode inspirar fatos secos ao criar espaços para a imaginação transcendental. E o que é colonialismo, finalmente, senão a negação do espaço – geográfico, político e psicológico – para a imaginação coletiva de um povo?<sup>27</sup> (Francia, 2014, p. 11).

O primeiro que depreendemos, baseado nas ideias acima, é a justificativa para dedicarmos um capítulo inteiro à história de uma nação, mesmo sendo este um estudo da área literária. Isso porque, para alcançar análises mais profícuas e precisas dos livros que serão explorados, precisamos sempre embasar-nos em fatos históricos que transformaram os autores e suas obras no espelho do mundo em que nasceram e cresceram. Na nossa concepção, que será esmiuçada e defendida *a posteriori*, a literatura é uma forma de experimentar e enfrentar a realidade, muito além de somente

---

<sup>27</sup> “In a very basic sense, these islanders who dared to cast themselves as separate from Spain also viewed themselves as bound together not simply by their opposition to colonial rule but by their affinities for one another, artificial as these affinities might have seemed. They may not necessarily have expressed themselves in this manner but their approach to history was, I believe, as an inventive but necessary fiction. Those who have assailed and continue to assail the concept of a collective identity based on a construct cobbled together from myriad loyalties, languages, and geographic boundaries are right to do so. Yet their very insistence only proves that veracity can be crippling and lead paradoxically to an intellectual and spiritual *cul de sac*. Even when regimented by logic, facts sans imagination remain limp and bloodless. But the idea of a nation can inspire dry facts by creating space for a transcendent imagination. And what is colonialism finally but the denial of space—geographic, political, and psychological—for the collective imagination of a people?”

retratá-la. Contudo, não é possível entender uma sociedade sem precisar de onde essas pessoas vieram, sob pena de trabalharmos com meras especulações enviesadas.

Continuando apoiados pela citação direta das palavras de Francia, temos ideias que nos acompanharão ao longo de toda esta tese. Contudo, por ora, foquemos no que é essencial e mais urgente. O conjunto de ilhas e territórios que formam as Filipinas é uma construção imaginária. Correndo o risco de nos repetirmos, é importante que laços tragam um senso de unidade, o que foi alcançado somente após os séculos de dominação espanhola. Francia (2014), também nos diz que, não tivesse havido a colonização europeia, talvez as ilhas teriam feito parte da esfera de influência de outras nações maiores e próximas, como Malásia, Indonésia ou mesmo China. Ainda, a Encyclopedia Britannica traz uma singularidade filipina que merece ser abordada. A laureada publicação diz que o arquipélago é “o único país no sudeste da Ásia que foi sujeito a colonização ocidental antes de ter tido a oportunidade de desenvolver um governo central sobre um largo território ou uma cultura dominante” (Brittanica, 2023). Entendemos, pois, que o país unificado nasceu do jugo colonial, sem julgamento de valor sobre o processo em si. Tudo isso reforça a limitação encontrada por nós ao debruçarmo-nos sobre a civilização filipina antes da chegada oficial do primeiro colonizador, a Espanha.

Apesar de o senso comum ditar que há apenas duas línguas relevantes no país, Inglês e Filipino/Tagalog<sup>28</sup>, são falados aproximadamente 200 idiomas e dialetos nas Filipinas, como confirma Ariane Borlongan, em artigo para o jornal The Manila Times (Borlongan,2023). Algumas delas são extensamente usadas nas obras a serem analisadas, como o Ilocano, Cebuano e Chavacano (uma língua crioula do espanhol). Todas trazendo em si as bases e marcas dos povos que a falam há séculos.

Não obstante, a ocupação humana precede, em milhares e milhares de anos, a chegada dos europeus. Eles eram, em sua maioria, um aglomerado de povos que ocuparam o território a partir de ondas de imigração vindas de outras áreas do continente, em especial da China e Taiwan, já que, estima-se, os níveis dos oceanos

---

<sup>28</sup> De forma resumida, filipino é uma das línguas oficiais das Filipinas, junto com o inglês. O idioma é uma standardização do tagalog, língua nativa falada na região de Manila, com elementos de outros dialetos do país. Contudo, é extremamente comum que os dois nomes sejam utilizados de forma intercambiável (Cornell University, 2023)

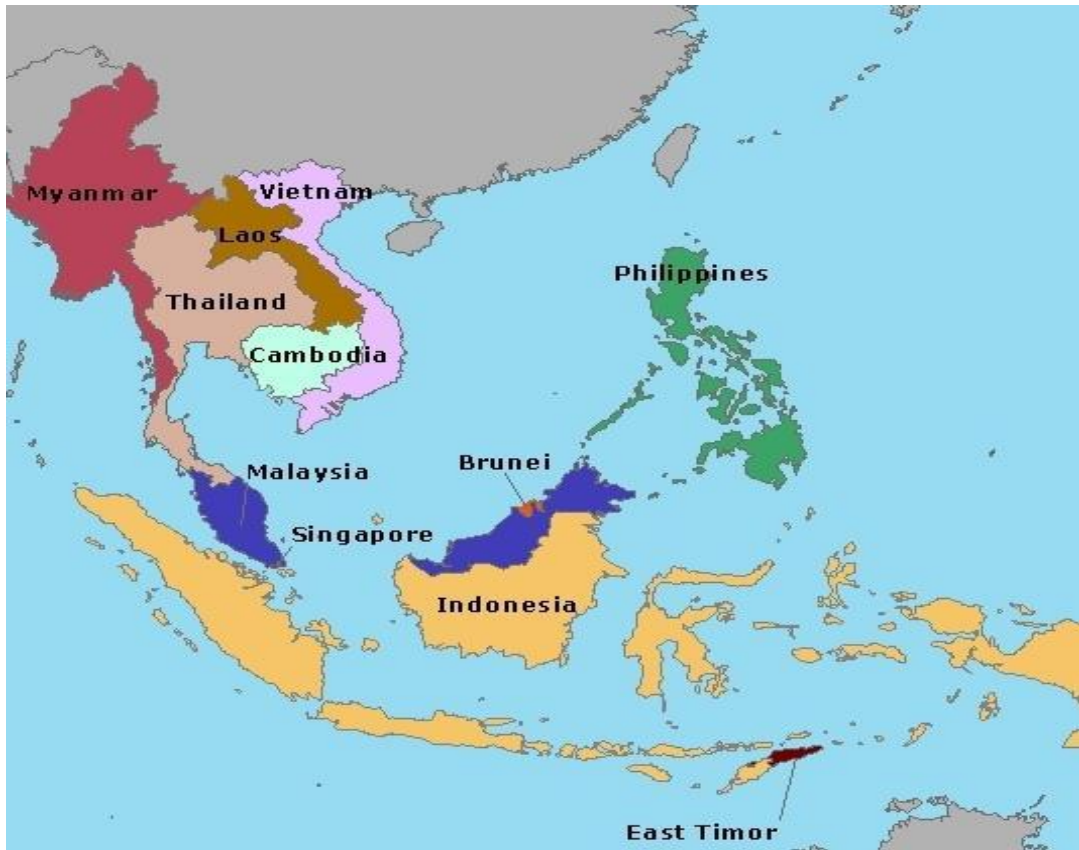
eram muito mais baixos e permitiam corredores entre diversas regiões. Tudo isso por conta da última era do gelo (Britannica, 2023).

Um estudo feito pela University of Wollongong Australia (Ingicco *et al*, 2018), aponta que os primeiros homínídeos já ocupavam a região de Luzon (norte do arquipélago) impressionantes 714 mil anos atrás. Contudo, de acordo com Nadeau (2008), a maior parte das provas arqueológicas que poderiam levar a uma construção acurada das civilizações pré-hispânicas foram destruídas com a elevação do nível dos oceanos ao redor de 17 mil anos atrás. Ainda segundo a autora, o clima úmido e quente tem efeito devastador sobre os materiais mais utilizados pelas populações para a construção de lares e ferramentas, itens que costumam ser extremamente úteis na leitura arqueológica de civilizações passadas (Nadeau, 2008).

Ao não nos esquecermos da localização estratégica do arquipélago, ao sul de Taiwan (discutivelmente parte da China), a leste do Vietnã e ao norte da Indonésia e Malásia, é interessante mencionarmos o cultivo do arroz, base de toda a culinária regional e importante item identitário. O cereal veio por terra, de Taiwan, e fixando-se no norte das Filipinas, espalhou-se para o resto da região asiática com os povos primários (Nadeau, 2008). Detalhes que podem facilmente ser tomados por curiosidade histórica têm peso ampliado quando nos debruçarmos sobre a construção da identidade nacional filipina dentro da Ásia e na esquina metafórica do continente com o velho e novo mundo.

A seguir, traremos um mapa do sudeste asiático, disponibilizado pelo *Center of Southeast Asian Studies* (Centro de Estudos do Sudeste Asiático, em tradução livre), da *University of Wisconsin-Madison*, nos Estados Unidos.

Figura 1-Mapa do Sudeste Asiático



Fonte: Center For Southeast Asian Studies, 2024.

Ao visualizarmos a imagem acima (Figura 1), temos uma melhor compreensão do que significa, para as Filipinas, estar na “esquina” da Ásia. A proximidade com uma superpotência, a China (ao norte/noroeste), tem sido mais uma maldição do que bênção, como veremos no capítulo 2, que trata das relações pós-coloniais e também no século XXI. Além disso, a proximidade com outras grandes nações, que possuem populações gigantescas, como a Indonésia - aproximadamente 280 milhões de pessoas (Cia Factbook, 2023), torna mais fácil entender o que quis dizer Francia (2014), ao mencionar a possibilidade de as Filipinas terem caído sob domínio de outras nações, se os laços histórico-identitários não tivessem sido tão fortes.

A ilha mais alongada, ao norte, é chamada Luzon, e concentra 52% da população do país, onde se encontra a capital, Manila, bem como a maior cidade, Quezon City, que é também o centro econômico de todo o arquipélago. Ao sul da ilha, o maior grupamento de terra é chamado de Mindanao, e é nessa área onde se produz a maior parte dos alimentos do país (Francia, 2014). Juntos, esses dois polos de terra habitável constituem dois terços da área do país, e entre eles temos um conjunto de

ilhas chamado de Visaya. Por fim, a oeste, as ilhas alongadas que quase tocam no território da Malásia são chamadas de província de Palawan, formada pelo impressionante número de 1700 ilhas (Nadeau, 2020). Todas essas informações trazidas serão importantes para localizarmos as análises a serem feitas das obras selecionadas para uso nesta tese.

Ainda tendo o auxílio cartográfico, é possível inferir por que a porção sul do país concentra a maior parte da população islâmica, já que é geograficamente mais próxima da Indonésia e Malásia, países majoritariamente muçulmanos (Cia Factbook, 2023). E, como já estabelecemos que a ocupação humana da região no período pré-europeu aconteceu predominantemente por povos advindos das regiões e ilhas limítrofes, a teoria alcança mais completo sentido.

Ao termos delimitado, para critérios desta tese, a localização das Filipinas, os desafios que tal posição apresentam, e como ela influenciou parcialmente a formação da nação, é importante retornarmos à organização do território pré-colonial, de forma a entendermos como estavam dispostos os povos originários logo antes da chegada dos europeus.

Assim como a região é uma coleção de ilhas, os povos originários também formavam um caleidoscópio de sociedades, não necessariamente interligadas entre si, mas numa dicotômica situação estática e dinâmica ao mesmo tempo, com quadros e regras bem definidas, dentro dos quais o mundo fazia sentido (Francia, 2014).

Para compreendermos a composição societária das Filipinas pré-hispânicas, há uma estrutura que deve ser abordada. Seu nome é *barangay*. A palavra é uma corruptela de *balangay* (Francia, 2014), ou barcos rasos e longos, usados para movimentação rápida por entre as ilhas, tendo sido empregados para comércio, migração interna e também para guerra (Nadeau, 2008). Mesmo tendo relativamente fácil deslocamento entre as ilhas, graças aos *balangays*, não houve, de acordo com Francia (2014), um conquistador que tivesse unido os pequenos feudos que foram sendo formados. Não foi visto um governo central no estilo de Genghis Kan ou Tokugawa. Cada um desses pequenos feudos era chamado de *barangay*.

Nas Filipinas dos dias atuais, *barangay* refere-se à menor divisão administrativa no país (Oxford Dictionaries, 2023). Contudo, o termo tem suas origens nas sociedades pré-coloniais, onde era usado para denominar uma comunidade ou vila, cujos limites eram cotérminos com os dos clãs de cada área (Francia, 2014). Não

apenas era o território um conjunto de ilhas, mas as sociedades pré-hispânicas eram um emaranhado de *barangays*.

A origem da palavra, em si, encapsula muito da história das filipinas. Nas palavras da Encyclopædia Britannica (2024), *barangay* “é derivado de *balangay*, o nome dos barcos a vela que originalmente trouxeram colonizadores de ascendência malaia para as filipinas, vindos de Bornéu”, na atual Indonésia, e “cada barco carregava um grande grupo familiar, e o mestre de cada barco mantinha o poder enquanto líder, ou *datu*, da vila estabelecida por sua família”. As vilas daí advindas reuniam entre 30 e 100 famílias, e, excetuando-se por Mindanao, ao sul, onde o Islã assumiu controle, não houve formação de poder central ou aglutinante, o que favoreceu a ocupação e colonização espanholas, dada a falta de resistência organizada (Britannica, 2024).

Matt Ortile, em seu livro *The Groom Will Keep His Name* (2020), menciona o emaranhado civilizatório existente antes da chegada dos espanhóis. Mesmo assim, a referência ao mundo pré-hispânico passa pelo prisma do colonizador espanhol. Ortile diz que “os espanhóis transformaram as nossas várias tribos, rajanatos e reinos em uma única colônia, um apêndice do seu vasto império” (Ortile, 2020, p. 3)<sup>29</sup>.

Há um reconhecimento da rica e densa civilização existente antes da chegada dos espanhóis, mas fica claro que tudo isso foi perdido em nome da pasteurização colonial iniciada pelos espanhóis e levada adiante com os americanos.

Ainda acompanhando a organização das sociedades (sempre no plural), convém abordar a estrutura vigente. Kathleen Nadeau, estabelece um panorama claro ao explicar que:

A maioria das diferentes comunidades compartilhava um sistema de casta triplo. O termo casta aqui é usado de forma intercambiável com classe para definir diferentes tipos de trabalho em relação à estrutura dinâmica hierárquica, e não deve ser confundido com o sistema de castas de arranjo mais rígido do sudeste asiático em tempos antigos. Havia três classes: os governantes, os plebeus, e escravos (...) Os governantes distribuíam comunidade pública e davam sentenças finais em procedimentos legais. Normalmente, os *datu*s, chamados de *datos* em espanhol, eram grandes guerreiros porque sua principal responsabilidade era defender os *barangays* de forasteiros. Entre os habitantes das ilhas Visayas, *datu*s correspondiam aos nobres,

---

<sup>29</sup> “The Spaniards turned our various tribes, rajahnates, and kingdoms into a single colony, an appendix to their far-reaching empire”

princesas e príncipes, *tiwawas* eram os cidadãos comuns e os *oripun* eram os escravos” (Nadeau, 2018, p. 16)<sup>30</sup>.

A separação societal tripartite mencionada acima é de grande valia para compreendermos a formação do país, mas também para entendermos as estruturas apresentadas nos livros a serem analisados, em especial *America is not the Heart* (Castillo, 2018), a família de Pol e sua importância dentro da região de Ilocos. Ainda, aos termos em mente o funcionamento histórico da sociedade filipina e seus reflexos no país atual, podemos lançar as bases para categorias epistemológicas aventadas por esta tese, como a superioridade do expatriado, a ser abordada no subcapítulo 3.4.

Um artefato de suma importância para a história pré-hispânica das Filipinas é o chamado Inscrição de Cobre Laguna (*Laguna Copperplate Inscription*). Descoberto em 1989 às margens de um rio da região de Laguna, ao sul da capital Manila, o documento em cobre é datado aproximadamente do ano 900 EC, ou mais de 600 anos antes do início da colonização europeia. Para Francia (2014), o LCI (em sua sigla em inglês) é vital para entendermos como viviam e se organizavam as sociedades então. Isso porque, dentre outros motivos, é o documento escrito mais antigo das ilhas.

Medindo aproximadamente 20 por 30cm, e escrito em uma mistura de sânscrito, javanês, malaio e tagalog antigos, o documento funciona como um recibo entre partes, quitando uma dívida. Os filhos de um cidadão chamado Namwaran estavam, a partir daquele momento, livres após o pagamento de uma certa quantia equivalente em ouro (Francia, 2014).

O alfabeto no qual foi escrito o texto, Kawi, originário da atual Indonésia, já não existe mais. O antropólogo holandês Antoon Postma, responsável por dar à placa o nome pelo qual é conhecida hoje, explica que a língua principal do documento era o malaio antigo, por ser a *língua franca* da época (Postma, 1991). Para Francia, o uso

---

<sup>30</sup> “Most of the different communities shared in common a three-tier caste system. The term *caste* is used here interchangeably with *class* to define different types of work in relation to a dynamic hierarchical structure, and it is not to be confused with the more rigidly arranged south Indian caste system in ancient times. There were three main classes: the rulers, commoners, and slaves (...) Rulers distributed community property and passed down final judgments in legal proceedings. Usually, *datus*, called *datos* in Spanish, were great warriors because their primary responsibility was to defend their *barangays* from outsiders. Among the Visayans, *datus* corresponded to noble princes and princesses, *timawas* were the ordinary citizens, and the *oripun* were slaves”.



do sistema de escrita antigo foi suplantado pelo alfabeto castelhano, trazido pelos frades, mas manteve-se vivo por séculos em regiões isoladas onde o jugo espanhol não alcançou a mesma força. Isso, dentro dos limites desta pesquisa, nos parece um exemplo explícito de resistência cultural.

Essas informações nos esclarecem sobre o sistema social, e a tradução da placa (como publicada por Francia), traz ainda mais detalhes:

Vida longa! Saka ano 822, mês de Waisakha, de acordo com a astronomia. O 4 ° dia da lua minguante, segunda-feira. Nesta ocasião, Lady Angkatan e seu irmão chamado Bukah, filhos do Honorável Namwaran, receberam um documento de perdão total do Comandante-em-Chefe de Tundun, representado pelo Senhor Ministro de Pailah, Jayadewa. Por esta ordem, através do escriba, o honorável Namwaran foi perdoado de todos e está livre de suas dívidas e atrasos de 1 Katī e 8 Suwarna (quantidade de ouro) perante o honorável Senhor Ministro de Puliran, Kasumuran pela autoridade do Senhor Ministro de Pailah. Devido ao seu serviço fiel como súdito do chefe, o honrado e amplamente renomado Senhor Ministro de Binwangan reconhecido por todos os parentes vivos de Namwaran reivindicados pelo chefe de Dewata, representado pelo chefe de Medang. Sim, os descendentes vivos do Honorável Namwaran estão, portanto, perdoados, de fato, de qualquer dívida do Honorável Namwaran para com o Chefe de Dewata. Este, em qualquer caso, irá declarar a qualquer um doravante que se em qualquer dia futuro houver um homem que proclama que não há remissão da dívida do honrado (...)<sup>31</sup> (Francia, 2014, p. 15).

No texto podemos ver claramente a divisão de classes, e o *datu* que serve como mediador, e é através dele que a lei existe. Postma opina que o documento de quitação provavelmente envolvia alguém de alto ranking social, e que há, talvez para

---

<sup>31</sup> “Hail! In the Saka-year 822; the month of March April; according to the astronomer: the fourth day of the dark half of the moon; is on Monday. At that time, Lady Angkatan together with her relative, Bukah by name, child of His Honor Namwran, was given, as a special favor, a document of full acquittal, by the Chief and Commander of Tundun representing the Leader of Pailah, Jayade This means that His Honor Namwran, through the Honorable Scribe was cleared of a salary-related debt of 1 kati and 8 suwarna (weight of gold): in the presence of His Honor the Leader of Puliran, Kasumuran; His Honor the Leader of Pailah, representing Ganasakti; (and) His Honor the Leader of Binwangan, representing Bisruta. And, with his whole family, on orders of the Chief of Dewata, representing the Chief of Mdang, because of his loyalty as a subject (slave?)' of the Chief, therefore all the descendants of his Honor Namwran have been cleared of the whole debt that His Honor owed the Chief of Dewata. This (document) is (issued) in case there is someone, whosoever, sometime in the future, who will state that the debt is not yet acquitted of His Honor(...)”

eforçar a validade do recibo, a descrição de todos os oficiais de alta patente sociais envolvidos no ato, com sua descrição e local de origem/jurisdição (Postma, 1991).

Como expressado no início deste capítulo, a história pré-hispânica das Filipinas é embaçada por diversos fatores, e isso limita nosso poder de análise, dada a escassez de fontes. E um detalhe sobre o LCI ilustra de forma apropriada esta adversidade. O documento parece não ter um fim exato, porque a frase está incompleta. Postma especula que o restante do recibo continuasse noutra placa de cobre, já completamente perdida no tempo (Postma, 1991).

O que se tem por concreto é a existência da escravidão na sociedade de então, mesmo que essa relação de posse existisse de maneiras diferentes àquelas que estamos familiarizados na nossa própria história colonizatória. Francia diz que o LCI indica um papel crucial da escravidão na vida pré-colonial dos *barangays*, e também que o recibo deve ter sido uma fonte de grande alívio para a família, que ficava, ali, desobrigada da dívida (Francia, 2014).

Em uma visão que talvez, para olhos ocidentais do século XXI, possa ser entendida como uma romantização, Nadeau nos diz que “no geral, os escravizados sentiam satisfação em ser ligados aos seus mestres<sup>32</sup>” (Nadeau, 2008, p. 12). Isso porque, muitas das vezes, eles vendiam sua liberdade para pessoas a quem se sentiam endividadas devido a gratidão ou motivos diversos. Como nossa perspectiva, por mais crítica que seja, passa sempre pelo embasamento judaico-cristão e eurocêntrico, parece cruel pensar que qualquer pessoa poderia abrir mão de sua existência livre para servir a outrem. Contudo, uma ressalva de Nadeau relativiza mais uma vez o proposto. Para a autora, “a maioria dos escravizados vivia vidas normais, não muito diferentes daqueles que eram livres”<sup>33</sup>. (Nadeau, 2008, p. 12) E que, com exceção dos que viviam na residência dos seus mestres, era esperado que eles buscassem o próprio sustento, e trabalhassem meio período. Mais surpreendente ainda, a autora diz que vários *donos* de pessoas escravizadas eram eles mesmos escravizados por outros mestres (Nadeau, 2008). Por fim, a pesquisadora adiciona que “interações costumeiras entre mestres e escravizados neste contexto eram

---

<sup>32</sup> Slaves, generally, took a good deal of satisfaction in being attached to their masters.

<sup>33</sup> Most slaves lived ordinary lives not much different from those who were free. Except for slaves living inside their master’s house, slaves were expected to support themselves, working part time for their owners, while the owners themselves were usually enslaved to other masters

mutuamente respeitadas”<sup>34</sup> (p. 13). Isso tudo nos leva a crer que a escravidão reinante nas ilhas Filipinas era, em certa medida, mais próxima ao sistema feudal europeu do que à organização escravagista aplicada por Portugal no Brasil. No entanto, por não ser o cerne deste estudo, furtaremos-nos de análises mais aprofundadas sobre tão espinhosa seara, mantendo o foco no reflexo que tal sistema teve sobre a história do país e quais possíveis ecos ainda encontramos na sociedade filipina, sob o prisma da literatura.

Um retrato da vida nas ilhas no período pré-colonial não foi escrito, infelizmente, antes da chegada dos espanhóis. É, no caso, um dos primeiros exemplos de literatura colonial, escrito pelo religioso jesuíta Pedro Chirino, o livro *Relación de Las Islas Filipinas* (1890). Antes mesmo de aprofundarmo-nos na obra, convém explicar por que nos referimos a ele como literatura. A eterna discussão que permeia nossa área, “o que é literatura?”, domina discussões há eras. Muito longe de nos arriscarmos arrogantemente a dar uma resposta definitiva à questão, mas sempre interessados em embasar solidamente tudo o que afirmamos nesta tese, consideramos a visão de Terry Eagleton em seu livro *Literary Theory*, de 1983. O autor abre sua obra discutindo se texto literário é, necessariamente, somente o que não é real. Porém, ele mesmo argumenta que, não. Textos considerados literatura inglesa do século XVII (mesmo século de *Relación de Las Islas Filipinas*) são históricos, como os sermões de John Donne, ou o livro *History of the Rebellion*<sup>35</sup>, de Edward Hyde (Eagleton, 1983).

Retomando a obra escrita pelo jesuíta Pedro Chirino, Francia (2014) refere-se ao livro como um relato das ilhas no início do século XVII, mas que traz elementos históricos que geram profícuas análises, por mencionar a tradição dos locais de terem, eles mesmos, posse sobre pessoas escravizadas<sup>36</sup>:

Era fácil aumentar o número de escravos. Consequentemente, eles costumavam ter, e ainda têm, um grande número de escravos, o que, dentre eles, é a maior das riquezas (...) Em tempos prévios, eles não os deixariam partir deste mundo sozinhos, mas dariam escravos e escravas para acompanhá-los na morte. Esses escravos, após terem

---

<sup>34</sup> Customary interactions between masters and slaves in this context were mutually respectful.

<sup>35</sup> Escrito no século XVII e publicado em 1704, o livro traçava o histórico das guerras civis inglesas, que causaram a morte do rei Charles I.

<sup>36</sup> Nas citações em que o texto original trouxe o termo *escravo*, ao contrário do mais comumente aceito atualmente, *escravizado*, optaremos por manter as palavras dos autores. No nosso texto, *escravizado* será o único termo aceitável, por trazer em si o fato de as pessoas terem sido forçadas à escravidão.

comido uma refeição substanciosa, eram imediatamente mortos, para que pudessem seguir com o homem morto. Aconteceu certa feita de enterrarem com um chefe um barco manejado por muitos remadores, que serviriam para acompanhá-lo em suas jornadas para o outro mundo” (Francia, 2014, p. 31)<sup>37</sup>.

A primeira relação que fazemos sobre a citação acima é reforçar o que foi exposto por Nadeau (2008) e a situação dos escravizados na vida pré-colonial. Eles eram parte da cultura. Porém, não objetivamos, de maneira alguma, que esse fato justifique o uso do sistema escravagista em qualquer ponto da história. O relato serve tão simplesmente como uma janela para esse período tão turvo da história do sudeste asiático.

Contudo, diferentemente de outros sistemas escravagistas históricos, a escravidão pré-colonial permitia uma maior maleabilidade que em outros locais. Para Francia (2014), “status nas sociedades nativas parecia ser bem fluido, dada as possibilidades de ascensão social através da redução do endividamento e correspondentemente aumentando o prestígio social de alguém”<sup>38</sup>.

A importância do sistema escravagista de então para este estudo passa pela noção atual de *Utang Na Loob*. A autora Malaka Gharib resume o *Utang Na Loob* como “um conceito filipino de eterno endividamento a outrem, sejam familiares ou amigos, que fazem um favor a si” (Gharib, 2023). Esse aspecto da vida filipina e dos *balikbayan* em geral aparece em todas as três obras analisadas, e serão analisados mais especificamente no capítulo 3.3, sobre imigração. Porém, em uma questão metodológica, é importante posicioná-lo, dentro da nossa suposição, como uma evolução de antigas práticas sociais pré-hispânicas.

A chegada dos europeus trouxe, com seu modo de vida e costumes tão alheios aos locais, uma afronta e terrível golpe ao *ethos* reinante e o que significava bem-estar na região. Não obstante, a cultura local encontrou formas de mostrar sua resistência e sobreviver ao sufocamento colonial imposto por Madri (Nadeau, 2008).

---

<sup>37</sup> “it was easy to increase the number of slaves. Consequently, they used to have, and still have, a very large number of slaves, which among them is the greatest of riches (...) In former times, they would not let them depart to the other world alone, but gave male and female slaves to accompany the dead. These slaves, having first eaten a hearty meal, were then immediately killed, that they might go with the dead man. It once happened that they buried with a chief a vessel manned by many rowers, who were to serve him in his voyages to the other world.”

<sup>38</sup> “Status in native society appeared to be quite fluid, malleable due to the possibilities of upward mobility through reducing one’s indebtedness and correspondingly increasing one’s social prestige”.

E essa resistência, que terá menções ao longo de toda esta investigação, está no centro da nossa teoria de que a produção *balikbayan* é, em si mesmo, um elemento de resistência cultural. Independentemente de onde um filipino estiver radicado, ele levará consigo todo o peso e essência criados por numerosas gerações precedentes.

Graças às terras férteis e com abundante acesso a água, as ilhas filipinas ofereciam numerosos produtos que poderiam ser comprados e revendidos por potências mundiais, como China e até mesmo Portugal (Francia, 2014). E foi através da atração provida por essas regiões que o islã chegou ao arquipélago. Para Nadeau (2014), a religião de Maomé chegou com os comerciantes persas e missionários no século XII, no arquipélago Sulu, no extremo sul do país.

A influência muçulmana pode ser sentida principalmente na região de Mindanao, mais próxima a outras nações do sudeste asiático, como Malásia e Indonésia. Contudo, e apesar de ser a segunda fé com maior aderência entre a população, 6,4% dos filipinos (Philippine Statistics Authority, 2023), o país continua sendo massivamente católico, com 78% do povo professando a religião de Roma. A única exceção é a área de Bangsamoro, onde mais de 90% dos cinco milhões de habitantes são seguidores dos preceitos de Maomé (Philippine Statistics Authority, 2023).

O nome da região, Bangsamoro, é uma junção de duas palavras: *Bangsa*, que em malaio significa “raça”, “povo” ou “nação” (Cambridge Dictionary, 2024) e *moro*, em referência aos islâmicos do norte da África. Apesar de, inicialmente, para os espanhóis, o termo *moro* ser apenas uma descrição genérica para muçulmanos, após anos e inúmeras tentativas de conversão à fé católica, os colonizadores europeus passaram a dar novos significados à palavra. Passou, então, a ser considerada algo negativo, infundindo a ideia de que todos eram “piratas”, “traidores” e “incivilizados” (Kamlan, 2012). Como costuma acontecer em movimentos de resistência cultural, o nome ofensivo passou a ser utilizado como símbolo de identidade e renitência. Hoje, referir-se como “moro” nas Filipinas significa, mais que religião, uma afinidade cultural, um grupo à parte dentro do país, com suas próprias inspirações separatistas (Harvard Divinity School, 2024).

Em seu *memoir*, *The Groom Will Keep His Name* (2020), Matt Ortile cita um aspecto histórico do seu país de origem. Ao comentar sobre como o visual da maioria dos filipinos não é condizente com o padrão de beleza inspirado por Hollywood, o

autor adentra a seara da história pré-colonial do arquipélago. Para o narrador, a população do país não é *mestiza*, mas *morena*. E, para ele, *moreno*:

É outro termo herdado da Espanha. ‘Moreno’ vem de ‘moro’, o exônimo para muçulmanos norte-africanos. Em contextos filipinos, a palavra descreve alguém com cabelos e pele escuras. Isso é a maioria do povo filipino, que foram esculpido, como conta um mito pré-colonial, por um ser divino que usou como material o solo fértil das ilhas, argila e cinzas (Ortile, 2020, p. 101)<sup>39</sup>.

As escolhas de palavras em textos literários não costumam ser aleatórias. Ao dizer que outro termo fora *herdado* da Espanha, Ortile demonstra reconhecer o passado colonial em pelo menos três aspectos. Primeiro, porque herança nos remete a algo repassado por nossos ascendentes. De cima para baixo. Segundo, quando assume que a população filipina (o que inclui o próprio autor-narrador) é *morena*, e reforça a origem do termo como vindo de ‘moro’, um adjetivo que, como citamos anteriormente, é usado hoje como uma forma de resistência cultural, uma fonte de orgulho.

A opção de classificar *moro* como exônimo (do inglês *exonym*), traz consigo uma carga de crítica e um refinado conhecimento histórico e identitário. A definição de exônimo é “um nome usado por forasteiros para referir-se a um grupo étnico, racial ou social, ou sua língua, que o próprio grupo não usa” (Dictionary.Com, 2024)<sup>40</sup>. Desta maneira, ao descrever-se através de um exônimo, já há uma presunção de influência externa, como uma carga sociológica. Se adotamos um nome que nos foi dado por outrem, essa denominação vira, num ato de resistência, uma fonte de orgulho, e a identidade torna-se mais rica.

Se, no livro de Ortile, *moro* é uma referência histórica que nos leva à colonização, então a menção à lenda pré-colonial aparece com dupla utilidade. Primeiro, por trazer um mito de criação, e como citamos com Francia (2014), os filipinos são unidos por laços etéreos e imaginários. Ao mencionar a lenda da criação do seu próprio país, Ortile engloba a si e a seus compatriotas em um grupo,

---

<sup>39</sup> “Is another term inherited from Spain. ‘Moreno’ comes from ‘moro’, the Spanish exonym for North African Muslims. In Filipino contexts, it describes someone with dark hair and dark skin. That’s most of the Filipino people, who were sculpted, as a precolonial creation myth goes, by a divine being who took for their materials the islands’ fertile soil, clay and ash”.

<sup>40</sup> “A name used by outsiders to refer to an ethnic, racial, or social group or its language that the group itself does not use”.

diferenciado do resto do mundo. Fronteiras são, em sua maioria, imaginárias, assim como um senso de identidade. Em outras palavras, um sonho que se sonha junto.

Como estabelecemos até então, a história das ilhas Filipinas antes da chegada dos espanhóis não é um mero prelúdio, mas uma época rica, densa, povoada de vidas e lutas, apesar da escassez de materiais de apoio. Contudo, essa parte da cronologia do país é pouco abordada nos livros a serem analisados, e aprofundarmo-nos nela seria, no mínimo, um contrassenso. Dos três livros, apenas o *memoir* de Ortile menciona, *en passant*, a vida no arquipélago antes da chegada dos europeus. Isso nos leva à conclusão de que, pelo recorte que fizemos na literatura *balikbayan* do século XXI, pouco ou nenhum espaço é reservado à história antiga do país. Por esse aspecto, as Filipinas, como a estudamos, só nasce, realmente, após Fernão de Magalhães atracar às suas margens.

Agora, é o momento de nos debruçarmos sobre a colonização espanhola, e as profundas raízes e máculas deixadas pelo país durante os mais de trezentos longos anos de ocupação. Como veremos, foi através e muito por conta desse traumático processo que as Filipinas são hoje um país único dentro do continente asiático, localizado neste metafórico encontro do oriente e ocidente.

## 2.2 COLONIZAÇÃO ESPANHOLA (1565-1898)

Neste subcapítulo estudaremos o longo período, de 333 anos, em que a Coroa espanhola colonizou, subjuguou e dominou as Filipinas. Descreveremos os episódios que são mais comumente encontrados em livros de história, em especial os de Nadeau (2008), Tan (2008) e Francia (2014), que servem como norte para este capítulo.

Antes de esmiuçarmos os eventos, é importante delinear o que consideramos como colonização e colonialismo, bem como em quais teóricos nos apoiaremos para tal empreitada.

A palavra colônia, de onde derivamos o verbo colonizar e o substantivo colonização, tem origem no latim e significa “povoado”, “fazenda”, com relação ao ato de cultivar (Priberam, 2024). Já aqui, podemos extrair a ideia de criação de algo novo, um pensamento positivo. Em tese, ao referirmo-nos à colonização do Brasil, das

Filipinas, ou qualquer outro território que seja, é muito razoável crer que a intenção, inconsciente ou não, é da criação do inédito sobre terreno vazio. Para a professora da *University of Pennsylvania* e pesquisadora Ania Loomba, em seu livro *Colonialism/Postcolonialism* (1998), o conceito de colonização ignora os habitantes originários de um dado lugar, tirando de “colonialismo” qualquer relação entre o encontro de povos distintos. A pesquisadora diz que:

Não há qualquer indício que a nova ‘localidade não seja tão ‘nova’ e que o processo de ‘formar uma comunidade’ possa ser um tanto quanto injusto. O colonialismo não foi um processo idêntico em diferentes partes do mundo, mas em todos os lugares travou os habitantes originais e os forasteiros nas mais complexas e traumáticas relações na história humana<sup>41</sup> (Loomba, 1998, p 10).

O que Loomba nos diz, muito eloquentemente, é que a colonização precisa ser vista com crítica, e que toda a romantização deve ser esquecida, ao analisarmos a história. Por isso, reforçamos que a abordagem do subcapítulo 1.1, não foi por presunção de inexistência da sociedade pré-hispânica, mas justamente um resultado da colonização opressora por parte da Espanha que, como toda metrópole, atuou ativamente para a aniquilação cultural daquilo ou daqueles que tenham vindo antes.

Continuamos a discussão trazendo o estudioso Edward Said e seu livro, *Orientalismo: O Oriente como Invenção do Ocidente* (2007). Como incluiremos frequentes referências ao oriente, à China, Japão e até mesmo ao posicionamento das Filipinas dentro do imaginário asiático (e oriental), é importante termos em mente que como diz o autor, “nem o termo ‘Ocidente’ nem o conceito de ‘Ocidente’ têm estabilidade ontológica; ambos são constituídos de esforço humano - parte afirmação, parte identificação de Outro” (Said, 2007). Ou seja, a colonização do arquipélago das ilhas Filipinas não foi uma luta do bem contra o mal, não foi a luz da civilização cortando as trevas do atraso, nem muito menos a redenção de um povo.

Loomba (1998), é categórica ao dizer que o colonialismo não começou com a colonização europeia de outras partes do mundo. Para ela, há vários exemplos que

---

<sup>41</sup> “There is no hint that the new “locality” may not be so ‘new’ and that the process of ‘forming a community’ might be somewhat unfair. Colonialism was not an identical process in different parts of the world but everywhere it locked the original inhabitants and the newcomers into the most complex traumatic relationships in human history”.



precisam ser entendidos como colonização da mesma maneira, tal qual o Império Romano, o de Genghis Khan ou mesmo o Chinês, que alcançou territórios maiores do que qualquer outro visto na Europa. Contudo, há, realmente, elementos que diferem o colonialismo europeu dos outros exemplos citados. O que as navegações europeias trouxeram foram novas práticas que alteraram o mundo de uma maneira que outros colonialismos não fizeram. A pergunta lógica é: Por quê?

A pesquisadora explica que os europeus estabeleceram suas colônias conforme o capitalismo ia sendo implementado. E continua: “em qualquer direção seres humanos e materiais viajaram, e os lucros sempre fluíam de volta à ‘pátria-mãe” (Loomba, 1998, p. 4)<sup>42</sup>. O termo “pátria-mãe” nos remete a gênese, criação, uma sementeira que reforça a presunção de superioridade da metrópole sobre a colônia, até porque a palavra em português reúne “pai” (ao usar *pátria*) e mãe, os dois seres aos quais devemos uma impagável dívida existencial, o que, quando aplicado no âmbito de países, permite uma ascendência ímpar. E isso será visto ao longo de toda a história do arquipélago filipino. Até mesmo influenciando a visão dos ilhéus sobre aqueles que saíram da pátria-mãe para imigrar, como será estudado no capítulo 3.4.

Esse movimento inédito de pessoas, sejam elas de escravizados ou dos colonizadores que cruzavam os oceanos para ocupar uma terra imaginada como virgem, levavam e traziam consigo o embrião da globalização e do capitalismo. Loomba segue adiante e afirma que “o colonialismo foi a parteira que deu assistência ao nascimento do capitalismo europeu” (p. 5) e que sem a expansão colonial o capitalismo não teria acontecido na Europa. Em outras palavras, as colônias, *filhas* das metrópoles, *nasceram* com o *fôrceps* usado pela *parteira* do colonialismo.

Ao levarmos em consideração as teorias de Said e de Loomba, vemos que, ironicamente, ao invés de terem criado novos países ao colonizarem, subjugarem e massacrarem povos distantes, os europeus estavam criando a si mesmos e seu modo de vida atual. O processo colonizatório, visto pelos europeus como unilateral e fonte de tanto orgulho e arrogância, aproxima-se mais de uma dupla fecundação, ao invés de um sistema magnânimo da gênese de um mundo novo a partir da pátria-mãe benevolente.

---

<sup>42</sup> “In whichever Direction human beings and materials travelled, the profits always flowed back into the so-called ‘mother country””.

Passemos agora ao próximo passo, para entender mais do processo de chegada e ocupação da Espanha no território que hoje chamamos de Filipinas. Como estabelecemos previamente, as ilhas nunca conheceram, até então, um governo central e algo que as unificasse. Era um aglomerado de *balangays*, cada um com seu *datu* e equivalente à realeza local.

O primeiro contato do reino espanhol com as atuais Filipinas aconteceu através do navegador português Fernão de Magalhães (1480-1521). Magalhães navegou, primeiramente, sob a bandeira do seu próprio país. Alistado na frota de Francisco de Almeida, primeiro vice-rei da Índia, cuja frota fora enviada pelo rei Manuel de maneira a enfrentar a crescente força muçulmana na costa africana e indiana, e garantir o poderio português na região (Guillermard, 1890; Britannica, 2024).

Após anos acumulando experiência no território indiano, lutando para retomar Goa, e explorando os mares ao redor, faltava ainda a maior vitória portuguesa na região: Conquistar Malacca, bastião muçulmano na região da atual Malásia (Guillermard, 1890). É importante ressaltar que todo este período, de início da colonização espanhola no recorte selecionado por nós, é permeado por uma intensa guerra santa entre os católicos e muçulmanos, sendo mesmo considerado, pelos espanhóis, como uma continuação da *Reconquista*<sup>43</sup> (Nadeau, 2008).

Mesmo com as vitórias portuguesas na região, um porto seguia como objeto de cobiça das nações ibéricas: As Ilhas Molucas, também conhecidas como Ilhas das Especiarias. Dominá-las seria mais do que uma vitória política, mas o acesso a importantes recursos para o reino que as dominasse (Francia, 2014).

Em 1517, Fernão de Magalhães já havia perdido influência na corte de seu país, por conta de acusações infundadas de condutas irregulares durante seus serviços nas Índias (Britannica, 2024). Por esse motivo, o navegador buscou o rei da Espanha para propor um arriscado empreendimento: Navegar em direção a oeste, na América do Sul, para finalmente estabelecer uma nova rota para as ilhas Molucas, na atual Indonésia. Tudo isso, evitando confrontos com os maiores rivais da Espanha,

---

<sup>43</sup> As guerras de reconquista da península Ibérica por parte dos espanhóis e portugueses, comumente chamada apenas de Reconquista (mesmo em textos de língua inglesa), foram travadas a partir de 718, na região de Astúrias, e o apoio do resto da Europa cristã foi fundamental para, finalmente em 1492, Granada ser retomada pelos monarcas Ferdinando e Isabella (RTP ENSINA, 2024; BRITANNICA, 2024). É melhor entendida sob o prisma de guerra santa ou mesmo de civilizações.

justamente os portugueses (Francia, 2014). A antiga rivalidade ibérica é mais um ponto em comum entre a história da América Latina e das Filipinas, o que reforça também a motivação que temos para estudar um povo geograficamente tão distante do nosso.

Outro acontecimento histórico que permeia a época em questão, e também une os destinos filipinos e latino-americanos, é o Tratado de Tordesilhas. Assinado em 1494, entre os reis Ferdinando II e Isabela I, do lado espanhol, e rei João II, para os portugueses. Francia (2014) explica que, mediado pelo papa, o acordo incluía um grande número de entendimentos entre as partes, sobre os limites de demarcação para conquistas de ambos os lados. Francia (2014) afirma que o papa Alexandre VI demarcou a linha entre os polos, de 370 léguas, especificando regiões possíveis de serem exploradas. Diz também que, através daqueles que seguiam nos navios portugueses ou espanhóis, “Roma estendeu seu alcance a todos os lugares onde esses países plantaram suas bandeiras – uma perfeita combinação de empreendimento econômico, poder mundial e ardor religioso”<sup>44</sup> (p. 44). Como ironiza Nadeau (2008), “o papa doou o que não era seu para doar. No caso, o mundo inteiro” (p. 21).

A UNESCO, agência da ONU para Educação, Ciência e Cultura, explica a importância do Tratado de Tordesilhas como sendo “essencial se nós formos entender a história americana, bem como as relações econômicas e culturais entre Europa e América”<sup>45</sup> (UNESCO, 2023), e também, no que vem a incluir as Filipinas, “uma importante referência não apenas para a história do oceano Atlântico, mas também para a memória do mundo que permitiu o encontro de continentes e civilizações separadas por oceanos desconhecidos”<sup>46</sup>.

Notamos, com a passagem acima, que a UNESCO se furta de julgamentos históricos ao explicar a importância do tratado. Sim, é inegável que o tratado expandiu as fronteiras do mundo de então, impulsionou ciência e o próprio capitalismo (como explicamos previamente). Contudo, a autorização papal serviu como apoio explícito e

---

<sup>44</sup> “Rome extended its reach wherever these two European countries planted their flags—a perfect combination of economic enterprise, worldly power, and religious zeal”.

<sup>45</sup> “Essential if we are to understand American history and economic and cultural relations between Europe and America”.

<sup>46</sup> “An important reference not only to the Atlantic Ocean history but also to the memory of the world allowing the meeting of continents and civilizations separated by unknown oceans”.

implícito para a morte de um sem-número de pessoas, reforçando as teses de Ania Loomba e Edward Said sobre a violência do colonialismo.

Retornando a Fernão de Magalhães, o português deu garantias ao monarca espanhol que sua expedição respeitaria as linhas estabelecidas pelo Papa Alexandre VI, no Tratado de Tordesilhas, que arrogantemente dividiam os novos territórios a serem descobertos entre Espanha e Portugal. No entanto, o acordo estabelecido era constantemente modificado para atender aos interesses de ambos os reinos (Francia, 2014).

A expedição rumo às ilhas Molucas ganhou a autorização real espanhola e partiu em 1519, com 5 navios e 270 tripulantes. Um dos objetivos, além dos óbvios ganhos materiais, era encontrar uma passagem para o Pacífico através do Atlântico, o que acabou acontecendo e dando ao estreito que conecta os dois oceanos o nome de Magalhães, localizado no atual Chile (UNESCO, 2024).

Importante mencionar as condições abismais enfrentadas pelos tripulantes, o que, embora comum para a época, merece admiração pela tenacidade. De acordo com Francia (2014), a fome era predominante, o escorbuto era comum, e os poucos provimentos eram infestados por ratos (p. 55). Mesmo assim, após 99 dias sem alimentos frescos, a expedição chegou a Guam, nas atuais Ilhas Marianas (Britannica, 2024). Então, Magalhães e sua tripulação estavam a aproximadamente 2500 km de distância do território filipino.

Ainda a caminho da Ilha das Especiarias, Magalhães atracou em terras filipinas, nas atuais ilhas Limasawa, estabeleceu a primeira aliança com os locais em nome da coroa espanhola, converteu o *datu* de Cebu e seus oficiais mais próximos ao catolicismo, em um passo que viria a ser um caminho sem volta na região filipina. No entanto, o explorador português, viajando com as cores da Espanha, foi morto em uma batalha contra guerreiros de um *balangay* próximo, Mactan (Francia, 2014). Dos 270 que partiram da Espanha em 1519, apenas 18 retornaram à pátria-mãe, carregando consigo a honra de, supostamente, terem sido os primeiros a circunavegarem o planeta.

Apesar de a expedição ter sido praticamente dizimada durante o decorrer do processo, e do próprio Magalhães ter encontrado um fim violento à sua vida, este primeiro contato entre os espanhóis e os filipinos locais foi o início da relação que duraria mais três séculos. A viagem de Fernão preparou o caminho para outras quatro

expedições, ao longo de cinquenta anos, que dariam início à colonização efetiva do arquipélago (Francia, 2014).

A primeira das expedições pós-Magalhães foi a que teve o mais cruel dos destinos. Sete navios e 450 marujos (maior do que a comitiva original) seguiram para dar continuidade à ocupação da área de Cebu. Contudo, ao passarem pelo Estreito de Magalhães, apenas 2 navios restavam (Francia, 2014). Com o pouco que sobrou da tripulação, o comandante Hernando de la Torre mudou a direção e levou seu navio até a famosa Ilha das Especiarias, onde foi aprisionado pelos portugueses. Dos 450 iniciais, somente 8 retornariam à Espanha, incluindo Andrés de Urdaneta, que anos mais tarde faria parte da quarta e bem-sucedida expedição de Miguel López de Legazpi (1502-1572).

A segunda viagem trouxe fatos e curiosidades diretamente ligados à essência deste estudo. Ela foi organizada (mas não capitaneada) por ninguém menos que Hernán Cortês (1485-1547), o conquistador responsável por dominar e destruir o império Asteca. Ele nomeou Alvaro de Saavedra para conduzir três navios e 110 tripulantes, levando uma carta real que pedia perdão ao *datu* de Cebu pelas atrocidades cometidas por Magalhães (Francia, 2014). Ironias históricas à parte, a viagem foi a primeira a partir do México, o que daria início a uma especial relação entre os dois países, a qual está presente nas obras analisadas e será trabalhada mais adiante e ao longo de toda esta pesquisa.

Infelizmente para os espanhóis, a segunda investida teve o mesmo destino que a primeira: Os tripulantes foram, mais uma vez, capturados pelos portugueses. O capitão, Saavedra, foi libertado pelos captores, mas morreu no mar (Nadeau, 2008).

A terceira expedição, segunda partindo do México, teve mais êxito que as anteriores. Partindo de Barra de Navidad, em 1542, sob o comando de Ruy López Villalobos (The Kahimyang Project, 2024). Os marinheiros alcançaram a ilha de Mindanao em 1543, e tentaram estabelecer uma colônia em Sarangani, mas, por falta de suprimentos adequados, foram forçados a seguir viagem para Tidore, onde foram capturados, assim como seus predecessores, pelos portugueses. Na prisão, o capitão Villalobos morreu. No entanto, o maior mérito do empreendimento foi ter batizado o local de *Islas Filipinas*, em homenagem ao futuro rei (na época, príncipe e primogênito de Carlos I) (Francia, 2014). Curioso mencionar que, originalmente, “Felipinas”, com e, era somente o nome de uma das ilhas, mas a nova designação se popularizou a

passou a ser utilizada para dar nome a todo o arquipélago, bem como o futuro país (The Kahimyang Project, 2024). O nome dado pelos colonizadores persiste e resiste, sobrevivendo até a tentativas recentes do governo para muda-lo, como abordaremos no capítulo 2.2.

Sempre tendo em mente nossa própria história, o que aconteceu nas Filipinas foi o inverso da colonização das terras brasileiras. Originalmente, a região do arquipélago no sudeste asiático pertencia, em teoria, aos portugueses. Constantes enfrentamentos entre as duas nações, como descritos acima, continuaram a acontecer, até que os espanhóis conseguissem estabelecer uma colônia bem-sucedida (Britannica, 2024).

Sigamos agora para a quarta e última grande expedição, aquela responsável por, efetivamente, iniciar a colonização que viria a durar longos 333 anos. O comandante da frota foi o basco Miguel López de Legazpi, que havia chegado ao México em 1530 e prosperado na colônia norte-americana. A missão de Legazpi, como todas as outras, era assegurar uma base no sudeste asiático e estabelecer uma rota segura, sem interferência dos portugueses, até o México, levando importantes recursos (Francia, 2014).

Uma contextualização histórica que é necessária para embasar o fato de que mais uma missão partir em direção às Filipinas, mesmo com tantas mortes e naufrágios prévios, tem uma explicação bastante prática. Francia nos mostra que:

Como os outros aspirantes a conquistadores, Legazpi seria ricamente recompensado com dinheiro, concessões comerciais e terra. No acordo entre o monarca espanhol e os conquistadores, a Coroa reservava alguns direitos nas colônias, enquanto os exploradores usufruíam dos espólios da conquista. Portanto, o desejo por riquezas e prestígio forneciam poderosos incentivos para os homens que se submetiam a tão perigosas expedições, tais como as enviadas pela corte real. (Francia, 2014, p. 50)<sup>47</sup>.

---

<sup>47</sup> “As with the other would-be conquistadors, Legazpi would be richly rewarded with money, trade concessions, and land. In the agreement between the Spanish monarch and the conquistadores, the Crown reserved certain rights in the colonies while the latter enjoyed the spoils of conquest. Thus, the desire for riches and prestige furnished powerful incentives for the men who undertook such dangerous expeditions, as they did for the royal court”.

Ou seja, muito mais do que somente uma oportunidade de catequização, de expandir a fé ou derrotar infiéis (como os muçulmanos eram vistos), a intenção clara desses aventureiros era a riqueza material, terrena, e a notoriedade. As palavras de Francia nos remetem, mais uma vez, à teoria de Loomba (1998), e como as navegações foram imensamente responsáveis pela expansão do capitalismo incipiente da Europa, para todos os confins do mundo. O próprio Fernão de Magalhães, em sua jornada, conseguiu que um trecho importante do planeta ganhasse o seu nome (Stucke, 2017). Isso explica, em parte, a motivação de tantas e tantas pessoas que arriscaram seu destino ao lançarem-se ao mar. No capítulo 3, no qual trabalharemos imigração, veremos mais motivos que levam pessoas a abandonar seus locais de nascimento. Especialmente os personagens dos livros abordados por este estudo.

A frota capitaneada por Legazpi zarpu de Barra de Navidad, em 1564. Andrés de Urdaneta, o mesmo a sobreviver à primeira expedição pós-Magalhães, foi convencido a abandonar sua aposentadoria em um monastério mexicano e juntar-se ao time rumo, novamente, a Cebu. Junto a Urdaneta, havia outros seis religiosos da Ordem de Santo Agostinho, a primeira a se envolver no processo efetivo de cristianização do arquipélago (Francia, 2014). Para Nadeau (2008), a chegada do Ordem agostiniana “marcou o início da longa colaboração entre a Coroa e a Igreja na colonização das ilhas” (p. 36)<sup>48</sup>. Ainda de acordo com a autora, os agostinianos foram seguidos pelos franciscanos (1577), Jesuítas (1581), dominicanos (1605) e recoletas (1606). Do ponto de vista da Igreja, e tendo em mente que as Filipinas são hoje o terceiro maior país católico do mundo (atrás do Brasil e México) (Philippine Statistics Authority, 2024), a relação foi um êxito retumbante. A religião católica é tema frequente das narrativas.

Em *America is Not the Heart* (2018), religião é recorrente, e vemos vários sinais de sincretismo. O capítulo escrito sobre a personagem Paz, na segunda pessoa, comenta dessa mistura, com prevalência do catolicismo:

Você e seus irmãos foram todos criados católicos, apesar de sua mãe ser uma *bruha* e curandeira conhecida em Mangaldan. Na sua família,

---

<sup>48</sup> “Marked the beginning of the long collaboration between the Crown and the Catholic Church in the colonization of the islands”.

o catolicismo é um simples culto de personalidade: tudo era sobre a Virgem (Castillo, 2018, p 23)<sup>49</sup>.

A passagem acima traz um fato consumado da cultura filipina: A importância da fé católica, mas também sua convivência com religiões pagãs e locais, assim como na sociedade brasileira. *Bruha*, como podemos imaginar, é a versão em tagalog da palavra bruja (Tagalog.Com, 2024), o que, seguido por curandeira, nos remete a práticas levadas a cabo sem abandonar a religião imposta pelo colonizador.

A fé enquanto denominador comum das Filipinas e sobre ser filipino, é visto em uma rápida, porém interessante passagem no conto *Shadow Families*, de Mia Alvar (2015). A imigrante Baby, que trabalha como empregada em Bahrein, insiste em se comunicar em inglês com seus compatriotas, não em tagalog ou outra língua nativa das Filipinas, mesmo sem dominar a língua inglesa. Ao questionar se um homem por quem se interessou poderia ter mais de uma mulher (por morar em um país muçulmano) recebe uma discreta e direta lição de sua colega Vilma Bustamente: “ele é católico, como você. Um *kababayan* (...)” (Alvar, 2015, p. 99).

Em apenas duas frases, a personagem Vilma mostra a Baby que, por mais que ela tente parecer americana (por ser filha de um estadunidense a quem nunca conheceu), a sua identidade é inescapável. Ela é católica, como a vasta maioria dos filipinos. E, para completar o choque de realidade, ela diz que o homem é um *kababayan*, palavra em tagalog que significa “compatriota”, “concidadão” (Tagalog.Com, 2024). Em outras palavras, usando uma simplificação que nos auxilia no estudo deste capítulo: Ser *kababayan*, entre outras coisas, significa ser católico.

Já na obra de Ortile (2018), ser católico ou vir de um entorno católico é motivo de opressão e, mais tarde, resistência. Comentando sobre a legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo nos EUA, o autor-narrador retorna às raízes do seu país de origem:

Para Mia e eu, como imigrantes marrons e queer, ter um casamento entre duas pessoas do mesmo sexo seria um gesto impactante, com respeito à nossa cultura filipina católica. É menos uma escolha

---

<sup>49</sup> “You and your siblings were all raised Catholic, although your mother is a well-known bruja and a faith healer in Mangaldan. In your family, Catholicism is a simple cult of personality: Everything was about the Virgin”.



religiosa do que punk, alavancar o casamento sagrado contra o sistema que nos marginalizou por tanto tempo (Ortile, 2020, p. 315)<sup>50</sup>.

Para Ortile, o casamento igualitário é uma afronta à cultura na qual foi criado, mesmo que ele diga repetidamente que recebe suporte da mãe quanto à sua sexualidade. Há um peso, solidificado por séculos de colonização espanhola e evangelização forçadas, de que ser gay é ser anti-católico. Portanto, ser gay acaba sendo anti-filipino.

De volta à frutífera expedição de Legazpi, sabemos hoje que ela traria dividendos comerciais, culturais, religiosos e até literários. Começando em 1565, como retorno de Urdaneta ao México, nasceu uma rota comercial que ligaria os países por séculos adiante (Francia, 2014). A Embaixada do México nas Filipinas se refere a essa rota como “uma importante contribuição para a economia mundial ao unir três continentes – Américas, Europa e Ásia”<sup>51</sup> (Embajada De México En Filipinas, 2024).

Samuel K Tan (2008) nos explica em termos claros a importância da relação econômica que passou a ocorrer entre Espanha e Filipinas, passando por Acapulco. Antes da colonização, os portos das milhares de ilhas filipinas eram abertos e marcados por liberdade e reciprocidade. O arquipélago estava aberto a todas as embarcações chinesas, indianas e do sudeste da Ásia. “Havia não apenas liberdade de comércio, mas também uma dinâmica interação entre os povos” (TAN, 2008. P. 58)<sup>52</sup>. Não obstante, após o estabelecimento do monopólio espanhol, permitido apenas entre os dois portos citados (Manila e Acapulco) afetou e acabou por destruir dinâmica natural filipina de trocas e comércio com o exterior (Tan, 2008).

Nada do que vimos até então fora accidental. Como toda metrópole, Madri queria canalizar os recursos da nova colônia, de maneira a diminuir as perdas para seus cofres. Os galeões de Manila serviam como uma espécie de tubulação, que levava riqueza e trazia produtos. Metaforicamente, serviu como um cordão umbilical que foi forçado na gestação do novo domínio.

---

<sup>50</sup> “For Mia and me, as queer brown immigrants, to have a same-sex wedding would be an impactful gesture with respect to our catholic Filipino culture. It’s less a pious choice than it is punk, to leverage sacred marriage against the system that have marginalized us for so long”.

<sup>51</sup> “An important contribution in the economy of the world by uniting three continents – Americas, Europe, and Asia”.

<sup>52</sup> “There was not only freedom of commerce but also a dynamic interaction between peoples”.

Ainda no funcionamento do monopólio, Tan (2008) explica que ele era exercido através de limitações à liberdade de comércio, regras muito específicas sobre as atividades comerciais locais, e a passagem de todo e qualquer embarcação internacional pelo porto de Manila facilitava a coleta dos impostos estabelecidos pelos espanhóis.

Trazemos agora um ponto que seria uma das sementes da insatisfação dos colonos, e levaria à revolução filipina, bem como os movimentos separatistas de quase toda a América hispânica. Nas palavras de Tan:

A única participação que os nativos tinham era prover serviços como remadores e outras necessidades laborais. Os privilégios ou direitos de investimento eram reservados aos espanhóis, especialmente membros das ordens religiosas que quase monopolizaram os benefícios do colonialismo. Tais privilégios no comércio dos galeões eram obtidos através de *boletas*, que permitiam aos investidores certo espaço no navio (Tan, 2008, p. 58)<sup>53</sup>.

Os espanhóis tinham, nas suas colônias, precedência sobre os locais, sobre os *mestizos*. Isso causava inequidades que se somariam ao longo dos séculos e levaria a revoltas que terminaram por encerrar os laços coloniais.

Um documento datado de aproximadamente 1590 traz um pouco da realidade da época, e descreve, em espanhol e, presume-se, *para* os espanhóis, a realidade das ilhas locais. Conhecido como *Manila Codex* ou simplesmente *Boxer Codex*<sup>54</sup>, traz diversas ilustrações com relação aos povos da época, da região de Manila e do sudeste asiático como um todo. A autoria não foi, até os dias atuais, atribuída a uma pessoa em específico, mas suspeita-se que o conjunto de imagens e textos fora produzida como uma coletânea criada por inúmeros autores Ibéricos, como explica o historiador sueco Hans Hägerdal (2024), para o International Institute for Asian Studies, dos Países Baixos.

---

<sup>53</sup> “The only participation the natives had was to provide services as oarsmen and other labor needs. The privileges or rights of investment were confined to the Spaniards, especially members of the religious orders who almost monopolized the benefits of colonialism. Such privileges in the galleon trade were obtained through the *boletas*, which allowed investors certain space in the ship”.

<sup>54</sup> A diferença nos nomes deve-se a uma homenagem ao historiador Charles Ralph Boxer, que descobriu o documento em 1947. Já no nome com referência à capital, é justamente por ser a região onde o documento fora criado (HÄGERDAL, 2024)

Além de ser uma fonte importante de dados sobre uma época pouco conhecida, encontramos no *memoir* de Ortile uma referência ao codex. Para o autor-narrador, as informações pré-hispânicas ali contidas são um motivo de orgulho. Ao citar o *Barong Tagalog*, uma camisa de manga comprida social e típica da região, Ortile diz que:

A vestimenta evoluiu de roupas pré-coloniais, como ilustrado no Manila Manuscript, um codex que data de ao redor dos anos 1590. Ele descreve como os grupos étnicos locais pareciam para os colonizadores espanhóis. O manuscrito diz que o status social dentre os nativos era codificado por cores. Por exemplo, azul era a cor da nobreza, enquanto vermelho era reservado para a realeza. Eu vi estas ilustrações pela primeira vez numa espiral de wikipedia sobre história filipina. Eu havia terminado a faculdade e me mudado para Nova York, me sentindo desconectado, especialmente da minha pátria-mãe. Então eu fiquei extasiado ao aprender sobre o manuscrito, ao ver quão vívida ainda era a tinta, mesmo meio milênio depois, digitalizado em um arquivo de biblioteca. Aqui estavam meus ancestrais, catalogado como animais, mas mesmo assim galantes, adornados em suas sedas e brandindo suas espadas. Quão orgulhosos eles pareciam, armados com jóias e pingando ouro, opulente. (Ortile, 2020, p. 2)<sup>55</sup>.

A passagem do livro de Matt Ortile trata de diversos aspectos em apenas um parágrafo. Primeiramente, ele só descobriu uma parte do passado do seu próprio país, sua pátria-mãe, ao viver nos Estados Unidos, tão distante. Há uma referência aos status sociais existentes na sociedade pré-hispânica e imediatamente após a chegada dos ibéricos, e uma referência aos tipos de castas existentes no local, como Nadeau (2008) já havia citado.

Ao dizer que estava se sentindo desconectado, naquele momento, Ortile ressalva, mesmo que indiretamente, a necessidade de pertencimento que todos temos, enquanto seres sociais. Ver seus antepassados, em cores, mesmo que não

---

<sup>55</sup> “The garment evolved from precolonial clothing, as illustrated in the Manila Manuscript, a codex that dates to about 1590. It describes how local ethnic groups appeared to their Spanish colonizers. The manuscript says social status among natives was color-coded. For example, blue was the color of the nobility, while red was reserved for royalty. I first saw these illustrations in a Wikipedia spiral about Filipino history. I’d just finished college and moved to New York, feeling untethered, particularly from my homeland. So I was ecstatic to learn about the manuscript, to see how vivid the ink and pain were still, even half a millennium later, digitized in a library archive. Here were my ancestors, catalogued like animals, but gallant nonetheless, draped in their silks and wielding their swords. How proud they looked, armed with jewelry and dripping gold, opulent”.

fosse ao vivo, deu a ele um forte sentimento de pertencimento, de orgulho das suas raízes. A observação ácida, de que seus antepassados eram catalogados como animais, ainda que galantes (ou seja, mantendo sua dignidade), nos parece uma crítica à colonização e uma referência à resistência. Lá estavam eles, sendo representados e catalogados como gado, mas mesmo assim mostrando ao mundo o que tinham de melhor.

Ao estabelecer a nascente colônia, coube a Legazpi usar a experiência acumulada por seus compatriotas na ocupação das Américas, e embasou-se também em decretos trazidos consigo de Madri, para estabelecer-se permanentemente em Cebu. Não obstante, os rivais portugueses não tardaram a chegar para clamar o território que consideravam seu por direito. Assim, o conquistador espanhol foi obrigado a mudar-se para ilha de Panay, próxima a Cebu mas mais facilmente defensável (Francia, 2014).

Retomando o estabelecimento de Legazpi, que havia encontrado uma nova morada no arquipélago, sabemos que o explorador estava próximo do maior assentamento do arquipélago, *Maynila*, controlado pelo *datu* muçulmano Rajah Suleiman. Houve tentativas de aproximação do representante espanhol com o líder muçulmano, mas elas não avançaram e rapidamente escalaram para guerra aberta (Nadeau, 2008). Para Legazpi, a intenção era usar *Maynila* como entrada para ricas regiões mais ao sul, em especial o maior reservatório de água doce de toda a região, o lago atualmente chamado de Laguna de Bay (Francia, 2014).

O próximo passo já envolve o sucessor de Legazpi no controle da incipiente colônia. O governador-geral Guido de Lavezaris liderou a guerra aberta contra o *balangay* de *Maynila*, e o que se sucedeu foi uma série de barbaridades, incluindo a ordem, por não uma, mas duas vezes, para que o *balangay* fosse queimado e totalmente destruído. Por fim, entre batalhas e reconstruções, além de um levante local contra o jugo espanhol, *Maynila* foi finalmente subjugada em 1572 (Limos, 2019).

Necessário apontar que, mesmo com a queda de *Maynila*, a presença dos muçulmanos no arquipélago não foi extirpada. Mindanao e Sulu, ao sul da ilha, nunca foram totalmente subjugadas pela Coroa (Britannica, 2024).

Um detalhe que pode passar despercebido, não fosse este um estudo sobre literatura e resistência cultural, é que uma das primeiras ordens da Coroa, após a tomada de posse do *balangay*, foi que o nome fosse simplificado para Manila, e não

mais *Maynila* (Francia, 2014). Essa atitude, por mais simbólica que seja, é outro exemplo claro da aniquilação cultural do povo dominado. Contudo, apagar uma história de centenas ou milhares de anos não é tão simples como omitir letras. Algumas palavras de Edward Said (2007) se encaixam perfeitamente neste ambiente conturbado de resistência. Diz o estudioso que “o que nossos líderes e seus lacaios intelectuais parecem incapazes de compreender é que a história não pode ser apagada, que ela não fica em branco como uma lousa limpa” (p. 14). A existência humana é escrita num palimpsesto de histórias, que jamais serão apagadas. O *poder* jamais será maior que o *ser*.

A tentativa de apagamento da população seguiu. Com o estabelecimento da colônia de Manila, foi decretado que a nova cidade, a ser construída nos moldes europeus, só poderia ser habitada por hispânicos. Todos os outros cidadãos foram obrigados a sair da região (Nadeau, 2008). A nova região, com o nome de O Novo Reino de Castilla, incluiria Luzon, as ilhas de Visayas e partes de Mindanao. Curiosamente, o nome “Filipinas” era mais simples e foi o que resistiu (Francia, 2014).

Ao contrário das colônias americanas, onde as riquezas eram abundantes e facilmente acessíveis, como prata, ouro, etc, as Filipinas eram vistas como um entreposto, uma região de acesso ao comércio de especiarias, até então fortemente dominados por Portugal e Países Baixos (Nadeau, 2008). Em outras palavras, é possível entender que a região não era considerada prioritária para Madri. De fato, houve mesmo a discussão se valeria a pena o investimento de manter a ocupação das ilhas. Francia (2014) diz que foi necessária a intervenção direta de Legazpi, o conquistador inicial, para convencer o rei Felipe II a manter a colônia. Além disso, houve também pressão dos religiosos católicos, que persuadiram o rei a manter a região como uma base para incursões missionárias ao continente asiático, e para a própria ambição [espanhola] de expandir seu império ao largo do oriente”<sup>56</sup> (Francia, 2014, p. 56)

Sobre o funcionamento da colônia, em si, é necessário reforçar que ela era comandada através da Nova Espanha (atual México). Não é possível entender as Filipinas enquanto parte da colonização espanhola, sem ligá-las ao México. Além dos galeões citados previamente, o arquipélago passou a ser administrado como parte do

---

<sup>56</sup> “A base for missionary forays to mainland Asia, and by its own ambition of extending its empire throughout the East”.

vice-reinado do México, justamente por ser mais próximo da América do Norte do que da península Ibérica (Nadeau, 2008). Essa relação, que durou até a independência da colônia norte-americana, em 1821, pode ser entendida como uma “colônia colonial”, o que reduz a importância das Filipinas dentro do império espanhol, mas reforça laços identitários entre os *pinoy* e mexicanos, a serem abordados ao longo dos capítulos 3 e, principalmente, 4.

Um sistema que é fundamental para entendermos o funcionamento do arquipélago durante o controle espanhol é aquele de *Encomiendas*. Ao contrário do que tínhamos no Brasil, com as capitânicas hereditárias, as *Encomiendas* não eram subdivisões do território para administração, mas um sistema de funcionamento muito similar ao feudalismo (Nadeau, 2008). Era uma forma “através da qual a coroa espanhola tentou definir o status da população indígena. Foi baseado na prática de cobrança de impostos sobre judeus e muçulmanos durante a Reconquista” (Britannica, 2024)<sup>57</sup>.

De maneira a aprofundarmo-nos neste importante aspecto da divisão colonial espanhola no arquipélago, enquanto garantimos uma diversificação de fontes investigativas, faremos uso das palavras do escritor e historiador filipino, Samuel K. Tan (1933-2022), em seu livro *A History of The Philippines* (2008).

Apesar de as *encomiendas* não serem uma concessão de terras *per se*, elas eram, contudo, um sistema de distribuição de terras que gerou grandes benefícios para os oficiais da colônia, bem como as instituições envolvidas. O sistema garantiu a *encomenderos* ou instituições alguns direitos e privilégios sobre um pedaço de território incluindo os habitantes dele, por um período de tempo, normalmente por duas ou três gerações. O compartilhamento da produção da terra e a coleta de impostos eram determinados pelos *encomenderos*, apesar de que, teoricamente, instruções reais deveriam reger as relações nas encomendas. Já que o sistema era uma forma de reconhecer e premiar pessoas e instituições por suas contribuições aos propósitos coloniais, os habitantes nativos, cujo bem-estar era ordenado pela Coroa, foram explorados em muitas maneiras para o benefício dos *encomenderos*. (Tan, 2008, p. 56)<sup>58</sup>.

---

<sup>57</sup>“By which the Spanish crown attempted to define the status of the indigenous population. It was based upon the practice of exacting tribute from Muslims and Jews during the Reconquista (“Reconquest”) of Muslim Spain”.

<sup>58</sup> “Although the encomienda was not a land grant *per se*, it was, however, a system of land distribution that brought greater benefits to the colonial officials and institutions involved. The

Muito pode e deve ser apreendido pela citação de Tan. Primeiro de tudo, há a diferenciação entre as *Encomiendas* e *Haciendas*. Para os autores pesquisados, a segunda era, de certa maneira, uma evolução da primeira (Nadeau, 2008; Francia, 2014), e não será coberta por este estudo. O mais curioso do sistema é a sua natureza. Os *encomenderos* tinham controle temporário sobre um território e os nativos que nele habitavam. Isso nos faz crer em tamanha presunção de superioridade da metrópole que os nativos eram meros recursos locais a serem adicionados. Muito como hoje veríamos a concessão de uma fazenda com um certo número de cabeças de gado (o que também, esperamos, será um dia visto também com crítica).

Na parte que consta sobre como a Coroa deveria ordenar a relação, Francia (2014) lembra que os nativos eram tratados como vassallos da Espanha, e deviam obediência, tributo e trabalho forçado a um encarregado. O representante, agindo como “pequeno rei”<sup>59</sup> (p. 57), era responsável por instruir os indígenas na fé católica e na língua castelhana. Contudo, os “pequenos reis” gozavam de todos os privilégios sem necessariamente cumprir suas obrigações, recorrendo a punições físicas quando a produção dos *indios*<sup>60</sup> ficava aquém do esperado. Todo esse tratamento tirânico por parte dos *encomenderos* era possível, entre outros motivos, por conta da colossal distância entre a sede colonial e até mesmo ao centro de poder mais imediato, o México (Francia, 2014).

Os tributos recolhidos eram utilizados para pagar a instrução recebida, o custeio da vida do encarregado, e claro, também prover a coroa com mais uma fonte de renda (Britannica, 2024). O que vemos aqui é uma forma mal disfarçada de escravidão, que envolvia vários níveis, sempre passando pelo preconceito com os não-cristãos e uma inerente e abjeta sensação de superioridade cultural.

---

system allowed the *encomenderos* or institutions certain rights and privileges over a piece of territory including the inhabitants therein for a certain period of time, usually up to two or three generations. The sharing of land produce and the collection of dues were determined by the *encomenderos* although, theoretically, royal instructions should govern relations in the *encomienda*. Since the system was a way of recognizing and rewarding persons and institutions for their contributions to colonial purposes, the native inhabitants, whose welfare was enjoined by the Crown, were exploited in many ways for the personal benefits of the *encomenderos*”.

<sup>59</sup> “Petty king”

<sup>60</sup> Os nativos, como já mencionado, eram chamados de *indios*. Sempre que utilizados neste texto, o termo deve ser entendido como uma crítica à visão opressora e míope da sociedade colonial sobre os locais.

Os nativos que viviam nas *encomiendas* eram obrigados a pagar tributos, aqueles entre 19 e 60 anos de idade (Nadeau, 2008). Quando se leva em consideração a expectativa de vida de 300 anos atrás, entende-se que a obrigação era, na prática, vitalícia.

Ainda com relação ao tratamento dado aos nativos (escravizados, *de facto*), mencionado, *en passant*, por Tan, Luis Francia fala sem rodeios. Para o autor, os abusos eram tanto e tão fartos “que as populações locais terminaram empobrecidas e degradadas – sob condições muito diferentes daquelas experimentadas na vida prévia à dominação espanhola”<sup>61</sup> (Francia, 2014, p. 60). Ou seja, o rolo compressor colonial vinha, a todo vapor, para destruir o que já havia e criar uma nova realidade, baseada nas suas próprias convicções e credos.

Para finalizarmos o entendimento sobre as *encomiendas*, estabelecendo seu lugar dentro da história filipina, é importante reforçar que elas, com todos os seus defeitos e atrocidades, foram as efetivas responsáveis pela estruturação do arquipélago como uma extensão do império espanhol e, junto como a religião, eram uns dos pilares que sustentavam o sistema colonial da região. Somente durante o governo de Legazpi, 143 *encomiendas* haviam sido distribuídas, e o número continuou a aumentar com o seu sucessor (Francia, 2014).

Como mencionado em parágrafos anteriores, a religião fora basilar para o funcionamento da colônia, e traz ramificações até os dias de hoje. Passemos, então, a esmiuçar a presença da Igreja no arquipélago durante o jugo espanhol.

Não é possível compreender a ocupação e *hispanificação* das filipinas sem passarmos diretamente pelo sistema religioso que regia o império comandado desde Madri. Para Kathleen Nadeau,

Uma das mais marcantes características do sistema colonial espanhol foi a união do Estado e da Igreja, e a Coroa espanhola investida pela Santa Sé com a missão de operar missões nas novas colônias. O Estado provia proteção militar e organização política, enquanto a

---

<sup>61</sup> “That the local populations wound up impoverished and degraded. Under conditions they now had to endure regularly and so very different from the lives they had led prior to Spanish rule”.



Igreja cuidava da consolidação espiritual do povo para mantê-los sob controle<sup>62</sup> (Nadeau, 2008, p. 34).

Essa união nos dá visão da interdependência entre as partes. Não existia Igreja sem a mão pesada do Estado, nem Estado sem o controle espiritual de Roma. O entrelaçamento era tanto que muitos dos membros de ordens religiosas recebiam *encomiendas* a administrar, o que aumentava ainda mais seu poder e influência (Francia, 2014).

Das estruturas que constituíam a colônia, uma em específico merece atenção. Como a população local era desmedidamente maior que a de colonizadores, o governo de Madri reorganizou os *balangays*, retirando deles a autonomia, reorganizando-os e consolidando-os, de maneira a criar novos *pueblos* (Nadeau, 2008). O processo era chamado de *reducción*, e é definido como

Uma comunidade indígena<sup>63</sup> estabelecida sob autoridade real ou eclesiástica, para facilitar a colonização. Povos originários, muitos dos quais viviam em pequenas vilas ou vilarejos antes do contato com europeus, foram relocados forçadamente para esses novos assentamentos. Nas *reducciones*, missionários jesuítas e outros administradores coloniais tentaram converter indígenas ao cristianismo e ensiná-los melhores formas de cultivo da terra e formas simples de arte. Os indígenas viviam sob um restrito regime e eram obrigados a contribuir com seu trabalho e em vários empreendimentos agrícolas e de construção. Algumas *reducciones* eram comandadas localmente por caciques indígenas, ou chefes, ao invés de europeus (Britannica, 2024)<sup>64</sup>.

---

<sup>62</sup>“One of the most striking features of the Spanish colonial system was the union of church and state, the Spanish Crown having been vested by the Holy See with the charge of operating the missions in the new colonies. The state provided the military protection and political organization, and the church took care of the spiritual consolidation of the people to keep them under control”.

<sup>63</sup> Originalmente, o termo usado pela Encyclopedia Britannica é Indian, que seria traduzido, literalmente, como “índio”. Porém, para respeitarmos convenções sociais atuais, em voga no ano de escrita deste estudo, 2024, preferimos traduzí-lo como indígena.

<sup>64</sup>“An Indian community set up under ecclesiastical or royal Authority to facilitate colonization. Native peoples, many of whom had lived in small villages or hamlets before contact with Europeans, were forcibly relocated to these new settlements. At *reducciones*, Jesuit missionaries and other colonial administrators attempted to convert Indians to Christianity and to teach them better farming methods and simple crafts. The Indians lived under a strict regimen and were required to contribute their labour to various agricultural and construction enterprises. Some *reducciones* were ruled locally by Indian *caciques*, or chiefs, rather than Europeans”.

Enquanto as *encomiendas* eram um sistema com foco na área e a economia, as *reducciones* eram ferramentas práticas na catequização, estruturação e subjugação da população local. Em outras palavras, as duas estruturas trabalhavam juntas para a completa aniquilação da população originária, com o intuito de transformá-la numa extensão do império de Madri.

Se nas Américas as *reducciones* eram um trabalho conjunto entre a Coroa e a Igreja, Francia (2014) nos diz que nas Filipinas ocorreu de maneira diversa. Para o autor, no arquipélago, “os frades ficaram com a parte mais pesada do fardo”<sup>65</sup>. Entendemos que isso advenha da distância da metrópole e a já abordada falta de importância econômica explícita que as Filipinas tinham, dentro do grande esquema imperial.

Na parte da explicação dada por Nadeau, há o fato de que algumas *reducciones* eram comandadas por caciques locais, ou líderes dos *barangay*. Mais uma vez Francia (2014) nos esclarece um ponto importante. Esse incentivo era apoiado com títulos e honrarias outorgadas a esses *datos*. Por fim, se todo esse suporte para a relocação das populações falhasse, os frades, apoiados pelos soldados, recorriam à violência.

Todas essas informações nos ajudam a encaixar alguns pedaços do quebra-cabeças do processo colonizatório e, do ponto de vista espanhol, civilizatório das Filipinas. Abordamos, com as restrições esperadas pelo escopo deste estudo, os motivos que levaram à ocupação das ilhas, as tentativas de ocupação, os conflitos religiosos com os originários, bem como a estrutura administrativa dispensada pela Espanha. Urge agora abordarmos aspectos que continuem a auxiliar-nos na compreensão da formação do país ao qual nos dedicamos nesta tese.

Um dos povos que tem maior influência ao longo de toda a história do arquipélago, por diversos fatores (entre os quais o tamanho de sua população, sua posição geográfica, primazia econômica e militar) é o chinês.

Como já estabelecemos, a relação entre as duas regiões data de séculos antes da chegada dos europeus, e a influência chinesa sobre os filipinos é sentida desde o início da ocupação humana das ilhas (vide introdução e capítulo 1.1). Graças à imigração em massa dos vizinhos ao norte, rapidamente a população espanhola foi

---

<sup>65</sup> “Friars shouldered the lion’s share of the burden”.

ultrapassada pela chinesa, causando grande desconforto entre os espanhóis e muita desconfiança de tudo o que viesse da China (Francia, 2014). Houve, por isso, forte tentativa de controle dessa população por parte da potência colonial (Minority Rights Group, 2024).

Em uma interessante ironia do destino, houve um momento que a Coroa proibiu qualquer imigração vinda da China (Francia, 2014). A ironia está, justamente, como veremos mais adiante, no capítulo 3, que os filipinos seriam, no futuro, proibidos ou limitados na sua imigração aos Estados Unidos, séculos mais tarde. Essa constante relação entre a ameaça da imigração e o medo do Estado dos forasteiros é uma constante na história da humanidade, mas cremos ser uma boa forma de ilustrar as complexas relações entre o povo filipino e o exterior.

Há também uma antiga relação entre o arquipélago e outro poderoso vizinho, o Japão. Mais além da ocupação nipônica durante a Segunda Guerra Mundial, que será abordada no próximo capítulo, é notória a presença japonesa nas ilhas (apesar de menos numerosa que a chinesa), especialmente nas áreas de Paco e Bulacan (Nadeau, 2008; Francia, 2014).

No século XVII, a cristianização trazida pelos europeus já era uma preocupação para os governos locais. No Japão, o *Shogun* Toyotomi Hideyoshi (1543-1616) fechou as fronteiras para os *gaijin* (estrangeiros) e proibiu, sob pena de morte, a conversão ao cristianismo. Isso levou alguns cristãos do país a emigrarem para as Filipinas, principalmente na região de manila, para poderem professar sua religião com liberdade (Francia, 2014).

Avançando e sempre escolhendo, deliberadamente, aspectos para a completude desta pesquisa, passemos a um evento que mudou para sempre a direção das colônias filipinas: a independência do México em 1821.

Como previamente mencionado, os Galeões de Manila (a linha exclusiva de comércio entre as Filipinas e o mundo, passando pelos portos de Manila e Acapulco, no México) “seriam uma das tábuas de salvação da economia da nova colônia por dois séculos”<sup>66</sup> (Francia, 2014, p. 50).

Sendo o monopólio comercial a “tábua de salvação” bicentenária para as Filipinas, é possível imaginar a influência da separação do México das fileiras coloniais

---

<sup>66</sup> “Would be the new colony’s financial lifeline for two centuries”

espanholas. O primeiro efeito imediato foi a transferência do controle de Manila para Madri (Francia, 2014), a absurdos 11649 km de distância. Era preciso, agora, encontrar novas rotas e recalcular as estratégias. Isso permitiu, nesta crise, o fortalecimento dos laços entre as Filipinas e a Espanha.

Mais especificamente, Nadeau (2008) nos diz que:

Mudanças políticas e econômicas na Europa começando no século XVIII afetaram as Filipinas. A Revolução Industrial começou na Inglaterra e estendeu-se e transformou a Europa em nações altamente produtivas e consumidoras de recursos, competindo por novas fontes de matérias primas e mercados para seus produtos excedentes. Isso incentivou a Espanha a reestruturar a economia filipina promovendo exploração madeireira, mineração e monocultura para exportação, o que acelerou a integração da economia local ao sistema de mercado europeu. (Nadeau, 2008, p. 34)<sup>67</sup>.

Vemos, na citação acima, fortes sinais do processo que unificou um conjunto de ilhas heterogêneas em um país centralizado, com o poder emanando de Manila, como acontece até hoje. Talvez com a contínua perda de outras colônias, ao longo do século XIX, a Coroa tenha tido que usar mais inteligentemente os recursos e terras à sua disposição.

Um aspecto curioso e culturalmente cruel da história das Filipinas inclui mais uma tentativa grosseira de apagar a identidade pré-hispânica. Em meados do século XVIII, a Coroa tentou uniformizar os sobrenomes do arquipélago, especialmente daqueles que não possuíam nomes de família. Em suma, foi publicado um livro que trazia os sobrenomes aceitáveis, e diferentes regiões da colônia receberam páginas específicas do documento, limitando ainda mais as escolhas dos nomes a serem utilizados. Assim, “até hoje, há muitas famílias em cidades provincianas que compartilhem a mesma primeira letra do seu sobrenome” (Ichimura, 2019)<sup>68</sup>. Conforme uma decisão aleatória e arbitrária de um governo situado a milhares de quilômetros

---

<sup>67</sup> “However, economic and political changes in Europe beginning in the eighteenth century affected the Philippines. The Industrial Revolution begun in England extended and transformed Europe into highly productive and resource consuming nations competing for new sources of raw materials and markets for their surplus products. This cued Spain to restructure the Philippine economy by promoting logging, mining, and mono-cropping for export, which hastened the integration of the local economy into the European market system”.

<sup>68</sup> “To this day, there are many families in provincial towns that share the same first letter in their surname”

de distância, cidades inteiras tiveram que escolher, por exemplo, nomes de família que começassem com a mesma letra. Isso nos soa como desdém e outro exemplo hediondo da supremacia cultural. Contudo, a resistência cultural sempre é presente, e Ichimura (2019) explica que nem todos se submeteram à mudança.

Outras questões práticas também trouxeram mudanças significativas para a vida no país. Com a construção do canal de Suez, em 1869, houve uma impressionante redução do tempo de viagem entre a metrópole e a colônia. Se, antes, a viagem de Manila a Madri durava entre 3 e 4 meses, com a maravilha da engenharia que conectou o Mediterrâneo ao Mar Vermelho, a jornada foi reduzida para (até então) inacreditáveis 5 semanas (Francia, 2014). Trajetos mais curtos nos fazem crer em laços mais fortes. E Kathleen Nadeau (2008) reforça nossa teoria ao dizer que “a conclusão do Canal de Suez em 1869 abriu novas oportunidades para uma ambiciosa e emergente classe de filipinos para continuarem e aprofundarem sua educação em casa ou no exterior (p. 34)<sup>69</sup>. Além disso, temos a semente para uma elite intelectual na ilha, representada em especial por José Rizal, oftalmologista, escritor, polímata e herói nacional das Filipinas.

Nascido em 1861, em Calamba, província de Laguna, na ilha de Luzon (norte do país), José Protasio Rizal Mercado y Alonso Realonda, Rizal veio de uma família rica, dona de vastas porções de terra (Guerrero, 2012). Apesar das posses da família, Rizal sofria preconceito por ser filho de mãe chinesa e pai filipino, e nenhum dos dois havia nascido na península (Library Of Congress, 2024). Tal fato nos parece importante por mostrar que, assim como seu país, José Rizal era mestiço e deslocado. Da mesma maneira como as Filipinas são mal-acomodadas dentro da Ásia, um dos seus filhos mais ilustres também traz a mesma característica.

Educado inicialmente em Manila, em uma escola privada, o Ateneo, Rizal continuou seus estudos na universidade de St Thomas, na mesma cidade. Contudo, o polímata mudou-se para a Metrópole para fazer sua pós-graduação, na Universidade de Madri e no velho continente formou-se oftalmologista (Guerrero, 2012). A vida de Rizal nesse continente foi rica, incluindo importantes aprendizados políticos ao longo de cinco anos viajando pela Europa. Foi durante essa época que ele começou a desenvolver suas teorias e críticas sobre a forma como a Espanha e a

---

<sup>69</sup> “The completion of the Suez Canal in 1868 opened new opportunities for an ambitious and newly emerging landed class of Filipinos to further their education at home and abroad”.

Igreja controlavam seu país, pensamentos que o eternizaram e também colocaram um fim precoce à sua vida.

A importância de Rizal para as Filipinas, bem como o senso de união identitária que justifica a existência de uma nação, vem de seus escritos, em especial os romances *Noli me Tangere* (Literalmente, “Não me toque”, mas intitulado *O Câncer Social*, nas primeiras edições) e *El Filibuterismo* (título em inglês *The Reign of Greed*, ou “O Reino da Ganância”).

Começamos pelo primeiro romance, publicado em 1886. O livro tem como foco a vida de Juan Crisostomo Ibarra, um jovem filipino que retorna ao país natal após estudar na Europa. Ele se interessa por reformas sociais e pela luta contra os abusos cometidos por frades espanhóis e oficiais do governo. Contudo, ele encontra forte oposição e perseguição da elite local.

Ao longo do romance, vários personagens e tramas secundárias mostram as injustiças, corrupção e abusos que permeavam a sociedade filipina sob jugo espanhol. Há histórias das agruras de agricultores, a exploração da população nativa nas mãos do clero, bem como a opressiva administração colonial.

A história também aborda temas de traição, amor, identidade e a busca incessante por justiça social. *Noli Me Tangere*<sup>70</sup> aponta o dedo para a opressão colonial e faz um chamamento nacional para o ganho de consciência coletiva contra os abusos e pela reforma social no arquipélago.

Não surpreende que, como resultado da obra, uma óbvia ferramenta de resistência cultural e testamento do poder da literatura enquanto agente de renovação, Rizal passou a ser acompanhado de perto pelas autoridades, e seu romance foi censurado nas colônias. Contudo, algumas cópias chegaram às ilhas e rapidamente se espalharam (Library Of Congress, 2024).

Em 1891, Rizal retornou à Espanha, onde escreveu uma continuação ao romance, intitulada *El Filibuterismo*. O livro retoma a obra de 1887, e segue com a narrativa das lutas do povo filipino contra a corrupção e opressão coloniais da Espanha. O enredo acompanha a personagem Simoun, que é na verdade Crisostomo Ibarra, do primeiro livro. Após sofrer com traição e ser testemunha das injustiças

---

<sup>70</sup> O termo, em latim, significa “não me toque”, e refere-se ao primeiro encontro de Jesus e Maria Madalena após sua ressurreição. Jesus pede que Maria Madalena não o toque porque ele ainda não ascendera aos céus (The National Gallery, 2024).

cometidas pelas autoridades espanholas, Simoun se torna um joalheiro rico e busca vingança contra aqueles que o injustiçaram e oprimem seus compatriotas.

O protagonista manipula vários personagens e situações para orquestrar um violento levante contra o governo colonial, esperando despertar uma revolução e trazer mudanças à sociedade filipina. Contudo, seus planos são, no fim, frustrados, e o romance termina tragicamente, com a morte de Simoun e a perpetuação do domínio colonial.

Através das personagens e dos temas, o romance aborda as complexidades da resistência, das consequências da opressão, e dos desafios de pôr em práticas mudanças significativas em uma sociedade infestada por corrupção e injustiça. A obra serve também como uma importante crítica sobre sofrimentos do povo e continua relevante no cenário literário filipino.

Essa importância e relevância são atestadas nas palavras do historiador e professor filipino, Ambeth Ocampo, em entrevista ao *National Portrait Gallery*, do Smithsonian Institute. Para Ocampo,

José Rizal é um herói nacional das Filipinas. Então, de uma forma, você pode ter Rizal do útero à tumba, no sentido de que você pode nascer em um hospital chamado Rizal e, quando morrer, colocarem você numa funerária Rizal. Seus monumentos estão em todos os lugares. Rizal, nos 25 volumes dos seus escritos, não só nos dois romances pelos quais ele é famoso, definiu o que significa tornar-se filipino e definiu o que significa ser uma nação. Tem poesia, tem seus desenhos, tem seus recibos de lavanderia e seus tickets de loteria. E eu gostaria de pensar que José Rizal, como muitos daqueles da sua geração que foram ao exterior estudar, eles aprenderam a amar seu país mais quando estavam fora dele. Você sente falta do seu lar, sente falta da comida, sente falta da sua própria língua. Ele trabalhou na British Library em 1889, estava lendo textos do século XVII sobre as Filipinas, e se deu conta de que as Filipinas tinham uma civilização antes do período espanhol. A Espanha supostamente trouxe a cristianização, nos salvou da danação, e trouxe o alfabeto, a roda, mas Rizal descobriu que a vinda da Espanha fora na verdade uma intrusão. Pela primeira vez, ao invés de pensar sobre si mesmo como parte de um império espanhol ultramarino, ele se viu como filho das Filipinas. Ele era desse país insular e é lamentável que Rizal não viveu para ver a nação que ele imaginou. Mas sua importância reside no fato de que

ele imaginou uma nação antes mesmo de ela nascer (Amberth Ocampo *In National Portrait Gallery, 2024*)<sup>71</sup>.

O que primeiro chama a atenção na entrevista de Ocampo é justamente sua afirmação inicial, da onipresença de Rizal. Um homem tão reverenciado que inspira locais de nascimento aos de morte e, presumindo, passando por inúmeras outras instituições do país.

Logo adiante, ao incluir no conjunto da obra de Rizal tudo o que foi escrito por ele, de tickets de loteria a recibos de lavanderia, imaginamos que a intenção do historiador é mostrar que a história do herói filipino é toda fonte de inspiração. Esbarramos aqui em uma antiga discussão, mais uma vez, sobre o que é, ou não, literatura. Reafirmamos nossa crença na teoria de Eagleton e de que inúmeros tipos de linguagem podem ser literários (Eagleton, 1983). Portanto, ao continuarmos a leitura da entrevista de Ocampo, vemos que todos esses pedaços escritos de uma vida formam um mosaico que ajudou na identificação do que significa ser filipino, e daí vemos uma justificativa apta.

Quando afirma que aqueles que saíram do país provavelmente aprenderam a amá-lo mais, podemos ver uma conexão direta com a discussão de alteridade, e abrimos caminho para a abordagem que faremos sobre o *balikbayan* e sua dispersão pelo globo, levando consigo a cultura filipina, e espalhando-a pelos mais diversos locais. A pergunta que aproveitaremos para lançar e elaborar até nossas considerações finais é: Seria Rizal o primeiro *balikbayan*? Qual a importância da sua literatura para os autores expatriados ou descendentes do século XXI? O quão *rizalina*

---

<sup>71</sup> “José Rizal is a national hero of the Philippines. So, in a sense, you can have Rizal from womb to tomb, meaning you can be born in a Rizal hospital and when you die, they can put you up in a Rizal funeral home. His monuments are everywhere. Rizal, in the 25 volumes of (his) writing, not just the two novels that he's famous for, defined what it was to become a Filipino and defined what it was to be a nation. It has poetry, it has drawings, it has laundry receipts and lottery tickets. And I'd like to think that José Rizal, like many of his generation who went abroad to study, they learned to love their country more when they were out of it. You miss home, you miss the food, you miss your own language. He worked in the British Library in 1889, was reading 17th century texts about the Philippines, and he realized that the Philippines had a civilization before the Spanish period. Spain is supposed to have brought Christianization, saved us from damnation, and brought us the alphabet, the wheel, but Rizal discovered that the coming of Spain was actually an intrusion. For the first time, instead of thinking of himself as part of an overseas Spanish empire he saw himself as a son of the Philippines. He was from this island nation and it is rather unfortunate that Rizal did not live to see the nation that he imagined. But his importance lies in the fact that he imagined a nation even before it was born”.



são as obras produzidas por Mia Alvar, Matt Ortile e Elaine Castillo? Desenvolveremos respostas para estes questionamentos ao longo dos próximos capítulos, e ofereceremos conclusões, dentro dos limites elásticos das ciências humanas, nas considerações finais.

Ao afirmar que Rizal aprendeu que não era parte do império espanhol, mas sim filho das Filipinas, vemos uma importante asserção identitária, sobre o nascimento de uma identidade nacional. Algo que abordaremos mais detalhadamente no capítulo 4, sobre raça e identidade nas Filipinas. Já com relação ao fato de o polímata não ter vivido o suficiente para ver o país que ele imaginou, cremos ser um preço a ser pago pelo seu papel na história. Infelizmente, sua genialidade lhe custou a própria vida, por conta da originalidade e ousadia das suas ideias.

Sempre correndo o risco de simplificar períodos históricos pelo bem da concisão acadêmica, sigamos agora para a revolução filipina que levou à morte de Rizal, mas também permitiu que o país abandonasse as correntes do seu primeiro colonizador.

Os abusos e desmandos do poder colonial, em especial epitomados pela brutalidade da *Guarda Civil*, foi parte do que alimentou a chama da insatisfação do povo local contra a Coroa. Infrações menores, como demorar a retirar o chapéu ao saudar espanhóis, era motivo para violência (Nadeau, 2008). Francia conta uma passagem em que o próprio Rizal foi vítima da mão pesada do Estado colonial:

Em uma carta Rizal escreveu sobre ser atacado e ferido uma noite escura pela *Guardia Civil*, por ter passado por uma estátua e não saudá-la. A estátua era do tenente-comandante do destacamento. Rizal tentou reportar a injustiça a Primo de Rivera, o governador geral da época, mas não conseguiu encontrar-se com ele (Francia, 2014, p. 103)<sup>72</sup>.

A situação vexatória experimentada por Rizal, um indivíduo *mestizo* de posses, nos faz imaginar o que era a realidade das classes mais baixas e ainda mais oprimidas. Ser obrigado a saudar uma estátua, no caso de um militar de relativa baixa

---

<sup>72</sup> “In a letter Rizal wrote of being mauled and wounded one dark night by the Guardia Civil, for having passed by a statue and failing to salute it. The statue turned out to be the lieutenant commander of the detachment. Rizal attempted to report this injustice to Primo de Rivera, the governor general at the time, but was unable to see him”.

patente, nos mostra o tamanho do desdém do colonizador com o povo colonial, e o desmedido sentimento de superioridade sobre eles. Vem à mente o costume norte-coreano de reverenciar as estátuas dos “pais da nação”, sempre obrigatório mesmo a estrangeiros visitando o país (Whitehead, 2013). Essa massificação e pasteurização de comportamento indica uma forma explícita de redução do indivíduo e valorização do todo. Contudo, no caso filipino, parece reforçar também um sistema de castas massacrantes, e que colocava, obviamente, os espanhóis no topo da pirâmide.

Após a publicação de *El Filibusterismo* (1891), imbuído do espírito irrequieto que o movia, tornou-se líder do *Propaganda Movement*, uma organização nacionalista (Nadeau, 2008) diz que, como a crítica aberta ao regime de Madri não era permitida, e os ativistas “eram impotentes para melhorar as condições no país e arriscavam prisão se expressassem suas críticas, eles publicavam sua insatisfação e aspirações através de meios literários” (p. 40)<sup>73</sup>. Ao retornar às Filipinas, em 1892, o autor fundou a *Liga Filipina*, uma sociedade dedicada à reforma política não violenta (Guerrero, 2012). A criação da liga enfureceu os espanhóis, que a consideraram subversiva e resolveram exilá-lo para a ilha de Mindanao (no sul do país). Lá, Rizal continuou a se dedicar à medicina, aos estudos diversos, como a botânica e biologia (Library Of Congress, 2024).

A revolução filipina começou, na prática, com a criação de um outro grupo, os *Katipuan* (ou, em português, “A Mais Respeitosa Associação dos Filhos do Povo”)<sup>74</sup>. Fundado por Andrés Bonifácio (1863-1897), chamado de o pai da revolução filipina (Nadeau, 2008). Ao contrário de Rizal, Bonifácio defendida a independência total e a qualquer custo, mesmo que envolvesse violência.

Se a colonização espanhola, com o passar das décadas e séculos, começou a trazer relativos avanços nas áreas de comércio, infraestrutura e comunicação (apesar de a indústria seguir em estágio embrionário), Francia (2014) diz que não houve nenhum “ganho comparável na arena pessoal e de liberdades políticas. A

---

<sup>73</sup> “Since they were powerless to improve conditions at home and risked arrest if they voiced their complaints, they publicized their grievances and aspirations through literary means”.

<sup>74</sup> “The Most Respectful Association of the Sons of the People”.

lacuna entre progresso material e liberdades civis era o que os intelectuais e visionários lutavam ferventemente para fechar”<sup>75</sup>

Ao começar a revolução, Bonifácio enviou um emissário a Rizal, de quem era grande admirador, para conseguir o apoio do polímata. Contudo, Rizal se recusou a dar suporte ao movimento, por acreditar que “o povo filipino não estava ainda preparado intelectual, política, econômica ou militarmente para a revolução” (Nadeau, 2008. p. 41)<sup>76</sup>. Ainda, Rizal não queria ser resgatado do exílio, porque ele queria manter sua palavra, já que havia prometido ao governo espanhol que não sairia de Mindanao (Nadeau, 2008).

O movimento *Katipuan* continuou a crescer lentamente, e em 1896 já contava 100 mil membros, com braços em Luzon (centro), Panay (Visayas), Mindoro (perto da capital) e Mindanao (sul) (Francia, 2014). Ou seja, o levante estava se alastrando por todo o arquipélago, o que tornava o perigo para o colonizador cada vez mais real.

A Coroa foi alertada sobre a existência dos *Katipuan* por um frade da cidade de Tondo, o que forçou Bonifácio e outros líderes a se refugiarem em Balintawak, ao norte de Manila. Dispostos a lutar pela liberdade e independência, eles tomaram uma atitude simbólica de resistência, queimando seus certificados de residência (conferidos pela Coroa), enquanto gritavam “Mabuhay ang Filipinas! Mabuhay ang mga Filipino!” (Vida longa às Filipinas! Vida longa aos filipinos!). Esse se tornou o grito de guerra pela liberdade e reverbera até os dias atuais no país (Nadeau, 2008).

Apesar de números colossais, em uma estimativa de 2000 revoltosos para cada 1 soldado espanhol, os colonizadores foram capazes de cometer massacres seguidos contra a população, graças ao armamento de qualidade muito superior ao dos locais (Nadeau, 2008).

Mesmo sendo pacifista, tendo denunciado a violência dos *Katipuan* e recusado a participação no movimento, Rizal teve sua prisão decretada pelo poder colonial sob acusações de sedição (Guerrero, 2012). O herói nacional passou por um julgamento caracterizado como “farsesco” por Nadeau (2008, p. 42) e executado por um pelotão de fuzilamento no dia 30 de dezembro de 1896.

---

<sup>75</sup> “No comparable gains had been made in the arena of personal and political freedoms. The gap between material progress and civil liberties was one the intellectuals and visionaries fervently sought to close”.

<sup>76</sup> “The Filipino people were not yet prepared intellectually, politically, economically, and militarily for revolution”.

Sua morte atiçou ainda mais os humores locais, e a revolução começou a se espalhar rapidamente para outras províncias. As batalhas seguiram de forma incendiária até um cessar-fogo ser celebrado entre as partes, em 1898, representadas pelo filipino Emilio Aguinaldo e o espanhol Fernando Primo de Rivera (Francia, 2014). Dentre as estipulações do tratado, estavam o compromisso da Coroa de não perseguir os rebeldes que entregassem as armas e pagasse indenizações às famílias de não combatentes mortos na guerra (Nadeau, 2008). Os locais não acreditaram nas promessas do colonizador, e mantiveram sua estrutura de guerra. A Espanha, por sua vez, não manteve sua palavra, não fez os pagamentos prometidos e prendeu, torturou ou matou os revolucionários que abaixaram as armas (Francia, 2014).

O que é preciso ser levado em consideração, enquanto momento histórico, é que quando da assinatura do cessar-fogo mencionado no parágrafo anterior, a Espanha já estava enfronhada em uma arrasadora guerra contra os Estados Unidos, que a fariam perder o pouco que restava do seu decadente império colonial. Contudo, a finalização da revolução filipina, bem como a guerra hispano-americana, serão tratados no próximo capítulo, de forma a melhor organizar os estudos, fazendo um corte histórico mais acurado e com maiores fontes de análise das obras. O que entendemos, até este ponto, é que a literatura *balikbayan* do século XXI (recortada por nós, para esta tese) é mais voltada ao período da colonização americana em diante, e trata a colonização espanhola como uma época distante e quase esquecida (apesar de, paradoxalmente, muito presente).

Como um aparte de relevância história e até mesmo literário, há um aspecto da morte de José Rizal que merece ser comentada. Para o Harvard Divinity School (2024), o assassinato de Rizal passou a ser reverenciado e retratado sob a lente da “Paixão de Cristo”, e, como Jesus, disseram que Rizal teria tido doze ‘apóstolos’ nacionalistas, e ele foi considerado uma figura santificada na cultura popular filipina<sup>77</sup>. Isso nos remete à ideia de Tiradentes dentro da nossa sociedade, que, muitas vezes, é tratado e retratado como um mártir de viés religioso (Veiga, 2022). Evitando julgamentos e categorizações, focando apenas no entendimento entre culturas, vemos o personagem José Rizal, quando comparado com o Brasil, uma mistura de Tiradentes, por conta do seu passado de luta por independência e ideia de herói

---

<sup>77</sup> “Like Jesus, Rizal was rumored to have twelve nationalist “apostles,” and he was considered a saintly figure in Philippine popular culture”.

nacional, e de Machado de Assis, um dos grandes nomes da literatura nacional (se não o maior).

Em uma espécie de justiça póstuma, as Filipinas criaram a “Lei Rizal”, em 1956, obrigando todas as universidades a oferecerem cursos sobre o herói nacional e suas obras. Não obstante, mesmo tantos anos após sua morte, a Igreja Católica se opôs ao projeto de lei, por considerar imprópria a representação dos seus membros pelo autor. Após pressão religiosa, o texto final terminou por incluir uma isenção para alunos católicos recusarem a leitura das obras de Rizal, ao citarem objeções de consciência (Harvard Divinity School, 2024).

A resistência católica a um projeto elaborado 60 anos após o assassinato covarde do autor só reforça o papel que a literatura tem na sociedade, e como ideias não podem nem devem, jamais, ser caladas. Ao invés de focarem na imagem de um unificador nacional, uma figura gregária, a Igreja preferiu ver um herege, um agitador político, alguém que lutava contra o *status-quo*. Não nos parece despropositado imaginar que, se a queima de livros fosse uma opção, esse teria sido o caminho seguido pelos representantes de Roma, mesmo em 1956.

Após longos 333 anos de dominação espanhola, nos quais o país deixou de ser um emaranhado de ilhas para formar um país e lutar contra seu primeiro colonizador, chegava a hora das Filipinas estrear no cenário internacional como nação independente, levando consigo a unicidade da sua cultura, seus traços espanhóis e sua grande e milenar herança oriental. Contudo, no meio do caminho existia uma pedra metafórica. Ninguém mais, ninguém menos que a potência emergente do mundo no final do século XIX, os Estados Unidos da América. E no próximo capítulo, fazendo um recorte temporal e adaptando nosso estudo à abundância de materiais sobre o século XX, abordaremos como Washington atrasou a independência das Filipinas por quase cinquenta anos, com a mesma desculpa da Espanha, de civilizar e preparar o povo local, sempre considerado inferior e incapaz.

Infelizmente, como já prenunciava a epígrafe de José Rizal no início deste capítulo, o herói nacional não viveu para ver a aurora do seu país. Mas é através dele que muitos outros viveram histórias, gozaram de liberdade e lutaram contra a repressão, tudo de maneira que Rizal poderia apenas sonhar.

### 3 REPUBLIKA NG PILIPINAS – UM NOVO ATOR NO CENÁRIO MUNDIAL

Eu sou um anti-imperialista. Eu me oponho à águia colocar seus talões/garras em qualquer outra terra<sup>78</sup>

(Mark Twain)

Se o foco do nosso estudo no capítulo 1 foi mais factual e histórico, com algumas poucas passagens das produções literárias selecionadas, há agora uma expansão e atualização da estratégia.

Apesar de as duas subseções que constituem este segundo capítulo ainda tratarem a história com o apoio de historiadores, nós passaremos agora a um período da trajetória do país muito mais rica em oportunidades de análise e, discutivelmente, muito mais relevante para os autores que são o recorte selecionado por esta tese. Isso não diminui a importância dos fatos históricos, apenas lida com eventos mais recentes e, conseqüentemente, mais óbvios para a população local e suas produções literárias.

No primeiro subcapítulo, estudaremos os quase cinquenta anos durante os quais os Estados Unidos ocuparam, tutelaram e até mesmo extorquiram as Filipinas, com a desonesta desculpa de civilizar as ilhas, e guiá-las no caminho civilizatório.

Por mais sangrento que tenha sido o contato entre as duas nações e civilizações, surge com pouca surpresa o fato de os EUA, quando da escrita destas linhas, seguirem sendo o país mais confiados pelos cidadãos filipinos, de acordo com uma matéria da repórter Helen Flores, para o jornal *The Philippine Star* (2019).

A despeito de soar como uma espécie de Síndrome de Estocolmo com efeito sobre mais de 100 milhões de pessoas, é preciso relativizarmos os fatos. A relação dos Estados Unidos da América com a nascente nação filipina foi profunda, e, como veremos, teve uma preocupação mais detalhada com a criação de uma população letrada, versada em inglês e, mais importante, em cultura *yankee*. Citando Edward Said (2003), a luta imperialista colonizatória “é complexa e interessante porque não se restringe a soldados e canhões, abrangendo também ideias, formas, imagens e representações” (p.40).

---

<sup>78</sup>. *I am an anti-imperialist. I am opposed to having the eagle put its talons on any other land*

O controle americano sobre o arquipélago foi muito, muito mais além dos encouraçados, dólares despejados ou terras invadidas. Ela incluiu a noção de que ser americano era melhor. Tudo o que viesse dos EUA era superior. Isso ajudou a moldar o espírito filipino e será exposto através de citações dos livros estudados. Mais que isso, essa visão deturpada dos estadunidenses ajuda a estruturar a categoria epistemológica criada por nós, a ser exposta no capítulo 3.4, Superioridade do Expatriado.

Já o segundo subcapítulo traz as Filipinas formalmente independentes (mas igualmente dependente dos Estados Unidos), e a eterna caça às bruxas representada pela luta contra o comunismo. Essa batalha lançou as bases para os 21 anos de controle do país pelo ditador Ferdinand Marcos, um período largamente abordado pelos livros, o que nos permitirá importantes análises e nos colocará mais próximos das conclusões esperadas deste estudo.

Traremos também uma contextualização do país pós-revolução popular de 1986, que depôs Marcos e restaurou a democracia no arquipélago. Contudo, abordaremos os governos subsequentes, a paulatina e infeliz erosão da democracia com o governo de Rodrigo Duterte (2016-2022), bem como a eleição de ninguém menos que o filho do ex-ditador, o atualmente presidente das Filipinas Ferdinand “BongBong” Marcos Jr.

Apesar de uma inequívoca e indissimulável paixão por história, nós temos sempre em mente que esta tese está no seio dos estudos literários, e através deles alcançamos nossas conclusões sobre identidade e resistência cultural. Ao longo do capítulo 2 continuaremos a embasar nossas asserções em pensadores caros à literatura, como Eagleton, Said e Stuart Hall.

Passemos então à análise dos quase cinquenta anos de ocupação estadunidense.

### 3.1 COLONIZAÇÃO AMERICANA (1898-1946)

Como vimos até então, no final do século XIX havia ebulição nas Filipinas, com a movimentação nos campos intelectual (representado por José Rizal) e bélico (representado por Andres Bonifácio e Emílio Aguinaldo, líderes revolucionários). O

império espanhol definhava, já tendo perdido a absoluta maioria das colônias latino-americanas, com exceção importante de Cuba e Porto Rico. Na Ásia, resistiam Guam e Filipinas. E, como veremos, os acontecimentos no Caribe foram essenciais para o destino das Filipinas.

O século XIX foi de grandes mudanças em Cuba. A economia crescia rapidamente, e “em poucos anos, Cuba foi transformada de uma sonolenta e pouco importante ilha no maior produtor de açúcar do mundo”<sup>79</sup> (Staten, 2015). A bonança advinda do desenvolvimento econômico chamou a atenção da metrópole, e isso foi suficiente para frear, por ora, movimentos independentistas no país.

Os primeiros passos em direção à libertação da nação caribenha começaram com a Guerra dos Dez Anos, entre 1868 a 1878, nascida da insatisfação dos cidadãos locais, que recebiam tratamento diferenciado daqueles nascidos na Espanha (Espinosa, 2019). Já durante essa guerra, havia um movimento dentro dos EUA que apoiava a independência da ilha, chamado *the Cuban Junta*, que arregimentou participantes e fundos, mas fora ignorado pelo governo de então, do presidente Ulysses S. Grant. Mesmo tendo falhado, o movimento independentista iniciado em 1868 (incluindo até um rascunho de constituição que previa a anexação da ilha pelos Estados Unidos) provou que os ilhéus tinham a capacidade de organização necessária para enfrentar seu colonizador, e o caminho estava sendo pavimentado para a secessão (Gott, 2005).

Se durante a primeira grande tentativa de independência de Cuba os Estados Unidos se mantiveram, pelo menos oficialmente, alheios, durante a guerra iniciada em 1895 o movimento foi diferente. O gigante do norte havia mudado muito nos 30 anos anteriores, superando desafios econômicos e políticos, responsáveis pela guerra civil que quase dizimou a jovem nação. Além disso, o país se desenvolvia com a chegada, em massa, de milhares e milhares de imigrantes (Gott, 2005; Utset, 2011).

O líder do movimento independentista, José Martí (1853-1895), foi morto em batalha contra os espanhóis, o que acendeu ainda mais os ânimos para a guerra. Para suprimir o levante, Madrid enviou o impressionante número de 100 mil soldados à ilha, dispostos a manter o controle sobre a produção açúcar a qualquer preço (Gott, 2005).

---

<sup>79</sup> “In a scant few years, Cuba was transformed from a sleepy, unimportant island into the major sugar producer in the world”.



Assim como acontecia nas Filipinas, explicado no subcapítulo anterior, apesar da ferrenha resistência dos locais, o poderio militar do colonizador era muito superior, o que gerava frequentes derrotas e denúncias cada vez mais frequentes de abusos por parte dos espanhóis, o que começou a gerar grande comoção na população americana. A atenção dos Estados Unidos se voltou para a guerra por, entre outros motivos, acontecer em terras tão próximas ao território americano (Utset, 2011).

Inútil seria falar sobre os EUA do século XIX, e seu crescente envolvimento na política de países vizinhos, se não mencionássemos o Destino Manifesto, ou “a ideologia que americanos eram de fato destinados a estender sua nação através do continente”<sup>80</sup> (Department Of State, 2024). Os EUA consideravam que qualquer interferência no continente, não sendo efetuada por eles mesmos, seria uma ofensa direta contra Washington.

Conforme a pressão da Espanha aumentava para sufocar a revolução em terras cubanas, mais os Estados Unidos se sentiam compelidos a agir. Seja por motivos financeiros, comerciais, diplomáticos ou divinos, a realidade é que, na última década do século XIX, a guerra entre a potência colonial em decadência e o país emergente parecia cada vez mais inevitável.

Um detalhe crucial para compreendermos o ambiente tomando forma em terras estadunidenses é mencionado pelo historiador David Spencer, em seu livro *The Yellow Journalism: The Press and America's Emergence as a World Power* (O jornalismo marrom: A imprensa e a emergência da América como uma Força Mundial, tradução livre), de 2007. Referindo-se à última década do século, o autor afirma que “a América, a única nação poderosa sem um império, estava prestes a embarcar em uma política militar que era baseada puramente em jingoísmo”<sup>81</sup> (Spencer, 2007. p. 127). O que depreendemos das palavras de Spencer é que os EUA eram um império em busca de expansão, e que o movimento que os empurrou à guerra contra a Espanha e, ao fim, a dominar as Filipinas foi baseado em nacionalismo exacerbado, que foi alimentado, em grande parte, pelo que se convencionou chamar de “jornalismo marrom” (em inglês, *yellow journalism*).

---

<sup>80</sup> “The ideology that Americans were in fact destined to extend their nation across the continent”.

<sup>81</sup> “America, the only powerful nation without an empire, was about to embark on a military policy that was based on pure jingoism”.

A definição desse tipo de jornalismo é apresentada como “o uso de elementos sinistros e notícias sensacionalistas em jornais para atrair leitores e aumentar a circulação” (Spencer, 2007)<sup>82</sup>. Ainda de acordo com o pesquisador, a frase foi cunhada na década dos anos 1890, para referir-se às táticas utilizadas na ferrenha competição entre os jornais novaiorquinos, *New York World* e *New York Journal*<sup>83</sup>. Já a relevância das informações para este tipo de jornalismo é explicada pelo uso extensivo de notícias sensacionalistas durante o período imediatamente anterior à guerra, o que teria sido um dos motivadores no conflito entre Espanha e EUA. Diz-se mesmo que esta guerra foi primeira *media war* - ou guerra midiática, em tradução livre (PBS, 2024) por motivos que abordaremos a seguir.

Apesar do papel da imprensa na declaração da guerra ser hoje relativizada (Spencer, 2007), o fato é que a participação da imprensa para a mobilização do público é inquestionável. Não fosse pelas manchetes sensacionalistas e histórias exageradas sobre acontecimentos em solo cubano, o apetite do público pela guerra talvez tivesse sido muito menor (PBS, 2024).

Para entendermos um pouco do humor nacional atizado pelos jornais, usemos uma passagem da PBS:

De Cuba, os principais repórteres a serviço de Hearst escreviam histórias feitas para apelar ao coração dos americanos. Contos horripilantes descreviam a situação em Cuba - mulheres prisioneiras, execuções, valentes rebeldes lutando, mulheres e crianças famintas figurando em muitas das histórias que preenchiam os jornais. Mas foi o afundamento do navio de guerra Maine no porto de Havana que deu a Hearst sua maior história – guerra. Após o afundamento do Maine, os jornais de Hearst, sem evidência, inequivocadamente culpavam a Espanha, e logo a opinião pública dos EUA exigiu uma intervenção (PBS, 2024, s/p)<sup>84</sup>.

---

<sup>82</sup> “The use of lurid features and sensationalized news in newspaper publishing to attract readers and increase circulation”.

<sup>83</sup> O *New York World* pertencia a Joseph Pulitzer, que empresta seu nome à láurea literária, enquanto o *New York Journal* era controlado por William Randolph Hearst.

<sup>84</sup> “From Cuba, Hearst's star reporters wrote stories designed to tug at the heartstrings of Americans. Horrific tales described the situation in Cuba--female prisoners, executions, valiant rebels fighting, and starving women and children figured in many of the stories that filled the newspapers. But it was the sinking of the battleship Maine in Havana Harbor that gave Hearst his big story--war. After the sinking of the Maine, the Hearst newspapers, with no evidence, unequivocally blamed the Spanish, and soon U.S. public opinion demanded intervention”.

Primeiramente, embasado pelo que já expusemos sobre as atitudes da Espanha com relação aos filipinos revoltosos (Francia, 2014), adicionando a isso os relatos de conhecimento geral sobre as sangrentas guerras de independência na América Latina, não é difícil supor que atrocidades foram cometidas, e isso é inegável. Porém, a análise em questão é como os eventos que levaram a uma guerra foram alimentados com paixão por magnatas que tinham seus próprios interesses em jogo. Para habitantes do século XXI, a participação da mídia na formação da opinião pública é algo natural, mas lembremos que, como previamente abordado, esse elemento era algo relativamente novo para a época.

O afundamento do USS Maine foi o catalisador que faltava para a guerra se tornar realidade. De acordo com o website da instituição federal *Navy History and Heritage Command*, dedicada à memória de veteranos da Marinha dos EUA, o *USS Maine* era um navio de guerra de classe dois, construído entre 1888 e 1895, “que fora enviado a Havana em janeiro de 1898 para proteger interesses americanos durante a revolta de longa data dos cubanos contra o governo espanhol”<sup>85</sup> (Naval History And Heritage Command, 2024.).

Fontes diversas referem-se a motivos diferentes para envio do navio a Havana. A *Encyclopedia Britannica* afirma que a ação foi “em parte um gesto conciliatório com as autoridades espanholas e em parte para proteger as vidas e propriedades de cidadãos americanos presumidamente em perigo por conta das recentes revoltas”<sup>86</sup> (Brittanica, 2024, s/p.). Independentemente do motivo exato para estar lá, o fato é que os Estados Unidos se sentiram no direito de enviar um navio de guerra a um país estrangeiro, e isso nos parece um reforço ao Destino Manifesto.

Durante a noite de 15 de fevereiro de 1898 houve uma explosão no compartimento de pólvora do navio, matando aproximadamente dois terços da tripulação (Naval History And Heritage Command, 2024). Até os dias de hoje, os motivos da explosão seguem obscuros. À época, uma investigação interna da Marinha apontou uma mina submersa como responsável pela morte dos 268 marujos<sup>87</sup> (PBS,

---

<sup>85</sup> “Was sent to Havana in January 1898 to protect American interests during the long-standing revolt of the Cubans against the Spanish government”.

<sup>85</sup> “Partly as a conciliatory gesture to the Spanish authorities there and partly to protect the lives and property of U.S. citizens presumably endangered by recent riots”.

<sup>87</sup> Dos quais apenas 200 corpos foram recuperados (PBS, 2024)

2024). Mesmo que isso não apontasse diretamente para os espanhóis, a imprensa marrom não tardou a escolher um culpado, trazendo manchetes como “Traição espanhola!”<sup>88</sup> (PBS, 2024. s/p), “Destruição do navio de guerra Maine foi obra de um inimigo!”<sup>89</sup> (PBS, 2024. s/p). Ainda, o magnata William Hearst, dono do *New York World*, ofereceu uma recompensa de U\$50.000,00 (quase U\$2 milhões em quantias atuais) para quem descobrisse os responsáveis pelo ultrajante ataque à nação. Uma grande parte dos americanos culpou a Espanha pelo evento (PBS, 2024).

Assim como o ataque às Torres Gêmeas, em 2001, ou o bombardeio japonês a Pearl Harbor, em 1941, o afundamento do USS Maine era o passo que desencadeou a guerra, desejada ardentemente por parte da população em todos os três casos (McSherry, 2023).

Sob risco de simplificarmos complexos processos históricos, mas pelo bem da concisão e foco nas Filipinas, a guerra contra a Espanha foi declarada, com apoio do Congresso, pelo presidente William McKinley, no dia 25 de abril de 1898 (Espinosa, 2019). Começava, então, um conflito de sucesso retumbante para os americanos, fracasso humilhante para os espanhóis, e uma oportunidade perdida de independência para os filipinos.

Os espanhóis não estavam preparados para guerra contra uma potência em ascensão como os EUA, e a marinha americana estava muito melhor equipada com navios de última geração para a época. Como exemplo claro do desequilíbrio de forças, enquanto os navios espanhóis ainda eram feitos de madeira, tanto a frota americana do Atlântico Norte quanto a da Ásia (que iria diretamente tomar as Filipinas) eram encouraçados, com cascos de metal (Francia, 2014). Ironicamente, o despreparo do império colonial em declínio, frente aos emergentes americanos, lembrava a covardia da própria Espanha contra os colonos nas Filipinas, que lutavam bravamente com lanças e flechas, enquanto os soldados de Madri utilizavam baionetas e canhões avassaladores.

A guerra teve basicamente duas frentes, a luta por Cuba e Porto Rico, no Caribe, e a tomada das Filipinas e Guam, no Oceano Pacífico. Como nos interessa o segundo front, foquemos nele.

---

<sup>88</sup> “Spanish Treachery!”

<sup>89</sup> “Destruction of the War Ship Maine was the work of an enemy!”

Já havia planos para uma possível invasão das Filipinas e Guam pelos americanos há meses, e isso, caso viesse a acontecer, seria levado a cabo pelo comodoro George Dewey (1837-1917), que estava estacionado em Hong Kong (Nadeau, 2008). Ao receber as ordens de ataque, vindas do Secretário de Guerra John Long, Dewey imediatamente fez contato com o líder revolucionário Emílio Aguinaldo, que estava em autoexílio em Singapura. O objetivo era que a adesão dos EUA à luta de independência mobilizaria ainda mais ilhéus contra o jugo colonial espanhol. Contudo, antes que Aguinaldo pudesse chegar ao encontro do comodoro americano, a frota de Dewey já havia partido em direção às Filipinas (Nadeau, 2008). Vemos aí, com o benefício de 126 anos de história como apoio, um primeiro, sinistro e importante sinal do que estaria por vir para a nação que lutava para nascer no cenário internacional.

Dewey e sua frota viajaram até Manila, onde rapidamente arrasaram a flotilha espanhola que defendia a colônia. A vitória americana na batalha naval foi tão acachapante que apenas uma morte do lado *yankee* foi registrada: um marujo faleceu de insolação (Francia, 2014). Imediatamente após a vitória, os americanos enviaram uma canhoneira a Hong Kong para buscar Aguinaldo e começar a movimentação de tropas locais para a rendição total dos espanhóis (Nadeau, 2008). Mais especificamente, Francia (2014) nos conta que o contato com o líder revolucionário filipino:

o fez acreditar que a nação norte-americana estava vindo dar assistência à revolução e que lutaria contra os espanhóis ao lado do que, se esperava, brevemente seria um país independente. Contudo, nada foi por escrito, levando a futuras negações por parte dos oficiais consulares envolvidos na situação (Francia, 2014, p. 126)<sup>90</sup>.

Em outras palavras, os americanos, muito habilmente, convenceram Aguinaldo e um sem-número de filipinos a lutarem numa guerra que, Washington sabia, não levaria à independência do país. Essa crueldade e maquiavelismo atrozes precisam ser mencionados e jamais esquecidos pela história, em especial por se tratar de uma nação que nascera, ela mesma, das amarras sufocantes da opressão colonial.

---

<sup>90</sup> “Led him to believe that the North American nation was coming to the revolution’s assistance and would engage the Spanish on behalf of what was hoped would soon be an independent country. Nothing was ever put in writing, however, leading to denials later on the part of the consular officials involved”.

Apesar de Dewey e seus comandados terem se saído vitoriosos no início de maio de 1898, eles não se movimentaram no sentido de tomar Manila. A razão oficial foi uma espera por reforços a serem enviados por Washington (Nadeau, 2008). Neste ínterim, Emilio Aguinaldo chegou ao arquipélago, arregimentou um grande número de soldados formando uma formidável tropa, que gradualmente tomou o controle ao sul da capital. Contudo, ao invés de aplicarem o *coup de grâce* e invadirem Manila, efetivamente terminando o controle colonial por parte de Madri, veio a inusitada ordem por parte dos americanos para que não invadissem. Na verdade, em acordo previamente estabelecido, de forma secreta, os espanhóis somente se renderiam efetiva e cerimonialmente aos norte-americanos (Nadeau, 2008). O simbolismo do momento é grande, e nos mostra que os espanhóis não aceitariam entregar a sua colônia a um povo considerado por eles inferior e indigno. Conclui-se que ceder as metafóricas chaves das Filipinas aos americanos, uma potência em franca expansão, era infinitamente menos vexatório que aos *mestizos* ilhéus, comandados por Madri por mais de trezentos anos.

O que há de documentado é que houve mesmo um entendimento hispano-americano, através do qual “as autoridades espanholas e os americanos haviam feito um acordo a portas fechadas para que os filipinos não fossem permitidos aceitar a rendição das tropas espanholas”<sup>91</sup> (Francia, 2014, p. 43). Além disso, como ficou evidenciado pelo Tratado de Paris, assinado em 1º de outubro de 1898, os Estados Unidos simplesmente ignoraram a existência de um governo local (presidido por Aguinaldo e proclamado independente no dia 12 de junho do mesmo ano) e compraram, da Espanha, o arquipélago das Filipinas pelo valor de U\$ 20 milhões<sup>92</sup> (Library Of Congress, 2024).

Noventa e quatro anos antes, os Estados Unidos haviam comprado da França napoleônica o território da Luisiana, por aproximadamente U\$15 milhões<sup>93</sup> (Sampaio e Olímpio, 2006). Enquanto o território comprado da França contava 2.14 milhões de quilômetros quadrados, as Filipinas possuem uma área de 300 mil quilômetros

---

<sup>91</sup> “The Spanish authorities and the Americans had made a closed-door deal that the Filipinos would not be allowed to help take the surrender of the Spanish troops”.

<sup>92</sup> Aproximadamente U\$743 milhões em valores atuais (Cpi Inflation Calculator, 2024).

<sup>93</sup> Aproximadamente U\$392 milhões em valores atuais (Cpi Inflation Calculator, 2024).

quadrados<sup>94</sup>, ou seja, mais de sete vezes menor. Ainda assim, o valor pago pelo arquipélago asiático foi inegavelmente mais alto. A pergunta natural seria: Por que os Estados Unidos estariam dispostos a pagar tanto dinheiro por um arquipélago tão distante e relativamente tão pequeno? Francia (2014) parece nos oferecer uma resposta sensata, ao dizer que os EUA “deixaram claro para as forças europeias que não seriam excluídos de tomarem sua justa parte das colônias e conquistar mercados e fontes de matérias primas”<sup>95</sup> (Francia, 2014, p. 126).

Além disso, a compra parece ser justificada pelo interesse que outras potências coloniais demonstravam nas Filipinas, como França, Alemanha, Inglaterra e Japão. Esses países enviaram navios de guerra para a região na época da revolução filipina, com interesse de tomar o país para si. Não obstante, a guerra iniciada entre os EUA e o arquipélago, ferrenha, sangrenta avassaladora e testamento à crescente força dos americanos, afastou o interesse de outras potências, ao menos até a Segunda Guerra Mundial (Francia, 2014).

Para resumir e recapitular o que foi abordado até agora, é preciso dizer que havia uma elite *mestiza* insatisfeita com o comando espanhol e sedenta por mudanças. Parte dela continuou sua empreitada no campo das ideias, como José Rizal e outros pensadores da sua geração, enfrentando Madri com ativismo no estilo do *Propaganda Movement*. A intenção era reestruturar o país, sem necessariamente (ou obrigatoriamente) alcançar a independência total. Por sua vez, outros pegaram em armas, como Andrés Bonifácio e Emílio Aguinaldo, decididos a cortar os laços que uniam o arquipélago à nação ibérica. Quando a independência estava praticamente ao alcance das mãos filipinas, o suposto aliado norte-americano mostrou suas verdadeiras cores e deixou claro que liberdade era um termo que só se aplicava à sua própria constituição e àqueles considerados, por eles, dignos dela. Começava aí, com uma traição inenarrável, a sangrenta, covarde e devastadora guerra Filipino-Americana, travada entre 1899 e 1902.

Os primeiros detalhes sobre a guerra que chamam a atenção são relacionados ao próprio nome do conflito. Os nomes mais comuns que encontramos na confecção

---

<sup>94</sup> Comparando com o Brasil, o território da Luisiana seria equivalente ao estado do Amazonas, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo juntos, enquanto as Filipinas são menores que o estado de São Paulo.

<sup>95</sup> “Made it clear to the European powers that it would not be excluded in claiming its share of colonies so as to acquire markets and sources of raw materials”.

deste estudo foram “Guerra Filipino-Americana” (Department Of State, 2024; Encyclopedia Britannica, 2024; Francia, 2014), “Insurreição Filipina” (Naval History And Heritage Command, 2024) e “Revolução Filipina” (Nadeau, 2008). Nomes diferentes para a mesma luta sugerem uma batalha cultural e de releitura da própria história. Na nossa concepção, o termo guerra parece mais apropriado, por mostrar a vontade genuína do povo filipino, que havia declarado sua independência no ínterim, de estabelecer-se como uma nação autônoma, lutando contra uma potência invasora.

O Departamento de Estado dos EUA faz uma declaração que ajuda a reforçar que o termo “insurreição” ou variações já caíram em desuso. Para o website do governo americano, “apesar de americanos terem, historicamente, usado o termo ‘A Insurreição Filipina’, os filipinos e um crescente número de historiadores americanos referem-se a essas hostilidades como ‘Guerra Filipino-Americana’” (Department Of State, 2017). E, importante, adiciona que em “1999 a Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos reclassificou suas referências ao uso deste termo” (Department Of State, 2017).<sup>96</sup>

A importância da renomeação de um evento histórico nos ajuda a entendê-lo melhor. Compreendemos que referir-nos à dura resistência mostrada pelos nativos ao longo dos anos da guerra como “insurreição” seria diminuí-la e violar a memória dos combatentes. Ainda, o termo daria legitimidade à invasão dos EUA, já que insurgir-se, de acordo com o dicionário, significa “ação de insurgir, de se opor, de se colocar contra uma ordem preestabelecida ou determinada; revolta.” (Dicio, 2024). Já foi abordado aqui como os EUA atraíram Aguinaldo, deram a ele garantias (ainda que não por escrito) de que ajudariam na formação do novo país, e simplesmente tomaram, ou ainda mais vergonhoso, *compraram* da Espanha o arquipélago inteiro.

Contudo, para não incorreremos no erro de demonizar um povo inteiro, tomando como norte as ações do seu governo, urge ressaltar que houve apoio dentro da sociedade americana contra a tomada das Filipinas. A Liga Anti-Imperialista Americana (*Anti-Imperialist League*) tinha em suas fileiras nomes importantes, como o magnata Andrew Carnegie e o escritor Mark Twain (Francia, 2014).

---

<sup>96</sup> “Although Americans have historically used the term “the Philippine Insurrection,” Filipinos and an increasing number of American historians refer to these hostilities as the Philippine-American War and in 1999 the U.S. Library of Congress reclassified its references to use this term”.



Com o avanço do conflito contra a potência norte-americana invasora, o presidente da jovem nação, Emílio Aguinaldo, antevendo o banho de sangue que se aproximava, lançou a seguinte proclamação:

Eu sei que a guerra sempre produz grandes perdas; eu sei que o povo das Filipinas ainda não se recuperou de perdas passadas e não está na condição de acumular outras. Mas eu também sei por experiência quão amarga é a escravidão, e por experiência eu sei que nós devemos sacrificar tudo no altar da nossa honra e da integridade nacional, tão injustamente atacadas” (AGUINALDO *in* Francia, 2014. p. 133)<sup>97</sup>.

As palavras do primeiro presidente do país reconhecem a dificuldade que se avizinhava, e parece mesmo até admitir a inexorabilidade da derrota, ainda que de forma sutil. Porém, a declaração presidencial é um chamamento às armas e uma negação contundente da escravidão, metafórica e/ou liberal que parecia querer aprisionar o arquipélago mais uma vez.

Independente da resistência filipina, os EUA seguiam firmes na construção da nova colônia, moldando as instituições locais à semelhança daquelas de Washington (Nadeau, 2008). Para a grande decepção da resistência nacional, grandes nomes da luta desertaram para a estrutura sendo criada pelos americanos. Houve quem saísse das fileiras nacionalistas para presidir a Suprema Corte recém-criada, Cayetano Arellano (1847-1920) e até um membro da elite, Trinidad Tavera (1857-1925) do mesmo grupo de José Rizal, que fundou o jornal pró-americano *La Democracia* (Nadeau, 2008).

No campo militar, as perdas eram ainda maiores, apesar da resistência local. A primeira parte da guerra incluiu a tentativa, por parte de Aguinaldo, de estabelecer uma guerra tradicional contra os invasores. Porém, menos da metade dos aproximadamente 80 mil soldados filipinos tinham rifles. A grande maioria lutava com facas, machados e lanças (Nadeau, 2008). Além do mais, os americanos controlavam

---

<sup>97</sup> “I know that war has always produced great losses; I know that the Philippine people have not yet recovered from past losses and are not in the condition to endure others. But I also know by experience how bitter is slavery, and by experience I know that we should sacrifice all on the altar of our honor and of the national integrity so unjustly attacked”.

totalmente as hidrovias locais, o que na prática encapsulava os soldados filipinos e tornava impossível o auxílio externo (Naval History And Heritage Command, 2024).

Após seguidas perdas e derrotas vexatórias, Aguinaldo recorreu à guerrilha como forma de continuar o conflito. A resposta foi brutal: Vilas inteiras foram realocadas ou simplesmente queimadas até o chão. Civis foram aprisionados ou mortos. Técnicas cruéis de tortura foram empregadas (Digital History, 2021), inclusive com tendências genocidas (Francia, 2014). Não nos esqueçamos que, em teoria, os EUA entraram na guerra contra a Espanha por conta das barbaridades cometidas contra os cubanos.

Para Francia (2014), muitas das atrocidades cometidas foram fruto direto do preconceito racial. O historiador explica que a antiga potência colonial fora expulsa do arquipélago, pelos americanos, não por discordância de suas crenças sobre os nativos. Para as forças *yankees*, os nativos eram descritos como ‘bárbaros’, ‘selvagens’, de forma a refletir o pensamento predominante na sociedade americana, que frequentemente classificava os imigrantes chineses e japoneses como “perigo amarelo” (Francia, 2014).

Vemos, então, que não havia empatia por parte das forças ocupadoras com relação aos ocupados. Muito pelo contrário, o que predominava era um profundo desdém, o que parece explicar (mas jamais justificar) as monstruosidades cometidas.

A guerra se estendia da política, passando pelo campo de batalha, embrenhando-se também na cultura, das mais variadas formas. O pesquisador Andrew Clem, em seu artigo intitulado *The Filipino Genocide* (O Genocídio Filipino), de 2016, explica que, nos EUA pós emancipação dos escravizados (1865), nativismo e racismo eram uma praga no país. Como os afrodescendentes finalmente tornaram-se, perante a lei, iguais aos brancos, muitos nativistas buscavam outros grupos para demonstrar sua suposta superioridade. Para o autor, termos como “nigger”<sup>98</sup> e “monkey man” (homem macaco), eram uma forma de desumanizar o inimigo, reforçando a primazia dos americanos sobre os locais, também chamados de *gugu*<sup>99</sup>, fazendo uso da própria língua dos locais para atacá-los.

---

<sup>98</sup> O termo *nigger*, oriundo de *negre*, com a mesma raiz da palavra negro (Merriam Webster, 2024), é um termo ofensivo contra pessoas de pele escura, e está profundamente associado ao ódio contra os afrodescendentes.

<sup>99</sup> *Gugu*, uma variação da palavra *gago*, ou idiota, em tagalog, era um termo ofensivo direcionado aos filipinos que, com as décadas, foi modificado para incluir coreanos e outros asiáticos (Francia, 2014)

Francia (2014) nos traz uma canção ofensiva que era entoada pelos soldados americanos em marcha: “Malditos, malditos filipinos / ladrões marrons de cara marcada! / Sob a flâmula estrelada / Civilize-os com a Krag [*munição de rifle*] / E nos retorne para o nosso amado lar”<sup>100</sup> (p. 134).

O ódio das palavras entoadas pelos soldados traz algumas asserções: Primeiro, como já dissemos, a superioridade racial, que justificava, para eles, subjugar toda a nação. A canção original traz palavras em tagalog, como *khakiac* (marrom) e *ladrone* (ladrão), o que, para Clem (2016), é uma forma de violência cultural, já que usam a própria língua dos locais para atacá-los. Ao clamar a civilização dos povos sob a flâmula estrelada (a bandeira dos EUA) com munição, vemos que a intenção era, sim, um genocídio.

De modo a reforçarmos a violência da guerra e seguirmos adiante com outros aspectos da ocupação americana nas Filipinas, com o apoio de Luzviminda Francisco (1987), refletamos sobre as palavras do general *yankee* William Rufus Shafter (1835-1906), com relação ao que era necessário ao seu país fazer nas terras do arquipélago: “Talvez seja necessário matar metade dos filipinos para que a outra metade da população seja avançada a um plano superior de vida, melhor que o presente estado semi-bárbaro os oferece” (Francisco, 1987)<sup>101</sup>.

Ao longo dos quase três anos de conflito, um número muito grande de filipinos morreu, entre 200 mil a 1 milhão de pessoas (Francia, 2014; Nadeau, 2008; Clem, 2016). Em 19 de abril de 1891, Aguinaldo foi capturado por forças americanas e forçado a jurar lealdade à nova potência colonial. Porém, isso não significou o fim das hostilidades, que seguiriam por mais alguns anos. O que a captura do líder revolucionário significava era o início, *de facto*, do comando americano sobre o arquipélago e a dissolução da primeira república filipina, como estabelecida pelo próprio Aguinaldo (Francia, 2014).

De forma a melhor abordarmos o período colonial dos EUA sobre as Filipinas, e já tendo trabalhado a guerra contra a potência invasora, é preciso discutir como o país foi governado por Washington, de 1898, quando da assinatura do Tratado de

---

<sup>100</sup> “Damn, damn the Filipino/Pockmarked Khakiac ladrone [thief]! /Underneath the starry / flag Civilize him with a Krag /And return us to our beloved home!”

<sup>101</sup> “It may be necessary to kill half of the Filipinos in order that the remaining half of the population may be advanced to a higher plane of life than their present semi-barbarous state affords”.

Paris, até 1946, momento quando o arquipélago finalmente se torna uma nação completamente independente.

O período que abrange os anos de 1898 e 1913 é conhecido como “o período militar” (Tan, 2008). Nele, houve um controle direto dos EUA sobre o país, com um governador militar designado a estabelecer as bases para uma sociedade, como já mencionamos, construída à imagem dos Estados Unidos da América, em sua forma de governo, sua constituição, sistema de ensino e todas as estruturas que fossem necessárias para “civilizar” o país (Francia, 2014). Apesar de ainda existir resistência armada no país até a data que marca o fim do período militar, as bases da ocupação ficavam mais e mais profundas. Tan (2008) afirma que a maior parte da elite intelectual e econômica do país já havia aceitado, ou, no mínimo, se conformado com a dominação dos EUA e passara a ativamente cooperar com a nova potência colonial. Um dos motivos seria o sistema implementado pelos estadunidenses, que dava mais autonomia às municipalidades, e incluía mais pessoas na tomada de decisões (Tan, 2008). Isso, por si só, já parecia uma melhora, quando comparado com a estrutura colonial espanhola, tão controladora e centralizadora.

Ainda sobre a participação das elites, o governo civil instaurado pelo comando militar americano em 1891 permitiu o envolvimento direto da elite do país na *Philippine Commission* (comissão filipina), que serviu como os braços Executivo e Legislativo do governo (Tan, 2008). Essa comissão passava a dar ao país uma nova estrutura, e através delas novas leis seriam criadas, regendo a nova nação.

A justificativa oficial para o contínuo controle dos americanos é, como a grande parte da história do país, a incapacidade dos locais, de acordo com a nação norte-americana, de firmarem e regerem seu próprio destino. A comissão local estabelecida pelos estadunidenses decidiu pela manutenção do cargo de um governador geral, como fora nos tempos coloniais espanhóis, e ele seria o governador supremo das terras. Contudo, a população filipina teria direito a uma espécie de parlamento, que seria um órgão consultivo, e fora estabelecido também um judiciário independente (Francia, 2014).

Por mais que as mudanças provassem ser benéficas, principalmente quando comparadas com a arcaica administração espanhola, o motivo por trás das mesmas seguia nefasto. Isso porque de forma pouco surpreendente, a comissão reforçou a visão que os filipinos “não eram capazes de governar a si mesmos, que o país era

simplesmente uma ‘coleção de tribos’ e era, portanto, imperativo que os americanos ficassem e dessem suas lições de democracia” (Francia, 2014. p. 138)<sup>102</sup>. Esse paternalismo grosseiro foi, entre outros motivos, o que postergou a independência do país até 1946, e parece reger os destinos dos seus habitantes, independentemente de morarem no arquipélago ou fazerem parte da diáspora. O legado da colonização será abordado ao largo dos próximos capítulos, em especial quando nos debruçarmos sobre a identidade filipina, no capítulo 4.

Nadeau (2008) reforça que os colonizadores mantiveram a estrutura estabelecida pela Espanha, em um trabalho constante com a elite do país, de forma que o sistema de inequidades vigente fora perpetuado, solidificado, e continua a influenciar a população do país até o século atual.

Apesar de o objetivo oficial da colonização americana ter sido civilizar e cristianizar, o que sabemos é que os EUA precisavam das Filipinas para alcançar os mercados asiáticos e os recursos naturais da região (Nadeau, 2008). Em outras palavras, mudou o colonizador, mas a intenção de usar o arquipélago como trampolim seguia viva no início do século XX.

O presidente McKinley concorria à reeleição e, entre outros obstáculos, temia a crescente influência da previamente citada *Anti-Imperialist League* (Liga Anti-imperialismo). Por isso, tratou de transparecer a ideia de que a colonização, ou tutela, seria temporária (Nadeau, 2008). Em ordem enviada ao Governador Geral das Filipinas, o futuro presidente dos EUA William Howard Taft (1857-1930), McKinley explica a importância dos governos municipais independentes,

em que os nativos das ilhas terão a oportunidade de gerir os seus próprios assuntos locais na medida do possível, e sujeitos ao menor grau de supervisão e controle que um estudo cuidadoso de suas capacidades e observações do funcionamento do controle nativo mostre-se consistente com a manutenção da lei, ordem e lealdade. (McKinley in Nadeau, 2014).

Todas as ressalvas feitas pelo presidente nos mostram claramente a visão do país norte-americano sobre o arquipélago. A colônia era uma realidade, mas seria mascarada pelo verniz hipócrita do autogoverno tutelado por uma civilização mais

---

<sup>102</sup> “Were unfit for self-government, that the country was simply a “collection of tribes,” and that therefore it was imperative for Americans to stay on and impart the lessons of democracy”.

avançada, mais experiente e melhor equipada. E isso nos parece óbvio na parte que ressalva que o governo local será possível, desde que dentro das capacidades dos ilhéus.

O cenário religioso sofreu poucas influências diretas. O país seguia (como segue até hoje), massivamente católico, mas houve um período de certa inquietude com relação aos religiosos nativos e as ordens vindas de Roma, principalmente por conta do poder que a Santa Sé possuía sob a antiga colônia espanhola.

Em 1902, em um claro exemplo da cisma existente entre o governo local e o passado colonial, foi fundada a *Iglesia Filipina Independiente*, liderada por Isabelo de los Reyes y Florentino (1864-1938), autor, líder sindical e senador, que fora aprisionado durante a revolução filipina por criticar as posições dos clérigos espanhóis, e Gregório Aglipay y Labayán (1860-1940), excomungado em 1899 por sua participação na revolução (Britannica, 2024). Tal sinal direto de insatisfação reforça o clima de ebulição cultural, política e religiosa que dominavam o país então. Apesar de não ter se tornado uma linha religiosa majoritária, a *Iglesia Filipina Independiente* conta atualmente com aproximadamente um milhão e quinhentos mil seguidores (Britannica, 2024), um número respeitável.

Outro fato ligado à estrutura religiosa do arquipélago merece ser abordada, justamente por incluir aspectos da colonização e da forma americana de administrar as Filipinas. Havia, em 1903, uma grande extensão de terra pertencente aos frades espanhóis (adquiridas ainda nos tempos das *encomiendas*), aproximadamente 400 mil hectares. A Comissão Filipina, o órgão legislador, foi autorizado pelo governo americano a comprar as terras (Francia, 2014). Contudo, ao invés de realizar uma necessária reforma agrária, permitindo que pequenos produtores tivessem acesso a pedaços de terra, foi decidido que a imensa área seria vendida a preços módicos a membros da elite local e a grandes corporações. Um exemplo disso foi a compra, por parte do grupo espanhol *Tabacalera*, de absurdos 13 mil hectares (Francia, 2014). O que se deduz, então, é que o governo local, controlado por Washington, priorizava as elites como forma de manter ou até mesmo aprofundar o controle sobre as ilhas.

Ainda no esforço de organizar o sistema local, os americanos expandiram o sistema legal espanhol então em vigor, adicionando o *Civil Marriage Code* (Código Civil de Matrimônio) e o *Philippine Bill of 1902* (Lei Filipina de 1902), promulgada pelo Congresso dos Estados Unidos que, entre outras provisões, estabelecia direitos e

deveres da população da nova colônia, e, implicitamente, indicava uma iniciativa que preparava o campo para um governo autônomo no arquipélago (Tan, 2008). Porém, a liberdade total ainda estava longe de ser realidade.

Dentro os pontos da lei que estruturavam o novo país, Kathleen Nadeau expõe cinco características mais importantes:

(1) extensão da Declaração dos Direitos ao povo filipino, exceto no direito a julgamento por júri; (2) indicação de dois comissários filipinos residentes em Washington, D.C.; (3) estabelecimento de uma assembleia filipina eletiva, após a proclamação da paz completa e dois anos após a publicação do censo populacional; (4) retenção da Comissão Filipina como a câmara alta da legislatura, e a Assembleia Filipina atuando como câmara baixa; (5) conservação dos recursos naturais das Filipinas para os filipinos (Nadeau, 2008, p. 54)<sup>103</sup>.

Conseguimos ver, no que foi exposto por Nadeau, que a intenção clara era levar às Filipinas um modelo político que espelhasse fielmente aquele dos EUA. Porém, chama a atenção o terceiro ponto, que condiciona a criação da assembleia nacional somente dois anos após o fim das hostilidades, chamada então de “insurreição”. Nos parece que, para o poder colonial, os ilhéus só seriam dignos de autonomia (no menor grau que fosse) após a submissão total e irrestrita ao poder emanado de Washington. Uma grande contradição entre o que significa liberdade e subjugação.

O quinto ponto traz uma importante evolução, ainda que abstrata e sem imediata aplicação, indicando que os recursos naturais do arquipélago pertencem aos habitantes dele. Porém, ao analisarmos o que expusemos até então, nos questionamos se os EUA estavam realmente dispostos a deixar as riquezas locais com os nativos.

Ao nos afastarmos das críticas automáticas de presumida superioridade civilizatória com relação ao arquipélago, além da maneira através da qual ele foi tomado, bem como toda a massacrante máquina imperialista imposta pelos EUA, é inegável a velocidade com que a nova potência colonial pôs em prática uma estrutura

---

<sup>103</sup> “(1) the extension of the Bill of Rights to the Filipino people, except the right to a jury trial; (2) appointment of two Filipino resident commissioners in Washington, D.C.; (3) establishment of an elective Philippine assembly, after the proclamation of complete peace and two years after the published census; (4) the retention of the Philippine Commission as the upper house of the legislature, with the Philippine assembly acting as the lower house; and (5) the conservation of the natural resources of the Philippines for the Filipinos”.

que colocou as Filipinas em pé de igualdade institucional com outros países da Europa e até mesmo à frente das outras nações asiáticas. Tudo, contudo, dentro do prisma civilizatório ocidental<sup>104</sup>.

Tendo estabelecido o controle militar e político sobre as ilhas, era chegado o momento de controlar culturalmente o país. Havia em curso, segundo Tan (2008), “um meio de reorientação sociocultural mais sutil, indireto e efetivo, através de escolas, esportes, literatura, língua, arte, música, religião, saúde e saneamento, e outros relacionado a processos de mudanças de valores e formadores de conceitos (p. 73)<sup>105</sup>. Em outras palavras, havia um grande esquema de colonização que envolvia técnicas mais avançadas e complexas do que aquelas estabelecidas pelos espanhóis. Esses avanços sociais, ainda que mergulhados no pior do imperialismo, era bem visto por uma grande parte da sociedade, em especial a elite (Tan, 2008).

O primeiro passo era estruturar o sistema educacional do arquipélago. Sob jugo espanhol, como afirmado previamente, os filipinos tinham acesso a um sistema de ensino completamente ligado à Igreja (Francia, 2014), que só veio a ser reformado no século XIX (Tan, 2008). Logo no início do controle estadunidense, milhares de professores foram enviados às ilhas, com o intuito de educar os “pequenos irmãos marrons”<sup>106</sup> (Francia, 2014, p. 174), maneira como os americanos se referiam, de forma abjeta, aos ilhéus.

Inicialmente, a educação formal da população ficou a cargo dos militares. Porém, conforme a nova colônia se acomodava no arquipélago, e surgia a teoria de trazer os filipinos para o seio da *Pax Americana* por meios coercitivos menos truculentos, o presidente ordenou o envio de centenas de professores para dar cabo à missão (Francia, 2014). Como grande parte desses profissionais foi enviada às Filipinas no navio *USS Thomas*, os professores passaram a ser reconhecidos e referidos como *Thomasites* (Tomasianos, em tradução livre).

---

<sup>104</sup> As Filipinas foram a primeira república da Ásia, ainda que isso não tenha sido obra dos americanos, mas sim através do governo revolucionário de Emílio Aguinaldo (Official Gazette, 2024)

<sup>105</sup> “Was a more subtle, indirect, and effective means of sociocultural reorientation of the Filipinos through schools, sports, literature, language, art, music, religion, health and sanitation, and others related to value-changing and concept-forming processes”.

<sup>106</sup> “Little brown brothers”



Apesar de, como já dito, as Filipinas já possuírem, à época, um sistema educacional, os estadunidenses o consideraram muito limitado, e “o governo americano sabia que a região precisava de um robusto sistema educacional para servir de base a esta nova sociedade, então eles instituíram um novo sistema educacional nas Filipinas” (University Of Michigan, 2024)<sup>107</sup>. O processo objetivava inspirar a população local a abandonar as hostilidades, enquanto construíam identificação com os “irmãos maiores”, expandindo o Destino Manifesto de terras americanas para o pacífico (Francia, 2014). Supõe-se que a sanha imperialista extrapolava o “América para os americanos” e transformava-se rapidamente em “O mundo para os americanos”. Esses passos tomados pelos EUA trouxeram marcas indeléveis para o arquipélago, reforçando sua identidade única, dentro da Ásia.

Já em 1901, a Comissão Filipina, chefiada por William Taft, ordenou que a educação primária seria universal, gratuita e, mais importante, com as aulas ministradas totalmente em língua inglesa. Além disso, professores filipinos começariam a ser treinados para, afinal, ocuparem o lugar que havia sido dos militares e, em seguida, dos tomasianos (Francia, 2014).

Para compreendermos melhor a importância do movimento colonizatório educacional, e as ramificações profundas que dão muito da identidade filipina atual, a qual é base para este estudo, tomemos as palavras de Francia:

Aquele grupo inicial consistia de 509 jovens homens e mulheres, um exército evangelizador ávido por doutrinar meninos e meninas em idade escolar das ilhas com os métodos americanos e, portanto, ajudar a sarar as feridas da guerra ao transformar os povos marrons à imagem do seu colonizador. Por essa razão o inglês seria o meio de instrução. Uma língua comum tornaria a identificação muito mais fácil; não tardaria para que crianças filipinas comesçassem a sonhar com neve, ansiar por maçãs e idolatrar estrelas hollywoodianas de pele clara (Francia, 2014, p. 175)<sup>108</sup>.

---

<sup>107</sup> “The American government knew the region needed a strong educational system to serve as the base of this new society, so they instituted a new system of education in the Philippines”.

<sup>108</sup> “That initial group consisted of 509 young men and women, an evangelizing army eager to indoctrinate the school-boys and -girls of the islands in American ways and thus help heal the wounds of war by refashioning brown folk into the image of the colonizer. For that reason, English would be the medium of instruction. A common language rendered identification much easier; it wouldn’t be too long before Filipino kids started to dream of snow, yearn for apples, and idolize fair-skinned Hollywood stars”.

A passagem acima mostra claramente as intenções do colonizador, e o paternalismo profundo que movia os tomasianos. O objetivo era doutrinar, evangelizar, fazer no século XX o que a Espanha vinha fazendo há três séculos, com a diferença que a roupagem e o idioma seriam outros. Chamá-los de marrons, como é comum ao largo da maior parte das obras que servem de base para esta tese, é insistir em uma divisão da humanidade baseada em níveis de melanina, mas que correm infinitamente mais profundas que a epiderme. Sempre que o termo raça, ou adjetivos como brancos, pretos, marrons ou amarelos forem utilizados neste estudo, é essencial que sejam vistos como parte de uma forma de resistência cultural, e não mera reprodução impensada de palavras alheias.

Quando Francia se refere às aspirações filipinas com relação a características típicas de um país diametralmente oposto geograficamente, com clima absolutamente estranho ao do arquipélago, vemos um aspecto da colonização que persiste até os dias atuais, e são largamente abordados nas obras analisadas por nós. Como veremos ao longo das próximas páginas e capítulos, muito do *ser* filipino se localiza entre o *não ser* e, principalmente, *querer ser*.

Matt Ortile (2018), em seu *memoir*, traz uma passagem pungente sobre a sua consciência da colonização e da importância dada ao falar inglês. Primeiramente, ao dizer que os Americanos ensinaram inglês aos filipinos para “homogeneizar sujeitos coloniais sob uma língua, um punho” (p. 309). Em uma única frase, Ortile resume a colonização e o imperialismo: Pela cultura e pela força. O autor também diz que sempre ouviu “‘você está na América’ (...) não apenas como imigrantes nos EUA, mas como propriedade de outrora deste império americano. ‘Fale inglês’” (p. 310). Independentemente do local de residência de um colonizado, ele é posse da metrópole.

Mais adiante, Ortile cita algo da sua própria identidade que nos remete à passagem usada por nós, de Nadeau, sobre a “americanização” do arquipélago. Da mesma forma que as crianças filipinas foram treinadas, pelos tomasianos, a ansiar por neve e maçãs, Ortile conta que:

desde o momento que os Estados Unidos compraram as Filipinas da Espanha, americanos brancos se apoiaram em propaganda cultural e contaram com seus súditos filipinos para internalizar sua suposta inferioridade. Minha herança colonial me entregou quando eu sonhei

com flores brancas, lençóis brancos e um marido branco. Eu não pensei duas vezes quando escolhi essas imagens para representar minha felicidade conjugal, aceitando a branquidão como o padrão, o pico da beleza. Eu esperava que o glorioso espetáculo do Sagrado matrimônio me salvaria dos meus sentimentos de separação, minha distância das Filipinas, ao anunciar minha total aceitação dentro da América. Para ser fixado neste país, eu precisava entregar meu nome (Ortile, 2020, p. 310)<sup>109</sup>.

As palavras do autor-narrador são tão precisas, e tão em consonância com o que fora exposto por Nadeau, que podemos partir do pressuposto que a colonização cultural, ou, como dito por Ortile, a “propaganda cultural” foi extremamente bem-sucedida. Matt Ortile, um homem de pele muito mais escura que o ideário americano, com traços filipinos, sentiu que só seria realmente feliz se encontrasse um homem branco para ser seu marido. Pior ainda, somente esses objetivos inalcançáveis o uniriam à sua pátria, tanto a antiga, quanto a de adoção. Por fim, ele afirma ter cogitado entregar seu nome, mudando-o. Porém, como vemos pelo título do seu *memoir* e ao lê-lo, sabemos que isso não aconteceu e, no que depender dele, jamais acontecerá. Voltaremos o assunto no capítulo 4, sobre resistência cultural.

Em *In the Country*, no conto *Legends of the White Lady*, a protagonista é uma modelo americana que vai para Manila na esperança de conseguir emprego fácil, justamente por conta da idolatria pelo padrão de beleza *yankee*. Para ela, em cidades como Manila, “há uma demanda por olhos azuis, cabelos claros e pele como leite” (Alvar, 2015. p. 58)<sup>110</sup>. Se o padrão de beleza é o mote da história, alguns detalhes mostram a americanização do povo local. Ao entrar em um taxi, rumo ao seu futuro apartamento, o motorista a pergunta: “a senhorita é americana?” (p.64)<sup>111</sup>. A resposta é curta, grossa e carregada de identidade cultural: “como torta de maçã” (p. 64)<sup>112</sup>. Porém, o que mostra a americanização do taxista *pinoy* é a continuação da conversa:

---

<sup>109</sup> “From the moment the United States purchased the Philippines from Spain, white Americans relied on cultural propaganda and counted on their Filipino subjects to internalize their supposed inferiority. My colonial inheritance gave me away when I dreamed of white flowers, white linens, and a white husband. I didn’t think twice when I piked those images to represent my happily wedded bliss, accepting whiteness as the default, the peak of beauty. I hoped the glorious spectacle of sacred marriage would save me from my feelings of severance, my distance from the Philippines, by heralding my full acceptance into America. To be fixed in this country, I believed I had to surrender my name”.

<sup>110</sup> “There is a demand for blue eyes and light hair and skin like milk”.

<sup>111</sup> “You, American, miss?”

<sup>112</sup> “As apple pie”.

“deu pra perceber, senhorita. De onde na América? Texas?” (p. 64)<sup>113</sup>. Ela responde que é de Nova York e o motorista continua: “Aqui de férias?”, ele perguntou, exatamente como um americano perguntaria” (p.64)<sup>114</sup>.

Começemos as referências culturais pela parte da torta de maçã. Há uma expressão que diz “as American as apple pie” (tão americano quanto torta de maçã). Por fugir do escopo da discussão em questão, nos furtaremos de explicar sua origem, mas a definição é clara: Quando se diz que algo é tão americano quanto torta de maçã, a intenção é dizer que aquilo é totalmente estadunidense (Collins Dictionary, 2024). Como já fomos informados, por Nadeau (2008), que os tomasianos incutiram uma paixão por tudo o que é americano, presume-se que um cidadão filipino entenderia imediatamente o significado da frase. Ainda, extrapolaremos a análise e presumiremos que muitos filipinos, culturalmente colonizados, adorariam poder ser descritos como “americano como torta de maçã”.

Na sequência do diálogo, quando a personagem reconhece uma resposta do motorista como a de um típico americano, é devido a um termo usado no original que, infelizmente, se perdeu na tradução. O taxista pergunta se ela está em Manila “on vacay”, ele está usando uma corruptela tipicamente americana da palavra *vacation*, férias. Para reforçar a nossa afirmação, o Cambridge Dictionary descreve *vacay* como um substantivo informal dos Estados Unidos, para significar férias (Cambridge Dictionary, 2024). Ou seja, ao ser capaz de usar um termo informal reconhecidamente americano, há mais um nível de dominação cultural yankee em jogo.

Para reforçar quão onipresente nas obras escolhidas é a identidade americana inculcada em todo *pinoy*, analisemos agora uma passagem de *America is Not the Heart* (2018). A personagem Paz, uma enfermeira, imigra para os Estados Unidos e, ao conseguir seu primeiro emprego, reflete sobre suas ideias e aspirações quanto ao país que a recebeu (o capítulo de Paz é escrito na segunda pessoa):

Toda a sua vida, você sonhou com a América, cantou suas músicas e penteando o estilo dela no seu cabelo. Mas agora a perspectiva de conhecer americanos de carne-e-osso a deixa apreensiva; você se lembra de algumas das mais cruéis histórias que você ouviu em casa, da geração mais velha que havia ido trabalhar nos campos de cana e aspargo na costa oeste e retornou com o corpo quebrado e

<sup>113</sup> “I can see that, miss. Where in America? Texas?”

<sup>114</sup> “Here on Vacay? He asked, just like an American would”.

amargurada, ou mesmo nunca voltou. Para o seu alívio, você é tratada com gentileza, de uma forma semipaternal e semipaqueradora (Castillo, 2018, p 19)<sup>115</sup>.

Mais uma vez temos parte do ideário americano. Eles influenciavam a música, o visual. Porém, vamos aqui o confronto entre a expectativa e a dura realidade. A expectativa vem embalada em sonhos, enquanto a realidade tem o peso da história de todo o povo de Paz, representado por aqueles que sofreram ao trabalhar na agricultura e foram pessimamente recebidos na nova pátria. Essa antiga realidade será trabalhada no próximo capítulo, sobre imigração filipina.

Não obstante, a realidade que Paz encontra é diferente. Melhor do que a esperada. Curioso ver que, mesmo sendo positiva, há sempre um tom paternalista, de superioridade do nativo estadunidense com aquele que vem de fora.

Retornando ao sistema educacional, é necessário enfatizar o efeito unificador e catalisador do uso da língua inglesa. Até então, tínhamos o espanhol como língua das elites, e centenas de idiomas regionais usados nas ilhas. Não houve, por parte da coroa espanhola, um grande esforço no ensino do seu idioma aos *índios* (Nadeau, 2008). Já os Estados Unidos logo entenderam que, para agregar os ilhéus, seria necessário mais do que estradas e linhas comerciais, mas uma identidade nacional que passava, obrigatoriamente, pela língua inglesa.

Para Tan (2008), o que emergiu do sistema de ensino (particularmente com a fundação da *University of the Philippines*, em 1908) foram novas gerações de filipinos “de todas as idades equipados não apenas com ferramentas de modernização, mas também um tipo de um panorama cultural que se tornou indiferente a valores e instituições tradicionais” (p. 75)<sup>116</sup>. Ou seja, o produto da colonização cultural foi, sim, uma espécie de unificação do país, historicamente tão espalhado e culturalmente pulverizado, mas ao custo de várias tradições locais.

---

<sup>115</sup> “All your life, you’ve been dreaming of America, singing its lyrics and combing its style into your hair. But now the prospect of meeting actual, real-life Americans makes you apprehensive; you remember some of the crueler stories you heard back home, from the older generation who’d gone to work in the sugarcane or asparagus fields on the West Coast and returned broken-bodied and bitter, or never came back at all. To your relief, you’re treated kindly, with a kind of semipaternal, semiflirtatious warmth”.

<sup>116</sup> “Of Filipinos from all age levels equipped with not only tools of modernization but also a kind of cultural outlook that became indifferent to traditional values and institutions”.

No conto epônimo de seu romance, *In the Country* (2015), Mia Alvar traz a história da enfermeira Milagros Sandoval, que luta por igualdade de pagamento com seus colegas de profissão americanos. A história se passa em Manila.

Quando Milagros tem um filho, seus vizinhos a presentearam com vários objetos relacionados a educação, como livros e ábacos de madeira. Para os vizinhos, incentivar o conhecimento nunca podia começar cedo demais.

Como Milagros, eles todos chegaram onde estavam ao venerar o Deus da educação. *Eles podem queimar sua casa e roubar tudo o que você tem*, dizia o ditado, *mas eles nunca podem levar sua educação de você*. Educação fazia dos lugares ásperos lisos, como Horace Mann prometera, e como os tomasianos haviam pregado (Alvar, 2015, P. 254).

Algo que destaca os filipinos dos seus vizinhos asiáticos mais próximos e até mesmo dentro dos EUA é seu nível educacional. Há uma constante preocupação em continuar os estudos, e dominar o inglês é importante. O eco do trabalho dos tomasianos segue vivo, referenciado (e, por que não, *reverenciado?*) em uma obra escrita mais de um século depois do primeiro navio levando professores americanos chegar às costas filipinas.

Contudo, ainda dentro da obsessão nacional com a língua inglesa, e sua colonização cultural internalizada, devido a uma recente queda em performance nos testes internacionais de proficiência em língua inglesa, há um movimento que prega o banimento de dublagens de produções inglesas para tagalog (Beltran, 2024). A intenção, segundo a autora, é manter a competitividade dos trabalhadores filipinos em um mundo onde a língua inglesa é essencial. Porém, vemos tal passo como um aprofundamento e manutenção do trabalho de catequização educacional começado pelos tomasianos.

Voltando às mudanças impostas pelos americanos, a transformação do país continuava em curso. O olhar em direção ao oeste, ignorando ou se mesclando às tradições e valores orientais, seguia a todo vapor. Esportes como beisebol, basquete, vôlei se popularizavam e começavam a conviver e modificar atividades locais, como *sipa*, *kaldang* e *pagtanduk* (Tan, 2008). Havia uma incontestável *ocidentalização* do país, o que os trazia para cada vez mais perto dos colonizadores.

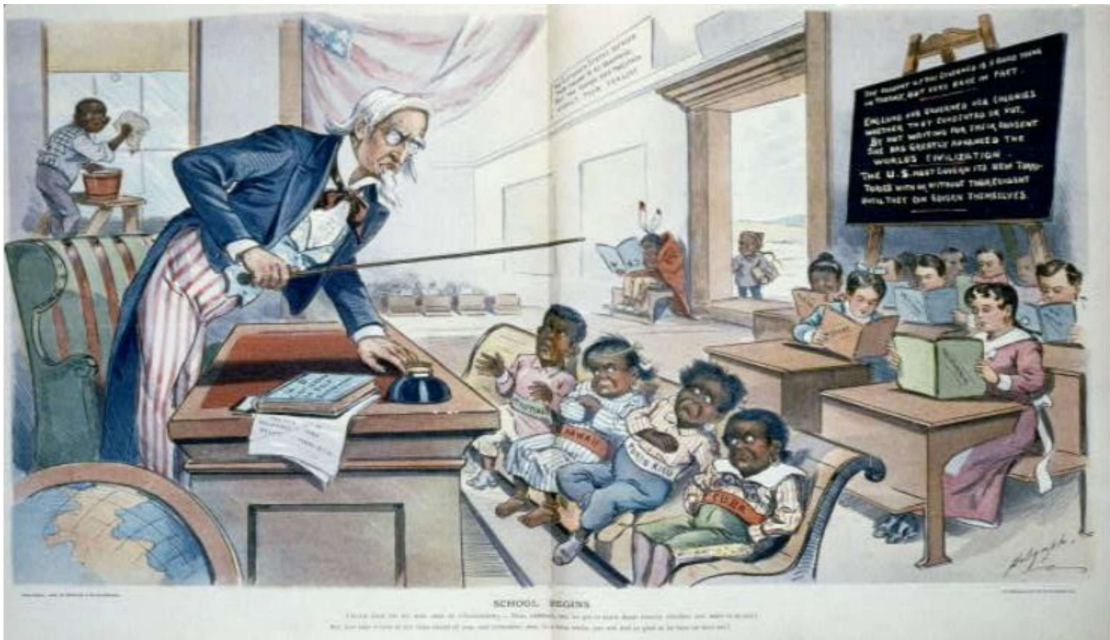
A visão reinante dos americanos com relação aos seus “irmãozinhos marrons”, é magistralmente registrada pelo cartoon de Louis Dalrymple, publicado em 1899. O

título da obra é “School Begins” (A escola começa). Nele, vemos o Tio Sam com uma longa régua, olhar sisudo, enquanto quatro crianças *marrons* sentam na primeira fileira. Cada uma delas representa as colônias tomadas no final do século XIX (da esquerda para a direita): Filipinas, Havaí, Porto Rico e Cuba.

Na legenda do cartoon (Figura 2), temos as seguintes palavras:

“A Escola começa. Tio Sam (para a sua nova classe em Civilização). - Agora, crianças, vocês têm que aprender estas lições, quer vocês queiram ou não! Mas olhem para a classe à frente de vocês e lembrem-se que, em pouco tempo, vocês vão se sentir tão felizes por estarem aqui quanto eles” (Library Of Congress, 2024, s/p)<sup>117</sup>.

Figura 2- Ilustração *School Begins*



Fonte: Library Of Congress, 2024

São tantos elementos envolvidos no desenho, que é preciso focarmos apenas naqueles essenciais para o subcapítulo em questão, sob risco de nos estendermos demasiado.

Começemos pelos alunos do fundo. Eles representam estados que se juntaram à nação norte-americanas em décadas anteriores, como Texas e Novo México. Com

<sup>117</sup> School begins Uncle Sam (to his new class in Civilization). - now, children, you've got to learn these lessons whether you want to or not!

exceção do Alasca, todos os outros alunos do fundo são brancos. Estão ali, como toda a classe, para aprender sobre civilização.

Apesar de o menino negro estar na sala de aula, ele não está ali para aprender. Sua obrigação é trabalhar. No caso, limpando as janelas. Vemos aí uma crítica contundente à situação da população negra no país (quando da publicação do cartoon, a escravidão já havia sido abolida há mais de trinta anos).

Ao lado da porta, quase não fazendo parte da classe, está uma criança indígena, que, nos parece tentar aprender o ABC sozinha, e falha miseravelmente, pois o livro está de cabeça para baixo e ela tem um olhar de pavor, inclusive com os ombros encolhidos, em sinal claro de medo de repressão física.

Fora da sala, vemos uma criança de pele escura, com traços asiáticos (inclusive um chapéu com aspecto oriental). Imaginamos que seja uma referência aos imigrantes chineses que foram legalmente barrados dos EUA por um período. Contudo, detalhes dessa política americana serão abordados ao longo do próximo capítulo, que tratará sobre imigração.

Uma faixa branca, acima da criança indígena, diz que “os estados confederados recusaram seu consentimento a serem governados; mas a União foi preservada sem seu consentimento” (Library Of Congress, 2024)<sup>118</sup>. A referência aqui é a Guerra de Secessão Americana (1861-1865), e a frase nos é útil por mostrar que o Tio Sam não se importa se um país quer ou não ser governado. Como fizeram com as Filipinas, a ganância americana e sua obsessão em “civilizar” o mundo aos seus moldes não tem limites. Não obstante, por esse ponto de vista, é preciso reconhecer que os americanos são consistentes nos seus propósitos. Não há demagogia. A ditadura civilizatória dos Estados Unidos foi aplicada dentro de casa com tanta violência quanto fora dela. Um país de oportunidades iguais: Todos têm o mesmo direito à opressão. A única diferença reside na virulência da instrução, que aumenta conforme escurece a cor da pele.

O quadro negro traz importantes referências à colonização inglesa:

O consentimento do governado é uma boa coisa em teoria, mas muito rara de fato. A Inglaterra governa suas colônias independente de elas consentirem ou não. Ao não esperar pelo seu consentimento, ela

---

<sup>118</sup> “The Confederate States refused their consent to be governed; but the Union was preserved without their consent”



avançou grandemente a civilização do mundo. Os EUA precisam governar seus novos territórios com ou sem consentimento deles até que eles possam governar-se a si mesmos (Library Of Congress, 2024, s/p)<sup>119</sup>.

Depreendemos da passagem acima que há um reconhecimento implícito da colonização pela qual passaram as treze colônias como um mal necessário. Teria sido melhor se eles tivessem oferecido sua anuência ao governo a partir de outro país, mas há uma racionalidade maquiavélica por trás da ideia de que foi o controle inglês que os trouxe a luz da civilização. A passagem continua, ao dizer que é obrigação dos americanos governar suas colônias, quer eles queiram, ou não. É o preço a se pagar para avançar a civilização do mundo.

Por fim, foquemos na expressão facial dos alunos da primeira fileira, as colônias mais recentes. Há um misto de raiva, medo, insatisfação e até mesmo uma dose de conformismo. Tudo isso reforça, com brilhantismo, o momento do mundo de então, em que a potência norte-americana emergia e sem pudores partia em conquista de nacos do planeta que sejam, sob seus rígidos padrões, incivilizados.

Justificamos o uso do cartoon e nossa análise por conta de o desenho representar, com inúmeros artifícios, a situação das Filipinas naquele final do século XIX e início do XX. Está presente ali o imperialismo, colonialismo, paternalismo e arrogância que marcaram a ocupação americana do arquipélago. Contudo, antes de pensarmos nesta situação como necessariamente de glória, ela era embasada no que se chama de “fardo do homem branco”. O termo foi cunhado pelo poeta inglês Rudyard Kipling (1865-1936), quando da ocupação americana das Filipinas, e o autor encorajou, em um poema, os EUA a se apoderarem da ilha, aceitando um suposto fardo do homem branco, responsável pela civilização dos povos não-brancos (The American Yawp Reader, 2024. s/p). Para melhor explicar o conceito, vejamos o que diz o website Digital History:

O conflito ajudou a popularizar o conceito do “fardo do homem branco”, a noção de que os Estados Unidos e sociedades europeias ocidentais tinham um dever de civilizar e elevar as raças ‘ignorantes’ do mundo. Um senador do estado da Indiana declarou: ‘Nós não podemos nunca

---

<sup>119</sup> “The consent of the governed is a good thing in theory, but very rare in fact. England has governed her colonies whether they consented or not. By not waiting for their consent, she has greatly advanced the world's civilization. The US must govern its new territories with or without their consent until they can govern themselves”.

esquecer que, ao lidarmos com filipinos, nós lidamos com crianças” (Digital History, 2021, s/p)<sup>120</sup>.

Esse fardo metafórico foi passado dos britânicos para os americanos, que tratavam agora de espalhar para o mundo a sua forma de vida. Nada melhor do que as palavras do próprio Rudyard Kipling (um britânico) para mostrar o abominável sentimento de preeminência americana:

Assuma o fardo do homem branco / Envie o melhor que você cria / Vá amarrar seus filhos ao exílio / Para atender às necessidades de seus cativos / Esperar em arreios pesados / Em gente agitada e selvagem / Seus povos taciturnos recém-capturados / Meio demônio e meio criança... (Kipling in Francia, 2014, p. 137)<sup>121</sup>.

O fato de um poema que naturaliza a exploração imperialista, diminui, ofende e despersonaliza os colonizados ter sido escrito por um poeta inglês só reforça a presunção desumana dos anglo-saxões e seus descendentes diretos. O subtítulo do poema é “Os Estados Unidos e as Filipinas”<sup>122</sup> (Francia, 2014. P. 137). Kipling merece o crédito por ter descrito em apenas 8 linhas a hediondez da colonização americana, algo que precisamos de dezenas de páginas para abordar, e mesmo assim parcialmente, por limitações de escopo acadêmico.

Entretanto, convém sempre lembrar que Kipling e seus contemporâneos eram filhos de suas épocas, dos pensamentos vigentes. Nossa intenção não é inflar as fileiras da cultura do cancelamento. Somos adeptos da ciência, da obviedade da terra redonda, da liberdade de pensamento. Estamos analisando, no século XXI, palavras que representavam o mundo do final do século XIX e início do século XX. Sejam sempre críticos e não permitamos jamais que seres (humanos ou não) sejam tratados com violência ou menosprezo, mas ainda assim tenhamos sempre o bom-senso de evitar a queima de livros, sejam eles da esquerda ou da direita. Conhecimento é luz.

---

<sup>120</sup> “The conflict helped popularize the concept of the “white man's burden,” the notion that the United States and Western European societies had a duty to civilize and uplift the “benighted” races of the world. A U.S. senator from Indiana declared: “We must never forget that in dealing with the Filipinos, we deal with children”.

<sup>121</sup> “Take up the White Man’s Burden / Send forth the best ye breed / Go bind your sons to exile / To serve your captives’ needs / To wait in heavy harness / On fluttered folk and wild / Your new-caught sullen peoples / Half-devil and half-child ...”

<sup>122</sup> “The United States and the Philippines”.

Retornando às condições políticas das ilhas, logo em 1901, foi aprovada a Lei de Sedição (*Sedition Law*), que proibia veementemente qualquer comunicação, oral ou escrita, que mencionasse independência (Francia, 2014). Os Estados Unidos, autoproclamados bastiões da liberdade, agiram através da Comissão Filipina para que os “pequenos irmãos marrons” não gozassem dos mesmos direitos que os cidadãos nascidos na América.

Como exemplo de aplicação da famigerada lei, um autor de peças de teatro, Aurelio Taulentino (1869-1915), foi preso por escrever uma peça intitulada *Kahapon, Ngayon, at Bukas* (Ontem, Hoje e Amanhã, em tradução livre), na qual um personagem arranca a bandeira americana do seu mastro e a pisoteia (Francia, 2014). O uso da literatura como resistência será abordado com mais detalhes dentro do capítulo 4 desta tese.

Mais adiante na linha do tempo, encontramos a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Durante a segunda década do século XX, a crença de que a independência viria logo era grande, principalmente pelo fato de o presidente Woodrow Wilson ter indicado um governador geral, Francis B. Harrison (1873-1957), simpático à emancipação das ilhas (JOSÉ, 2021).

Dada a neutralidade dos EUA ao longo da maior parte da guerra, as Filipinas tiveram participação muito pequena no conflito. De acordo com o historiador Ricardo José, em artigo para a *International Encyclopedia of the First World War*, o maior impacto para o país foi comercial, já que as trocas com países das potências centrais (Alemanha, Áustria-Hungria, Império Otomano e Bulgária) foram suspensas (2021, s/p).

Como viria a acontecer mais adiante, com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a entrada dos EUA no conflito galvanizou o arquipélago em prol da vitória, e congelou, temporariamente, o ímpeto independentista filipino (José, 2021). Para demonstrar seu apoio material à causa bélica, as Filipinas lutaram de duas formas principais: com o alistamento no exército americano por parte de cidadãos do arquipélago que já moravam nos EUA, e com a criação da Guarda Nacional Filipina (*Philippine National Guard*)<sup>123</sup> (José, 2021).

---

<sup>123</sup> A Guarda Nacional Filipina foi o embrião do futuro exército das Filipinas. Antes da entrada formal dos EUA na Primeira Guerra, o governo local aprovou uma lei permitindo a criação de

A independência seguia viva no espírito filipino, e alguns passos tomados pelo governo americano davam esperança ao povo do arquipélago. Através da influência de Manuel L. Quezon (1878-1944), então representante permanente das Filipinas no Congresso americano, houve a implementação, em 1913, do processo chamado de “Filipinização”, uma continuação da antiga política de “Filipinas para os filipinos”, previamente abordada (Francia, 2014).

Um dos primeiros e mais importantes passos da “Filipinização” foi uma transformação da Comissão Filipina, então o órgão legislador do país. A partir de 1913, os cidadãos do arquipélago passaram a ser maioria na Comissão, o que garantiu uma maior autonomia na criação de leis para as ilhas. Além disso, filipinos foram indicados para posições-chave no judiciário e outros postos burocráticos (Francia, 2014).

Outro evento importante em direção à independência total do país foi dado em 1916, com a aprovação, por parte do Congresso dos EUA, do *Jones Act*, ou *Philippine Autonomy Act* (Lei Jones ou Lei da Autonomia Filipina). Através da lei, foram estabelecidos um senado local, e a promessa de que os estadunidenses “retirariam sua soberania sobre as Ilhas Filipinas tão logo um governo estável pudesse ser estabelecido lá” (Britannica, 2024, s/p)<sup>124</sup>. Vemos aqui mais um exemplo da política ambígua dos americanos com relação à sua colônia. Havia, com a Lei Jones, uma “promessa de promessa”, que só se tornaria realidade quando requisitos alheios aos elementos da concretude fossem alcançados.

Ainda no período entreguerras, foi aprovada uma lei que, enfim, colocaria o arquipélago na rota da sua autonomia. Mais uma vez com o intermédio de Quezon, que era, no ano de 1932, presidente do Senado das Filipinas. O *Tydings-McDuffie Act* (Lei Tydings-McDuffie) previa um prazo de dez anos para a independência do país e, durante este ínterim, as Filipinas seriam promovidas ao status intermediário de *commonwealth*<sup>125</sup> (Francia, 2014). Ainda, a lei foi bem recebida pela população por

---

uma milícia nacional, que se transformaria no Guarda e permitiria o envio de soldados do país para lutar na Europa (José, 2021).

<sup>124</sup> “Withdraw their sovereignty over the Philippine Islands as soon as a stable government can be established therein.”

<sup>125</sup> Commonwealth é definido pelo dicionário Merriam Webster como: “Uma unidade política com autonomia local mas voluntariamente unido aos Estados Unidos (a political unit having local autonomy but voluntarily united with the U.S. (Merriam Webster, 2024)

ser considerada um meio-termo aceitável, e que trazia uma futura revisão como implícita (Nadeau, 2008). Mesmo que em ritmo lento, a independência chegava, mas ainda sem um posicionamento inequívoco. Para completar a má sorte dos filipinos, mais uma guerra se avizinhava, uma que, desta vez, não daria a eles opção de neutralidade.

A partir de 1939, o mundo foi mergulhado em um conflito global sem precedentes. Enquanto a Alemanha nazista passava seu rolo-compressor pela Europa, o exército imperial do Japão se movimentava na Ásia. E as Filipinas seriam alvo direto da voracidade nipônica.

Apenas algumas horas após o ataque surpresa em *Pearl Harbor*, Havaí, os japoneses apontaram suas armas para as bases americanas nas Filipinas. Lá, o ataque foi tão arrasador que, apesar de ferrenha resistência, as forças filipino-americanas foram obrigadas a se retirar (Nadeau, 2008).

O governo filipino se viu impelido a fugir para os EUA, e de lá estabelecer uma administração no exílio, por conta da falta de apoio logístico por parte dos americanos, que se viam totalmente envolvidos no conflito em território europeu (Nadeau, 2008). Por ordem do presidente Roosevelt, o general Douglas MacArthur (1860-1964) tomou refúgio na Austrália, mas prometeu retornar para liberar as Filipinas (Francia, 2014). No ínterim, o país foi ocupado pelos japoneses e administrado desde Tóquio, tornando assim, mesmo que temporariamente, as Filipinas em um país colonizado por três diferentes potências.

Em uma mostra de que as potências mudam, mas o espírito colonizador é perene, Nadeau nos conta que

os japoneses usaram uma falsa retórica para justificar a tomada de controle sobre as Filipinas. Marchando sob o slogan de “asiáticos pelos asiáticos”, eles anunciaram que tinham vindo em solidariedade com o povo da Ásia para liberá-los do colonialismo. Como os americanos, os japoneses permitiram que os filipinos operassem o governo, mas sob escrutínio e supervisão ainda maiores (Nadeau, 2008, p. 59)<sup>126</sup>.

---

<sup>126</sup> “The Japanese used false rhetoric to justify their taking control of the Philippines. Marching under the slogan of “Asians for Asians,” they announced that they had come in solidarity with the people of Asia to liberate them from colonialism. Like the Americans, the Japanese allowed the Filipinos to operate the government but under much closer scrutiny and supervision”.

Vemos aqui um *mise em abyme*, uma repetição da história. Primeiro os europeus vieram salvar os *índios* do ateísmo e adoração pagã e, claro, trazer a luz da civilização; os americanos trouxeram consigo a intenção de doutrinar os *pequenos irmãos marrons* nos meandros do autogoverno; por fim, os heroicos japoneses apareciam para arrebentar as amarras que mantinham seus companheiros asiáticos atados ao Tio Sam.

Não obstante, o caminho da independência continuava a ser trilhado. A ocupação reacendeu sentimentos de autonomia e anticolonialismo, dando novo ímpeto ao movimento (Nadeau, 2008).

O controle japonês continuou entre 1942 e 1945. Não surpreendentemente, “muitos proprietários de terra e autoridades provinciais mudaram-se para as cidades, especialmente Manila, e colaboraram com os japoneses para proteger seus bens” (Nadeau, 2008. p. 59)<sup>127</sup>. Isso é mais uma repetição dos passos dados pelas elites na colonização espanhola e americana. Contudo, houve resistência camponesa, especialmente através do grupo *Hukbalahap* (Exército Popular Anti-Japonês, em tradução livre). Os camponeses lutaram para auxiliar os americanos na expulsão dos japoneses do território. Todavia, após a guerra e o retorno dos estadunidenses, o mesmo grupo passaria a ser perseguido por Washington, sob acusação de ser comunista (Francia, 2014).

Apesar da promessa de MacArthur de retomar as ilhas imediatamente, o governo Roosevelt focava intensamente no front europeu, o que retardou o retorno do general em dois anos e meio. Quando, finalmente, as Filipinas foram retomadas, MacArthur foi fiel a seu estilo extravagante e auto-engrandecedor e afirmou, ao chegar às ilhas: “povo das Filipinas, eu retornei”<sup>128</sup> (Francia, 2014. p.194). A guerra terminava no arquipélago, mas o paternalismo colonial seguia verdejante.

Os dois anos e meio de ocupação nipônica deixaram o país em frangalhos, e “o arquipélago enfrentava a tarefa aparentemente intransponível da reconstrução. Manila era uma casca da sua grandiosidade no pré-guerra, e seu coração, *Intramuros*, estava eviscerado”<sup>129</sup> (Francia, 2014, p. 197).

---

<sup>127</sup> “Many landowners and provincial governing officials moved to the cities, especially Manila, and collaborated with the Japanese to protect their own assets”.

<sup>128</sup> “People of the Philippines, I have returned”.

<sup>129</sup> “The archipelago facing the seemingly insurmountable task of rebuilding. Manila was a shell of its pre-war grandeur, its heart, *Intramuros*, gutted”.

A recuperação do país passava pelo restabelecimento do controle por parte dos estadunidenses, e seu apoio econômico, através do *United States Reconstruction Corporation*<sup>130</sup> em um momento que a prioridade de Washington era impedir o avanço do comunismo (Nadeau, 2008).

A tão sonhada e desejada independência total veio em 4 de julho de 1946, com a proclamação dada pelo presidente Manuel Roxas (1892-1948), na presença do embaixador dos EUA, Paul V. McNutt (1891-1955). O processo foi a culminância da Lei Jones, de 1916, e uma interpretação literal da Lei Tydings-McDuffie, que conferia e consentia com a entrega da soberania americana sobre as ilhas (Tan, 2008).

Um aspecto importante que precisa ser levado em consideração ao analisarmos a emancipação filipina, é que, sempre seguindo à risca a cartilha do imperialismo, os Estados Unidos abriram mão do controle do arquipélago com o objetivo de “livrar os Estados Unidos de obrigações formais e legais na reconstrução [das Filipinas] pós-guerra, exceto pelo que fora concordado entre os países antes da guerra”<sup>131</sup> (Tan, 2008, p. 82). Em outras palavras, o preço da independência foi o valor da reconstrução do próprio país.

Após 48 anos de controle direto desde Washington, os filipinos tinham as rédeas do seu país nas mãos. As nuances da ocupação *yankee* são muitas, e não convém focarmos em aspectos limitantes. Em quase meio século, a antiga colônia havia mudado profundamente.

Não podemos perder de vista que houve, além de uma suposta cruzada civilizatória, uma reestruturação da economia das Filipinas, durante os muitos anos de colonização americana. Se durante os 333 anos de jugo espanhol o arquipélago começou a ser unificado e desenvolvido, foram ao longo dos quase cinquenta anos de influência americana que grandes mudanças aconteceram.

Embasado nos dados publicados pelo economista e pesquisador Gerardo P. Sicat, para o website *PER SE*, da *University of the Philippines*, a estrutura do arquipélago se desenvolveu de forma profunda e rápida, durante a colonização americana. Números específicos indicam a transformação: Quando da ocupação

---

<sup>130</sup> A instituição era gerida pelo governo *yankee* com o intuito de financiar projetos em governos estaduais, locais ou estrangeiros aliados (Federal Reserve History, 2024)

<sup>131</sup> “To free the United States legally and formally from obligations of postwar reconstruction except those agreed upon between the two countries before the war”.

americana<sup>132</sup>, havia 196 quilômetros de estradas de ferro no país; em 1938, já eram 1353 quilômetros, um aumento de quase sete vezes (Sicat, 2019). Estradas e pontes contavam 397 quilômetros em 1908, mas chegaram a 15214 em 1933. Já linhas telegráficas, foram de 5478 quilômetros em 1898 para 14366 em 1903 (Sicat, 2019).

Longe de tentarmos romantizar, amenizar ou ignorar a brutalidade da ocupação americana, nossa intenção é apenas demonstrar que houve uma real mudança no arquipélago na primeira metade do século XX.

Por maiores que tenham sido as mudanças, os quase 380 anos de colonização pelas duas potências deixaram marcas indeléveis na economia filipina. Em um artigo publicado pelo New York Times, em 2023, o repórter Peter S. Goodman explica que a economia do país sofre até hoje pela escolha americana em não promover uma real reforma agrária. Diz Goodman que em uma “região definida pela mobilidade ascendente através da manufatura, as Filipinas se destacam por serem uma nação ainda largamente dependente da agricultura – um legado do controle estrangeiro” (Goodman, 2023)<sup>133</sup>. Enquanto outros países da Ásia se transformaram em colossos econômicos, como Coréia do Sul, Japão, China, o arquipélago continua com um pequeno parque industrial, em parte pelo legado da política americana de manter o país dependente das manufaturas provenientes dos EUA (Goodman, 2023).

Como explicação mais aprofundada sobre o porquê de a reforma agrária não ter acontecido, o texto de Goodman nos esclarece que os estadunidenses forçaram a redistribuição de terras em vários países asiáticos, inclusive no Japão. Contudo, como as Filipinas lutaram lado a lado com as forças americanas, nas duas Grandes Guerras, Washington não quis punir as elites aliadas com a reforma forçada (Goodman, 2023). Isso reforça o controle do país por uma pequena e extremamente influente elite, e mantém a nação, até hoje, com uma renda per capita baixa. A título de comparação, o Brasil, com toda a sua desigualdade, está na posição 79, entre 194 nações, enquanto as Filipinas amargam o 125º, com o PIB per capita de U\$3859,00 (FMI, 2024).

---

<sup>132</sup> Chamada pelo autor de “pacificação”, termo já obsoleto dentro da história filipina, por tentar normalizar o imperialismo paternalista dos Estados Unidos.

<sup>133</sup> “Region defined by upward mobility through manufacturing, the Philippines stands out as a nation still heavily reliant on agriculture — a legacy of outside rule”.



As consequências para a sociedade filipina, por conta de escolhas econômicas e políticas tomadas por outrem, são fator importantíssimo na cultura local de emigração, e imprescindíveis para a completude deste estudo. No capítulo 3, estudaremos como o governo do arquipélago tentou e tenta enfrentar a pobreza reinante com a constante exportação de mão-de-obra filipina.

Continuemos, agora, com o subcapítulo 2.2, que abordará o percurso do país asiático após o último grande colonizador, chegando até os dias atuais, incluindo os desafios e vantagens do controle do próprio destino.

### 3.2 AS FILIPINAS COMO PAÍS INDEPENDENTE (1946 – ATUAL)

Setenta e oito anos separam a data na qual as Filipinas finalmente se tornaram um país independente e os dias de hoje, quando este texto é escrito. Como já mencionamos, os cerca de 380 anos de colonização, seja ela espanhola, americana ou até mesmo os breves e violentes anos da ocupação japonesa, acarretaram um legado indelével. Não há, em absoluto, como imaginar o arquipélago sem a passagem das potências coloniais. As transformações vieram com séculos de mortes, torturas, subjugação, mas também ajudaram a unir o país em torno de um centro comum, uma *língua franca* (Tagalog<sup>134</sup>). Foi das ruínas da colonização imperialista que surgiu a identidade nacional filipina. E ela se manifesta em diversos campos, o que está e continuará sendo abordado através da literatura *balikbayan* escrita no século XXI.

---

<sup>134</sup> Apesar de já mencionado e ainda virá a ser melhor abordado, o tagalog é, junto com o inglês, uma das línguas francas das ilhas, apesar de não ser universal. Um habitante de Luzon, ao norte, provavelmente fala uma língua materna diferente e ininteligível para um compatriota de Mindanao, ao Sul. Contudo, espera-se que uma das duas línguas nacionais sejam o ponto de contato entre os dois hipotéticos cidadãos.

Figura 3- A República das Filipinas (*Republika Ng Pilipinas*)



Fonte: Philippines Maps, 2024

O mapa acima (Figura 3) é uma representação do arquipélago nos dias atuais, e uma ferramenta útil para entendermos as diversas referências geográficas usadas neste estudo. As três subdivisões mais importantes são as macrorregiões de Luzon, ao norte, Visayas, ao centro, e Mindanao, ao sul. Além disso, o país é subdividido em 17 regiões, 82 províncias, 146 cidades, 1488 municipalidades e 42036 *barangays* (Library Of Congress, 2024). Sempre que alguma localidade for mencionada, através de citações das narrativas ou pela pesquisa em si, especificaremos a qual macrorregião nos referimos, e aconselhamos um retorno à figura 3, página 116, para facilitar a compreensão do leitor.

Retomando o que foi coberto pelo subcapítulo 2.1, as Filipinas no pós-guerra estavam completamente arrasadas, e sua infraestrutura comprometida. Apenas com auxílio estadunidense, em forma de empréstimos, o país pode começar, efetivamente, sua vida enquanto república emancipada (Nadeau, 2008), ainda que com pesadas amarras financeiras que ligavam o arquipélago a Washington.

Mais uma vez arriscando a simplificação de importantes fatos históricos, todavia sempre prezando pela concisão, voltamos nossas atenções às eleições que dariam ao país seu primeiro presidente enquanto república formalmente desligada de potências coloniais. Os dois candidatos que concorriam ao principal cargo político eram Manuel Roxas e Sergio Osmeña (1878-1961).

Roxas era visto com suspeição pela esquerda do país, já que atuara dentro do estado fantoche estabelecido pelo Japão durante a ocupação nipônica. Contudo, o candidato gozava da confiança de Douglas MacArthur por sua amizade com o general americano, que era, *de facto*, o governador da ilha até sua independência, e continuava a ter grande influência dentro do país (Francia, 2014).

O adversário de Roxas, Osmeña, havia sido o último presidente do arquipélago durante o período do Commonwealth, mas não contava com o apoio da elite. Além disso, sua intenção era clara: julgar todos os que haviam colaborado com a ocupação japonesa, o que ia de encontro aos interesses americanos à época - em especial de MacArthur (Nadeau, 2008).

É preciso reforçar que o momento histórico sobre o qual nos debruçamos, conhecido como Guerra Fria, foi uma época dicotômica, na qual as pessoas eram divididas entre comunistas e anticomunistas. Assim, importa dizer que Roxas empunhava a bandeira anticomunista, e implicitamente acusava seu adversário de apoiar os HUK, o previamente mencionado movimento comunista formado por fazendeiros da região de Luzon.

A vitória de Manoel Roxas aconteceu e coube a ele fazer as últimas negociações com a potência norte-americana, incluindo a controversa Lei Bell Trade de 1946 (*Bell Trade Act*). A lei, aprovada pelo Congresso dos EUA em consonância com o governo do arquipélago, ordenava a transição econômica da relação entre os dois países após a independência, *de jure*, das Filipinas. Dentre os itens, estavam aspectos econômicos importantes, como uma paridade do peso filipino com o dólar americano, de 2 para 1; livre comércio entre os dois países por 8 anos, seguidos por 20 anos de aumentos graduais nas tarifas de importação e exportação; e a provisão mais controversa, a *Parity Amendment* (Emenda da Paridade), que previa igualdade entre cidadãos americanos e filipinos na exploração de recursos naturais e instituições públicas (Francia, 2014).

Para Nadeau (2008), os itens do acordo foram favoráveis à elite filipina, e, obviamente, aos Estados Unidos, em detrimento da grande maioria da população. Tan (2008), refere-se a essa nova era de controle norte-americano como *neocolonialismo*. Vemos que Washington arrancou das Filipinas concessões até o último momento possível, garantindo sua própria prosperidade sem consideração com as reais necessidades do país.

Com um governo marcado por corrupção, Roxas seguiu à frente do Executivo das Filipinas por 2 anos, até morrer em decorrência de um ataque cardíaco (Francia, 2014). Foi substituído pelo seu vice, Elpidio Quirino (1890-1956). Após terminar o mandato para o qual Roxas havia sido eleito, Quirino concorreu à reeleição e venceu facilmente, sob fortes indícios de corrupção (Nadeau, 2008).

A frequente referência à corrupção, mazela que afeta a todos os países, em especial aqueles conhecidos hoje como “terceiro mundo” ou, eufemisticamente “em desenvolvimento”, é importante para traçarmos o perfil do país nascente no cenário internacional, e uma desconfiança no governo federal, presente em passagens encontradas nas obras analisadas. Mais especificamente, citamos Nadeau, que afirma: “a maneira através da qual as eleições foram manipuladas pelo Partido Liberal [de Quirino] teve um significativo impacto na administração do país, já que corrupção gera corrupção” (Nadeau, 2008, p. 69, inserção nossa)<sup>135</sup>. Conseguimos ver relações entre essa corrupção difundida e fatores ainda mais recentes da história do país, como a ditadura de Ferdinand Marcos, vastamente coberta pelos três livros analisados, passando pelo conturbado governo de Rodrigo Duterte e até mesmo a eleição do atual presidente, Bongbong Marcos, filho do ex-ditador.

Em *America is Not the Heart* (2018), o movimento HUK é abordado diversas vezes. Em uma delas, a personagem Teresa, mentora de Hero no New People’s Army, conta a ela a história de um massacre de mais de uma centena de guerreiros *Huk*, em Bulakan, sob ordens expressas do general Douglas MacArthur. “Interceptados indo para casa em Pampanga, eles foram detidos e então sumariamente executados por forças filipinas e americanas” (p.114)<sup>136</sup>.

---

<sup>135</sup> “The way in which the elections were rigged by the Liberal Party had a significant impact on the way it ruled the nation, as corruption begets corruption”.

<sup>136</sup> “Intercepted on their way home to Pampanga, they’d been detained and then summarily executed by Filipino and American forces”.

A referência a um massacre tão covarde e perpetrado não somente pelos americanos, mas também por filipinos nativos, nos reforça a ideia de que na história da humanidade não há heróis e vilões, não existe somente preto e branco. Há muitas cores, muitas nuances, e toda generalização deve ser repensada.

Durante os anos 1950, com a guerra fria no seu auge, o governo de Quirino conseguiu um empréstimo junto aos Estados Unidos, dependente da implementação de políticas rurais que enfrentassem os baixos salários e pífia produtividade no campo. A respeitável soma de U\$250 milhões foram a tábua-de-salvação do governo Quirino (Nadeau, 2008). Como vimos no capítulo 2.1, com relação à dependência do país da agricultura, em artigo do New York Times (Goodman, 2023), é razoável presumir que o dinheiro foi mal investido ou, dado o clima de corrupção generalizada, simplesmente desviado, porque o apoio financeiro não foi suficiente para mudar a realidade do arquipélago.

Ainda no contexto da guerra contra o comunismo, as Filipinas implementaram, em associação com os EUA, a *Military Assistance Agreement* (Acordo de Assistência Militar, em tradução livre), que criou um organismo das forças armadas estadunidenses que atuavam dentro do país asiático em conjunto com a força militar local (Nadeau, 2008). Entretanto, Francia (2014) pondera que, como as Filipinas não possuíam fronteiras terrestres a serem infiltradas, e tradicionalmente não contavam com inimigos, “a única ameaça crível à estabilidade do país e do governo viria de dentro, da sua própria população, e foi na arena doméstica que a assistência militar americana poderia e frequentemente foi utilizada”<sup>137</sup> (p. 207). Essa repressão recorrente faz parte da história do país, e é uma das bases do romance *America is not the Heart* (2018), de Elaine Castillo. A personagem principal, Hero, foi membro de um movimento de guerrilha (o *New People’s Army*) e chegou a ser torturada, antes de imigrar para os EUA. Ela traz consigo marcas físicas e psicológica da tortura sofrida. E, como vimos até agora, o instrumento da tortura está completamente enraizado na história filipina.

Numa passagem, a narradora descreve a tortura que Hero passou nas mãos dos soldados de Ferdinand Marcos:

---

<sup>137</sup> “The only credible threat to the stability of the country and the government would be from within, from its own population, and it was in the domestic arena where U.S. military assistance could be and was often utilized”.

Ela foi parada na estrada em plena luz do dia, nos arredores de Tuguegarao, arrastada pelos cabelos até sentir um pedaço perto do pescoço ser arrancar pela raiz, sufocada no início e depois, quando demorou muito a desmaiar, foi derrubada, totalmente inconsciente, com a coronha de um rifle, alguém por trás que ela não conseguia ver, nunca viu (Castillo, 2018, p. 219)<sup>138</sup>.

A violência pura e simples chega a ser desconcertante. Mas era algo comum à época. Mais adiante na história, descobrimos que Hero perdeu o movimento dos seus polegares, o que causa desconforto à personagem e muito momentos de vergonha.

Retornando à história política, Elpidio Quirino foi sucedido por Ramon Magsaysay (1907-1957), que governou de 1953 até sua morte em um acidente aéreo, em 1957. Nadeau (2008) nos conta que a presidência de Magsaysay foi a primeira experiência populista nas Filipinas. Seu maior feito foi a criação de um programa com o intuito de gerar 1.7 milhões de empregos. Além disso, “ele foi o primeiro presidente do pós-guerra a mobilizar as massas como força social” (Nadeau, 2008, p. 72). Através da sua influência pessoal, Magsaysay foi capaz de aprovar leis que caminhavam em direção à reforma agrária, mesmo que as mesmas tenham sido enfraquecidas pela resistência de deputados e senadores representantes das elites (Nadeau, 2008).

Por mais que o presidente Magsaysay tivesse ímpetos populistas e, aparentemente, com sinceras intenções de melhorar a vida do filipino comum, não nos esqueçamos que o mundo vivia os augúrios da Guerra Fria, e o não-alinhamento com a CIA era uma sentença de morte. Nesse sentido, Francia (2014) nos diz que o presidente tinha o apoio de Washington, e foi um dos grandes responsáveis, junto com a própria CIA, pela quase aniquilação do movimento comunista HUK.

Essa contradição, entre o homem popular e populista, é encapsulada por um parágrafo do livro de Luis Francia, que nos mostra sua maior contribuição geopolítica para as Filipinas dos anos 50:

Durante seu mandato, o terceiro presidente da República estabeleceu um tom populista, declarando que ‘pés descalços serão sempre bem-

---

<sup>138</sup> “She was pulled over on the highway in broad daylight, just outside of Tuguegarao, dragged by her hair so she felt a chunk of it near her neck tear off at the root, choked out at first and then when that was taking too long, knocked fully unconscious with the butt of a rifle, someone from behind she couldn’t see, never saw”.

vindos no palácio presidencial'. Ao mesmo tempo, ele era ainda completamente o homem de confiança de Washington. Ele foi instrumental para a formação da Organização do Tratado do Sudeste Asiático. Também conhecido como Pacto de Manila, já que foi delineado na capital do país em setembro de 1954, a SEATO foi formalmente estabelecida em Bangkok no ano seguinte, onde a sede seria localizada. Criado primeiramente como uma organização anti-comunista e parte da estratégia geopolítica de contenção durante a Guerra Fria, a SEATO contava oito membros: Filipinas, Tailândia, Paquistão, Estados Unidos, França, Reino Unido, Austrália e Nova Zelândia (Francia, 2014, p. 217)<sup>139</sup>.

A importância da SEATO (sigla em inglês do nome descrito na citação traduzida acima), que funcionava como uma espécie de OTAN do sudeste asiático, além de reforçar o papel do então presidente Ramon Magsaysay, nos importa por motivos distintos: Primeiro, reforça a ideia de que, mesmo atingida a independência, as Filipinas seguiam sob tutela dos EUA. Em tese, Magsaysay teve um mandato focado nos mais necessitados, mas tudo sem fugir do que era ditado por Washington. Segundo, porque mostrava as Filipinas dentro de um ambiente maior, ligado pelos laços geopolíticos com seus vizinhos asiáticos e também com potências coloniais. Por fim, e o que mais interessa neste estudo, o governo desse presidente reforça o ambiente interno e externo que permitiu a ascensão ao poder daquele que seria a figura mais importante das Filipinas no século XX, com influência até os dias atuais, Ferdinand Marcos (1917-1989).

Como dito previamente, Ramon Magsaysay morreu tragicamente em um acidente aéreo em Cebu, na macrorregião central de Visayas. Sua morte deixou o país atônito (Nadeau, 2008) e mais de dois milhões de pessoas estiveram presentes ao seu funeral (Francia, 2014).

---

<sup>139</sup> "During his term, the third president of the Republic struck a populist tone, declaring that "bare feet will always be welcome at the president's palace." At the same time, he was still very much Washington's guy. He was instrumental in the formation of the Southeast Asia Treaty Organization. Also known as the Manila Pact, since it was first drafted there in September of 1954, SEATO was formally established in Bangkok the next year, where its headquarters were to be located. Meant primarily as an anti-Communist organization and part of the Cold War geopolitical strategy of containment, SEATO had eight members: the Philippines, Thailand, Pakistan, the United States, France, the United Kingdom, Australia, and New Zealand".

Seu legado incluiu a revisão de tratados previamente assinados com os EUA que, ao menos superficialmente, pareciam trazer mais vantagens aos filipinos. Sua popularidade permitiu que seu vice-presidente, Carlos Garcia (1896-1971), continuasse o pouco que restava do mandato original e facilmente vencer a eleição seguinte (Tan, 2008).

O governo de Garcia tentou levar adiante as mudanças propostas por Magsaysay, mas foi incapaz de segui-las no longo prazo. Seu mandato é lembrado, até os dias de hoje, pelo lema “*Filipino First Policy*” (Política dos filipinos primeiro, em tradução livre) (Tan, 2008). Contudo, políticas públicas que não surtiram os efeitos necessários, e uma persistente dependência dos EUA trouxeram o mandato de Garcia ao fim em um tom melancólico, e abriu o caminho para Ferdinand Marcos.

Antes mesmo de começar com a descrição histórica do que foram os anos Marcos (1965-1986), é imperativo dizer que ele mudou, de forma sem precedentes, as Filipinas. Todos os três livros analisados mencionam, em diversos momentos, o governo do presidente e, posteriormente, ditador.

Em *In the Country* (2015), de Mia Alvar, um dos contos, *Old Girl*, a história é sobre Ninoy e Corazón Aquino, exilados nos EUA por serem opositores do regime. Corazón viria a ser justamente aquela a ser eleita democraticamente após a derrubada de Marcos.

No romance *America is not the Heart* (2018), de Elaine Castillo, além de trazer constantes referências a guerrilheiros do movimento HUK, há uma personagem que é prima do ditador Marcos, citado em vários momentos.

No *memoir* de Matt Ortile, *The Groom Will Keep his Name*, de 2020, o personagem-narrador refere-se seguidamente a como um dos motivos de sua mãe ter emigrado do arquipélago, levando-o consigo, foi para escapar das atrocidades do regime ditatorial.

A presença contínua do regime Marquista em livros da segunda década do século XXI reforça a necessidade de uma investigação mais aprofundada desse governo, e nos permite análises mais detalhadas de como Marcos afetou o que significa ser filipino.

Ferdinand Edralin Marcos nasceu em 1917, em Sarrat, província de Ilocos Norte, na ilha de Luzon, extremo norte do país. Filho de professores, Marcos foi



educado em Manila e entrou para a polícia militar do país, como terceiro tenente (Senate Of The Philippines, 2024).

A vida do jovem tenente já começaria envolta em controvérsia e tragédias. Em 1935, um legislador chamado Julio Nalundasan, inimigo político do pai de Marcos, foi assassinado. Imediatamente, suspeitou-se da família Marcos, e Ferdinand foi preso, acusado de conspiração para assassinato. Mesmo após julgado e condenado, em 1939, o jovem Marcos levou seu caso à Suprema Corte, onde foi absolvido (Senate Of The Philippines, 2024). Este foi, infelizmente, apenas o primeiro dos inúmeros crimes que viriam a ser cometidos pelo futuro presidente, e pelos quais ele não seria condenado.

No mesmo ano da sua absolvição pela Suprema Corte, Marcos conseguiu seu diploma em direito, estudou para o exame da ordem dos advogados enquanto encarcerado, e começou a exercer advocacia em Manila (Celoza, 1997).

Marcos serviu, durante a Segunda Guerra Mundial, nas Forças Armadas Filipinas (Senate Of The Philippines, 2024). Contudo, apesar de gabar-se por ter, supostamente, sido um influente guerrilheiro na resistência contra os nipônicos, o que serviu como importante catalisador para sua carreira política, “arquivos do governo dos EUA revelaram que ele teve pequena ou nenhuma participação nas atividades anti-japonesas durante 1942-1945” (Britannica, 2024, s/p)<sup>140</sup>. Em outras palavras, se seu real caráter ainda era objeto de dúvida, devido à absolvição no caso de assassinato, a mentira comprovada pela sua (não) participação na resistência aos japoneses fala muito sobre a pessoa que viria a governar o arquipélago asiático, com mão-de-ferro, por 21 anos.

Em 1949 Ferdinand Marcos foi eleito para a Câmara dos Deputados de seu país, onde se reelegeu. No ano de 1959, 10 anos após sua posse como deputado, tornou-se senador enquanto trabalhava arduamente pela eleição do presidente Diosdado Macapagal (1910-1997), a quem viria a suceder na liderança do Executivo (Francia, 2014).

Hábil político, extremamente bem relacionado, Marcos contou, em demasido, com o apoio de sua esposa desde 1959, Imelda, considerada a “Jackie Kennedy da Ásia” (Francia, 2014, p. 228). Casados após um noivado relâmpago de apenas 11

---

<sup>140</sup> “U.S. government archives revealed that he actually played little or no part in anti-Japanese activities during 1942–45”

dias, na cerimônia “ela ganhou do noivo um par de brincos, um anel de casamento com uma joia de dez quilates e um bracelete com 11 gemas, uma para cada dia de noivado” (Vilela, 2024). Antes de uma curiosidade frívola, o luxo que envolvia o casal seria e continua sendo um tema recorrente, reforçado pela corrupção desenfreada da dupla no poder.

Nascida em Leyte, na macrorregião central de Visayas, Imelda vinha de família rica, e foi vencedora de concursos de beleza (Vilela, 2024). Após o casamento com Marcos, a pressão e alta exposição do cargo a levaram a um esgotamento psiquiátrico que foi tratado nos Estados Unidos (Francia, 2014). Porém, o desconforto inicial foi logo superado, como conta Francia:

Conforme ela se acostumava a estar sob os olhos do público, e seu marido galgava o caminho até o topo, ela desenvolveu afiados instintos políticos que a permitiram se tornar uma importante personagem por mérito próprio (...) Imelda provou-se um tremendo trunfo para a campanha de Ferdinand à presidência (...) A jovem e glamurosa Imelda fazia com que a esposa da maioria dos outros políticos parecesse completamente desleixada. Utilizando-se da sua experiência de concursos de beleza, ela logo impressionou multidões com seu charme e canto sincero, frequentemente em duetos com o marido. Uma grande característica dos palanques na política filipina envolvia entreter as multidões que se reuniam para ouvir diferentes políticos fazerem suas promessas. As *palabas*, como eram conhecidos esses espetáculos, regularmente apresentavam celebridades da mídia e do cinema, e um candidato que pudesse adicionar um pouco de *showbiz* às suas habilidades oratórias muito provavelmente ganharia mais votos (Francia, 2014, p. 227)<sup>141</sup>.

O mais importante a ser entendido da descrição acima é como, na prática, Marcos e Imelda são indissociáveis dentro da política e história filipinas. Houve, ali, a união de um político ardiloso, com uma mulher inteligente e hábil na utilização dos

---

<sup>141</sup> “As she grew accustomed to being in the public gaze, and as her husband climbed all the way to the top, she developed sharp political instincts that enabled her to become a powerful player in her own right (...) Imelda proved to be a tremendous asset to Ferdinand’s campaign for the presidency (...) The youthful and glamorous Imelda made most other politicians’ wives look positively dowdy. Putting to use her beauty pageant experience, she was soon wowing crowds with her charm and earnest singing, often in duets with her husband. A huge feature of the hustings in Philippine politics is entertaining the crowds that gather to hear different candidates make their pitches. The *palabas*, as these spectacles are known, regularly feature movie and media celebrities, and a candidate who can add some showbiz to his or her oratorical skills is almost sure to win more votes”.

seus dotes, dentro de uma sociedade machista e religiosa. O par perfeito para os crimes que, eles esperavam, seriam perfeitos também.

As *palabras* nos remetem aos famosos showmícios brasileiros, nos quais políticos reuniam multidões que, na verdade, estavam presentes para ouvir bandas famosas. A máquina política funcionava com toda a capacidade, parecendo usar a arte como cortina-de-fumaça.

Continuemos, então, com o primeiro governo Marcos, que tomou posse em 1965. Até então, ainda um político legitimamente eleito. Naquele momento histórico, as Filipinas eram um exemplo de democracia para as repúblicas vizinhas, um caso de sucesso para a colonização americana (Nadeau, 2008). Para a autora, “naquela época, o país tinha uma crescente e forte classe média, e uma das mais altas taxas de alfabetização da região” (p. 106). Talvez mais importante ainda, o arquipélago celebrava “eleições regulares e possuía um Congresso funcional e uma Suprema Corte altamente eficiente e legítima” (p. 106)<sup>142</sup>. Toda a estrutura democrática necessária para um verdadeiro Estado existia, mas não duraria muito tempo. Como é comum, o poder era o objetivo do casal Marcos, e manterem-se no palácio Malacañang<sup>143</sup> por tempo indeterminado era o próximo passo.

Em um certo paralelo com a ditadura militar brasileira, Marcos teve uma política econômica extremamente baseada em empréstimos externos para levar projetos grandiosos a cabo. O preço desses empréstimos foi a abertura da economia local a investidores estrangeiros e remoção de restrições ao comércio de empresas transnacionais. Isso tudo levou a um forte aumento da dívida pública (Nadeau, 2008), e, conseqüentemente, a um novo tipo de colonização, menos conspícuo, mas igualmente atroz.

Apesar de ter uma mão-de-obra altamente treinada e fluente em inglês, a economia era incapaz de prover a ela as posições profissionais merecidas, e o problema era piorado com cada ano que se passava, já que mais e mais trabalhadores qualificados se formavam e tornavam ainda piores a situação da já claudicante economia (Francia, 2014). Este detalhe específico, da economia fraca, mas rica em

---

<sup>142</sup> “At that time, it had a newly burgeoning and strong middle class and one of the highest literacy rates in the region. It held regular elections and had a functioning Congress and highly effective and legitimate Supreme Court”.

<sup>143</sup> O Palácio de Malacañang é a sede do poder Executivo das Filipinas, cujo equivalente seria a Casa Branca, em Washington, ou o Palácio do Planalto, em Brasília.

trabalhadores fluentes em inglês, será importante parte do capítulo 3, que tratará de imigração, em especial enquanto política de Estado.

Sempre evitando romantizar atrocidades, mas mantendo o máximo de isenção acadêmica, é preciso dizer que, de acordo com Francia (2014), Nadeau (2008) e a Encyclopedia Britannica (2024), o governo de Ferdinand Marcos também foi hábil em alguns aspectos. Para Francia, “Marcos provou ser um negociador mais astuto que seus predecessores, quando se tratava de acordos com os EUA” (Francia, 2014. p. 229)<sup>144</sup>, e usou as bases militares do país norte-americano como objeto de barganha, garantindo mais dólares para a nação asiática (Francia, 2014). A Encyclopedia Britannica (2024) explica que “durante seu primeiro mandato ele fez avanços na agricultura, indústria e educação”<sup>145</sup>. Já Nadeau afirma que o ditador investiu na modernização das Forças Armadas e do Estado, através da “contratação de tecnocratas altamente treinados no ocidente” (Nadeau, 2008, p. 106)<sup>146</sup>. A parte da modernização das Forças Armadas pode ser justificada menos pelas boas intenções do presidente, e mais pela cartilha autocrata e a onipresente batalha contra o comunismo, patrocinada pelos Estados Unidos.

A descida em direção à autocracia não tardou. Assim que assumiu o poder, Marcos implementou medidas que o fizessem parecer a personificação do povo filipino, da mesma maneira como imperadores asiáticos do passado eram deificados à imagem do espírito dos seus povos (Nadeau, 2008). O culto à personalidade do líder parece ser uma constante nas ditaduras. Da China à Venezuela, vemos líderes que são eternizados e endeusados.

Seu primogênito, Ferdinand Jr, conhecido pelo apelido “BongBong”, foi criado à imagem do pai, e instaurado como governador da região de Ilocos, onde o pai nascera. Imelda, por sua vez, foi indicada como governadora da região de Manila, teve um lugar garantido no Conselho Administrativo do país, e participação ativa no governo (Nadeau, 2008). Como veremos mais adiante, ainda neste subcapítulo, Ferdinand Jr é, quando da escrita deste texto, o presidente das Filipinas.

---

<sup>144</sup> “Marcos proved to be a shrewder bargainer than his predecessors when it came to dealing with the United States”.

<sup>145</sup> “During his first term he had made progress in agriculture, industry, and education”.

<sup>146</sup> “Hiring western-trained technocrats to plan development”.

Mantendo em mente o contexto internacional de “caça às bruxas” do comunismo, e regimes ditatoriais apoiados pelos Estados Unidos ao redor do mundo (inclusive na maior parte da América Latina), passamos agora ao período mais nefasto e famoso do governo de Ferdinand Marcos: A decretação da Lei Marcial, em 1972, o que o tornou um ditador *de facto* e *de jure*.

Apesar de ter sido decretada somente em 1972, com a mal disfarçada justificativa de aplacar movimentos que estariam causando o caos no país, mesmo sem provas (Official Gazette, 2024), o projeto de golpe de Estado já pululava e foi externado ainda no seu primeiro mandato. Em um discurso para a Associação de Ex-Alunos da Academia Militar Filipina, em maio de 1969, o presidente disse que:

um dos meus exercícios mentais favoritos, que outros podem achar útil, é prever possíveis problemas que alguém pode encarar no futuro e determinar quais soluções podem possivelmente ser tomadas para enfrentar tais problemas. Por exemplo, se me fosse subitamente pedido, para dar uma situação hipotética, para decidir em cinco minutos quando e onde suspender o privilégio do *habeas corpus*, eu decidi que há pelo menos cinco questões que eu perguntaria, e dependendo das respostas a essas cinco questões, eu saberia quando e onde suspender o *habeas corpus*. A mesma coisa é verdade sobre a declaração de lei marcial [...] É um exercício mental útil para enfrentar um problema antes que aconteça (MARCOS *in* Official Gazette. 2024, s/p)<sup>147</sup>.

O que de mais aterrador podemos retirar do discurso de 1969 é a facilidade com o que o presidente, representante máximo da democracia de um país, fala da extinção do *habeas corpus* e o estabelecimento de um regime de exceção. Marcos deixou claro que todo o caminho já havia sido traçado, e que a execução se daria pela sua própria pessoa, que havia se tornado muito maior que o cargo ocupado por ele.

Dentro do discurso há a menção a problemas que ainda não haviam acontecido, o que sugere se tratar de um exercício de manifestação mediúnica

---

<sup>147</sup> “One of my favorite mental exercises, which others may find useful, is to foresee possible problems one may have to face in the future and to determine what solutions can possibly be made to meet these problems. For instance, if I were suddenly asked, to pose a given situation, to decide in five minutes when and where to suspend the privilege of the writ of habeas corpus, I have decided that there should be at least five questions that I would ask, and depending on the answers to these five questions, I would know when and where to suspend the privilege of the writ of habeas corpus. The same thing is true with the declaration of martial law [...] It is a useful mental exercise to meet a problem before it happens”.

previdente, ou simplesmente o abjeto desprezo pelos ritos democráticos. O nosso trabalho enquanto estudantes de ciências humanas passa por nos debruçarmos sobre a história, para que ela não se repita. A fala clarividente e autorrealizável de Marcos nos remete imediatamente aos arroubos verborrágicos do ex-presidente brasileiro Jair Bolsonaro, que, a mais de um ano de uma tentativa de golpe de Estado, também usou seus poderes aparentemente sobrenaturais ao profetizar uma ruptura institucional (Folha De S. Paulo, 2021).

Além das ameaças etéreas que povoavam a imaginação do mandatário filipino, era necessário um evento palpável que disparasse todo o aparato repressivo planejado por ele e distribuído entre toda a elite. Mais especificamente, uma falsa tentativa de assassinato do Secretário de Defesa, Juan Ponce Enrile (1924-). Francia (2014) explica que o atentado ocorreu em uma estrada deserta, o que convenientemente reduzia exponencialmente a chance de testemunhas contradizerem os fatos, e que o secretário escapou de um fuzilamento por um grupo de rebeldes comunistas, nunca identificados. “Sua boa sorte foi atribuída a intervenção divina” (p. 233).

O livramento experimentado pelo ungido Secretário de Defesa era exatamente o que Ferdinand Marcos precisava para editar e publicar seu decreto de lei marcial, de forma a livrar seu país das garras do comunismo. Apesar de o texto do decreto estar pronto no dia 21 de setembro<sup>148</sup>, o suposto atentado que justificou a criação da Lei Marcial ocorreu dia 22, um dia após (Francia, 2014). Em outras palavras, salvo por uma ruptura no espaço-tempo, não há justificativa plausível para o suposto atentado justificar o golpe. Sabe-se hoje, claramente, que tudo não passou de um pretexto mal-ajambrado.

Àquela altura, o golpe era um segredo aberto. A grande estrela da oposição ao governo Marcos, Benigno “Ninoy” S. Aquino Jr (1932-1983), então senador, proferiu seu último discurso no púlpito do Senado na noite anterior à proclamação (Official Gazette, 2024), e já admitia abertamente a possibilidade de ser preso pelo regime presidencial, o que acabou acontecendo horas após a Lei Marcial ser decretada (Nadeau, 2008).

---

<sup>148</sup> Ferdinand Marcos era extremamente supersticioso e acreditava que o número sete traria sorte a ele. Portanto, todas as datas pensadas para o golpe terminavam em sete ou eram divisíveis por sete (Official Gazette, 2024).

Ninoy, como o senador oposicionista preferia ser chamado (Francia, 2014), é figura central da história moderna filipina, e, como já dissemos, personagem de um dos contos de *In The Country* (Alvar, 2015).

Abaixo adicionamos a capa de um jornal filipino (Figura 4), *Philippines Sunday Express*, retirado do website *Martial Law Museum* (2024). Como cientistas dos Estudos Literários, temos plena consciência do poder da palavra escrita, e nos parece importante manter viva a memória de um momento tão atroz através da literatura, seja ela em qual formato for. Podemos apenas imaginar o choque daqueles que viram estampados no papel a realidade que, naquele momento, seu país saíra da democracia e do Estado de Direito, para afundar em uma ditadura, que estava somente começando.

Figura 4- Capa do *Philippines Sunday Express*

**PHILIPPINES Sunday Express**  
THE NATIONAL DAILY NEWSMAGAZINE  
VOLUME 1, NO. 141  
SUNDAY, SEPTEMBER 24, 1972  
16 PAGES  
10 CENTAVOS

# FM DECLARES MARTIAL LAW

**The nat'l situation in brief**

- This is not a military takeover. Civilian government still functions. The officials and employees of the national and local governments continue to discharge their duties as before within the limits of the situation.
- All executive departments, bureaus, offices, agencies and instrumentalities of the government, as well as government-owned or controlled corporations, governments of provinces, cities, municipalities and barrios continue to function under the present officers and employes in accordance with existing laws.
- The judiciary shall continue to function under the present organization and personnel and try and decide all criminal and civil cases with certain exceptions.
- All schools will be closed for one week beginning this Monday for all levels.
- Carrying of firearms outside the residence even if covered by license but without permission of the armed forces is prohibited.
- Curfew will be imposed from 12 midnight to 4 o'clock in the morning.
- Departure of Filipinos for abroad is temporarily suspended except for official missions.

(Please turn to Page 3)

**But civilian gov't still functions; no military takeover**

President Marcos announced last night that he had placed the entire country under martial law to prevent violent overthrow of the government by a foreign-backed Communist insurgency.

The Chief Executive said he signed the martial law order (Proclamation No. 1081) last Sept. 21, 1972, and authorized its implementation by the military at 9 p.m. Friday.

"I am utilizing the proclamation of martial law," he said, "for one purpose alone: to save the Republic and reform society."

**To save the Republic and form a new society**

In imposing martial law, Mr. Marcos said he would likewise wield this emergency power to establish for the country a "new society" devoid of the evils of corruption and ineptitude in government.

The President stressed the imposition of martial law does not mean a military takeover. The government of the Republic continues, he declared, adding that the officials and employes of the government will continue to discharge their functions as before within the limits of the situation.

(Please turn to Page 2)

**Nation is calm; business, life go on normally**

The nation has taken President Marcos' declaration of martial law calmly.

There was some amount of apprehension early in the day, caused by the absence of the usual morning papers in the streets, the silence of most radio and television, and the reports of domestic travellers who had gone to the airport and discovered that all flights had been suspended indefinitely.

As the day wore on, however, this apprehension seemed to have dissolved into the day's chores. And the principal reason must have been the conspicuous scarcity of soldiers in the city's main thoroughfares, where traffic continued to be directed by a handful of Manila policemen. During the day, traffic was, as usual, intolerable. It would peak later in the afternoon, as people hurried home to listen to the presidential proclamation, and subside early in the evening, when shopping centers which saw normal business during the day started to close up.

There was heavy buying in some supermarkets, but that is usual on Saturdays. Banco Filipino, one of the few savings banks which open on Saturdays, posted notice at ten o'clock in the morning that it was suspending operations on account of the "uncertain situation." By and large, however, the people seem to have adapted themselves readily to the situation. This much the *Express* gathered after a day-long survey of the Greater Manila area.

In front of ABS-CBN on Bohol Avenue, Quezon City, a few girls swarmed in front of the gate, shyly asking the marines in command what seemed to be the matter. For Saturdays in ABS-CBN are usually alive beyond belief. They were politely informed that the studios had been closed.

Nearby, a few executives of the network huddled, analyzing the situation. They said that the place was sealed at two o'clock the previous evening. Their faces expressed regret, but Choy Armaldo, the anchorman of the award-winning television series *Santigon*,

(Please turn to Page 3)

Fonte: Martial Law Museum, 2024

Um resumo traduzido das manchetes (topo, depois da esquerda para a direita): “FM [Ferdinand Marcos] Declara Lei Marcial. Porém, governo civil ainda em funcionamento; sem tomada militar”; mais abaixo, parte do discurso do presidente, dizendo “Para salvar a República e formar uma nova sociedade”; “A Situação Nacional em resumo”; “Nação está calma; negócios, vida seguem normalmente”.

Como já se sabe, o controle sobre a imprensa, naquele momento, já era real (Martial Law Museum, 2024). Portanto, a intenção dos meios de comunicação era deixar claro que a vida seguiria como se nada de mais estivesse ocorrendo. E, de fato, a resistência foi relativamente fraca. A reação inicial da população foi, em geral, favorável, com exceção de alguns focos de resistência armada, principalmente no Sul, na macrorregião Mindanao, de grande população muçulmana (Celoza, 1997).

Um ponto importante citado na capa é que parecia haver uma intenção de mostrar ao povo que o poder não emanava dos militares. Eles não haviam tomado controle da situação, mas sim o presidente, líder supremo que, como dissemos, trabalhava para deificar sua própria imagem de maneira a legitimar seu poder.

Longe de simplificarmos um período conturbado, mas ciosos das constrações deste estudo, resumiremos, com o devido respeito, os 9 anos de lei marcial (1972-1981), com informações fornecidas pela Anistia Internacional. Para a instituição de direitos humanos, o período “desencadeou uma onda de crimes para as leis internacionais e graves violações de direitos humanos” (Amnesty International, 2022)<sup>149</sup>. O resultado disso foram “dezenas de milhares de pessoas arbitrariamente presas e detidas, e milhares de outros torturados, desaparecidos e mortos” (Amnesty International, 2022)<sup>150</sup>. Esta síntese macabra nos mostra um pouco do que ocorreu no arquipélago na seara de direitos humanos, e embasa, historicamente, as referências das obras literárias analisadas por nós.

No *front* econômico, a Lei Marcial serviu, inicialmente, para uma abertura ainda maior da economia, e uma entrega de setores-chave da economia a instituições internacionais. Tudo isso acarretou um crescimento expressivo do PIB, inicialmente. Com base, principalmente, em empréstimos internacionais (Nadeau, 2008). O que

---

<sup>149</sup> “Unleashed a wave of crimes under international law and grave human rights violations”.

<sup>150</sup> “Tens of thousands of people arbitrarily arrested and detained, and thousands of others tortured, forcibly disappeared, and killed”.



entendemos aqui é que deve ter havido, ao menos implicitamente, um apoio do sistema capitalista internacional às atrocidades sendo cometidas no país.

Por mais que o PIB estivesse em expansão, com grandes obras sendo feitas, o que muito nos lembra o “milagre econômico” do Brasil durante a ditadura militar (Corrêa, 2024), a riqueza *per capita* continuava baixa, e não havia uma distribuição de renda que fosse satisfatória. Nadeau (2008) diz que, “ao contrário, foi Marcos e sua rede de contatos que se beneficiaram mais da explosão agrícola”<sup>151</sup> (p. 113). Mais ainda, a autora explica que o ditador se aproveitou da Lei Marcial para expropriar terras para sua própria família, alcançando “a maior parte dos lucros da exportação de lavouras tradicionais, como açúcar e coco”<sup>152</sup> (p. 113). Esses recursos eram redirecionados, em parte, a uma parcela ínfima da elite, reforçando seus laços *no e com* o poder do país (Nadeau, 2008).

De forma a termos um número em mente de quanto a cleptocracia da família Marcos tomou das Filipinas, nos apoiaremos no artigo do repórter Gareth Evans (2022), para a BBC. Diz o texto que o ditador, sua esposa Imelda e seus asseclas “pilharam estimados U\$10 bilhões de dinheiro público enquanto estiveram no poder, enquanto milhões de filipinos viviam na extrema pobreza. Apenas U\$4 bilhões da quantia foram recuperados” (Evans, 2022)<sup>153</sup>.

A corrupção era tão abundante e ostensiva que a primeira-dama Imelda ficou internacionalmente “conhecida pelo seu estilo de vida extravagante e opulente, inclusive pelo seu amor especial por sapatos” (Escalante, 2016). O desdém do casal com a opinião pública era tão óbvio entre o casal que, em um rompante digno de Maria Antonieta<sup>154</sup>, ao saber que o palácio presidencial fora tomado por manifestante, Imelda afirmou que os manifestantes “entraram nos meus armários buscando esqueletos,

---

<sup>151</sup> “To the contrary, it was Marcos and his network that benefited most from this burst in export agriculture”.

<sup>152</sup> “To get the largest share of profits from traditional export crops of sugar and coconut”.

<sup>153</sup> “Plundered an estimated \$10bn of public money while in power, when millions of Filipinos were living in extreme poverty. Only \$4bn of this has ever been recovered”.

<sup>154</sup> Maria Antonieta foi vítima do que hoje chamamos de *fake news*, por supostamente ter dito “se não tem pão, que comam brioche”. Porém, é sabido que essa frase nunca foi dita pela monarca, mas ela segue sendo um símbolo, ainda que injustamente, de um governante descolado da realidade (AVENTURAS NA HISTÓRIA, 2019)

mas graças a Deus, tudo o que encontraram foram sapatos, lindos sapatos” (Marcos *in Escalante*, 2016)<sup>155</sup>.

Nos referimos aos anos do governo de Ferdinand Marcos sempre com ênfase na participação de sua esposa embaixados, principalmente, no *memoir* de Primitivo Mijares (1931-1977) intitulado *The Conjugal Dictatorship of Ferdinand and Imelda Marcos* (A Ditadura Conjugal de Ferdinand e Imelda Marcos) (1973), escrito no exílio. Inicialmente um apoiador do regime e do presidente, Mijares tornou-se denunciante do governo, e seu livro descreve, com riqueza de detalhes, as entranhas da ditadura do casal.

Por mais pujante que fosse o poder de Ferdinand Marcos, a resistência foi aumentando com o passar do tempo. Ainda em 1969, foi fundado o *The New People's Army* (O Novo Exército do Povo, em tradução livre), braço armado do Partido Comunista das Filipinas. O movimento era, de certa maneira, um renascimento da luta travada pelo antigo exército HUK, criado para resistir aos japoneses (Nadeau, 2008). O *The New People's Army* foi capaz de estabelecer ainda mais unidades armadas e redes após Marcos declarar a Lei Marcial (p. 113)<sup>156</sup>. Isso reforça a capilarização da resistência, e é amplamente abordado no livro de Elaine Castillo, *America is Not The Heart* (2018).

Retomando o maior símbolo da resistência, Ninoy Aquino, o ex-senador ficou preso durante sete longos anos, e concorreu, ainda encarcerado, às eleições parlamentares de 1978. Contudo, mesmo com o massivo apoio popular que recebeu, todos os candidatos do partido fundado pelo opositor perderam as eleições, o que deixou uma forte impressão de fraude eleitoral, agitando ainda mais a oposição ao regime (Francia, 2014).

Em 1980, por questões médicas, Ninoy recebeu permissão do governo para exilar-se nos EUA. E esse período é a base para o conto *Old Girl*, de *In The Country* (2015).

Na história, Ninoy, Cory e seus filhos não são chamados pelos seus nomes. Pelo contexto histórico e os ricos detalhes, sabemos que a Velha Menina (*Old Girl*, no

---

<sup>155</sup> “They went into my closets looking for skeletons, but thank God, all they found were shoes, beautiful shoes”.

<sup>156</sup> “Was able to establish many more armed units and networks after Marcos declared martial law than before”.

*original*) é Cory, a esposa; Ninoy é o *marido* (*husband, no original*) e mesmo o maior inimigo político de Ninoy, o todo-poderoso presidente Marcos, não é citado em momento algum. Todo o conto é um jogo de insinuações, o que nos leva ao entendimento de que o recurso utilizado por Alvar ao escrever a história é reforçar que, enquanto viveram em Boston, Massachusetts, Ninoy e sua família eram exilados políticos, quase vivendo uma vida escondida, de codinomes.

Em uma passagem que mostra o senador exilado como um ser humano com matizes, não apenas um herói incorruptível, temos uma conversa dele com a filha. Para melhor entendimento, é preciso explicar que o *marido* queria participar da maratona de Boston, como um desafio pessoal (mesmo sendo paciente cardíaco – motivo pelo qual recebeu autorização para exilar-se nos EUA). Porém, ao descobrir que as inscrições haviam se encerrado, ele não se abate:

‘nós vamos encontrar uma maneira’, o marido da Velha Menina diz a ela, alegremente. Ele pensa como um político de Manila, ainda. Como se eles pudessem subornar alguém na BAA. ‘Nós vamos dar um jeito, de algum modo’ (Alvar, 2015, p 170)<sup>157</sup>.

A versão ficcionalizada de Ninoy Aquino tem a mesma verve que o personagem histórico. Pelo que já foi estudado, o ex-senador nunca se deixou abater e continuou sua luta mesmo durante os sete anos encarcerado. Porém, vemos aqui também uma característica forte da cultura filipina, a corrupção. Repetimos que não há heróis ou vilões. Talvez, a intenção do personagem *marido* seja apenas usar o “jeitinho filipino”, que tanto os aproxima de nós, brasileiros (vide introdução). Ou pode ser que, enquanto político de Manila, a corrupção seja apenas o *modus operandi*. De qualquer maneira, serve como uma oportunidade de ver como um país é feito por pessoas reais, com várias camadas.

Três anos depois de exilar-se, Ninoy decidiu retornar ao seu país de origem, mesmo sabendo que sua vida corria sérios perigos. Sua intenção era concorrer na próxima eleição presidencial contra Marcos (Nadeau, 2008).

Infelizmente, momentos após seu avião pousar no aeroporto internacional de Manila, Ninoy “foi apreendido e alvejado por um dos guardas de Marcos, que, em tese,

---

<sup>157</sup> “we’ll find a way’ the old girl’s husband tells her cheerfully. He thinks like a Manila politician, still. As if they can bribe someone at the BAA. ‘We’ll grease the wheel somehow”.

havia sido enviado para protegê-lo” (Nadeau, 2008, p. 114)<sup>158</sup>. Seu assassinato foi acompanhado ao redor do mundo pelas câmeras de TV (Nadeau, 2008) e “começou uma cadeia de eventos que levariam à Revolução do Poder Popular de 1986 (Official Gazette, 2024)<sup>159</sup>.

A revolução que derrubou Marcos começou com o funeral de Ninoy, que atraiu a impressionante multidão de 2 milhões de pessoas (Nadeau, 2008). A partir daí, os movimentos que se seguiram foram uma sucessão de tentativas frustradas do governo em decadência, e a força espontânea emanada por Corazón Aquino, viúva de Ninoy. Todos elementos que acontecem em momentos únicos da história, e são sempre difíceis de definir em poucos pontos.

Acuado, por conta da comoção popular pelo assassinato do seu maior opositor, Marcos prometeu eleições antecipadas, como forma de dar legitimidade ao seu poder (Francia, 2014). Inicialmente relutante em participar, Corazón “Cory” Aquino foi convencida a personificar a resistência ao regime e concorrer contra o ditador (Francia, 2014).

Em fevereiro de 1986 as eleições presidenciais aconteceram e, em tese, dois resultados opostos saíram das urnas. Para o governo, através da Comissão Eleitoral, Ferdinand Marcos fora o vencedor. Porém, para órgãos observadores, Cory havia sido eleita, mesmo que com pequena margem (Nadeau, 2008).

O ditador obteve apoio, ainda que tímido, do presidente americano, pois, segundo Francia (2014), “para a administração Reagan, Marcos era uma entidade conhecida, garoto da América, a quem diferentes administrações do país haviam apoiado por vinte anos” (p. 264)<sup>160</sup>. Em outras palavras, era mais fácil lidar com o dócil Marcos (com relação aos interesses americanos), do que com a desconhecida Corazón Aquino.

Contudo, o movimento popular contra o resultado oficial das eleições começou a crescer de maneira incontestável, e as pessoas foram às ruas, aos milhões, demonstrar sua insatisfação de forma pacífica. A revolução também é chamada de EDSA, em

---

<sup>158</sup> “Was arrested and shot by one of Marcos’s soldiers, who had supposedly been sent to guard him”

<sup>159</sup> “Started a chain of events that would eventually lead to the People Power Revolution of 1986”

<sup>160</sup> To the Reagan administration Marcos was a known entity, America’s Boy, whom different U.S. administrations had supported for twenty years

referência à avenida Epifanio de Los Santos (Epifanio de Los Santos Avenue, cuja sigla é EDSA), principal via de Manila, onde milhões se concentraram (Official Gazette, 2024).

A Igreja também resolveu se pronunciar e indicou que as pessoas que acreditassem que as eleições haviam sido fraudadas deveriam cometer desobediência civil, em um apoio pouco velado à candidatura de Cory Aquino (Francia, 2014). Imediatamente, mais e mais pessoas se juntavam às manifestações, usando sempre amarelo, a cor da oposição (Nadeau, 2008).

Quando, em movimento similar à Revolução dos Cravos (1974), acontecida em Portugal, milhões de manifestantes, entre eles “pedintes, padres, freiras, mães, homens de negócio, estudantes, vendedores ambulantes bloquearam o caminho de tanques e tropas pró-Marcos” (Francia, 2014, p. 265)<sup>161</sup>, era, na prática, o fim do regime opressor. A família Marcos foi obrigada a fugir do país com o apoio dos Estados Unidos. Originalmente, o presidente deposto quis estabelecer-se em Ilocos, sua região natal, mas acabou forçado a exilar-se no Havaí, onde morreu em 1989 (Tan, 2008).

Apesar de profundamente intrincada e rica, a história das Filipinas após a derrocada de Ferdinand Marcos não é abordada nas obras literárias em questão, e por isso não será analisada por este estudo.

Não obstante, por convicção e coerência acadêmica, convém informar que as Filipinas vêm enfrentando uma espiral de governos de direita, especialmente com a eleição de Rodrigo Duterte, que governou o país entre 2016 e 2022, e agiu abertamente para reabilitar a memória de Ferdinand Marcos. Como uma agressão à democracia e todos que pereceram sob o jugo feroz do ditador, Duterte ordenou, no seu primeiro ano de governo, que o corpo de Marcos fosse transferido para o Cemitério dos Heróis Filipinos, um ato horrendo sob diversos aspectos, dado o histórico apresentado até aqui (BBC News, 2016).

Talvez por reverenciar a imagem do antigo ditador, Rodrigo Duterte, conhecido por uma suposta “guerra às drogas”, ameaçou instalar Lei Marcial no país, caso “rebeldes comunistas” continuassem a interceptar o auxílio que chegava às ilhas durante a pandemia de coronavírus (Reuters, 2020).

---

<sup>161</sup> “Priest, nun, matron, businessman, student, market vendor stood in the path of pro-Marcos tanks and assault troops”.

É lugar-comum dizer que a história se repete, mas somos obrigados a concordar que, nas Filipinas, a repetição vem em curto período de tempo. Além das ações amigáveis ao regime de Ferdinand Marcos vindas da administração de Duterte, o arquipélago elegeu, em uma vitória acachapante, o próprio filho do ex-ditador, Ferdinand “BongBong” Marcos Jr, em 2022, com impressionantes 58.77% dos votos (Npr, 2022).

A eleição de BongBong trouxe uma onda de assustadora revisão histórica, tanto do oficialismo, que busca relativizar os anos de chumbo, quanto das vítimas, que lutam bravamente para que suas histórias não sejam esquecidas. Livros como os de Primitivo Mijares (1973) dispararam em vendas, por receio de virem a ser proibidos no país (Magramo, 2022).

Ao longo deste capítulo, nós nos debruçamos sobre a história das Filipinas, buscando o máximo de fontes distintas, para dar a este estudo uma profundidade que fosse digna desse arquipélago fragmentado, mas de identidade tão rica. Foi impossível abordar toda a história, e, como dito na introdução, reforçamos que toda interpretação é enviesada. Porém, honesto é que admitamos que respeitamos as regras acadêmicas e a pluralidade de ideias, sem jamais compactuar com o lado tétrico, cruel e violento da humanidade.

Nossa escolha pela citação de Mark Twain no início deste capítulo não foi aleatória. E a ironia de usar um americano nato para falar de imperialismo não nos escapou. Porém, como foi dito ao longo deste texto, Mark Twain fez parte da resistência contra a invasão e colonização das Filipinas, e por isso prestamos esta homenagem a uma mente tão brilhante.

Seguimos agora para o próximo capítulo deste estudo, que enxergará a imigração filipina ao redor do mundo, sob o prisma dos três livros escolhidos como foco desta tese.

#### 4 **BALIKBAYAN, OFW, EXPATRIADOS – FILIPINOS ERRANTES**

Meus compatriotas americanos, somos e sempre seremos uma nação de imigrantes. Nós já fomos estrangeiros também.<sup>162</sup>

(Barack Obama)<sup>163</sup>

Nós [filipinos] somos agora um povo semi-errante, peregrinos ou garimpeiros que apostam as nossas vidas e futuros em todo o mundo – no Médio Oriente, África, Europa, América do Norte e do Sul, Austrália e toda a Ásia; em todos os cantos desta terra aparentemente esquecida por Deus.<sup>164</sup>

(E. San Juan, Jr.)<sup>165</sup>.

Nosso objetivo com este capítulo é abordar a imigração, com foco nos filipinos dentro dos Estados Unidos, mas sem ignorar todos os milhões de *pinoys* que trocaram o arquipélago por um dos outros 192 países do mundo (de acordo com o número de nações reconhecidas pela ONU).

A partir de agora, nosso estudo passará a ser menos histórico e mais factual, abrindo caminho imediato para as inúmeras referências literárias contidas nas três narrativas sobre as quais nos debruçamos.

No subcapítulo 3.1 trataremos uma discussão teórica sobre imigração, diáspora e uma descrição circunscrita sobre o que significam as gerações de imigrantes. Buscaremos descobrir se essas diferenças estão presentes nas obras e de que maneira.

Para as discussões mencionadas acima, faremos uso dos livros de Stuart Hall, *Da Diáspora* (2006), do escritor holandês Jan Willem Duyvendak, *The Politics of Home* (2011), do filósofo polonês Zygmunt Bauman, *Estranhos à Nossa Porta* (2016), bem como estudos específicos sobre imigração, tal qual *Illegal Immigration* (2007), do

---

<sup>162</sup> My fellow Americans, we are and always will be a nation of immigrants. We were once strangers, too<sup>162</sup>.

<sup>163</sup> Barack Obama foi presidente dos EUA de 2009 a 2017. Laureado com o Prêmio Nobel da Paz no primeiro ano de seu mandato.

<sup>164</sup> We [Filipinos] are now a quasi-wandering people, pilgrims or prospectors staking our lives and futures all over the world— in the Middle East, Africa, Europe, North and South America, Australia and all of Asia; in every nook and cranny of this seemingly godforsaken earth.

<sup>165</sup> E. San Juan Jr. É um escritor filipino-americano nascido em Manila, em 1932. Seus livros lidam, dentre outros temas, com a diáspora filipina.

cientista político estadunidense Michael C. LeMay, e também *Home Bound: Filipino American Lives Across Cultures, Communities and Countries* (2003), da socióloga filipino-americana Yen Le Espíritu. Além das obras mencionadas, artigos científicos e notícias serão usadas para completar a empreitada.

A razão do subcapítulo é dar ao texto um necessário embasamento teórico, mostrando nossa intenção de entregar uma pesquisa que tenha profundidade e raízes nos estudos culturais e literários, para que as passagens selecionadas das obras estudadas tenham mais alcance e sentido na tese como um todo.

O *OFW* que dá parte do título ao capítulo três é uma sigla em inglês que significa *Overseas Filipino Workers* (Trabalhadores Filipinos Estrangeiros, em tradução livre)<sup>166</sup>. Em uma reportagem para o *Harvard International Review* (2023), a repórter traz uma definição precisa para os *OFW*. De acordo com ela, *OFW* “é um termo que se refere a trabalhadores migrantes filipinos, indivíduos que largaram seus lares para trabalhar no exterior e prover suas famílias com vidas confortáveis” (Eugenio, 2023, s/p)<sup>167</sup>. Notamos aqui um certo tom nacionalista e de muito orgulho. E isso é reforçado por algo que é dito logo após, ainda no texto:

Referindo-se a esses trabalhadores, a ex-presidente Corazón Aquino criou o termo ‘Bagong-Bayani’ em 1988. Os *OFW* são os heróis modernos porque não apenas eles impulsionam a economia das Filipinas através de remessas econômicas, mas são figuras de resiliência. Os *OFW* suportam a saudade de casa, sacrifícios pessoais e horríveis condições de trabalho para sustentar suas famílias que ficaram para trás<sup>168</sup>.

*Bagong-Bayani* é traduzido como “Novos Heróis/Heróis Atuais”, e isso reforça o argumento, já mencionada por nós e que será abordada no subcapítulo 3.2, de que

---

<sup>166</sup> Na nossa concepção, baseada em tudo o que foi consultado para a confecção desta tese, acreditamos também ser possível entender *OFW* como Trabalhadores Filipinos NO Estrangeiro. Aparentemente uma pequena diferença, mas que nos permitirá maiores discussões no subcapítulo 3.2.

<sup>167</sup> “is a term referring to Filipino migrant workers, individuals who have left their homes to work abroad and provide comfortable lives for their families”.

<sup>168</sup> “Referring to these workers, former President Corazon Aquino coined the phrase ‘Bagong-Bayani’ in 1988. *OFWs* are the country’s modern-day heroes because they not only boost the Philippines’ economy through remittances but are figures of resilience. *OFWs* endure homesickness, personal sacrifices, and horrible working conditions in order to support their families back home”.



há uma política de governo por trás dos *balikbayan* e *OFW*. As remessas são uma fonte impressionante de recursos para o país, chegando a assombrosos U\$35 bilhões em 2022 (Eugenio, 2023). A diferença sutil entre o que significa ser *balikbayan* e *OFW* será abordada também no subcapítulo 3.2. Porém, ambos os termos se referem a *pinoys* que moram fora do seu país de origem. Ambos podem ser considerados expatriados, outro termo que será abordado e acomodado no subcapítulo 3.4.

Esses heróis atuais fazem muito pelo seu país, e cremos que essa entrega esteja intimamente ligada ao senso de *Utang Na Loob*. Para começarmos, traduzir o termo é uma tarefa árdua, como seria traduzir nossa palavra “saúde”. É possível explicar, mas somente aquele completamente imerso na cultura consegue realmente compreender seu sentido, para além de um emaranhado de letras. Tendo dito isso, *Utang Na Loob* significa, literalmente, “endividamento”, mas também é traduzido como “débito de gratidão” (Tuazon, 2022).

Tuazon (2022) continua, ao explicar que apesar de ter esse sentido mais literal, de um débito, ele é muito mais profundo. Tão mais profundo que, na verdade, nunca poderá ser pago totalmente. O sentimento liga, eternamente, o *balikbayan* à sua família, sua terra, e faz parte indissociável da cultura filipina.

Dentro do subcapítulo 3.3, quando abordaremos o sentimento praticamente intraduzível, buscaremos nos três livros passagens em que o *Utang Na Loob* esteja óbvio ou não.

Além disso, ele servirá de base para a criação da nossa categoria epistemológica da “Superioridade do Expatriado”, abordada no subcapítulo 3.4. Como contribuição inédita, nossa intenção é mostrar como há uma relação de reverência com aqueles que imigram, o que já foi sugerido até agora, em vários momentos do texto. Como veremos, há uma diferença entre o (i)migrante e o expatriado, ainda que a diferença semântica seja muito pequena (Nash, 2017). Enquanto o (i)migrante é alguém que sai do seu país para trabalhos braçais, normalmente temporários, dentro da descrição do *OFW*, o expatriado é um imigrante legal, que melhora o status da sua vida e de sua família, normalmente exercendo cargos superiores aos que teria no arquipélago. Eles, mais frequentemente, se encaixariam dentro da definição de *balikbayan*. Não obstante, a categoria epistemológica da Superioridade do Expatriado foca menos em status migratório e mais na admiração, presunção de admiração ou

até hostilidade contra aqueles que saíram do arquipélago em busca de uma vida melhor.

Passemos agora ao primeiro dos subcapítulos, estabelecendo bases sólidas de teoria sobre o conceito de imigração e suas divisões.

#### 4.1. DISCUSSÕES SOBRE IMIGRAÇÃO

Parece-nos impossível fugir de algumas tradições, principalmente quando envolvem o didatismo necessário a um texto acadêmico. Assim sendo, começemos a discussão sobre imigração ao definir o termo de acordo com nossa mais constante fonte para termos específicos, a *Encyclopedia Britannica*. Para a publicação, imigração “é o processo de vir a um país com o intuito de viver nele permanentemente” (Britannica, 2024)<sup>169</sup>. Contudo, como toda experiência humana, há muito envolvido no evento de abandonar a terra onde se nasceu, os familiares, e mesmo os costumes que nos fazem ser quem somos.

Yen Le Espíritu, em seu livro *Home Bound: Filipino American Lives Across Cultures, Communities, and Countries* (Indo para casa: Vidas Filipino-Americanas Através de Culturas, Comunidades e Países, em tradução livre), trabalha o conceito de ser imigrante mas, principalmente, o que é ser imigrante *filipina* nos EUA. Logo na apresentação do seu texto a autora traz uma interessante definição do que significa para uma pessoa imigrar, indo mais além do que definições frias e enciclopédicas. Para Espíritu,

O processo de migração não é apenas sobre chegar e povoar, mas, crucialmente, é também sobre orientação do lar e retorno. Ao focarmos na força e no apelo de ambos “aqui” e “lá”, eu espero poder mostrar que imigrantes – nesta era de fluxo transnacional de trabalho, capital e formas culturais – são ambos espacialmente móveis e espacialmente limitados. Imigrantes são móveis no sentido de que podem fisicamente viver ao longo de (desiguais) fronteiras ou retornar para casa através da imaginação. Ao mesmo tempo, eles são limitados pela força da lei, economia e força política, bem como pelas instituições regulatórias dos locais nos quais eles se encontram. Dado que imigrantes estão localizados em múltiplos locais, este livro é sobre como o lar é ao mesmo tempo uma geografia imaginária e real; ou, mais especificamente, é sobre

---

<sup>169</sup> “the process of coming to a country in order to live in it permanently”

como lar está ao mesmo tempo conectado e desconectado do espaço físico onde alguém mora (Espírito, 2003, p. 2)<sup>170</sup>.

O primeiro que nos chama atenção no texto da estudiosa é o significado humano da imigração. Uma pessoa parte em direção a uma terra nova por distintos motivos, mas cremos fielmente que a razão principal é a busca por um novo Lar<sup>171</sup>. A dicotomia entre o “aqui” e “lá” é presente na discussão de identidade, imigração e diáspora, e passa pela alteridade, pelo confronto eterno entre o “nós” e “eles”.

Uma discussão recorrente sobre o tema, que tem relevância especial neste subcapítulo, é referente às diferenças entre os termos imigrante, emigrante e migrante. Palavras têm poder, particularmente em um estudo de literatura e identidade.

Com certa frequência, ao conduzirmos esta pesquisa, notamos ser mais e mais comum o termo migrante (*migrant*, em inglês), ao invés de imigrante (*immigrant*) ou mesmo *emigrante* (*emigrant*). Um exemplo específico e extremamente atual, quando da escrita deste texto: Os Estados Unidos enfrentam uma *migrant crisis* (crise de migrantes, em tradução livre), como podemos ler nos artigos jornalísticos da *The Atlantic* (Demsas, 2024) do *The New York Times* (MEKO, 2023) ou mesmo da rede de notícias CNN (Main et al, 2024). Por que não *immigrant crisis*, por exemplo?

Para respondermos, revisemos os significados das três palavras, até mesmo por virem a ser relevantes quando expusermos nossa categoria epistemológica da *Superioridade do Expatriado*, no subcapítulo 3.4. Não obstante, é importante ressaltar que as definições acima são somente um apanhado superficial sobre os três termos, sem ambições acadêmicas mais profundas, de forma que o texto possa evoluir,

---

<sup>170</sup> “the process of migration is not only about arrival and settlement but, crucially, also about home orientation and return. In focusing on the power and appeal of both “here” and “there,” I hope to show that immigrants—in this age of transnational flow of labor, capital, and cultural forms—are both spatially mobile and spatially bounded. Immigrants are mobile in that they can physically live across (unequal) borders or return home through the imagination. At the same time, they are bounded by force of law, economic and political power, and regulating and regularizing institutions in the site(s) in which they find themselves. Given that immigrants are multiply located and placed, this book is about how home is both an imagined and an actual geography; or more specifically, it is about how home is both connected to and disconnected from the physical space in which one lives”.

<sup>171</sup> Usaremos o termo Lar, com letra maiúscula, quando este estiver em referência ao conceito de Home, principalmente nas ideias de Jan Willem Duyvendak. Em uma concepção mais romantizada, o Lar é o local ideal, onde o ser encontra sua verdadeira existência.

incluindo uma diferenciação que consideramos importante para a construção desta tese e suas hipóteses. Para tanto, utilizaremos definições ofertadas por dois Museus de Imigração, um do estado de São Paulo, e outro francês, o Musée De L'Histoire De L'Immigration (Museu da História da Imigração).

O Museu da Imigração, pertencente ao estado de São Paulo, traz uma definição clara e didática de cada uma delas. Para a instituição, “Palavras oferecem enquadramentos, pontos de vista, focos de atenção. No caso aqui tratado, elas nos aproximam das várias facetas envolvidas no deslocamento” (Museu Da Imigração, 2019). Primeiro, temos imigrante: originalmente de *migrare* (mudar de posição/residência) e também *in* (para dentro). Para a instituição francesa, “o uso do termo ‘imigrante’ tornou-se difundido na metade do século XX, para descrever a imigração de trabalhadores braçais” (Harzoune, 2022)<sup>172</sup>. Contudo, o autor afirma que, findada a Segunda Guerra, a palavra começou a ser empregada como um termo genérico para “estrangeiro”. Assim, tratamos de pessoas que se mudam para um novo local, normalmente uma outra nação, do ponto de vista do Estado que os recebe (Museu da Imigração, 2019). Ao falarmos dos imigrantes filipinos nos Estados Unidos, implicitamente tratamos da entrada dessas pessoas no território estadunidense, com intenção de começar uma vida lá. O ponto de vista é partindo dos EUA assistindo essas pessoas chegarem.

Emigrar segue a lógica oposta. Quando citamos emigrantes filipinos, a ênfase aqui é na saída de um país, incluindo tudo o que é deixado para trás. A decisão entre imigrante ou emigrante acaba “sendo a escolha por qual palavra utilizar apenas uma questão de ponto de vista assumido pelo enunciador. Todo imigrante no país de destino é um emigrante no país de origem” (Museu da Imigração, 2019). Contudo, conseguimos enxergar nuances no uso das palavras.

Tomando a liberdade que um estudo de doutoramento nos permite, podemos oferecer uma hipótese de que o imigrante é um termo que vai de neutro a negativo, dependendo da sua utilização, enquanto o emigrante costuma ser mais usado em situações negativas. Isso porque, ao imigrar, podemos imaginar novas oportunidades, uma nova vida. Um recomeço. Já quando o foco é emigração, então presume-se que há um abandono de uma comunidade. Consideramos razoável imaginar que a

---

<sup>172</sup> Use of the term “immigrant” became widespread in the mid-20<sup>th</sup> century to describe immigration by manual workers

emigração é motivada por desejos não alcançados e necessidades não saciadas no país de origem, enquanto a imigração, vista pelo cidadão que adentra uma nova nação, é guiada pela promessa do novo, do preenchimento do vazio que o levou a emigrar. Não obstante, a visão do imigrante, pelos habitantes do novo país que o recebe, pode variar entre a esperança de uma renovação econômica, trazida pela renovação populacional de nações que rapidamente envelhecem – caso do Canadá (Levinson-King, 2022), ou até mesmo, arriscando uma simplificação perigosa, os casos de xenofobia contra os brasileiros, crescentes em Portugal, reportados frequentemente na mídia (Guedes, 2023; Valinor, 2023; Uol, 2024).

Resta-nos agora definir migrante. Até relativamente pouco tempo atrás, a palavra definia um cidadão em deslocamento interno, “utilizado para denominar aquele que se desloca em espaço circunscrito a um território nacional. ‘Migrante interno’ ou ‘migrante nacional’ também são expressões utilizadas” (Museu da Imigração, 2019, s/p). Como reforço à ideia apresentada, o termo migrante nos recorda dos migrantes nordestinos, principalmente quando associados à fuga das secas que dominam parte do sertão (Memorial da Democracia, 2010). Não obstante, como dito anteriormente, há um certo movimento de resignificação da palavra, e trataremos de utilizar, uma última vez, o Museu da Imigração (2019) e o pesquisador Mustapha Harzoune (2019). Para a instituição brasileira, há um novo foco, quando se utiliza migrante. O novo enfoque é um que respeita aquele que migra enquanto detentor de direitos, sujeito de si mesmo, e menos definido pelo movimento de entrar, ficar ou sair de um país. “Trata-se, nesse sentido, de focar principalmente a migração enquanto fenômeno humano, que necessariamente atravessa os diferentes territórios nacionais, envolvendo diversos atores e processos transnacionais” (Museu Da Imigração, 2019). Para o pesquisador francês, apesar de ter uma boa intenção, a escolha da palavra migrante traz seus próprios desafios, pois inclui em um mesmo grupo todas as pessoas que se deslocam, “agrupando o refugiado e o turista, o migrante econômico e o requerente de asilo, os curiosos e os necessitados. O obrigatório e o voluntário” (Harzoune, 2019)<sup>173</sup>. Mesmo com as provocações do

---

<sup>173</sup> lumping together the refugee and the tourist, the economic migrant and the asylum seeker, the curious and the needy. The obligatory and the voluntary.

pesquisador, vemos aqui um maior respeito pelo indivíduo, uma humanização necessária e bem-vinda.

Uma matéria escrita pelo repórter Adrian Vore e publicada no jornal *The San Diego Union-Tribune*, em 2015, já chama a atenção para o fato de que a imprensa, nove anos atrás, dava passos para diminuir o uso da palavra imigrante, em favor de migrante. Ou seja, o processo de ressignificação do imigrante já estava em curso pelo menos desde a década passada. Na sua pesquisa para produzir a matéria, o jornalista entrevistou vários estudiosos, incluindo sua colega do jornal *L.A. Times*, Alexandra Zavis, que apresentou uma importante interpretação para o fenômeno. Diz a repórter que:

Migrante é um termo amplo que inclui refugiados e aqueles mudando por razões econômicas. Nós temos usado o termo nas nossas reportagens sobre a crise na Europa porque muitas dessas pessoas ainda estão em movimento, e algumas podem querer retornar ao Lar um dia. Imigrante refere-se àqueles que se mudaram para um país estrangeiro com a intenção de se estabelecerem lá (Zavis In Vore, 2015)<sup>174</sup>.

Essa diferença sutil entre imigrar trazer a ideia de um movimento mais permanente, enquanto o migrante tem mais matizes, e pode conotar um movimento temporário, será útil para diferenciarmos o balikbayan do OFW. Não obstante, por um respeito à fluidez do texto, salvo quando for essencial para a tese em desenvolvimento, e não signifique desrespeito implícito ou explícito àqueles que saem dos seus países, as palavras migrantes e imigrantes poderão ser usadas de forma intercambiável no texto.

Mais uma vez voltando nossa atenção ao que foi dito por Zavis, é sob a ótica do migrante temporário que se dá a cobertura jornalística atual sobre a crise de migrantes que tanto afeta as chances de reeleição do presidente Biden. Assim, esperamos ter respondido a pergunta posta por nós mesmos, do porquê a imprensa americana estar se referindo à crise atual com a palavra em questão. Vemos uma intenção de humanizar esses migrantes, mas também enfatizar o fato de que eles não

---

<sup>174</sup> “Migrant is a broad term that includes refugees and those moving for economic reasons. We have been using the term in our reporting about the crisis in Europe because many of these people are still on the move, and some may wish to return home one day. Immigrant refers to those who have moved to a foreign country with the intention of settling there”.

necessariamente ficarão no lugar onde estão atualmente, como os milhares de viajantes que sobrecarregam o sistema de acolhimento da cidade de Nova York (Davies, 2024).

Sobre o fato de os imigrantes serem dependentes das leis locais para sua existência, isso remete às inúmeras mudanças que o governo americano já implementou ao longo dos séculos, ora promovendo o fluxo de estrangeiros, ora restringindo-o, como veremos ainda neste subcapítulo, com enfoque nos percalços dos *pinoy* em terras norte-americanas. Dependendo do partido no poder, o governo federal dos Estados Unidos foi alternadamente leniente ou hostil com os imigrantes. Nas últimas décadas, os democratas têm sido mais humanos no trato dos migrantes, seguindo em direção à esquerda do espectro político, e entendendo que o fluxo de novos cidadãos pode ser benéfico (Khalid, 2019). Porém, a boa-vontade demonstrada pelo partido tem sido fonte de punição eleitoral, com o sério risco de o atual presidente, Joe Biden, perder sua campanha pela reeleição devido às suas políticas migratórias, muito mais permissivas que as do republicano Donald Trump (Leonhardt, 2024).

Ainda sobre a citação de Espíritu (2003), o fato de a autora especificar Lar como algo físico e metafórico, ao mesmo tempo, nos leva imediatamente aos estudos de Duyvendak (2015), e sua definição de Lar. Para o professor holandês, Lar importa a todas as pessoas do mundo. Ele não é “um sentimento singular, mas plural e em camadas que viaja da morada individual via o bairro para a nação, e da casa para o local de trabalho.” (p. 38)<sup>175</sup>. Assim, é fácil entender que Lar é completamente universal. Mais que um direito, uma necessidade básica enquanto membros de uma sociedade.

Sobre fatores que definam o que é o Lar e, conseqüentemente, o lugar que deixamos para buscarmos uma nova vida, ao imigrar, Duyvendak (2015) estabelece três elementos do Lar: I – Familiaridade, o que é explicado por ele como “conhecer o lugar”<sup>176</sup> (p.38); II – Refúgio: Provê segurança física e/ou material, é mentalmente seguro ou previsível. Um local para se refugiar, relaxar, de intimidade e domesticidade; III – Céu: “Um lugar público onde alguém pode ser completamente, expressar e alcançar realização; onde alguém se sente publicamente livre e

---

<sup>175</sup> “A singular feeling, but a plural and layered sentiment that travels from the individual household via the neighborhood to the nation, and from the house to the workplace

<sup>176</sup> “Knowing the place”

independente”, mas o autor também diz que o “Lar aqui incorpora histórias compartilhadas; um lugar simbólico e/ou material com o próprio povo e próprias atividades”<sup>177</sup> O Lar, assim, pode ter muitos significados, encontrado em diversos locais. Ele pode ser o país onde uma pessoa nasceu, mas também na comunidade estrangeira. Essa asserção poderá ser útil ao entendermos os filipinos no exterior enquanto diáspora.

Neste ponto da discussão, tentamos compreender o senso de Lar, para estabelecer a maneira através da qual os *balikbayan* e *OFW* exercem seu senso de ser filipino, sua “filipinidade”. Como ela funciona no processo de imigração, de forma a encontrarmos melhores exemplos dessa existência e processo dentro dos textos literários.

Duyvendak afirma que “Lares para os extremamente móveis são mais definidos socialmente do que territorialmente” (2011)<sup>178</sup>. Para essas pessoas, que entendemos como (i)migrantes, eles não precisam estar, necessariamente, no seu país de origem para se sentir parte dele. E isso pode facilitar o processo de imigração e estabelecimento em novo país.

O pesquisador e professor universitário Anthony Ocampo aborda, em seu livro *The Latinos of Asian: How Filipinos Americans Break the Rules of Race* (2016) o processo de imigração dos *pinoys* e sua adaptação ao território americano. Ocampo explica que, ao contrário de outros grupos de imigrantes, como chineses e coreanos, os filipinos tendem a se aglomerar menos, e, ao contrário de “Chinatowns” e “Koreatowns” serem comuns em várias partes dos EUA, “Filipinotowns” não são a norma.

Mais especificamente, Ocampo afirma que “não há cidades ou bairros ao redor dos EUA onde os filipinos constituam a maioria. De fato, há apenas uma única grande cidade no país – Daly City- onde os filipinos são 1/3 da população” (OCAMPO, 2016. p. 49)<sup>179</sup>. O autor defende que esse espalhamento da população *balikbayan*, ao invés

---

<sup>177</sup> “A public place where one can collectively be, express and realize oneself; where one feels publicly free and independent. Home here embodies shared stories; a material and/or symbolic place with one’s own people and activities”.

<sup>178</sup> “Homes for the extremely mobile are more socially than territorially defined”

<sup>179</sup> “There are no cities or neighborhoods across the USA Where Filipinos constitute a majority. In fact, there is only one big city in the country, Daly City, where Filipinos make up 1/3 of the population”.



da formação de comunidades endógenas, mais comum com outros povos orientais, se dá por razão do alto nível de proficiência em língua inglesa e sua relativa familiaridade com o estilo estadunidense de vida, resultado do colonialismo americano sobre o arquipélago (Ocampo, 2016).

Sigamos agora para uma discussão que reforce e nos aproxime do conceito de diáspora, tão importante para entendermos os *balikbayan*. Para estabelecermos tão importante conceito, urge explicitar que nos apoiaremos, principalmente, em Stuart Hall e Robin Cohen. Com o auxílio dos dois sociólogos, trataremos de encapsular mais um termo tão elusivo. Ainda que Hall e Cohen, ao contrário de Anthony Ocampo (2016), não tenham escrito especificamente sobre *pinoys*.

Robin Cohen diz que

A palavra “diáspora” deriva do verbo grego *speiro* (semear) e da preposição *dia* (sobre). Quando aplicada aos humanos, os antigos gregos pensavam na diáspora como migração e colonização. Em contrapartida, para judeus, africanos, palestinos e armênios a expressão adquiriu um significado mais sinistro e brutal. A diáspora significou um trauma coletivo, um banimento, onde se sonhava com um lar mas vivia no exílio. Outros povos no exterior que também mantiveram identidades coletivas fortes definiram-se, nos últimos anos, como diásporas, embora não fossem agentes ativos de colonização nem vítimas passivas de perseguição. (Cohen, 1997, p. 10)<sup>180</sup>.

O que podemos entender das palavras de Cohen é a diáspora enquanto um termo vasto, complexo e abarcador. Possui(a) sentidos diferentes para povos distintos. Contudo, nos interessa a percepção do autor de que o fenômeno é uma forma de sonhar um lar distante, o que se adapta perfeitamente às obras literárias analisadas por este estudo.

Ainda sobre a citação do sociólogo, sua definição nos leva a entender diáspora como uma espécie de coletivo de (i)migrantes (ou emigrantes), enquanto um grupo.

---

<sup>180</sup> The word “diaspora” is derived from the Greek verb *speiro* (to sow) and the preposition *dia* (over). When applied to humans, the ancient Greeks thought of diaspora as migration and colonization. By contrast, for Jews, Africans, Palestinians and Armenians the expression acquired a more sinister and brutal meaning. Diaspora signified a collective trauma, a banishment, where one dreamed of home but lived in exile. Other peoples abroad who have also maintained strong collective identities have, in recent years, defined themselves as diasporas, though they were neither active agents of colonization nor passive victims of persecution

A publicação National Geographic explica que a palavra diáspora foi, inicialmente, “para descrever as migrações de povos judeus após a queda de Jerusalém no sexto século, Era Comum. Desde então tem sido usado para descrever exemplos de migração em massa”<sup>181</sup> (National Geographic, 2024. s/p). Entendemos o “em massa” como uma possível situação forçada, exemplificado pela emigração maciça de venezuelanos que fogem do país há décadas, começando com a ditadura de Hugo Chávez (1954-2013), e aumentando exponencialmente com o governo de Nicolás Maduro (1962-). Já o *Istituto per gli Studi di Politica Internazionale* (Instituto de Estudos Políticos Internacionais, tradução livre), da Itália, conhecido por sua sigla ISPI, questiona se a diáspora venezuelana é uma crise de longo prazo, o que imediatamente nos faz associar o termo diáspora a algo negativo (ISPI, 2024).

Outro exemplo do uso da palavra diáspora enquanto algo negativo é encontrado em uma matéria do canal oficial *Agência Brasil*, de 2023. Nela, a repórter Carina Dourado discorre sobre uma profunda “fuga de cérebros” ocorrida no Brasil, uma emigração de profissionais altamente qualificados. O título da matéria é “Fuga de Cérebros, a Diáspora de Cientistas Brasileiros” (Dourado, 2023). Vimos, até aqui, três exemplos que tratam o termo como neutro ou negativo, mas sempre como um grupo grande. Porém, resta a dúvida: Seria a diáspora algo inerentemente negativo?

O primeiro movimento para tentarmos responder vem, mais uma vez, com a ajuda de Cohen. O sociólogo reconhece que o termo varia muito. Para ele, todas as comunidades diaspóricas que se estabeleceram fora do seu território natal, seja ele imaginário ou real, têm uma associação com o senso de lealdade e emoções. Ainda, por mais que essa conexão varie com circunstâncias e períodos históricos, a união de um membro a uma comunidade diaspórica é “demonstrada por uma aceitação de uma ligação inescapável com a sua história de migração passada e um sentimento de co-etnia com outras pessoas de origem semelhante” (Cohen, 1997)<sup>182</sup>. Essa vinculação com a terra natal (ou imaginária) é vista em todas as três obras literárias analisadas, e serão citadas ao longo deste capítulo.

---

<sup>181</sup> “was initially used to describe the migrations of Jewish people after the fall of Jerusalem in the sixth century B.C.E. It has since been used to describe other instances of mass migration”

<sup>182</sup> demonstrated by an acceptance of an inescapable link with their past migration history and a sense of co-ethnicity with others of a similar background.

Continuando nossa exploração de comunidades diaspóricas, sigamos agora com o livro *The Puerto Rican Diaspora: Historical Perspectives*, editado por Carmen Teresa Whalen e Víctor Vásquez-Hernández, de 2005. Ao longo dos capítulos, diferentes autores dão sua contribuição para o estudo da diáspora *boricua*<sup>183</sup> e sua organização ao redor do mundo, em especial nos Estados Unidos, sua antiga (e atual) potência colonial. Esse fator em comum entre Porto Rico e as Filipinas (a colonização espanhola e americana) nos encoraja a usar estudos sobre o primeiro para analisar o segundo.

No capítulo 6, escrito por Maura Toro-Morn, cujo título é *Boricuas en Chicago*, nós somos apresentados à dificuldade encontrada pelos porto-riquenhos em se estabelecerem na cidade estadunidense. Para Toro-Morn, “como outros migrantes na cidade, porto-riquenhos trabalharam muito para estabelecer uma comunidade, um lugar onde tradições culturais são transmitidas e mantidas” (Toro-Morn *in* Whalen, Carmen Tereza; Vásquez-Hernández, Víctor, 2005)<sup>184</sup>. Ou seja, já conseguimos visualizar, aqui, que a diáspora, enquanto comunidade de membros de uma mesma nacionalidade, precisa de elementos em comum para torna-la real.

Mais adiante, a autora explica que os imigrantes sentiam a necessidade de morar perto uns dos outros, para reforçar os laços de comunidade. Os *boricuas* da cidade agiam em conjunto para enfrentar o preconceito reinante entre os estadunidenses anglo-saxões. Entre as estratégias, estavam procurar apartamentos para parentes e amigos que ainda não haviam se mudado para os EUA, ou “ocasionalmente, membros de famílias juntavam seus recursos para comprar um prédio com vários apartamentos, permitindo que família de irmãos e irmãs pudessem ocupar o mesmo edifício” (Toro-Morn *in* Whalen, Carmen Tereza; Vásquez-Hernández, Víctor, 2005, p. 138)<sup>185</sup>. Tais atitudes nos remontam à teoria de Lar, e os porto-riquenhos, membros da diáspora, agiam em conjunto para encontra-lo, mesmo longe da sua ilha natal.

Não obstante, o movimento da comunidade nem sempre era permanente, transformando o sonho da imigração em migração temporária. Para a autora, muitos

---

<sup>183</sup> Um nativo de Porto Rico ou seus descendentes (Merriam-Webster, 2024)

<sup>184</sup> “like other migrants in the city, Puerto Ricans have worked very hard to establish a community, a place where cultural traditions are transmitted and maintained”.

<sup>185</sup> “Occasionally, members of families pooled their resources to buy a multiunit building, enabling the families of brothers and sisters to occupy the same apartment building”

*boricuas* tinham dificuldades para aceitar a ideia de comprar uma propriedade, já que isso implicava um compromisso de fazer de Chicago seu lar permanente. “Consequentemente, familiares com frequência mudavam das residências de parentes para propriedades alugadas, e então retornavam a Porto Rico” (Toro-Morn *in* Whalen, Carmen Tereza; Vásquez-Hernández, Víctor, 2005, p. 139)<sup>186</sup>.

Apesar das diferenças que separam os porto-riquenhos dos filipinos, como já vimos pela obra de Ocampo (2016), a necessidade de a comunidade se apoiar, de a diáspora se aglutinar, principalmente na chegada ao país, é um elemento presente nas produções literárias estudadas. Em *America is Not The Heart* (Castillo, 2018), a personagem Hero imigra para a Califórnia, para viver com a família do tio, Pol. Especificamente, com a esposa de Pol, Paz, e a filha do casal, Roni. Vejamos, com uma passagem do romance, a chegada da imigrante. O nome deste capítulo é *Ate Hero* (irmã Hero, em tradução livre. Lembrando que Hero significa herói em inglês, e uma análise do nome dos personagens virá em momento oportuno).

Importante contextualizar na história: Hero era o apelido usado pela personagem Nimang para se referir a si mesma. Como fora membro do *New People’s Army* por 10 anos, onde fora torturada e perdeu o movimento dos polegares (vide subcapítulo 2.2), Hero foi ostracizada pela sua família, que viu desonra na filha sair da alta sociedade para viver com a guerrilha, lutando contra o regime do ditador Marcos. Antes da passagem que aborda a mudança de Hero para Milpitas, há uma conversa entre Pol e o pai de Hero. Fica óbvio que o pai da personagem está satisfeito em saber que ela sairá do país e não terá mais que lidar com a filha. Segue uma conversa entre os irmãos:

Finalmente, Pol disse as mesmas coisas que dissera na sua carta. Que Soly a enviasse num visto de turista. Ela ficaria no quarto de hóspedes. Ela poderia cuidar de Roni. Ou Paz conseguiria uma vaga em um dos hospitais (Castillo, 2018, p. 34)<sup>187</sup>.

---

<sup>186</sup> “Consequently, families often moved from residences of relatives to rental properties, and back to Puerto Rico.”

<sup>187</sup> “Finally, Pol said the same things he’d already said in his letter: Have Soly send her on the tourist visa. She’ll stay in the extra room. She can help take care of Roni. Or Paz will try to find her a job in one of the hospitals”

Essa parte específica da história se passa no início dos anos 1990, então está explicada a referência a uma carta sendo enviada. Logo depois, podemos ver os traços em comum da diáspora *boricua* e *balikbayan*. O tio sugeria que a cunhada enviasse a sobrinha aos EUA, com um visto de turista, e ela poderia ficar no quarto de hóspedes, trabalhando como babá de Roni, sua prima. Ou até mesmo cogita que sua esposa, que trabalha como enfermeira em mais de um hospital, poderia conseguir para Hero uma vaga de trabalho. Essa rede integrada e bem estabelecida nos indica que diáspora pode também ser visto como algo positivo, como uma grande família, um Lar no estrangeiro.

Exatamente como no romance da autora filipino-americana, Toro-Morn (*In Whalen*, Carmen Tereza; Vásquez-Hernández, Víctor, 2005) conta o caso de uma imigrante *boricua*, Victoria, que imigra para os EUA e, desempregada, se vê trabalhando como empregada para a própria família. Ao contrário da imigrante porto-riquenha da vida real, Hero não tem problemas em tomar conta da sobrinha e só vem a trabalhar fora mais perto do fim do romance, anos após sua chegada aos EUA.

Curiosamente, uma passagem do conto *Legends of the White Lady*, de *In the Country* (2015) mostra a angústia do imigrante ao chegar em um lugar sem uma rede de apoio, sem a engrenagem da diáspora. A personagem principal do conto é uma modelo estadunidense que se muda para Manila. Ainda no aeroporto de Manila, seu comentário demonstra o oposto do que acontece com aqueles que pertencem a um grupo bem estabelecido:

O Aeroporto de Manila é um pouco como o de Tóquio, mas mais barulhento, seus rostos alguns tons mais escuros. Eu era muito mais alta, em ambas cidades, que quase todos. Mas enquanto Tóquio conseguia se equiparar a Nova York no seu povo agitado e solitário, em Manila ninguém parecia solitário exceto eu. Em CHEGADAS cada rosto marrom encontrava o aglomerado de faces ao qual pertencia e fundiam em uma pilha de braços e risadas e conversas (Alvar, 2015, p. 58)<sup>188</sup>.

---

<sup>188</sup> “Manila’s airport is a bit like Tokyo’s but noisier, more crowded, its faces a few shades darker. I towered, in both cities, over almost everyone. But while Tokyo could match New York for all its rushing, solitary people, in Manila no one seemed alone but me. At ARRIVALS each brown face would find the cluster of faces it belonged to and merge into a heap of arms and laughter and chatter”.

A personagem, ao chegar, faz algumas considerações que nos parecem preconceituosas. Ela fala da sua altura, muito superior à maioria das pessoas em Tóquio e Manila. O verbo utilizado no original é *tower* (ser como uma torre, tradução livre), como se ela fosse fisicamente superior àqueles que passavam por ela. A forma de falar dos filipinos é através da cor, marrom. Porém, o que mais nos interessa nesta parte da pesquisa é justamente o sentimento de não-pertencimento presente. Ao invés do imigrante marrom, negro, perdido na multidão anglo-saxã, é o inverso que ocorre. Manila é descrita como povoada por pessoas gregárias, que parecem totalmente no próprio Lar. A sensação de *belonging*, pertencimento, só nos parece completamente possível quando estamos no lugar onde nascemos e crescemos, ou então cercados e imersos na cultura na qual fomos inculcados desde o nascimento.

Mesmo tendo visto exemplos seguidos de uso do conceito de diáspora enquanto negativo, ligado à emigração, encontramos passagens na literatura que nos mostram que uma população no exterior pode se aglutinar e formar uma resistência em comum, o que nos soa positivo.

Chegamos agora à contribuição do sociólogo Stuart Hall para este estudo. No livro *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais* (2003), o autor jamaicano-britânico nos diz que a questão diaspórica é usada por ele principalmente por causa da luz que ela é capaz de lançar sobre as complexidades, não somente de se construir, mas de se imaginar a nação e a identidade dos caribenhos. Reforçamos que, por mais que Hall trabalhe muito com a diáspora caribenha, por motivos já citados durante esta pesquisa, cremos poder vê-los pela ótica dos *balikbayan* também.

Hall (2003) pondera que a identidade cultural talvez seja algo fixado no nosso nascimento, algo da nossa natureza, que existe porque temos ancestrais daquele mesmo local. Ainda, que legados do colonialismo forcem as pessoas a migrar, ocasionando uma dispersão. Porém, “cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor” (Hall, 2003). Entendemos aqui a eterna ideia que os emigrantes tendem a carregar consigo, que levarão seus sonhos à nova terra e de lá retornarão, triunfantes. Dentro da nossa categoria epistemológica em construção, da Superioridade do Expatriado, vemos a existência de uma esperança, sentida pelo imigrante e o que permaneceu no país, de que um dia aquele viajante há de retornar, triunfante, à terra natal.

Para finalizar, somente dentro do escopo deste estudo, já que imaginamos que a discussão sobre diáspora seja virtualmente infinita, em especial por se tratar de um objeto de estudo das humanidades, com incontáveis subjeções, encerremos com o que diz Stuart Hall sobre a ideia de pertencimento, de ser membro de uma diáspora. Ao comentar a promessa de retorno, de cura da ruptura através do retorno, o autor diz que:

Trata-se, é claro, de uma concepção fechada de “tribo”, diáspora e pátria. Possuir uma identidade cultural nesse sentido é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical é o que chamamos de ‘tradição’, cujo teste é o de sua fidelidade às origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua ‘autenticidade’. É, claro, um mito – com todo o potencial real dos nossos mitos dominantes de moldar nossos imaginários, influenciar nossas ações, conferir significado às nossas vidas e dar sentido à nossas histórias (Hall, 2003, p. 29).

O que aprendemos com as palavras de Hall, Cohen e as outras fontes é que o conceito de diáspora está intimamente ligado à identidade cultural. Algo que nos liga ao passado, ao presente e ao futuro. A tradição é o que mantém culturas vivas, mesmo sendo elas organismos vivos e mutáveis. Ocampo (2016), como já afirmamos, traz a ideia de que os filipinos nos EUA tendem a se adaptar melhor por conta da doutrinação na cultura *yankee* que recebem desde o nascimento, e o contínuo estudo da língua inglesa. Ao pensar sobre alguns grupos de *balikbayan* que foram foco de parte do seu estudo, a autor se pergunta se essas pessoas se consideram somente americanos e também se eles foram totalmente assimilados pela cultura estadunidense. Para o autor, “os padrões do seu engajamento cultural pode sugerir que a resposta é sim para ambas as perguntas” (p. 62). Contudo, para a maioria dos filipinos que ele entrevistou para escrever seu livro, “mesmo aqueles que admitiram não falar nada de tagalog ou que raramente frequentavam o *Jollibee*<sup>189</sup> local, ainda assim mantinham um forte senso de etnicidade filipina étnica” (p. 63)<sup>190</sup>.

---

<sup>189</sup> O próprio Ocampo descreve o Jollibee como “uma rede de fast-food que é o equivalente filipino do *McDonald’s*” (OCampo, 2016. P 51)

<sup>190</sup> “Even those who admitted not being able to speak a lick of tagalog or who rarely patronized the local Jollibee, still maintained a strong sense of Filipino ethnic identity”.

A rede de restaurantes Jollibee aparece três vezes no *memoir* de Matt Ortile (2020). As duas primeiras, ao falar de uma região de Nova York informalmente conhecida como *Little Manila* (Pequena Manila), por conta dos muitos restaurantes filipinos, e uma terceira, carregada de elementos culturais, quando podemos usar a teoria de Anthony Ocampo (2016). O personagem-narrador de Ortile conta uma de suas viagens para visitar os parentes nas Filipinas. Muito afetado pelo *jet lag*, em razão da longa viagem e diferença de fuso horário entre os EUA e as Filipinas, o personagem Matt Ortile diz que:

Eu não tinha levado em consideração o *jet lag*. Após almoços com amigos e primos, viagens de compras, e prazeres vespertinos, eu retornava ao meu apartamento e arriscava um cochilo, apenas para acordar quatro horas após o horário do jantar. Para uma noite de baladas, isso funcionou muito bem, mas a maioria das minhas madrugadas foram passadas no sofá com um Chickenjoy meal (dois pedaços e arroz; a parte da coxa e molho extra) do Jollibee mais próximo. Eu comia e assistia TV, qualquer filme que a Star-World estivesse passando na hora, até minhas pílulas de melatonina começarem a funcionar, normalmente por volta das quatro da manhã (Ortile, 2020, p. 243)<sup>191</sup>.

Ao visitar sua família, Ortile encontrava consolo em alimentos (como o combo de *fast-food* vendido na Jollibee) e na televisão filipina. A ironia da passagem é que ele estava no seu Lar ancestral, terra onde nascera e de onde vieram todos os seus ascendentes, mas longe do seu Lar atual, os EUA. E, para sentir-se em casa de verdade, ele consumia comidas e programas televisivos típicos das Filipinas. Isso nos leva novamente ao trabalho de Hall que, citando Benedict Anderson, chama nações de “comunidades imaginadas” (Hall, 2003, p. 26). Apesar de estar cercado de amigos e familiares, Ortile sentia falta do seu Lar. E, para curar essa saudade, era preciso buscar elementos que transformam qualquer lugar em Lar, como Duyvendak (2015)

---

<sup>191</sup> “I hadn’t factored in jet lag. After lunches with friends and cousins, shopping trips, and afternoon delights, I’d return to my apartment and risk a nap, only to wake up four hours past dinnertime. For a night out at the clubs, this worked well enough, but most of my after-midnights were spent on the couch with a Chickenjoy meal (two-piece and rice; thigh part and extra gravy) from the twenty-four hour Jollibee nearby. I’d eat it and watch TV, whatever movie Star-World was playing at that hour, until my melatonin pills kicked in, usually at around four in the morning”.



trata no seu livro, ao citar como é possível sentir-se em casa em lugares particulares ou genéricos, com estratégias distintas.

A estratégia do narrador-personagem Matt Ortile, nos faz pensar em uma história real contada no livro de Jon Sterngass, *Filipino Americans (2007)*, parte de uma série de livros sobre distintas etnias que formam comunidades imigrantes nos EUA. Sterngass nos apresenta Rodney Salinas, um *pinoy* que imigrou para os Estados Unidos ainda nos anos 1970, quando contava dez anos de idade. Apesar de, segundo o autor, ter sido difícil para Rodney manter algumas tradições mais comuns à cultura filipina, o imigrante se esforça para manter viva a cultura de onde partiu. De tudo o que ele cita que causa saudades da pátria-mãe, o mais importante é “estar com a minha família estendida, a comida deliciosa, a programação televisiva e a bela paisagem”<sup>192</sup> (p. 12). Ao tomarmos consciência das atitudes de Ortile ao visitar as Filipinas, e aquilo que Rodney mais sente falta do país de onde veio, podemos ver alguns traços culturais e identitários que fazem do arquipélago um Lar para os *balikbayan*.

Após nossas análises sobre o que significa imigrar, especialmente enquanto um grupo grande, uma diáspora, chegamos à conclusão que o termo pode ser negativo ou positivo, dependendo do ângulo abordado. Podemos tratar de diáspora como sinônimo de êxodo, como foi o caso nos exemplos da emigração venezuelana ou a fuga de cérebros brasileira, ou mesmo algo positivo, se pensarmos numa nação imaginária, como a que os *boricua* em Chicago ou os filipinos na Califórnia fundaram, para apoio mútuo. Ao contrário da nossa proposição que emigração carrega uma conotação negativa, de abandono, diáspora é um termo muito, muito mais elusivo, adaptando-se à situação em que for utilizado.

Como um guia que facilitará a compreensão de futuras utilizações e até mesmo reforçar o significado de quando as expressões foram mencionadas, urge definirmos o que são imigrantes de primeira, segunda e terceira geração. O Canadá, país com ambiciosos planos de receber milhões de imigrantes nos próximos anos (Levinson-King, 2022), define as três gerações da seguinte maneira: primeira geração: aqueles nascidos fora do país onde se instalaram; segunda geração: aqueles que nasceram no Canadá, mas pelo menos um dos pais nasceu em um terceiro país; terceira

---

<sup>192</sup> “Being with my extended family, the delicious food, the television programming, and the beautiful countryside”.

geração: alguém nascido no Canadá cujos dois progenitores nasceram no país (Government Of Canada, 2021). As três obras analisadas possuem exemplos variados de primeira, segunda e terceira geração. Porém, o mais comum é lidarmos com histórias de primeira geração, como o personagem-narrador Matt Ortile, em *The Groom Will Keep His Name* (Ortile, 2020), Hero, de *America is Not The Heart* (Castillo, 2018). Já nos nove contos de *In the Country* (Alvar, 2015), temos uma gama maior, como Baby, filha de pai americano, e a família de Ninoy Aquino, “o marido”, que é primeira geração.

Nosso objetivo neste subcapítulo foi trazer uma discussão sobre o que significa imigrar, emigrar ou mesmo migrar. Oferecemos visões estabelecidas nos estudos literários, como Stuart Hall e Robin Cohen, porém também tivemos o cuidado de incluir fontes alternativas e contemporâneas, como sites governamentais, enciclopédias, museus e veículos jornalísticos. A intenção é sempre direcionar o estudo para uma visão holística, que contemple a pluralidade. Como prometido, os aspectos históricos não dominaram a conversação, por considerarmos uma oportunidade de diálogo acadêmico mais tradicional, sem perder o nosso foco em identidade, cultura e resistência cultural.

Continuaremos agora, no subcapítulo 3.2, com a imigração filipina especificamente. O porquê de haver tantas enfermeiras filipinas ao redor do mundo, e como o governo do arquipélago fez uso da emigração (ou impedimento dela) como instrumento de governo e controle da população. Apesar de trazermos, principalmente por conta do livro de Mia Alvar, histórias de *balikbayan* e *OFWs* em vários países, o objeto principal continua sendo os Estados Unidos da América.

#### 4.2. *OFW* OU *BALIKBAYAN*? O PINOY NO EXTERIOR

Este estudo, por se debruçar sobre um assunto pouco discutido na academia brasileira, traz palavras incomuns que demandam constante abordagem e explicações, como *pinoy*, *barangay*, *balikbayan* e *OFW*, dentre inúmeras outras. Consideramos que este constante estranhamento que os termos geram faz parte do apelo desta pesquisa, e sentimos uma certa medida de orgulho ao trazermos uma cultura tão distante para mais perto dos estudos nacionais.

Em especial, neste subcapítulo será necessário abordarmos *balikbayan* e *OFW*, que já foram mencionados amiúde. Contudo, a sutil diferença entre os dois

precisa ser estabelecida para que as análises subsequentes tenham mais relevância literária para esta tese.

Trouxemos a definição de *balikbayan* já no início da pesquisa. Ele é, em linhas gerais, um imigrante de longo prazo, que mantém uma relação com o país de origem. Por sua vez, *OFWs*, ou *Overseas Filipino Workers* (que escolhemos traduzir como *Trabalhadores Filipinos No Estrangeiro*), são migrantes, e saem do país por um período menor. Presume-se que, ao contrário do *balikbayan*, o *OFW* retornará às Filipinas após um certo período, apesar de Hall (2003) citar uma suposta ideia coletiva de retorno redentor. As duas definições, quase sinônimas, divergem na duração da estadia no exterior. Porém, urge reforçar que elas não são equivalentes a *pinoy*. Todo *balikbayan* e *OFW* é um *pinoy*, mas nem todo *pinoy* é um *balikbayan* ou *OFW*. Preferimos pecar pelo excesso de zelo na diferenciação do que alimentar um possível mal-entendido.

Enfrentando, como antes, o risco de simplificarmos processos complexos, desde os tempos da Lei Marcial, nos anos 1970, as Filipinas possuíam um sistema de envio de trabalhadores para o exterior. Sterngass (2007) nos conta que

Naquela época, o governo filipino começou a encorajar seus cidadãos a encontrar trabalho no exterior. Desde então, as Filipinas têm exportado trabalhadores como forma de reduzir o alto desemprego naquele país (Sterngass, 2007, p. 13)<sup>193</sup>.

As qualificações desses cidadãos “exportados” já foram mencionadas por este estudo, mas em geral advinham do alto nível do sistema educacional, e boa proficiência em língua inglesa. Além, claro, de virem de uma cultura extremamente americanizada (Nadeau, 2008).

Apesar da citação de Sterngass (2007), e do fato de o historiador Luís Francia (2014) também mencionar a importância dos *OFWs* para o governo e o país, a posição oficial da administração do arquipélago é negar a existência de tal indústria de trabalhadores. Para uma matéria do jornal *Gma News Online*, escrito pelos repórteres Andrei Medina e Veronica Pulumbarit, publicado em 2012, um funcionário do

---

<sup>193</sup> “At that time, the Philippine government began to encourage its citizens to find work overseas. Since then, the Philippines has exported workers in order to reduce the high unemployment in that country”.

Departamento de Trabalho e Emprego<sup>194</sup> chamado Hans Leo Cacdac afirma que “não houve política de exportação de trabalho durante a Lei Marcial. Não há nenhuma no presente” (Cacdac *In* Medina; Pulumbarit, 2012)<sup>195</sup>. Uma declaração sucinta e que tenta apagar uma política governamental indelével. Contudo, com o que já sabemos sobre o governo de Rodrigo Duterte (2016-2022) e do atual presidente, Ferdinand Jr, é improvável que a política oficial de negar o passado (e presente) tenha sido abandonada.

Agora que já é sabida a quantidade impressionante de trabalhadores filipinos no exterior, surge a oportunidade de compartilharmos uma curiosidade sobre o país, que não surpreende tanto ao lembrarmos que a nação é constituída por mais de sete mil ilhas. O fato é que o arquipélago é o maior fornecedor de marinheiros do planeta. Estima-se que existam em torno de 700 mil marinheiros filipinos trabalhando ao redor do mundo (Burdeos, 2010). Na matéria de Vitor Tavares, para a BBC NEWS (2023), citada anteriormente, encontramos um fato notável. O jornalista conta que no Censo de 2010, “apenas 134 brasileiros eram registrados como residentes nas Filipinas. No Brasil, os filipinos aparecem como uma das nacionalidades com mais pedidos de trabalho, principalmente relacionados a serviços marítimos” (Tavares, 2023). Vemos aqui que o espírito navegador da população, fundada pelos *balangays* vindos de outras regiões do sudeste da Ásia continua vivo.

Apesar de números exatos serem sempre elusivos, os dados mais recentes que encontramos vêm da *Philippine Statistics Authority*<sup>196</sup>, do ano de 2020, e é estimado pelo governo que existam 2,2 milhões de *OFWs* ao redor do mundo (Philippine Statistics Authority, 2020). Como mencionamos anteriormente, esses trabalhadores contribuem enormemente para a economia nacional, a ponto de serem chamados de “novos heróis”. Não é, em absoluto, um despropósito imaginar que o governo filipino se beneficiou (e continua a se beneficiar) do movimento, o que torna a teoria de uma política nacional que influencie o deslocamento desses migrantes completamente plausível.

Nas três obras literárias analisadas, temos uma presença maciça de ambos os tipos de (i)migrantes, mas vemos que o foco maior do *memoir* de Ortile (2020) e o

---

<sup>194</sup> Acreditamos ser o equivalente ao brasileiro Ministério do Trabalho e Emprego.

<sup>195</sup> “There was no labor export policy during the Martial Law. There is none at present,”

<sup>196</sup> Consideramos o órgão filipino como equivalente ao brasileiro IBGE.

romance de Elaine Castillo (2018) é o *balikbayan*, enquanto os contos do livro de Mia Alvar (2015) abordam muitas histórias de *OFWs*. Acreditamos, assim, trazer à tese uma variedade que oxigene o estudo.

Retomando o foco nos *OFWs*, um dado interessante merece ser mencionado, principalmente por ser corroborado pelas obras literárias usadas como foco da tese. Para o *Philippine Statistics Authority (2020)*, há muito mais mulheres que homens trabalhando como *OFWs*. A proporção exata, com base nos dados de 2020, era de 56% contra apenas 44% de homens. Nos contos de Mia Alvar (2015), as protagonistas de *The Miracle Worker*, *Shadow Families*, *Esmeralda* são mulheres e *OFWs*, enquanto *A Contract Overseas* conta a história de um *pinoy OFW*, mas pelo ponto de vista de sua irmã que ficou nas Filipinas. Vemos, em análise rápida, que há grande representação de *OFW* mulheres nas histórias que estudamos. Como já dito, o foco maior do livro de Castillo (2018) e Ortile (2020), é nos *balikbayan*, e não nos *OFW*.

Com tantos milhões de *pinoy*s emigrando, seja temporária ou permanentemente, é razoável pensar na qualidade de vida que essas pessoas encontram, e o tipo de tratamento reservado a eles. A renda dos *balikbayan* em terras estadunidenses tende a ser acima da média da população do arquipélago e, surpreendentemente, da própria média americana. O Censo *yankee* de 2021 apontou que os filipino-americanos têm uma renda média familiar anual de U\$102.998,00, o que significa 50% acima da média nacional americana (Stanford Medicine, 2022). Ainda, “a taxa de pobreza dos filipino-americanos é menos que a metade que a do total da população” (Stanford Medicine, 2022, s/p)<sup>197</sup>.

Visto até aqui, é justo pensar que emigrar é sempre uma boa escolha. Porém, a situação é bem diferente para uma grande parte dos *Overseas Filipino Workers*, principalmente aqueles que vão para o Oriente Médio.

Retomemos o trabalho de Luís Francia (2014), historiador que tanto nos deu apoio nos dois primeiros capítulos, para entender melhor o que se passa com os (i)migrantes. O êxodo *pinoy* disparou nos anos 1990 e continuou a subir no início do século XX, chegando a 10% da população filipina morando no exterior (Francia, 2015). A título de comparação, 4,59 milhões de brasileiros vivem fora do país (G1, 2023), totalizando 2,2% da população nacional (IBGE, 2023). Ao considerarmos o número

---

<sup>197</sup> “The poverty rate of Filipino Americans is less than half that of the national total population”.

total de brasileiros e pensarmos proporcionalmente, seria como se absurdos 21 milhões de compatriotas nossos morassem, neste momento, fora das fronteiras nacionais. Isso reforça a importância que os imigrantes têm no país, e justifica, mais uma vez, nosso estudo das Filipinas, especificamente.

A emigração chegou a um ponto tão acelerado que, em 2006, “era possível encher 6 aviões 747 por dia” (Francia, 2015, p. 289) somente com emigrantes. Apesar de a grande parte da diáspora ter se estabelecido nos Estados Unidos, por motivos exaustivamente já abordados até aqui, a distribuição da população filipina ao redor do planeta ainda impressiona, com residentes e *OFWs* em mais de 170 países, e um assombroso número de 1 milhão de *pinoys* na Arábia Saudita, mas também populações consideráveis no Japão, China, Taiwan<sup>198</sup> e Emirados Árabes Unidos (Francia, 2014).

Esse sem-número de filipinos vivendo no estrangeiro tornam o arquipélago o terceiro maior receptor de remessas de (i)migrantes do mundo, atrás apenas do México e Índia (Sterngass, 2007). Esses preciosos envios equivaleram, em 2007, a assustadores 20% da receita que o país obteve com exportações. Eles “se tornaram uma das formas mais importantes para a nação obter moeda estrangeira, o que seria difícil por outros meios” (Sterngass, 2007. P. 14)<sup>199</sup>. Sendo pragmáticos, é possível entender, pois, a necessidade de o governo manter o fluxo de emigração.

O próprio Sterngass dá sinais de compreender que sair do país pode ser a melhor opção, ao afirmar que os emigrantes “não mais queriam viver em um país onde mais que a metade da população vivia com U\$3 por dia ou menos” (Sterngass, 2007. P. 15). Porém, há alguma resistência interna a esse movimento, principalmente quanto ao incentivo partir do governo, e isso é encontrado na literatura *balikbayan*. No conto *The Miracle Worker*, do livro de Mia Alvar, *In The Country* (2015), a protagonista Salvacion<sup>200</sup>, residente no Bahrein, passa a trabalhar como professora de uma criança com extremas deficiências físicas e mentais, ela pensa no país onde nasceu e

---

<sup>198</sup>Taiwan segue com status indefinido no cenário mundial, sendo considerado país independente da China por apenas um número reduzido de nações.

<sup>199</sup> “Have become one of the nation’s most important ways of getting foreign currency that the country would have trouble obtaining in any other way”.

<sup>200</sup> Parte do brilhantismo de Mia Alvar e Elaine Castillo enquanto autoras de ficção, cremos, vem do uso arguto de nomes propícios para seus personagens. No último subcapítulo deste estudo, sobre literatura enquanto resistência cultural, traremos outros exemplos. Portanto, a personagem ter o nome de Salvacion (Salvação, em português) não nos parece gratuito.

crecera, suas diferenças socioeconômicas, a riqueza absurda que vê no Oriente Médio, e se recorda de um ex-namorado engajado politicamente:

Tendo crescido pobre e católica, com as bem-aventuranças e histórias dos primeiros trabalhadores filipinos no exterior circulando ao meu redor, eu ainda ficava nervosa em local de luxo; eu não sabia a diferença entre riqueza e demonstrações obscenas e ilícitas dela. Na faculdade, antes de Ed, namorei um rapaz que criticava o presidente por exportar mão-de-obra para o Oriente Médio. Ao editor do *Metro Manila Herald*, ele escreveu sobre “o custo oculto das remessas” e disse que um camponês era um camponês, quer estivesse nos campos de arroz ou nos campos petrolíferos, e que pelo menos o arroteiro filipino poderia voltar para casa todos os dias. e ver sua família. Às vezes, pensava naquele antigo namorado, quando olhava em volta de minha casa para a vida que os campos de petróleo nos deram. Certamente vivíamos mais como capatazes do que como fazendeiros (Alvar, 2015, p. 29)<sup>201</sup>.

O texto de Alvar é sempre muito rico, e, enquanto leitores, precisamos estar atentos às inúmeras referências que a autora faz. Já na primeiríssima parte da citação, temos uma definição do filipino médio: pobre e católico (asserção apoiada ao longo deste estudo por matérias de jornal, enciclopédias e livros teóricos).

As bem-aventuranças às quais ela se refere são os *OFWs* heróis nacionais que já mencionamos, e dos quais dependia (e depende) o país. O fato de ela não se acostumar com a riqueza (tão gritante e ostensiva no Bahrein, onde se encontra temporariamente) só reforça suas raízes simples. E indica que ela não sabia diferenciar o dinheiro justo do desonesto.

O ex-namorado, com quem teve relacionamento antes de se casar com o atual marido, Ed, critica o presidente por conta da indústria de exportação de mão-de-obra. Não fica óbvio a qual presidente Salvacion se refere, porque não há uma data específica para os acontecimentos do conto. Não há referência temporal, como em

---

<sup>201</sup> “Having grown up poor and Catholic, with the Beatitudes and tales of the first Filipinos workers overseas swirling all around me, I still got nervous at the site of luxury; I couldn’t tell the difference between wealth and obscene, ill-gotten displays of it. In college, before Ed, I had dated a boy who railed against the president for exporting labor to the Middle East. To the editor of the *Metro Manila Herald*, he wrote about ‘the hidden cost of remittances’ and said a peasant was a peasant, whether on the rice fields or the oil fields, and that at least the Filipino rice farmer could come home every day and see his family. I thought of that old boyfriend sometimes, when I looked around my home at the life the oil fields had given us. Certainly we lived more like foremen than like farmers”.

outras histórias do mesmo livro. Não obstante, duvidamos que o presidente em questão tenha sido Ferdinand Marcos, já que ela faz menção a uma entrevista que o namorado dera a um jornal famoso. A repressão do regime marquista jamais permitiria, no nosso entendimento, um posicionamento contrário tão óbvio. Não sem consequências. E isso não é citado na história. Como trouxemos matérias deste século falando do contínuo envio de *OFWs* ao exterior, inclusive com o governo negando até os dias atuais a existência desse sistema, podemos acreditar que o personagem criticava qualquer presidente das Filipinas, já que o processo não dá sinais de ter se encerrado.

Já entendemos que os *OFWs* eram/são encorajados a emigrar por diminuírem a pressão interna por emprego, em um país territorialmente pequeno, mas com população impressionante, só que também devido à importância que as remessas financeiras têm sobre a economia da nação. O “custo oculto das remessas” será abordado a partir dos próximos parágrafos, e responde a pergunta que lançamos há algumas páginas, sobre a qualidade de vida desses migrantes.

No trecho em que a personagem afirma que um camponês é um camponês, vemos uma forte crítica à estrutura do país. Isso porque o *OFW* sai do arquipélago para gerar riquezas em outros países. No caso, em campos de petróleo, ao invés de campos de arroz, tão comuns no país. Por mais que essa emigração traga frutos para o país de origem, há uma implícita afirmação de que é importante desenvolver a economia da nação, para que famílias não sejam separadas. Não há remessa que compense um Lar rompido.

Por fim, ao mencionar a vida que os campos de petróleo a proporcionaram, há uma autocrítica, não óbvia na citação, mas contextualizada dentro do conto. Salvacion mudou-se para o Bahrein com o marido e, sim, vai trabalhar como professora. Porém, ela aceita a posição por livre e espontânea vontade, já que seu marido, Ed, trabalha como supervisor em uma empresa petrolífera do país muçulmano, e é capaz de prover aos dois uma ótima qualidade de vida. O emprego, para Salvacion, é uma forma de ocupar seus dias. Os campos de petróleo fornecem a ela e ao marido uma vida material que ela jamais sonhara, e considerar-se capataz ao invés de fazendeira pode ser outra parte da autocrítica, já que a personagem cita, com frequência, como o marido atua como intermediário entre os trabalhadores filipinos braçais e os chefes bahreinitas. É através do suor dos outros *OFWs* (literal e metaforicamente, pois a



autora menciona o calor e as condições de trabalho do chão-de-fábrica) que a vida de luxo do casal *pinoy* é possível.

Deixemos o suspense, enquanto técnica de escrita, de lado e respondamos a questão: Como é o tratamento dispensado aos *OFWs* ao redor do mundo? Ao falarmos de milhões de seres humanos, é sempre arriscado ou mesmo desonesto fazer afirmações categóricas. Todavia, há muitas fontes que trazem casos de extremos maus tratos, o que nos leva a crer que, no geral, os *OFWs* tendem a enfrentar vidas duras, e acabam sendo merecedores do título de heróis nacionais. Francia (2015) diz que o “abuso de trabalhadores filipinos no estrangeiro, especialmente de trabalhadores domésticos, tem sido um problema recorrente” (p. 289)<sup>202</sup>.

O historiador *pinoy* seleciona dois casos específicos que são emblemáticos na história filipina, a ponto de terem sido inspiração para dois filmes aclamados do cinema do país (Francia, 2015). Os dois casos são os de Flor Contemplacion (1953-1995) e Sarah Balagaban (1979 -)<sup>203</sup>.

Flor Contemplacion era migrante das Filipinas e trabalhava como empregada doméstica em Singapura<sup>204</sup>. Contemplacion contava 42 anos em 1991, quando fora acusada de assassinar uma amiga filipina, Delia Maga, e a criança singapurense de quem Delia era babá, Nicholas Huang, de apenas três anos (Francia, 2015).

Apesar de não estar na cena do crime e o pai da criança ter sido incapaz de apontar algum suspeito, a polícia chegou até Contemplacion através do diário que Delia mantinha. A empregada doméstica foi interrogada e admitiu o crime (Hilsdon, 2004).

Contudo, já durante seu julgamento, surgiram duas testemunhas, também *OFWs*, que apresentaram provas de que, na verdade, a criança de três anos morrera afogada em um acidente doméstico. O pai, completamente tomado de ódio, matou a babá do seu filho. Essas informações, somadas ao fato de que Contemplacion afirmou

---

<sup>202</sup> “Abuse of overseas Filipino workers, especially of domestic workers, has been a recurring problem”

<sup>203</sup> Os filmes receberam os títulos de “The Flor Contemplacion Story”, de 1995 e The Sarah Balagaban Story, de 1997.

<sup>204</sup> Com a entrada em vigor do novo acordo ortográfico, em 2009, o nome do país passou a ser escrito com S, em português brasileiro. Assim sendo, é considerada errada a antiga grafia, “Cingapura” (NEVES, 2024)

ter confessado sob coação, foram enviadas para o tribunal, para consideração (Hilsdon,2004; Francia, 2014).

Importante, para contextualização, que a filipina recebeu muito pouca atenção das autoridades diplomáticas do seu país, inclusive não houve a presença de qualquer representante da embaixada durante todo o julgamento (The Kahimyang Project, 2021).

Mesmo com todas as provas, a corte do país decidiu que a sentença não seria derrubada, e Flor Contemplacion seria enforcada pelos crimes. Nesse momento a comoção começou a ebulir nas Filipinas, e a pressão popular finalmente colocou o governo em ação. O presidente, Fidel Ramos (1928-2022), fez um pedido oficial de clemência, em nome da sua concidadã, mas o mesmo foi negado, e Contemplacion foi enforcada em 17 de março<sup>205</sup> de 1995 (Hilsdon, 2004; Francia, 2014).

O que se seguiu foi uma intensa crise diplomática entre os países. Protestos aconteceram ao redor do país, bandeiras de Singapura foram queimadas, e houve ameaça a propriedades singapurenses e uma proposta de boicote a produtos da cidade-Estado (National Library Board, 2024). A pressão foi tanta que o Secretário de Relações Exteriores filipino pediu demissão do seu cargo, o embaixador filipino em Singapura foi chamado de volta e os dois países cortaram relações, por ordem do presidente Ramos (Francia, 2014).

Porém, a situação vergonhosa também atraiu a ira dos filipinos contra o próprio governo, que não era capaz de garantir a qualidade de vida dos cidadãos em terras estrangeiras. Tentando aplacar os ânimos, o presidente Ramos chamou Flor Contemplacion de *Bagong Bayani*, termo utilizado no início deste capítulo, dando a mensagem inequívoca de que Flor e todos os outros milhões de *OFWs* eram heróis nacionais (Francia, 2015).

O presidente foi além, oferecendo uma recepção ao corpo de Flor com honras de Estado. Sua esposa foi representa-lo para receber o caixão, e o mandatário ofereceu apoio financeiro aos quatro filhos de Contemplacion, que dependiam das

---

<sup>205</sup> Por uma coincidência, no dia em que estas linhas estão sendo escritas (17/03/24), marcam 29 anos da execução de Flor. Utilizamos este espaço para afirmar que a literatura e seus estudos podem e devem ser utilizados para honrar memórias e impedir que novas injustiças aconteçam.

remessas enviadas pela mãe. Além disso, o presidente ofereceu um mês do seu salário para servir de bolsas de estudo (The Kahimyang Project, 2021).

Mais além da covardia da sua morte, Flor Contemplacion recebeu atenção somente após a sua morte, como uma Macabeia da vida real. Contudo, consideramos que algo positivo resultou da tragédia, já que naquele mesmo ano foi aprovada uma lei chamada *Migrant Worker's Act* (Lei do Trabalhador Migrante, tradução livre), com a intenção de reconhecer os direitos dos *OFWs* e criar formas específicas de proteger seus direitos (Francia, 2014).

A segunda história real de maus-tratos a *OFWs* aconteceu com outra doméstica, só que nos Emirados Árabes Unidos. Sarah Balabagan, uma filipina muçulmana, foi condenada após matar seu chefe com 34 facadas. Contudo, Sarah alegou que fora em legítima defesa, já que o homem já a havia estuprado, e tentava repetir o ato (Honculada, 2020).

Sarah Balabagan foi considerada culpada, e a corte de apelações julgou que não havia provas do estupro (Francia, 2014). Apesar de o caso não terminar com a morte de Sarah, como fora com Flor, a situação a seguir foi vexatória para a migrante e para as Filipinas como um todo.

Com a comoção que se iniciou em torno do caso, o Xequo dos Emirados Árabes interveio e pediu que a família aceitasse a *Diyya*, uma compensação financeira como punição por um crime. O valor estipulado foi de impressionantes U\$40 mil, além de 100 chibatadas (Honculada, 2020). Consideramos o valor estratosférico porque, quando se leva em consideração que Sarah era empregada doméstica e *OFW* (o que nos faz presumir que enviava parte do seu pagamento de volta à família nas Filipinas), a quantia parece praticamente impagável. Contudo, o valor foi doado por um rico empresário filipino (Francia, 2014).

Como se a humilhação ainda não estivesse completa, a família do estuprador assassinado assistiu às 100 chibatadas e, de acordo com Francia, comemorava a cada vez que Sarah era atingida. A filipina foi deportada em 1996 (2014).

Os dois casos mostram o tratamento abismal dispensado aos *OFWs*, principalmente às mulheres que, como vimos, formam a vasta maioria. Apesar de nenhum dos três livros tratar dos casos específicos, há referências nas obras que sugerem a violência sem consequência para os patrões, como no caso do motorista Andoy, em *A Contract Overseas* (Alvar, 2015) que é assassinado pelo chefe saudita

e a família só é avisada meses depois, como se fora um simples acidente automobilístico.

Sua irmã, a protagonista do capítulo, diz que escreve muitas histórias fictícias, e todas elas são versões do seu irmão:

Esses Andoys atendiam por outros nomes, ou nenhum nome; mas todos eles tinham a mesma coisa em comum, a sua sobrevivência. Algumas vezes eu pensei muito sobre outras maneiras que poderia ter sido para o meu irmão que eu quase podia senti-lo, presente no cômodo, comigo (...) eu sentia que teria agradado ao Andoy saber que eu continuava escrevendo. Eu podia vê-lo, sorrindo para as minhas tentativas de salvar alguma versão da vida dele. Quem poderia dizer, então, que eu tinha uma memória ruim ou inadequada? Meu irmão conseguiu viver para sempre, de uma certa forma (Alvar, 2015, p. 261)<sup>206</sup>.

Todo o conto é um exercício de imaginação e uso da escrita para retratar a realidade. Mesmo a morte de Andoy, se foi realmente um ato do seu patrão saudita ciumento do motorista *pinoy* que se apaixonara por uma de suas esposas, ou se foi um acidente, ficará a cargo do leitor decidir. O importante é que a vida dessas pessoas importa. Estejam elas nas Filipinas, nos EUA ou na Arábia Saudita. Suas histórias merecem ser contadas. Seus direitos merecem ser preservados, e todos nós merecemos viver para sempre, seja através dos nossos feitos (positivos, esperamos), ou na memória daqueles que amamos e nos amam.

As notícias mais recentes das Filipinas dão conta de que o governo de Manila tem agido com mais firmeza contra caso de abusos com os *OFWs*. Um documento de 2018, comunicado presidencial emitido pelo então-mandatário Rodrigo Duterte, defende os direitos dos trabalhadores filipinos no exterior, e diz que filipinos não são escravos. O presidente segue dizendo que eles (filipinos) não buscavam “tratamentos especiais ou privilégios para os nossos trabalhadores, mas nós esperamos respeito

---

<sup>206</sup> “These Andoys went by other names, or none at all; but they had one thing, their survival, in common. At times I thought so long and deeply about other ways it might have gone for my brother that I almost sensed him, present in the room, with me (...) I felt it would have pleased Andoy to know that I still wrote. I could picture him, reading my words somewhere, chuckling at my attempts to save some version of his life. Who could say, then, that I had an altogether lousy or inadequate imagination? My brother got to live forever, in a sense”.

pela sua dignidade e direitos humanos básicos. Mantenham-nos livre do perigo. Eu imploro a vocês” (Duterte *In* Morallo, 2018)<sup>207</sup>.

Mesmo dentro de um governo com um histórico ruim de direitos humanos, como foi o de Duterte, é um alívio ver que os emigrantes filipinos têm encontrado apoio nas instâncias superiores da administração. Há esperança que novas Flores Contemplacion ou Sarahs Balabagan não venham a morrer ou ser punidas cruelmente por defenderem o básico de sua dignidade. Temos esperança no futuro, mesmo que ele nem sempre pareça auspicioso.

Tratamos, ao longo deste subcapítulo, dos *OFWs* e os *balikbayan*, com ênfase nos primeiros. É difícil encapsular tantos fatos, tantas histórias, reais ou fictícias, em um texto que se mantenha coeso, com um número de páginas razoável para prender a atenção do leitor e ainda digno do seu tempo lendo-o.

Para encerrarmos a discussão, por ora, usaremos palavras curiosas encontradas no *memoir* de Ortile (2020). O contexto da citação é que a mãe de Ortile, que imigrara para os EUA levando o filho consigo, depois sendo acompanhada pelo padrasto do auto-narrador-personagem, havia resolvido voltar à sua terra natal após anos trabalhando como enfermeira na América do Norte. Agora, para ver a mãe, era preciso atravessar o oceano em direção à Ásia.

Quando eu visitei meus pais nas Filipinas, minha mãe me deu a receita dela de cookies. Eu agora precisava fazê-los do zero, já que ela e meu padrasto mudaram para o exterior. Apesar de que, com relação à minha família, eu era aquele que morava no estrangeiro (Ortile, 2020, p. 60)<sup>208</sup>.

O mais notável na passagem acima é por conta da ironia e da inteligência de Ortile. Tudo é uma questão de ponto de vista. Como escrevemos, principalmente neste subcapítulo com foco nos filipinos no estrangeiro (*overseas*), nos pareceu peculiar o reconhecimento do autor de que, para a mãe, o pai e o padrasto, *e/e* era o estrangeiro, o que morava do outro lado do oceano. Literatura é perspectiva, e acreditamos que Matt Ortile foi sagaz em nos lembrar que emigrante, imigrante ou

---

<sup>207</sup> “Seek special treatment or privileges for our workers, but we do expect respect for their dignity and basic human rights. Keep them free from harm. I implore you”.

<sup>208</sup> “When I visited my parents in the Philippines, my mother gave me her cookie recipe. I had to learn how to make them from scratch, now that she and my stepfather lived abroad. Though, I guess, with respect to my family, I’m now the one overseas”.

migrante são assim chamados dependendo daquele que tem a palavra. Mais adiante, ao apresentarmos nossa categoria epistemológica da Superioridade do Expatriado, será ainda mais crucial entender de quem é o ângulo do qual parte a avaliação.

No próximo subcapítulo, sobre *Utang Na Loob* e a dívida que a maioria dos emigrantes sentem, abordaremos mais exemplos das obras e daremos um enfoque maior nos *balikbayan*, inclusive as já mencionadas *balikbayan boxes*.

#### 4.3. UTANG NA LOOB E A DÍVIDA ETERNA

Chegamos a um ponto da confecção desta tese em que passa a ser mais comum nos debruçarmos sobre as obras e menos sobre o contexto em que elas estão inseridas. Há uma inversão do processo feito até então. Temos agora menos fatos e mais impressões, análises.

Muito já foi dito sobre o arquipélago filipino, e cremos já ter estabelecido as bases sobre as quais este estudo precisava se posicionar. Porém, por nos encaminharmos para os resultados da pesquisa, ainda nos falta citar e definir alguns conceitos culturais. E, para nós, o *Utang Na Loob* permeia e perpassa tudo o que envolve a vida dos *pinoys*, sejam eles residentes do arquipélago, *balikbayan* ou *OFW*.

Começemos retomando algumas definições para o termo que, como já dissemos, não possui tradução única ou direta. Para o psicólogo filipino e professor da *University of Alaska Anchorage*, E.J.R. David, em seu livro *Brown Skin, White Minds: Filipino-American Postcolonial Psychology* (Peles Morenas, Mentas Brancas: Psicologia Pós-Colonial Filipino-Americana, em tradução livre), de 2013, *Utang Na Loob* “é um sentimento de endividamento ou gratidão que um sente após uma pessoa (ou grupo) prover assistência ou ajuda em qualquer maneira, similar a reciprocidade” (David, 2013)<sup>209</sup>.

Para evitarmos um excesso de definições, nós utilizaremos apenas mais uma, do professor Jon Sterngass, por incluir um outro termo que nos será útil neste subcapítulo:

Outro importante conceito na cultura filipina que é difícil para os imigrantes reterem é o *bayanihan*, que significa ‘trabalho cooperativo’. Filipinos frequentemente ajudam uns aos outros em assuntos

---

<sup>209</sup> “Is a feeling of indebtedness or gratitude that one gets after another person (or group) has provided assistance or help in any way, similar to reciprocity”.

pequenos e grandes. Ajudar outra pessoa leva a *utang na loob*, que significa um ‘débito de gratidão’. Como em muitas culturas tradicionais, se alguém faz um favor a outra pessoa, aquela pessoa é obrigada a retribuir o favor em uma ocasião futura. O pagamento depende da habilidade daquela pessoa de pagá-lo e não necessariamente precisa ser de forma material. Filipinos ficam honrados em receberem um pedido de favor, e favores nunca são esquecidos (Sterngass, 2007, p. 17)<sup>210</sup>.

Apesar de ter sido um aprofundamento e, até certo ponto, uma repetição do que já foi dito, consideramos alguns aspectos da cultura filipinas tão alheios à nossa própria que preferimos nos exceder na definição do que deixar espaços para entendimentos errôneos. Primeiramente, Jon Sterngass aborda um conceito que não havíamos introduzido, o *bayanihan*. Esse trabalho coletivo é englobado por outro chamado *kapwa*. O psicólogo E.J.R. David explica que *kapwa*<sup>211</sup> pode ser visto como a essência de ser filipino, bem como o mais importante conceito e valor na visão de mundo *pinoy* (David, 2013). Entendemos que *kapwa* contém *bayanihan* e, por sua vez, contém *Utang Na Loob*. A lógica pensada é a seguinte: *Kapwa* é um termo abrangente que seria a comunidade como um todo; *bayanihan* é como os membros dessa comunidade trabalham juntos; *Utang Na Loob* é a dívida existente entre quem, dentro da *Kapwa*, auxilia algum outro através da *bayanihan* (De Guia, 2005).

Quando levamos em consideração os termos acima, a relação das famílias e seus membros emigrantes fica mais evidente. Começamos por um exemplo do livro de Mia Alvar (2015), no conto *A Contract Overseas*. Nele, o *OFW* Andoy, irmão da protagonista, vai trabalhar na Arábia Saudita. “Andoy enviava metade do seu pagamento para nós, enquanto ele vivia com um quarto e economizava o resto para o seu retorno” (Alvar, 2015, p. 208)<sup>212</sup>. Ao sacrificar tanto do seu próprio pagamento,

---

<sup>210</sup>“Another important concept in Filipino culture that is hard for immigrants to retain is *bayanihan*, which means “cooperative work.” Filipinos often help each other in both large and small matters. Helping another person leads to *utang na loob*, which means a “debt of gratitude.” As in most traditional cultures, if someone does a favor for another person, that person is obligated to return the favor at some future time. The payment depends on a person’s ability to pay and does not necessarily have to be in material form. Filipinos are honored to be asked a favor, and favors are never forgotten”.

<sup>211</sup> *Kapwa* é traduzido, literalmente, como “parentesco”, “vizinho”, “companheiros humanos” (Museum Of Science And History, 2023). Entendemos o *kapwa* como “comunidade”, e a ligação entre os membros dela.

<sup>212</sup> “Andoy remitted half his pay to us, while he lived on a quarter and saved the rest for his return”

Andoy tratava de pagar à sua família tudo o que já fora feito por ele, sem se preocupar com o peso que isso teria para ele mesmo. É uma entrega infinita.

Sterngass (2007) diz que o pagamento depende da capacidade de pagar por ele, e vemos como o personagem Andoy não só sacrificava muito do que recebia para retribuir o *Utang Na Loob*, como também sonhava alto com o que poderia fazer para ajudar ainda mais:

Andoy costumava sonhar em voz alta sobre tornar a nossa mãe em uma mulher que assistia *game shows* e novelas o dia todo, levantando o dedo apenas para beber coquetéis ou comer bolos. ‘Ela vai ficar muito preguiçosa para falar’, ele disse. ‘Nós vamos ter que pendurar um apito no pescoço dela para que ela possa chamar os lacaios (Alvar, 2015, p. 224)<sup>213</sup>.

Apesar de sabermos ser natural que um filho deseje retribuir aos pais o carinho, tempo, amor e dinheiro investidos para cria-lo, no conceito do *Utang Na Loob* isso é ampliado a um nível que parece ultrapassar o que consideraríamos razoável. E essa dívida eterna é estendida a toda e qualquer pessoa que lhe faça um favor. Veremos, mais a seguir, como as *balikbayan boxes* figuram nesse universo de dívida e dádiva.

Antes, porém, abordaremos um exemplo prático, dentro da literatura, que mostra o *Utang Na Loob* em ação. E veremos como, ainda retomando a citação de Sterngass (2007), a dívida não tem prazo para expirar. Pode e deve ser paga até anos e anos no futuro. No conto epônimo do livro de Mia Alvar (2015), *In the Country*, a protagonista Milagros conta a história de Jim, um neto de fazendeiros destinado a uma vida de eterna pobreza, não fosse por um ato heróico com alguém que viria a ser importante, o que gerou um inegável *Utang Na Loob*:

Jim cresceu onde o Presidente havia crescido: Numa fazenda de arroz no Norte. ‘Naquela época eu o chamava de *Manong Freddie*’, Jim disse sobre o neto mais velho do dono da plantação. O próprio avô de Jim tinha arado os lamacentos arrozais infestados por mosquitos, usando botas de borracha e chapéus *salakot*. O pai de Jim e o próprio estavam destinados a fazer o mesmo, até que um dia, o pai de Jim, então um adolescente, muito antes de Jim nascer, salvou o Presidente, ainda bebê, de um incêndio. ‘Este *Utang Na Loob* não será esquecido’, o pai de Freddie havia dito naquela época. E realmente não foi. O pai de Jim foi promovido do solo para a garagem como

---

<sup>213</sup> “Andoy used to dream aloud of turning our mother into the kind of woman who watched game shows and soap operas all day, lifting her fingers only to sip cocktails or eat cakes. ‘She’ll get too lazy to talk’, he said. ‘We’ll have to hang a whistle from her neck to call the servants with”



motorista familiar, o tipo de serviçal confiado para viver perto o suficiente na casa da família, comendo à mesa deles, se lavando nas suas pias. *Utang Na Loob*: uma dívida do coração, uma dívida impagável da alma (Alvar, 2015, p. 236)<sup>214</sup>.

Primeiramente, expliquemos as expressões que não são óbvias para leitores ocidentais: *Manong* vem do dialeto Ilocano, falado no norte do país, na ilha de Luzon. Expressa afeto e pode ser traduzido como “irmão mais velho” (Arguelles, 2017). Assim, já sabemos que Jim tratava o futuro presidente Ferdinand Marcos com muito afeto, como se ele fosse um irmão. Apesar de ter sido contado de maneira um pouco truncada, talvez para mostrar a mente agitada de Milagros, o que o parágrafo traz é, resumidamente: A família de Jim viera da pobreza em Luzon, e teria tudo para continuar no mesmo patamar, se o pai de Jim não viesse a salvar Ferdinand Marcos, enquanto este ainda era bebê, de um incêndio. Isso gerou um *Utang Na Loob* por parte da família Marcos, que durou para sempre, mesmo quando o ditador já havia assumido o poder do arquipélago. Há uma passagem mais adiante em que Jim recorre ao ditador pedindo um favor, e o mandatário se sente compelido a concedê-lo, o que reforça a eternidade do *Utang Na Loob*, e a falta de limitações entre gerações e até mesmo hierarquia.

Nas pesquisas feitas para a confecção deste estudo, nada indica que Ferdinand Marcos realmente escapou de um incêndio enquanto criança, o que indica que a passagem acima não tem, necessariamente, traços com a realidade. É preciso sempre lembrar que obras literárias são escritas sob presunção da ficcionalidade, mesmo quando são um *memoir*, o caso do livro de Matt Ortile (2020). Cremos ser sempre necessário o discernimento do leitor ao ler obras que não sejam científicas, para evitarmos a mescla da realidade com a ficção. Se no *memoir* a acurácia das informações pode ser comprometida pelo enviesamento do ponto de vista do autor-

---

<sup>214</sup> “Jim grew up Where the President had: on a rice farm up north. ‘Back then I called him Manong Freddie,’ Jim said, of the plantation owner’s eldest grandson. Jim’s own grandfather had plowed the muddy, mosquito-infested paddies in rubber boots and a salakot hat. Jim’s father and Jim himself would have been fated to do the same, until the day Jim’s father, as a teenager, long before Jim was born, saved the infant President from a house fire. ‘This utang na loob will not be forgotten’, Freddie’s father had said at that time, and it wasn’t. Jim’s father moved up from the soil to the garage as the family driver, the kind of trusted servant close enough to live in the family’s house, eating at their tables, washing at their sinks. Utang na Loob: a debt of the heart, an unrepayable soul-debt”.

narrador, em um produto literário há uma tácita aceitação de elementos estranhos, em nome do entretenimento. Passando até, talvez, pela suspensão de descrença.

Apenas a título de curiosidade, e para mostrar que a literatura costuma trazer imagens específicas com apenas algumas palavras, achamos conveniente explicar o chapéu *salakot*. Ele é arredondado ou até mesmo cônico, e serve para proteger contra as intempéries. Os materiais para fabricá-lo variam, mas podem ser de bambu, rattan (uma espécie de bambu mais fino e maleável), samambaia nito ou cabaça (Mapping Philippino Material Culture, 2022). Ao descrever o avô do personagem Jim como alguém trabalhando num arrozal lamacento, infestado por mosquitos, usando botas de borracha e *salakot*, a narradora traz uma vívida imagem dos camponeses pobres das Filipinas. Em um exercício imaginativo, se acessássemos uma imagem semelhante do imaginário brasileiro, falaríamos, talvez, de alguém usando galochas e chapéu de palha. Consideramos útil e bem-vinda a descrição dada pela narradora.

Em *America is Not The Heart* (Castillo, 2018), o termo aparece, mas com um certo desafio a ele. O prólogo, cuja protagonista é Paz, lembra (ou é lembrada, já que ele é todo escrito na segunda pessoa) sobre sua trajetória de vida nas Filipinas, sua formação enquanto enfermeira, como conheceu seu marido e, claro, como imigrou para os EUA. Para contextualização, é preciso dizer que a personagem nascera na pobreza, e que só obtiveram algum tipo de alívio econômico quando o pai de Paz conseguiu um emprego em Guam, para trabalhar prestando serviços às Forças Armadas estadunidenses. Na ilha que é território *yankee* até os dias do hoje, o pai de Paz começa outra família, mas mantém suas obrigações financeiras com a família original, mandando remessas, além de visita-los nas Filipinas, de tempos em tempos. A passagem mostra um pouco do relacionamento turbulento entre pai e filha:

Seu pai consegue um emprego trabalhando para os militares americanos em Guam, onde ele arruma uma amante e regularmente manda dinheiro de volta para a família, o segundo gesto absolvendo o primeiro. Ele retorna a cada três anos para uma visita, que é por que você e quase todos os seus irmãos têm três, seis ou nove anos de diferença na idade. Nessas raras visitas, você o trata com grosseria por lealdade à sua mãe, que nunca lhe agradece nem reconhece seus esforços. Ou, na verdade, nem mesmo a sua existência. (...) Quando você já tem idade para entender a vida, mas não o suficiente para não respondê-lo, o seu pai vai lhe lembrar, geralmente jogando uma cadeira na sua cabeça, que a única razão que você é capaz de estudar enfermagem é por causa dos dólares dele, vindos do exército. É a sua

primeira apresentação à dívida, ao *Utang Na Loob*, a longa, arrastada tocha de lealdade filial (Castillo, 2018, p. 3)<sup>215</sup>.

O primeiro que se nota na passagem é um machismo pragmático. Ao dizer que o segundo gesto (enviar remessas de dinheiro para a família) absolve o primeiro (ter uma amante e, conseqüentemente, uma segunda família); enxergamos aspectos de machismo, por conta das duas famílias distintas; um pragmatismo, porque o importante é que ele continue sustentando a família *pinoy*; e, finalmente, *Utang Na Loob* do próprio pai infiel. Por mais que ele tenha encontrado uma nova companheira, tido novos filhos, a dívida original à sua primeira família o mantém conectado ao arquipélago.

Como ele volta, de três em três anos, vemos que ele não é *OFW*, mas sim *balikbayan*. Ele não vai para Guam como trabalhador temporário. Isso é confirmado ao sabermos que ele consegue a cidadania americana e usa isso como trunfo sobre os filhos. Contudo, Paz tem a satisfação de conseguir sua própria cidadania, sem a ajuda do pai. Mas isso não é o caso para os outros irmãos, que dependem do pai.

Há uma menção ao relacionamento tóxico entre mãe e filha, e ele continua sendo abordado ao longo de todo o romance. A mãe sempre parece ter uma preferência pela irmã de Paz, Glória. E, mesmo com a enfermeira sendo arrimo da família quando todos imigram para Milpitas, na Califórnia, a mãe age como se tudo aquilo não fosse o mínimo que pudesse ser feito por Paz. Afinal de contas, foi graças à família que ela se formou enfermeira e conseguiu emigrar do arquipélago.

O trecho sobre a cadeira jogada na cabeça de Paz nos parece uma violência literal para representar a brutalidade metafórica com a qual ela aprende as verdades da vida, das dívidas, e do onipresente *Utang Na Loob*. Caso algum dia Paz ousasse

---

<sup>215</sup> “Your father manages to get a job working as a clerk for the American military in Guam, where he acquires a mistress and regularly sends money back to the family, the latter gesture absolving the first. He returns every three years for a visit, which is why you and nearly all your siblings are three, six or nine years apart in age. On those rare visits, you treat him with rudeness out of loyalty to your mother, who neither thanks nor acknowledges your efforts, or for that matter, your existence (...) When you’re old enough to know better but not old enough to actually stop talking back to him, your father will remind you, usually by throwing a chair at your head, that the only reason you’re able to attend nursing school is because of his army dollars. It’s your first introduction to debt, to *Utang Na Loob*, the long, drawn-out torch of filial loyalty”.

esquecer dos laços inquebrantáveis da dívida eterna intrínseca à cultura filipina, a agressão do seu pai serviria como lembrança dolorosa.

As dívidas são parte constante da vida de Paz. Ela tem um padrão de vida relativamente alto, mas às custas de muito trabalho em até três hospitais diferentes, uso excessivo do cartão de crédito, e mesmo hipotecar a casa novamente. Tudo para sustentar a si, o marido, a filha, e os parentes. Há toda uma *kapwa* que depende de Paz, inclusive alguns membros que continuam nas Filipinas.

Mais dois fatos são relevantes sobre Paz. Seu nome parece indicar tudo o que ela nunca tem na vida. Ao lutar para sair das circunstâncias horrendas nas quais vivia no arquipélago, ela busca tranquilidade ao formar a própria família. Porém, seu relacionamento com Pol é muito turbulento e as brigas são constantes. O segundo é sua profissão. Paz é enfermeira, como milhões de filipinas, especialmente imigrantes nos Estados Unidos. Cremos que seu trabalho seja uma forma de servir a comunidade à qual pertence, e representa um segmento que, frequentemente, é sinônimo das Filipinas. Todos os três livros têm personagens enfermeiras, em maior número do que outras profissões. Como exemplos citamos a mãe do narrador-personagem Matt Ortile, no *memoir* do autor (2020); Paz e outras personagens do livro de Elaine Castillo (2018); no romance de Alvar (2015), os protagonistas dos contos *The Kontrabida* e *In The Country* são enfermeiros. O primeiro trabalha nos EUA e vem visitar a família, e a segunda trabalha nas Filipinas, mas não se conforma com a falta de isonomia dos pagamentos entre os locais e os americanos que trabalham no mesmo hospital.

O site de notícias estadunidense VOX fez uma matéria intitulada *Why The US Has So Many Filipino Nurses* (Porque os EUA têm tantas enfermeiras), em tradução livre), que foi publicado no site e tem uma versão no YouTube com 1.9 milhões de visualizações. De acordo com a matéria escrita pela repórter Christina Thornell (2020), estima-se que um terço de todos os enfermeiros estrangeiros nos Estados Unidos tenham nascidos nas Filipinas. Tanto Thornell (2020) quanto Sterngass (2007) confirmam que o arquipélago é o maior exportador de enfermeiros do mundo.

A explicação é complexa, mas usaremos Francia (2014), Thornell (2020) e Sterngass (2007) para alcançar o objetivo sem nos estendermos. Tudo começa com a política americana de *Benevolent Assimilation* (Assimilação Benevolente, em tradução livre), que era uma forma mal disfarçada de trazer os filipinos para a civilização, tal qual ela é(ra) imaginada pelos yankees (Francia, 2014). Durante o

processo, os americanos criaram pelo menos 10 hospitais no arquipélago, e muitas escolas de enfermagem, obrigando que o ensino fosse somente em língua inglesa (Thornell, 2020). Com o passar dos anos e por ocasiões como a Segunda Guerra Mundial ou simplesmente falta de interesse pela profissão, muitas das vagas de enfermeiros nos EUA ficaram ociosas, o que encorajou a antiga metrópole a facilitar a vinda de profissionais de saúde *pinoys*, já treinados na língua, costumes e métodos hospitalares americanos (Sterngass, 2007). Assim, apesar de elucidado de uma forma perigosamente simplificada, nasceu a quase automática associação entre enfermeiros e Filipinas.

Tendo abordado vários aspectos da dívida eterna, resta um último item que também é ubíquo nas obras, e passa pela estratégia do governo (admitida ou não por Manila) de se aproveitar dos milhões de emigrantes. Além de, cremos, manter o elo entre o país original e seus migrantes. Este item é a *balikbayan box*, ou caixa do *balikbayan*, em tradução livre. Por respeito ao espírito multilíngue e cultural deste estudo, continuaremos a nos referir a ela como é chamada pelos *pinoys*.

Retomando o que já foi explicado na introdução deste estudo, as *balikbayan boxes* são oportunidade para envio de bens variados, e têm isenção de impostos, uma forma de encorajar seu envio e a chegada de itens importantes para a população local. Jon Sterngass (2007) nos sugere que as *balikbayan boxes* como conhecemos hoje começaram com um *pinoy* chamado Johnny Valdes, na década de 1970. Para o autor, Valdes notou que seus compatriotas, dos dois lados do oceano, desejavam produtos que não encontravam onde estavam. Os *balikbayan* e *OFWs* ansiavam por produtos da pátria-mãe, enquanto as famílias que já dependiam das remessas de dinheiro queriam acesso a produtos americanos que não eram facilmente encontrados (ou baratos o suficiente) nas Filipinas. Como o serviço postal no arquipélago não era confiável, já que muitas vezes as caixas demoravam ou mesmo nem chegavam, Johnny criou sua própria empresa para conectar os pontos e os filipinos desejosos de produtos *yankees* ou *pinoys* (Sterngass, 2007).

Em *America is Not The Heart* (Castillo, 2018), a história se passa com intenso contato entre os EUA e as Filipinas. Ao imigrar para os Estados Unidos, Paz conseguiu a cidadania americana. Quando narra sua primeira viagem à terra natal após renunciar a cidadania filipina, vemos a menção às *balikbayan boxes* e outros aspectos identitários:

Será a primeira vez retornando às Filipinas não como uma cidadã filipina, mas como cidadã americana. Você se naturalizou ano passado, então você não é nem uma criança americana ainda, você é só um bebê. Você teve que renunciar à sua cidadania filipina, o que foi bem fácil, mas para a sua surpresa você não foi capaz de jogar fora o passaporte, sua distinta capa marrom-preta, a letra brilhante, e sua jovem face nele, ainda iminentemente reconhecível. A única coisa diferente é a forma como os guardas de imigração lhe tratam quando você passa pelo controle de fronteiras com seu novo passaporte azul, da forma como o herói olha para o *kontrabida* ao final do filme. Como se você fosse exatamente aquilo: Uma inimiga da vida (...) A atse Carmen não pode ir com você, claro, mas ela a ajuda a montar sua balikbayan box, cheia de roupas infantis, novas sandálias, lençóis, cremes, perfumes, álcool, noz macadâmia, chocolate (Castillo, 2018, p. 25)<sup>216</sup>.

Paz retorna às Filipinas como cidadã americana, mas já entendemos que não é a mesma pessoa que volta a pisar no arquipélago. Porém, em um sentido identitário, vemos que ela está em uma transição. Ela ainda não se considera alguém 100% estadunidense, pela referência ao pouco tempo que possui o passaporte *yankee*, mas ainda não foi capaz de jogar fora o objeto-símbolo mor da nacionalidade *pinoy*, seu passaporte filipino. Há também, uma rápida referência à juventude que lhe parece escapar por entre os dedos.

O tratamento recebido por Paz, pelos oficiais de imigração, também nos parece simbólico em vários níveis. A forma de explicar que ela não é mais vista como “filipina pura” é citar um elemento culturalmente tipicamente *pinoy*: Os filmes de heróis e *kontrabida*<sup>217</sup>. A atitude dos funcionários do aeroporto parece ir de encontro à ideia de heróis nacionais, reservada aos *OFWs*. No caso de Paz, uma *balikbayan*, ela parece ser uma traidora da pátria, alguém que assumiu uma nova identidade. Neste contexto,

---

<sup>216</sup> “It’ll be the first time returning to the Philippines not as a Philippine citizen, but as an American citizen. You were naturalized just that year, so you’re not even a toddler American yet, still a baby. You had to renounce your Philippine citizenship, which was easy enough, but to your surprise you found you couldn’t bear to throw away the passport, its distinctive brown-black cover, the shining letter, and your young face in it, still imminently recognizable. The only thing that’s different is the way the Philippine border guards treat you when you’re going through customs with your new blue passport, like the look a hero gives to the *kontrabida* at the end of the film. Like that’s exactly what you are: an enemy of life (...) Atse Carmen can’t go with you, of course, but she helps you pack the balikbayan box, full of children’s clothes, new sandals, bedsheets, lotions, perfumes, alcohol, macadamia nuts, chocolate”.

<sup>217</sup> Em filmes filipinos, *bida* é o mocinho, enquanto *kontrabida* é o vilão (RAMAKRISHNAN, 2015)

por orgulho nacional, os que seguem firmes com seu passaporte filipino, enfrentando as agruras, são os verdadeiros *bidas*, enquanto aquele que seguiu o caminho mais fácil do passaporte azul, são os *kontrabidas* que pularam do barco metafórico. Não obstante, esta é uma observação baseada em um dos capítulos do romance e não desejamos insinuar que haja preconceito contra os *balikbayan*. Tudo o que consta nessa citação é a visão enviesada de *uma balikbayan*. É uma impressão da personagem e, como todas, é subjetiva.

Já lidando com algo mais concreto, há a menção da *balikbayan box*. Paz viaja para seu país natal e é esperado, por conta do *Utang Na Loob*, que ela leve ou envie itens aos quais sua família normalmente não teria acesso. Ao vermos a lista dos objetos, que nos parecem tão corriqueiros, é preciso ter em mente dois aspectos: o nível de pobreza no arquipélago (o que justificaria esperar ansiosamente por itens básicos) e o fato de que a história se passa, inicialmente, nos anos 1980, o que nos leva a imaginar que o nível de globalização de então, muito menor, tornava objetos corriqueiros nos EUA ainda mais inatingíveis nas Filipinas.

Paz, como afirmamos anteriormente, é alguém com uma vida tomada por conflitos. Portanto, o fato de se sentir fora do seu elemento tanto nos Estados Unidos, seu país de adoção (por dizer ser ainda um bebê americano), quanto nas Filipinas, onde nascera e crescera, só reforçam traços de uma personagem profunda, contraditória e humana, como costuma ser ao longo de todo o romance de Elaine Castillo (2018).

Caminhando para o fim deste subcapítulo, abordemos mais um último exemplo do que é esperado dos *balikbayan* quando retornam à pátria original. O personagem principal de *The Kontrabida*, primeiro conto do livro de Mia Alvar (2015), é um enfermeiro *pinoy* que imigrou para os Estados Unidos e retorna para visitar, pela última vez, seu pai, que está no leito de morte. Ao falar da sua chegada, o personagem diz:

Um enxame de tias, tios, primos e filhos de primos apareceu na casa cedo na manhã seguinte. Eu distribuí todos os meus *pasabulong*, ou presentes de boas-vindas/retorno ao lar: videogames portáteis, conjuntos de lápis e papelaria, bebida do free shop, nozes e chocolates que eu havia acumulado em escalas em Honolulu e Tóquio. Um *balikbayan* sabe que não deve aparecer de mãos abanando (...) Após os presentes veio a inquisição. Quão frio fazia na América, com qual frequência nevava? Eu mantinha minhas respostas curtas. Eu tinha um papel a interpretar: o *balikbayan*, o que trabalhava duro e sentia falta de casa, mas não reclamava, que havia melhorado

de vida em Nova York, mas não desdenhava de Manila (Alvar, 2015, p. 12)<sup>218</sup>.

Usar a palavra “enxame” para descrever como a família foi visitá-lo nos demonstra os laços familiares, tão fortes na cultura filipina. Todos fazem parte da mesma *kapwa*, a comunidade, e ele tinha que fazer a parte dele no *bayanihan*, o conjunto de obrigações que todos temos, enquanto membros de uma sociedade. Eram muitos e muitos parentes, todos esperando algo dele. Seja um presente, ou uma informação sobre um mundo ao mesmo tempo tão longe e tão perto de si. Outra vez nós vemos o *balikbayan* trazendo itens que, aos olhos da nossa sociedade, do nosso estrato social, são banais. Porém, para aqueles que os recebiam, eram maravilhosos vislumbres de uma realidade que os escapava.

Mais adiante no conto vemos que o enfermeiro não sente saudade das Filipinas, e isso é sugerido no momento em que ele diz que interpretava o papel do *balikbayan* típico, o que trabalhava duro, sentia saudades de casa, mas não se esquecia do Lar original. Lembramos aqui que há sempre inúmeras traduções para um mesmo texto, e escolhemos aquela que melhor representasse a nossa visão, a nossa leitura do conto de Alvar. Contudo, na nota de rodapé com o texto original, o leitor pode chegar às suas próprias conclusões, uma das muitas maravilhas da arte literária.

Além dos presentes óbvios trazidos por um *balikbayan* que retorna, ele traz algo muito mais sério: uma caixa inteira de um opioide poderoso para que seu pai passe seus últimos dias sem dor. Mesmo relatando intensos traumas de infância e problemas no relacionamento entre os dois, sentimos que o enfermeiro (cujo nome não é mencionado na história) faz um último gesto de *Utang Na Loob* como deferência ao homem que lhe dera a vida: Ele elimina as dores dos últimos momentos antes da morte, mesmo que isso significasse, para o protagonista, cometer um crime. Na

---

<sup>218</sup> A swarm of aunts, uncles cousins, and cousin's children descended on the house early the next morning. I passed out all my *pasabulong*, or homecoming gifts: handheld digital games, pencil-and-stationery sets, duty-free liquor, nuts and chocolates I'd stockpiled on layovers in Honolulu and Tokyo. A *balikbayan* knew better than to show up empty-handed (...) After the gifts came the inquisition. How cold was it in America, how often did it snow? I kept my lines brief. I had a role to perform: the *balikbayan*, who worked hard and missed home but didn't complain, who'd moved up in New York but wasn't down on Manila



prática, ele estava cometendo tráfico internacional, porque trouxe, escondido na sua bagagem, um medicamento altamente controlado que roubara do hospital onde trabalha, em Nova York. A tal droga, *succorol*<sup>219</sup>, é mencionado por diversas vezes e o próprio protagonista faz uso dela, de forma recreativa, após a morte do pai.

Um elemento que sobressai, quando analisadas as três obras, é que, normalmente, os termos não são traduzidos, o que obriga o leitor não iniciado a usar um dicionário de tagalog. Contudo, no conto *The Kontrabida*, por algum motivo, o narrador explica o *code-switching* existente no uso do termo *pasabulong*. O mais comum, mesmo no livro de Alvar (2015), é que o termo siga no original e que nós entendamos o que é dito pelo contexto. Tudo isso nos leva a crer que os livros podem ser escritos *por balikbayans para pinoy*s. Ou seja, não é, necessariamente, um trabalho de tradução cultural, como acontece com o tipo de literatura *chica-lit*, escrito por mulheres latinas para o público geral (Castro, 2020). Não obstante, nos debruçaremos sobre essas análises nas considerações finais.

O que vimos até aqui, especialmente com relação ao *Utang Na Loob*, é como o sentimento de dívida, interna e eterna, mantém toda a sociedade, independentemente da localização dos cidadãos filipinos. Reforçamos ser um termo intraduzível, e abordaremos, ao final deste estudo, similaridades entre o sentimento tão filipino e possíveis equivalentes na cultura brasileira e latina, como um *todo*. Sigamos agora para o subcapítulo 3.4, no qual trataremos de desenvolver uma hipótese que tenta compreender como aqueles que saem do país se veem ou são vistos.

#### 4.4 A SUPERIORIDADE DO EXPATRIADO

Este subcapítulo, que fecha nossas discussões de (i)/(e)migração filipina com foco nos livros de Alvar (2015), Castillo (2018) e Ortile (2020), traz também o que almejamos ser a maior contribuição do estudo. Objetivamos, ao longo das próximas páginas, rever as definições de migrante, imigrante e emigrante, trazendo à mesa também os termos *expat* e *expatriado*, o que nos ajudará a desenvolver a proposição de que existe uma suposta visão de superioridade dos expatriados filipinos, do ponto

---

<sup>219</sup> Supomos que *succorol* tenha sido criado pela autora para representar os opioides de uma forma geral, pois não encontramos, em lugar algum, artigos sobre o suposto medicamento. Vemos a possível atitude da autora como um recurso literário, reforçando a ficcionalidade da obra.

de vista daqueles que nunca emigraram. E também, algumas expectativas que acompanham aqueles que saem do arquipélago.

A ideia será apoiada por teorias existentes, e exemplos relevantes retirados dos três livros servirão como confirmação do que está sendo proposto. Importante adicionar que, por ser um capítulo de criação de uma categoria epistemológica, ele estará povoado de elucubrações que, como é da natureza acadêmica, podem e devem ser contestadas, caso colidam com pensamentos consolidados. Estamos certos de que a academia é um espaço de criação, de exercícios mentais através da teorização, e que, ao contrário das ciências exatas, não há verdades absolutas, desde que elas não firam direitos fundamentais.

Por uma questão de organização, partamos da revisão do que já foi estabelecido como imigrante, emigrante, e migrante, cientes da extrema necessidade de concisão, para não nos repetirmos. Imigrante é aquele que se muda para um país estrangeiro com a intenção de lá fixar-se, e cremos haver nele um desejo implícito ou explícito de melhoria da qualidade de vida; emigrante é o mesmo que imigrante, sendo que a diferença está no ângulo de observação. Se falamos do país que perde um cidadão, então a pessoa é um emigrante. Nossa hipótese é que o emigrante, por estar disposto a largar uma vida para trás, é um termo com conotação negativa, já que é razoável crer que não se abandona a família, língua, costumes se estamos em um ambiente favorável; migrante é um quase sinônimo de imigrante, mas, apesar de ter sido usado no passado para deslocamento interno, é hoje um termo preferido pela imprensa por respeitar o indivíduo no seu direito de livre movimento.

É chegado o momento de trazer ainda mais substantivos para a mescla de definições para pessoas que decidem sair do país de nascença. Importante para nós será *expatriado*, que nomeia este subcapítulo, e também *expat*, algo, na nossa opinião, muito mais do que uma simples contração da palavra original, carregando consigo miríade de oportunidades de discussão.

Fiéis à nossa tradição, definamos *expatriado* com o dicionário. Para o clássico Michaelis (dentro do que é necessário para esta tese), *expatriado* é aquele que decidiu “sair voluntariamente da pátria; exilar-se” (Michaelis, 2024). Até aqui, temos apenas mais um sinônimo para as palavras usadas acima. Porém, tentaremos provar que o termo reduzido costuma ser usado para um grupo mais específico de cidadãos, principalmente os de estrato socioeconômico superior. *Expat*, como já era esperado,

é dicionarizado apenas como uma variação da palavra original, expatriado (Merriam-Webster, 2024).

Contudo, há algo que precisamos abordar. Durante a pesquisa para a confecção deste texto, encontramos um grande número de livros sobre expatriados, e virtualmente todos trazem uma abordagem econômica, e com insinuações de que expatriados são pessoas com maior poder econômico. Começamos pelo livro do advogado e empresário William Russell Melton, *The New American Expat: Thriving and Surviving Overseas in the Post-9/11 World* (O Novo Expat Americano: Prosperando e Sobrevivendo no Exterior no Mundo Pós-11 de setembro, em tradução livre), de 2005. Nele, o autor trabalha a vida de estadunidenses que decidem sair do seu país, e aborda aspectos a serem considerados por esses cidadãos.

No prefácio do livro, o autor conta da sua primeira experiência enquanto expat:

Minha primeira missão foi em 1982, na Arábia Saudita. Eu fui criado no Kansas, e minha exposição a países estrangeiros, como muitos americanos, era limitada a algumas curtas viagens à Europa. Ainda assim, eu fiquei intrigado com uma ligação de um *headhunter* procurando por candidatos para uma vaga jurídica para trabalhar na Arábia Saudita, com uma grande corporação dos EUA. Havia algo exótico e atraente sobre o desconhecido, me puxando para quebrar meus laços com o Meio-Oeste. No período de algumas semanas, entre receber e aceitar a proposta, eu fechei minha vida nos EUA e estava em um avião para Jeddah (Melton, 2005, p. xiii)<sup>220</sup>.

Toda a citação acima, que consta no prefácio do livro de Melton, dá sinais claros de uma pessoa com um estilo de vista vastamente superior àquele dos estudados por nós até então. Longe de dizermos que o livro do empresário tem (ou não) valor literário, o que pretendemos aqui é estabelecer que, mesmo na indústria editorial, as obras publicadas tratam o expatriado como alguém abastado, alguém que sai do seu país por livre e espontânea vontade, procurando, antes de uma vida melhor, aventuras.

---

<sup>220</sup> “My first foreign assignment was in 1982 in Saudi Arabia. I was raised in Kansas, and my exposure to foreign countries, like that of many Americans, was limited to a couple of short trips to Europe. Still, I was intrigued by the phone call from the headhunter searching for candidates for a Saudi-based legal position with a major U.S. corporation. There was something attractive and exotic about the unknown, pulling on me to break away from my Midwestern bonds. Within a few weeks of receiving and accepting an offer, I had closed out my life in the United States and was on a plane to Jeddah”.

Os personagens das obras que estudamos não são contatados por headhunters. Muito menos trabalham em posições de grande poder. A decisão de sair das Filipinas, comum a todos eles, vem de um local de pobreza, com graus diferentes de intensidade. Paz, e Hero, de *America is Not the Heart* (2018) emigram para fugir, respectivamente, dos baixos salários e histórico de pobreza, e do passado de tortura e perseguição política; Matt Ortile (2020), em seu *memoir*, diz que a mãe resolveu emigrar para buscar melhores oportunidades. Porém, o autor-narrador-personagem não vem de família pobre ou miserável. Sua mãe, enfermeira, buscava salários mais altos, mas já possuía emprego no país natal. Tanto que, após anos vivendo nos EUA, decide retornar ao arquipélago com o marido, padrasto de Matt, para viver sua aposentadoria perto dos familiares, no seu Lar, fazendo o retorno redentor como preconizado por Hall (2003); já nos nove contos de Mia Alvar (2015), temos diferentes histórias, diferentes motivações. Elas variam desde a faxineira Esmeralda, do conto epônimo, que vai trabalhar nos EUA limpando escritórios para poder enviar remessas de volta à sua família, passando por Baby, de *Shadow Families*, a filha de pai estadunidense desconhecido que vai para o Oriente Médio trabalhar e, mesmo falando inglês de péssima qualidade, tenta a qualquer custo apagar sua identidade *pinoy*, e até mesmo um político exilado pela ditadura de Marcos.

O que todos eles têm em comum é a emigração ser inspirada por algo negativo. Até a mãe de Matt Ortile, que vinha de uma vida de classe média, sente que falta algo na sua existência em território filipino. Isso vai de encontro à experiência de Melton, que viu a oportunidade de morar na Arábia como uma “grande aventura como um expatriado, uma que duraria o resto da minha vida e que profundamente mudaria minha personalidade, valores e atitudes” (Melton, 2005, p. xiii)<sup>221</sup>.

De maneira a abordarmos a obra de Melton (2005) como um todo, e não escorregarmos para preconceitos de qualquer tipo, urge mencionar os capítulos de seu livro, dando apoio à nossa hipótese.

O primeiro capítulo tem um título muito sugestivo: *The World At Your Doorstep* (O mundo à sua porta, em tradução livre). Ele trabalha os motivos que levariam um americano a se tornar um *expat*, os prós e contras, um plano para sucesso e até mesmo um checklist para avaliar uma possível proposta de emprego (Melton, 2005).

---

<sup>221</sup> “Great adventure as an expatriate—one that would last the rest of my life and that would profoundly change my personality, values, and attitudes”

O nome do capítulo é sugestivo porque nos implica imperialismo ou, no mínimo, uma autoestima muito saudável. É bastante coerente pensar que as hordas de imigrantes que cruzam a América Central, a pé, em direção aos Estados Unidos, não têm o mundo à sua porta. Muito pelo contrário, eles são constantemente assediados e ameaçados ao longo do caminho. E, ainda, emigrar não condiz com uma grande aventura emocionante.

O capítulo 2, *Finding Your Job Overseas* (Encontrando seu emprego no estrangeiro, em tradução livre), trata das tendências na área, a possibilidade de ser transferido pelo seu atual empregador, oportunidades para estudantes e até professores. E finaliza com dicas sobre como atrair a atenção de possíveis empregadores (Melton, 2005).

Os outros capítulos são uma sucessão de passos, explicados de forma muito organizada e didática, de como o futuro expatriado deve agir com relação à mudança, relocação da família, documentação e até impostos que podem incidir sobre aquele que deixa os EUA. Já o capítulo 7 e final trata dos passos para aqueles que querem o sentido inverso. No caso, retornar para o país de origem (Melton, 2005).

Há um mercado para livros como o de Melton, e exemplos deles, todos encontrados por nós durante esta pesquisa são: *The Global Expatriate's Guide To Investing: From Millionaire Teacher to Millionaire Expat* (O guia do expatriado para investir: De Professor Milionário a Milionário Expatriado), escrito pelo autor canadense Andrew Hallan, em 2014; *The Expat Expert, 2nd edition: Your Guide to Successful Relocation Abroad* (O expatriado expert, 2ª edição: Seu Guia para Uma Bem-Sucedida Relocação no Exterior, tradução livre), de 2007, das autoras Melissa Brayer Hess e Patricia Linderman; *Leaving America: The New Expatriate Generation* (Saindo da América: A Nova Geração Expatriada, tradução livre), do professor emérito da University of Maryland, John R. Wennestern, publicado em 2008; por fim, há até um *memoir*, escrito por Frank Visakay chamado *Jasmine Fever: Confessions of a Jaded Expat in Thailand* (Jasmine Fever: Confissões de um expatriado cansado na Tailândia, tradução livre), de 2008.

Dentro das obras de Alvar, Castillo e Ortile, não conseguimos identificar um único personagem que se encaixe perfeitamente na definição do *expat*, como é o caso do livro de Melton (2005). O que mais se aproxima é o marido de Salvacion, em *The Miracle Worker*, conto de Mia Alvar (2015). Ed vai trabalhar em Bahrein em uma

empresa de petróleo. Ele parece estar em um patamar intermediário, apesar de ter um salário alto. Mas, ao nos lembrarmos que ela vê a si mesma e o marido como “capatazes, não fazendeiros” (vide citação anterior, com análise), chegamos à conclusão que não estão no nível do *expat*.

Tratamos esta categoria em desenvolvimento como um exercício retórico, mas nos esforçamos para que a sua compreensão não exija uma espécie de *suspenção da descrença* acadêmica. Nosso objetivo não é, como já dissemos, contorcionismo acadêmico, apenas elucubrar.

Como a categoria recebeu o nome de Superioridade do Expatriado, e trabalha uma suposta visão engrandecida daqueles que saíram do país, resolvemos englobar todos os que deixaram as filipinas, para fins desta hipótese exclusivamente, na palavra Expatriado. Assim, ao fazermos as próximas análises, trataremos migrantes e imigrantes por expatriados, para reforçar quando essas pessoas são vistas (ou mesmo se vêem) como superiores.

Já estabelecemos a hipótese que emigrante é um termo com conotações negativas, então ele não será usado como sinônimo de expatriado, dentro da categoria hipotética. Com relação a *expat*, por não encontrar ressonância dentre dos três livros analisados, não fará parte da Superioridade do Expatriado, ao menos dentro dos limites desta tese. Deixamos a proposta de futuros estudos que incluam outras obras *balikbayan* que talvez possam acomodar o *expat*.

Não obstante, se focarmos a categoria epistemológica na visão daqueles que ficaram para trás, que dependem da ajuda dos que partiram, na idealização daqueles que saíram do país, podemos pensar, sim, em uma Superioridade do Expatriado. Entretanto, por ser uma questão de ponto de vida e percepção, precisamos dividir os personagens dos contos entre os que são vistos como superiores ou não.

Quando nos lembramos da política de assimilação benevolente, por parte dos EUA (Francia, 2014), nós nos recordamos que os filipinos foram treinados, por anos e anos, a verem tudo o que vem do exterior como sendo superior. E isso pode ter vindo de muito antes, quando consideramos os 333 anos de colonização espanhola. Acreditamos ser um sentimento similar ao termo criado pelo dramaturgo brasileiro Nelson Rodrigues, o “complexo de vira-lata” (De Souza, 2013).

O *memoir* de Ortile (2020) reforça nossa hipótese, ao dizer que o governo colonial americano usou a educação em inglês e, por conseguinte, a língua inglesa,

como homogeneizador dos colonos sob uma mesma bandeira. Ortile continua, ao explicar que os EUA prometeram ao arquipélago uma independência demorada, transformando o país em “um *Commonwealth* à sua própria imagem, promovendo mitos de superioridade ocidental que influenciam a diáspora filipina até hoje”<sup>222</sup> (Ortile, 2020, p. 18).

Entendemos que a generalização é uma asserção arriscada e perigosa. Portanto, não afirmaremos categoricamente que absolutamente todos os *balikbayan* ou *OFWs* são vistos como superiores por seus compatriotas, principalmente quando levamos em consideração a população gigantesca das Filipinas. Porém, usemos algumas passagens das três obras para melhor embasar nossas alegações.

Paz, de *America is Not The Heart* (Castillo, 2018), saiu das Filipinas e recomeçou sua vida nos Estados Unidos. Ela melhorou sua qualidade de vida e a de seus familiares. Ela é vista como alguém diferente pelos seus compatriotas que ficaram no arquipélago, e isso fica óbvio quando lemos um relato da primeira viagem de Paz ao seu país natal:

No seu primeiro dia de volta, após uma longa jornada de ônibus de Manila até Pangasinan, você vai com a sua irmã Rufina para o mercado noturno in Calasiao para comprar *puto* fresco, como você sempre fez, e quase parece que você nunca foi embora. Só quando você pergunta ao vendedor se acabou o sabor *pandan*, a mulher atrás do balcão sorri para você e responde, em inglês, que eles têm uma nova fornada, se a senhora ao menos aguardar um momento. Ninguém nunca lhe chamou de senhora, muito menos nas Filipinas. Assustada, você continua a falar com ela em pangasinano. A mulher continua a lhe responder em inglês. No triciclo de volta para casa, você pergunta a Rufina por que aquilo aconteceu. Rufina responde que eles sabem que você não vive aqui mais (Castillo, 2018, p. 26)<sup>223</sup>.

---

<sup>222</sup> “A commonwealth in its own image, promoting myths of Western superiority that influence the Filipino diaspora to this day”.

<sup>223</sup> “On your first day back, after the long bus ride from Manila to Pangasinan, you go with your sister Rufina to the night market in Calasiao to get fresh *puto*, like you’ve always done, and it almost feels like you never left. Only when you ask the vendor if they’re all out of *pandan* flavor, the woman behind the stand smiles at you and replies, in English, that they have a new batch, if you just wait a moment, ma’am. No one has ever called you ma’am, certainly not in the Philippines. Startled, you continue to speak to her in Pangasinan. The Woman continues to reply in English. In the tricycle on the way home, you ask Rufina what that was about. Rufina says “They can tell you don’t live here anymore”.

Paz, que já mora há anos nos Estados Unidos, estabeleceu sua vida no país norte-americano, volta para seu Lar original, as Filipinas. Ao tentar entrar na sua rotina tradicional, de comprar *putos*<sup>224</sup>, surpreende-se ao ser atendida em inglês, ao invés do seu dialeto pangasinano original.

A deferência com a qual é tratada, sendo chamada de senhora (ma'am – madame, no original em inglês), é um susto, pois nunca fora tratada de tal forma. Ao unirmos a resposta e insistência da atendente em falar em inglês, e o termo senhora, adicionado à conclusão de Rufina, que os locais sabem que a irmã não vive mais ali, chegamos à conclusão de que há um status superior da expatriada, que volta às Filipinas em um patamar diferente da população. Inglês é a língua do colonizador, e tratá-la dessa maneira é um reforço da Superioridade do Expatriado, aquele que deixou o país e agora encontra-se melhor que os locais.

Matt Ortile (2020) traz inúmeras oportunidades de análise, pois seu *memoir* tem grande foco (inclusive o título) em identidade. Na citação a seguir, ao retornar de uma festa, o autor-personagem-narrador conversa com o homem que está namorando e que acabou de ver uma foto da mãe de Matt:

Ele perguntou onde ela estava. Nas Filipinas, eu disse a ele; ela havia se mudado de volta ao nosso país natal. Enquanto ele soltava minhas abotoaduras, Stephen disse, surpreso: 'Oh, eu pensei que você tinha nascido aqui'. Isso, para mim, era um elogio. Eu disse 'obrigado' com um beijo. (...) A outra razão pela qual eu nunca usei um barong Tagalog é que eu estava habituado a suprimir todos os sinais de onde eu vim: sotaque, língua, hábitos culturais. Se eu pareço perfeitamente aculturado, é porque eu fui diligente. Eu pratiquei meu sotaque americano no espelho do banheiro, raramente falava tagalog em público, e insistia em usar minhas 'roupas de sair' em casa. Eu cresci como um imigrante comum, acreditando que as coisas são melhores na América (Ortile, 2020, p. 6)<sup>225</sup>.

<sup>224</sup> O termo *puto*, na culinária filipina, refere-se a um bolinho adocicado de arroz.

<sup>225</sup> "He asked me Where she was. In the Philippines, I told him; she'd moved back to our birth country. As he undid my cufflinks for me, Stephen said, surprised, 'Oh, I thought you were born here'. This, to me, was a compliment. I said 'thank you' with a kiss. (...) The other reason I never wear a barong Tagalog is that I've been habituated to suppress all signs of where I come from: accent, language, cultural habits. If I appear seamlessly acculturated, it's because I was diligent. I practiced my American accent in the bathroom mirror, rarely spoke Tagalog in public, and insisted on wearing my 'outside clothes' at home. I grew up a run-of-the-mill immigrant, believing it gets better in America".



Esse processo de aculturação pelo qual Ortile passou, é mais uma prova de que a Superioridade do Expatriado é real. Para ser bem-sucedido, ele tinha que abandonar sua filipinidade. Usar *barong tagalog*<sup>226</sup> era um sinal de derrota no seu caminho em direção à americanização que ele perseguia. Quando o namorado se surpreendeu com o fato de Matt não ter nascido nos EUA, isso foi um fato de orgulho, um elogio. Tudo isso nos leva a crer que a visão do *pinoy* é almejar e respeitar o estrangeiro.

Ortile arremata sua observação cultural perspicaz ao dizer que era um imigrante comum, usando uma expressão em inglês tipicamente americana (*run-of-the-mill*), enfatizando seu hercúleo esforço de apagar suas origens.

Retornando a *America is Not The Heart* (2018), vemos uma interação entre duas mulheres filipinas e temos um exemplo claro de que a língua inglesa é vista como um indício de superioridade. Paz relembra a época em que namorava aquele que viria a se tornar marido, Pol, e descobriu uma traição dele, que estava morando nas Filipinas, enquanto a protagonista seguia nos EUA:

Está tudo indo bem, melhor do que você jamais pensou que pudesse ir, até que uma semana logo após seu pagamento você liga para a casa dele em Dagupan e uma mulher atende o telefone. Um ano antes, você poderia ficar abalada, mas sua recém-adquirida confiança americana lhe inspira a perguntar por Pol em inglês. E é em inglês superior que a mulher lhe diz: Eu sou a esposa do Dr. De Vera. Quem fala? (Castillo, 2018, p. 28)<sup>227</sup>.

Paz, que já mora nos EUA há alguns anos, ainda não fala o inglês no nível que gostaria, mas pensa que pode confrontar a amante do marido ao falar a língua inglesa com ela, presumindo que terá um conhecimento maior que a interlocutora. A “confiança americana”, para nós, justifica e é justificada pela Superioridade do Expatriado. Contudo, a realidade a atinge com força imparável ao ouvir a resposta também na língua do colonizador, e em um grau de proficiência superior ao seu. Nos

---

<sup>226</sup> Barong Tagalog é uma roupa típica das Filipinas. Uma camisa de manga comprida que pode ser de seda ou outros materiais. É considerada um símbolo nacional (STERNGASS, 2007).

<sup>227</sup> “It’s all going well, better than you ever thought it could, until one week just after your payday you call his house in Dagupan and a woman answers the phone. A year earlier, you might have been shaken, but your newfound American confidence inspires you to ask for Pol in English. And it’s in superior English that the Woman tells you: I’m Doctor De Vera’s wife. Who’s calling?”.

parece claro que o domínio do inglês dá um status de superioridade, e Paz tentou fazer uso disso.

Continuando a falar da Superioridade do Expatriado, temos um último exemplo, agora saído do livro de Mia Alvar (2015). No conto *Shadow Families*, Baby é uma filipina que vai para o Golfo Pérsico trabalhar como empregada doméstica. Lá, ela começa a se encontrar com um grupo de *OFWs* como ela. Porém, por ser filha de pai americano (a quem nunca conheceu), ela considera que é sua obrigação falar somente em inglês, mesmo que o seu grau de domínio do idioma seja baixo. Segue uma conversa entre as *OFWs* comentando sobre Baby:

O que ela achou do seu novo chefe? ‘Ela é tranquila, também’ (apesar de que nós sabíamos, pelos seus colegas de apartamento, que o chefe delas no Gulf Bank era um homem). Todos erros comuns, para alguém da classe trabalhadora. Por que Baby não relaxava e falava tagalog? ‘Ela diz que já esqueceu’, disse sua colega de apartamento Girlie. Como isso poderia ter acontecido com alguém que acabara de chegar na ilha, ninguém de nós sabia. ‘Ela vai mudar de ideia’, disse Fe Zaldivar. Nós também pousamos prometendo falar só inglês – para impressionar outros, para praticar, para evitar que nossos filhos passassem vergonha (Alvar, 2015, p. 87)<sup>228</sup>.

Baby tentava, com todas as forças, esconder sua filipinidade. Porém, para isso, seria preciso passar pelo mesmo processo que Matt Ortile passara, o que não era possível para Baby, criada por mãe solteira, de classe social baixa. A desculpa para não falar em tagalog com as amigas compatriotas é ter esquecido sua língua natal, o que não engana nenhum daqueles que convivem com ela.

Contudo, o que mais choca na passagem acima, e mais reforça a ideia da Superioridade do Expatriado é que os *OFWs* chegavam ao novo país prometendo abandonar suas verdadeiras origens, como forma de não envergonhar os próprios filhos. Em outras palavras, ser filipino e falar com o sotaque típico da ilha é uma vergonha. Assim, nós temos aqueles que são bem-sucedidos na aculturação, como Ortile, e outros que falham miseravelmente, como Baby.

---

<sup>228</sup> “What did she think of her new employer? ‘She’s OK also’ (although we knew from her flatmates that their boss at the Gulf Bank was a man). All very common errors, for someone in the helper class. Why wouldn’t Baby just relax and speak Tagalog? ‘She says she forgot it already’, said her flatmate Girlie. How this could have happened to someone who’d just arrived on the island, none of us knew. ‘She’ll come around’, said Fe Zaldivar. We too had landed vowing to stick to English – to impress others, to practice, to avoid embarrassing our children”.

Nas duas epígrafes do capítulo três, trouxemos palavras de reforço e apoio à imigração. Começando pelo ex-presidente Barack Obama, um homem conhecido por temperamento ameno, e tom conciliador. De acordo com a fala dele, há espaço para todos nos Estados Unidos, até porque ela foi fundada por imigrantes e, dependendo do ponto de vista, também por invasores (de terras indígenas).

A segunda citação, do autor *pinoy* E. San Juan, Jr, é uma referência direta ao título do capítulo, e o espírito explorador dos filipinos. Independentemente do motivo que os leva a sair do arquipélago, eles são o maior fornecedor de mão-de-obra imigrante do mundo, e isso é um fato que surpreende por si só.

Mais uma vez, a escolha das epígrafes e a ordem para dispô-las na página são propositais. Neste caso, um desafio e referência à nossa categoria epistemológica de Superioridade do Expatriado. Se, supomos, há uma visão do estrangeiro como superior, do expatriado como invejável por parte dos ilhéus, então faz sentido colocar as palavras de um ex-presidente americano à frente daquelas de um *pinoy*. Este passo é uma provocação acadêmica, e não deve ser vista como asseveração de inferioridade do povo Filipino.

Se neste subcapítulo trabalhamos a aculturação filipina e a crença inculcada nos *pinoy* de que tudo o que é estrangeiro é melhor, no nosso próximo e último capítulo nós falaremos do processo inverso: Como a resistência cultural existe, pode ser fonte de orgulho, e está em movimento justamente para tentar desfazer séculos de humilhações e terra arrasada cultural.

## 5 PINOY PRIDE: RESISTÊNCIA CULTURAL

“Filipinos não se dão conta de que a vitória é o filho da dificuldade, que a alegria floresce do sofrimento, e redenção é um produto do sacrifício”. (José Rizal)<sup>229</sup>.

“A arte é nossa arma. Cultura é uma forma de resistência”.  
 . (Shirin Neshat)<sup>230</sup>.

“Todo povo, toda sociedade necessita uma cultura de resistência, uma cultura de ser difícil e desobediente, e é a única forma que eles jamais poderão confrontar os inevitáveis abusos de poder de quem quer que seja que governe o aparato do Estado, os capitalistas, os comunistas, os socialistas, os *gandhianos*, etc”. (Arundhati Roy)<sup>231</sup>.

“Queer não é sobre quem você transa, isso pode ser uma dimensão dela, mas queer sobre o ser que está em conflito com um tudo em volta de si, e tem que inventar e criar um lugar para falar, prosperar e viver”..” (bell hooks)<sup>232</sup>.

Nosso último capítulo abordará a resistência cultural através de três ângulos diferentes: raça (ou etnicidade), sexualidade (*queer*) e a arte enquanto ferramentas de resistências. Não por acaso, escolhemos quatro epígrafes para iniciar a discussão, cada uma tratando de um dos aspectos a serem trabalhados nas próximas páginas.

---

<sup>229</sup> Filipinos don't realize that victory is the child of struggle, that joy blossoms from suffering, and redemption is a product of sacrifice”

<sup>230</sup> “Art is our weapon. Culture is a form of resistance”. Shirin Neshat é uma fotógrafa e artista visual nascida no Irã, mas radicada nos EUA (Jansen, 2023).

<sup>231</sup> Every people, every society, needs a culture of resistance, a culture of being difficult and disobedient, that is the only way they will ever be able to stand up to the inevitable abuse of power by whoever runs the state apparatus, the capitalists, the communists, the socialists, the Gandhians, whoever”. Arundhati Roy é uma autora indiana e seu livro, *O Deus das Pequenas Coisas*, de 1997, é o mais vendido por um autor não expatriado do país asiático (Tikkanen, 2024)

<sup>232</sup> “Queer not as being about who you are having sex with, that can be a dimension of it, but queer as being about the self that is at odds with everything around it and has to invent and create and find a place to speak and to thrive and to live. Gloria Jean Watkins, cujo *nom de plume* era bell hooks, foi uma autora estadunidense e pesquisadora sobre raça, feminismo e classe (Almeida, 2019). A autora preferia que escrevessem seu nome em letra minúscula, para que se prestassem mais atenção à sua obra do que a ela mesma (McGrady, 2021)

O primeiro subcapítulo, seguindo a lógica adotada no capítulo 4.1, quando fizemos uma discussão teórica sobre imigração, trará um diálogo com autores renomados com a resistência cultura, em especial através de livros como os de Stephen Duncombe, *Cultural Resistance* (2002); *Cultural Memory: Resistance, Faith and Identity*, de Jeanette Rodriguez e Ted Fortier (2007); *Cultural Politics and Resistance in the 21st Century: Community-Based Social Movements and Global Change in the Americas*, de Kara Z. Dellacioppa e Clare Weber (2012); *Cultural Governance and Resistance in Pacific America*, de William A. Callahan (2006); *Commodity Activism: Cultural Resistance in Neoliberal Times*, de Roopali Mukherjee e Sarah Banet-Weiser (2012). Almejamos embasar academicamente a discussão dos próximos subcapítulos, que trarão exemplos de cada categoria nas produções literárias analisadas para esta tese.

Já o capítulo 4.2 tratará da raça enquanto forma de resistência cultural. Como já explicado em momentos anteriores, nossa escolha pelo termo *raça* não foi gratuita. Ela está presente no título do *memoir* de *Matt Ortile*, e é constante ao longo dos três livros estudados. Além disso, encontramos o termo em livros teóricos escritos ou editados por grandes nomes dos estudos culturais e literários. Exemplos de obras que selecionamos, nas quais o termo *raça* é usado da maneira como imaginamos para este estudo: *Cultural Resistance Reader* (2002), de *Stephen Duncombe*; *Neither Enemies Nor Friends (Latinos, Blacks, Afro-Latinos)*, editado por Anani Dzidzienyo e Suzanne Oboler (2005); *Sociologia: Conceitos-Chave*, organizado por John Scott; e, claro, Stuart Hall em *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Nosso intuito é mostrar a raça como um elemento identitário encontrado nas obras de Alvar (2015), Castillo (2018) e Ortile (2020), e como ela é usada como uma forma de resistência através do trabalho dos autores e da vida das personagens.

O capítulo 4.3 abordará a resistência através da sexualidade. Contudo, como dito anteriormente, o recorte feito por nós sobre o termo em questão é o da sexualidade ou identidade *queer*. Esta escolha acadêmica não deve ser entendida como algum tipo de preconceito reverso contra a heterossexualidade, mas simplesmente por uma disponibilidade maior de passagens nos livros de Castillo e Ortile que tratam da identidade *queer*, compartilhada pelos autores e personagens principais das obras. Não obstante, não nos furtaremos de tratar da sexualidade heterossexual, quando ela puder ser vista como algum tipo de enfrentamento ao

*status quo* das Filipinas, um país tão socialmente conservador onde, mesmo em 2024, o divórcio segue sendo ilegal. De acordo com a jornalista Sui-Lee Wee, em reportagem para o jornal *The New York Times*, a nação do sudeste asiático é, junto com o Vaticano, o único lugar do mundo onde não existe a opção legal de se divorciar (2023). Como base teórica, traremos estudiosos como Michel Foucault e seu *The History of Sexuality* (1978), além de outros livros sobre identidade *queer*, o *Growing up Queer*, de Mary Robertson (2019) e a sexualidade humana como um todo, em *Gender Issues and Sexuality*, de K Lee Lerner (2006).

Por fim, encerrando esta pesquisa, antes das Considerações Finais, traremos o capítulo 4.4, no qual abordaremos a produção cultural enquanto resistência. Analisaremos como a arte, em suas inúmeras formas, serve como enfrentamento à pressão social exercida contra as minorias étnicas que povoam as obras analisadas. A base teórica será, mais uma vez, o *Cultural Resistance Reader*, de Stephen Duncombe (2002), e através dele recortaremos passagens das três obras literárias abordadas para comprovar nossa hipótese de que os textos produzidos por *balikbayans* nos EUA são ferramentas de resistência cultural.

Sigamos agora para as discussões acerca da resistência cultural.

## 5.1 DISCUSSÕES SOBRE RESISTÊNCIA CULTURAL

Dentre todos os termos abordados nesta pesquisa, em especial os que compõem o título, como *balikbayan*, *Utang Na Loob* e a própria categoria epistemológica da Superioridade do Expatriado, o que consideramos basilar é a resistência cultural. Isso porque, dentro do que consultamos para a confecção deste estudo, consideramos que ela permeia todos os conceitos que mencionamos. Aquele cidadão que vive na Zona de Contato (Pratt, 1998), para existir, precisa exercer algum tipo de resistência. Para não ser engolido pelas massas, é preciso que haja algum diferenciador, algum elemento identitário que o singularize dentre tantos outros, em especial quando falando de imigrantes em um outro país.

Começemos pela definição de Resistência Cultural. Para tanto, precisamos entender o que significa resistir e, claro, cultura. Para Stephen Duncombe:

A política da cultura não é pré-determinada. Cultura é maleável; é como ela é usada que importa. A própria palavra 'cultura' é elástica. Você provavelmente já notou que eu tenho esticado seu significado.

Aqui eu estou me referindo a cultura como uma coisa, a um grupo de normas, comportamentos e formas de tentar entender o mundo e ainda em outros lugares, eu descrevo cultura como um processo. Isso é porque a palavra, 'cultura', como Raymond Williams mais adiante elaborará, significa todas estas coisas (Duncombe, 2002, p. 5)<sup>233</sup>.

O que mais nos chama atenção nas palavras de Duncombe é justamente a maleabilidade da cultura, e como o termo pode ser usado nas mais distintas situações. Cremos que a posição do autor nos encoraja a termos também flexibilidade na hora de interpretarmos ou analisarmos termos ou teorias.

Seguindo o que foi dito, a cultura pode ser algo, uma maneira de se viver, ou mesmo um processo. O nosso entendimento de cultura, neste estudo, respeita a expandida e expansível visão de Duncombe, mas sempre é tratada como um conjunto de tradições e uma forma de viver.

Se retomarmos uma análise feita no capítulo anterior, quando citamos uma passagem do *memoir* de Ortile (2020) e como ele, a partir do momento que sua mãe retornou às Filipinas, precisa aprender a fazer a famosa receita de *cookies* sozinho, nós vemos um exemplo claro de cultura (vide página 167). Ao pensarmos em *cookie*, usando mesmo em um texto em português a sua palavra no idioma original, temos uma forma de produto cultural. Um artigo alimentício que nos remete aos EUA, e que, pelo menos em um primeiro momento, não soa típico das Filipinas. Da mesma maneira que não é típico do Brasil, ou usaríamos a palavra portuguesa biscoito/bolacha. Porém, *cookie* parece intraduzível justamente por sua carga cultural. A *cultura* na qual Ortile (o autor-personagem-narrador) cresceu está dentro da Zona de Contato (Pratt, 1998). Ele foi acostumado a comer *pancit*, *sisig* e outros pratos que são referência das Filipinas e frequentemente mencionados nos livros analisados.

Porém, o que ele cita como a comida que mais lhe trará saudade da mãe é o *cookie*, tão americano quanto torta de maçã. Contudo, não estamos tratando aqui de qualquer *cookie*, que poderia ser comprado facilmente em um supermercado. Mas sim a receita da sua família. Em outras palavras, ele sente falta de um produto da *cultura*

---

<sup>233</sup> The politics of culture is not pre-determined. Culture is pliable; it's how it is used that matters. The very word 'culture' is elastic. You've probably already noticed that I've been stretching its meaning. Here I'm referring to culture as a thing, there are a set of norms, behaviors and ways to make sense of the world and, in still other places, I'm describing culture as a process. This is because the word 'culture', as Raymond Williams will later elaborate, means all these things.

americana que fora adaptado pela sua mãe, uma filipina de nascimento, criando um produto específico que Ortile considera como elemento do seu Lar.

No exemplo acima, e dentro da citação de Duncombe (2002), *cultura* pode se referir ao modo de vida dos EUA, com todos os clichês envolvidos, mas também a modificações feitas no seio do Lar, como a receita da qual Ortile sentirá tanta falta. Na nossa concepção, embasados por Duncombe, o *cookie* é, também, cultura. Ou um elemento dela.

Retomando mais uma citação feita neste estudo, podemos pensar na visita da personagem Paz, de *America is Not The Heart* (Castillo, 2018), às Filipinas. Nela, a personagem compra os bolinhos de arroz com nome tão peculiar para nós brasileiros (vide página 189). Durante sua visita, Paz diz que os bolinhos são um sinal de que nada mudou, e ela se sente em casa, ao fazer algo que sempre fez. Os *putos* frescos são parte da *cultura* de Paz, do que significa, para ela, ser filipina.

Nos dois casos que selecionamos, vemos que Duncombe está correto. *Cultura* pode ser algo tangível ou não. Nossa leitura nos reforça que um modo de vida e os objetos que fazem parte dela são culturais. Contudo, não há e, imaginamos, jamais haverá, uma cultura única. O que Paz entende como cultural, tipicamente filipino (ou mesmo americano), não é o mesmo que para o personagem Matt Ortile. A elasticidade do termo, sua capacidade elusiva é tão grande, que precisamos pensar caso a caso. Em linhas gerais, tudo o que é produzido por um povo, é cultura.

Na sua definição, Duncombe (2002) cita o acadêmico galês Raymond Williams (1921-1988). Dentro do entendimento do galês, a palavra cultura é uma das duas ou três mais complicadas palavras na língua inglesa (Williams *In* Duncombe. 2002). A afirmação de Williams só reforça a tarefa hercúlea que temos pela frente. No seu livro *Culture and Society* (Williams, 1960), Williams traz, como prometido por Duncombe, vários conceitos sobre o termo em questão. Em respeito à brevidade, e a já mencionada miríade de significados propostos, foquemos no conceito proposto pelo autor, que traz ao menos três significados para cultura: 1- um processo de desenvolvimento intelectual, espiritual e estético; 2- um modo de vida particular, seja de um povo, um período, um grupo ou da humanidade em geral; 3- os trabalhos e práticas de atividade intelectual e, especialmente, artística (Williams, *in* Duncombe. 2002).



Não estamos propondo que tudo seja considerado cultura. Porém, vemos que mesmo as mais brilhantes mentes da nossa área têm dificuldade de especificar o que o termo significa. Como já dissemos, a nossa concepção de cultura é englobada, principalmente, pelo segundo significado acima. E é através do seu prisma que a maior parte das análises será feita.

Para finalizar o difícil encapsulamento do termo, vejamos o que Stuart Hall considera como “multicultural”. Para o pesquisador,

multicultural descreve as características sociais e os problemas de governabilidade apresentados por qualquer sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retêm algo de sua identidade ‘original’ (Hall, 2003, p. 50).

Aproveitando-nos do prefixo multi, que indica pluralidade (Priberam, 2024), entendemos que é possível buscar pistas da definição do pensador jamaicano-britânico para confirmar nossa hipótese. O *cookie*, no *memoir* de Ortile (2020), mais além de um elemento cultural, cabe como um indício da existência multicultural do autor-narrador-personagem filipino-americano. Entendemos assim pois, como dissemos acima, não é qualquer *cookie* que atende e diminui a saudade que o autor sente do seu Lar, mas sim aquele feito pela mãe. Vemos a *cultura* americana sendo modificada por elementos filipinos, trazidos do arquipélago e criando um novo modo de vida Ortile.

Urge agora seguirmos adiante com a definição de resistência cultural. Partamos, como já é da *cultura* deste estudo, do que diz o dicionário. Para o Priberam, resistir é “1- Opor resistência; não ceder; 2- Defender-se; 3 [figurado]- Suportar” (PRIBERAM, 2024). Já aqui entendemos que onde há resistência, há luta, figurada ou literal. Se alguém resiste, é porque há uma força contrária. Para Duncombe (2002), a “resistência cultural também pode ser pensada como resistência política”<sup>234</sup> (p. 6). Revisitando o que expusemos na introdução, Duncombe explica a resistência cultural como atos tomados, conscientemente ou não, para enfrentar a estrutura social, política ou econômica (Duncombe, 2002).

---

<sup>234</sup> “Cultural resistance can also be thought of as political resistance”

Consideramos a resistência cultural um termo tão elástico quanto cultura, em si. Contudo, o que resume o nosso entendimento do termo, basilar para esta tese, é que qualquer atitude pode ser vista sob o prisma da resistência cultural, em especial se este ato vier de uma fonte que enfrente o Sistema, o Todo. O cientista político canadense, William Callahan, em seu livro *Cultural Governance and Resistance in Pacific Asia* (2006) (Governança Cultural e Resistência na Ásia do Pacífico, em tradução livre) lança a hipótese de que eventos culturais como os concursos de beleza *Miss China* e *Miss Thailand* podem ser enxergados como exercícios de resistência, por serem produzidos independentemente em país com sufocante controle estatal (Callahan, 2006).

Mais importante do que uma única definição de cultura, resistência e resistência cultural, é encontrar e defender o nosso entendimento dos termos. Assim sendo, resumiremos o que foi dito acima como cultura sendo o modo de vida de um povo/grupo e todos os elementos que fazem parte ou trazem significados a seus membros. Já resistência cultural é todo ato que enfrente algum costume estabelecido, principalmente, para fins desta pesquisa, da base contra o topo da pirâmide.

Como exemplo claro e específico do que entendemos por resistência cultural, voltemos nossos olhos para o Irã, um país asiático como as Filipinas, ainda que com uma *cultura* tão diferente. Lá, as mulheres são obrigadas a usar um véu para cobrir suas cabeças. Isso faz parte do modo de vida islâmico, e esse gesto, relativizado em outras nações muçulmanas, é tratado como essencial pelo governo de Teerã. Ao ponto de que as mulheres flagradas sem a vestimenta são sujeitas a prisão, multa e/ou chibatadas, como diz a repórter Caroline Hawley, em matéria para a BBC, de 2024.

Não usar o véu, mesmo quebrando a lei do país, é uma forma de protesto, de resistência. O resistir, aqui, não vem de pegar em armas literais para enfrentar o poder estabelecido, mas de atos simbólicos que têm grande peso cultural. Uma das mulheres entrevistadas por Hawley disse que há um simbolismo por detrás do (não) uso do véu, já que forçar o uso da vestimenta “é o mecanismo do regime para reprimir as mulheres no Irã. Se esta for a única forma de poder protestar e dar um passo pela minha liberdade, vou fazer isso.” (Donya *In* Hawley, 2024).

Em outras palavras, o simples fato de deixar os cabelos à mostra, algo tão comum na cultura brasileira, representa uma afronta ao machismo, paternalismo e

controle do Estado. Lançaremos uma pergunta à qual responderemos nas Considerações Finais: Atos de resistência cultural, como não usar o véu, no caso das iranianas, tornam essas pessoas menos parte da sua comunidade? O personagem-narrador Matt Ortile, como vimos acima (vide página 188), não usa o *Barong Tagalog*, uma vestimenta tipicamente filipina, por um consciente esforço de aculturação e assimilação à cultura *mainstream* estadunidense. Tal atitude de Ortile o faz mais ou menos filipino (ou americano)? Desenvolveremos a hipótese para podermos chegar a conclusões na parte final deste estudo.

Aproveitando a riqueza da literatura *balikbayan* à nossa disposição para esta tese, usemos uma parte do conto *Miracle Worker*, do livro *In the Country* (2015), de Mia Alvar. Uma amiga de Salvacion, a protagonista do conto, comentando sobre outras OFWs que estavam se unindo em um tipo de sindicato, para exigir do governo bahreinita critérios mínimos de idade e salário para os estrangeiros que iam trabalhar temporariamente no país do Golfo Pérsico, menciona uma suposta e inusitada greve que teria acontecido na Itália:

O sindicato havia aventado outras estratégias, mais sutis. Retendo sorrisos, por exemplo. Isso havia funcionado para um grupo de caixas na Itália, omitindo um gesto pessoal que não aparecia em lugar algum das suas descrições de funções, mas que, mesmo assim, deixou a gerência de joelhos. ‘É hora deles sentirem’ Minnie disse, muito baixo, como uma criança aprendendo a falar. ‘Como a vida deles seria sem nós. Como este pedaço de areia afundaria no Golfo Pérsico!’. Os protestos que eu participei, quando mais jovem, soavam muito daquele jeito (Alvar, 2015, p. 42)<sup>235</sup>.

A veracidade do insólito ato não foi comprovada pelas fontes acessadas neste estudo, reforçando a possibilidade de ser mais um elemento da fértil imaginação de Mia Alvar. Contudo, a estratégia nos parece um exemplo inequívoco de resistência cultural. Se o sorriso, um ato comum a todo ser humano, mas mais comum a alguns povos (Khazan, 2017), pode ser usado como uma forma de pressionar os patrões por

---

<sup>235</sup> The union had floated other, subtler strategies. Withholding smiles, for one. It had worked for a group of cashiers in Italy, omitting a personal gesture that appeared nowhere in their job descriptions but nonetheless brought management to its knees. ‘It’s time they felt it’ Minnie said – softly, like a child learning to speak. ‘How their lives would be without us. How this piece of sand would sink into the Arabian Gulf!’. The rallies I attended in my youth had sounded a lot like that.

melhores salários, então qualquer ato que contrarie a norma comportamental de certo grupo pode ser visto como resistência cultural.

Logo adiante, vemos que Minnie se pronuncia de forma muito tímida. Comparada pela narradora a uma criança que aprende a falar. Empoderada pelo ato de italianos, habitantes de um país tão distante do seu próprio e da nação onde estava trabalhando, a *OFW* parece começar a encontrar sua própria voz, tal qual uma criança. Em uma frase que beira a auto-grandiosidade, Minnie prevê que a nação do Golfo Pérsico, chamada por ela de pedaço de areia, em claro sentido de afronta, afundaria sem o suporte dos imigrantes filipinos.

A previsão catastrófica imaginada por Minnie nos remete a um *mockumentary* (documentário fictício, tradução livre) estadunidense de 2004, chamado *A Day Without a Mexican* (*Um Dia Sem Mexicanos*, no título em português), criado pelo diretor mexicano Sergio Arau. Na produção, a Califórnia acorda um dia e, magicamente, todos os mexicanos sumiram da face do estado. Mais importante do que pormenores do enredo ou a impossibilidade do fato, é o grande exercício de resistência cultural por trás do projeto (assim como o *mockumentary* em si). Se retirarmos algum elemento do *status quo*, no caso do documentário, imigrantes, então o sistema pode, sim, ruir. Ainda falando da produção audiovisual estadunidense, os imigrantes mexicanos fazem trabalhos muitas vezes não reconhecidos, ou mesmo invisíveis.

A protagonista Salvacion diz que o discurso da amiga a faz lembrar do que já experimentara na juventude, os protestos dos quais participara. Pelo restante do conto, é possível corroborar a afirmação da narradora, pois ela se recorda de atos de protesto que fizeram parte do seu tempo de faculdade. Assim, fica mais óbvio de que comparar sua amiga a uma criança não é crítica ou (ma/pa)ternalismo, mas que ela pode estar vendo na colega o gérmen de um movimento maior.

Mais adiante, a narradora continua a pensar na sua existência privilegiada no Bahrein, especialmente em comparação às suas amigas *OFWs*. Como há todo um mundo por trás, que trabalha silenciosamente. O questionamento que fica implícito é: Até quando dura este *status quo* harmonioso? Qual elemento de resistência cultural poderia ser o catalisador a derrubar todo o castelo de cartas que forma a hierarquia social do Bahrein?

Eu fiquei fascinada pela história da Minnie sobre os caixas italianos. Sua íntima, mas feroz rebelião. A trabalhadora mais quieta e dócil poderia, atrás do seu avental, estar afiando uma faca. Eu comecei a

imaginar todas armas macias, sutis que um trabalhador pode usar. Evitar o contato visual, talvez, mesmo enquanto diz *sim* a uma ordem; completar todas as suas obrigações de forma bem devagar, como se movendo debaixo d'água. Eu prestei melhor atenção: Ao homem que embalava meu peixe em papel marrom no Mercado Central; ao garçom que pegou meu pedido e do Ed em um restaurante perto do Diplomat Hotel. Eu fiquei incomodada de pensar que nossa vida era construída nas suas costas, que mesmo a equipe do Ed no oleoduto deve ter desejado a sua queda, em um momento ou outro. Meu instinto, minha memória muscular ficava, ainda, ao lado do mais fraco. Se as Minnies do mundo se sentiam injustiçadas, eu estava ao lado delas; eu nunca tive um creme para a pele feito de caviar em toda a minha vida (Alvar, 2015, p. 44)<sup>236</sup>.

Consideramos toda a passagem acima como exemplos e reflexões sobre resistência cultural. Para começarmos, ela chama o ato dos italianos de feroz, de rebelião. Se alguém se rebela, é natural imaginar que tal ato seja uma resistência à autoridade imposta por outrem.

A seguir, a narradora traz importantes imagens com ramificações muito interessantes. Ao pensar na trabalhadora (lembrando que já estabelecemos o fato de a vasta maioria das *OFW* ser do sexo feminino) afiando a faca por trás do seu avental, imediatamente imaginamos uma empregada doméstica de uniforme, o que nos remete a outras imagens de empregados filipinos usados nas obras analisadas. Além disso, ao afiar a faca enquanto usa o uniforme, mostra que a resistência pode estar tomando forma a qualquer momento. É diferente, por exemplo, do conto de Alvar (2015), *In the Country*, no qual uma enfermeira consegue lançar uma greve. A partir do momento que as trabalhadoras cruzaram os braços e interromperam o trabalho, a resistência cultural existe, mas já não é mais feita por trás do avental. Ela é aberta. Não obstante, esse ainda não é o caso com relação aos trabalhadores no Bahrein.

Para Salvacion, a situação no país do Golfo ainda é, se for o caso, incipiente. A voz metafórica dos trabalhadores, como a de Minnie, é semelhante à de uma

---

<sup>236</sup> "I was mesmerized by Minnie's story of the Italian cashiers, their intimate but fierce rebellion. The quietest, most docile worker could, behind her apron or her uniform, be sharpening a blade. I began to imagine all the soft, subtle weapons a worker might employ. Avoiding all eye contact, perhaps, even while saying yes to an order; completing one's duties very slowly, as if moving underwater. I paid closer attention: to the man wrapping my fish in brown paper at the Central Market; to the waiter who took my order and Ed's at a restaurant near the Diplomat Hotel. It bothered me to think our life was built upon their backs, that even Ed's crew at the pipelines must have wished for his downfall at some point or another. My instinct, my muscle memory, stood with and for the little guy, still. If the Minnies of the world felt wronged, I was on their side; I'd never owned a skin cream made of caviar in my life"

criança. Mal pode ser ouvida e, pior, facilmente ignorada. Como já abordamos em outro ponto deste estudo, a narradora vê a si mesmo e ao marido como “capatazes”, intermediários entre os chefes árabes e os trabalhadores filipinos (vide página 161). Há, permeando toda a passagem, uma culpa por estar naquela posição, ainda mais ao notar as condições abismais em que vivem muitos de seus compatriotas. Seria aqui um bom espaço para discussões de classe, mas elas fogem ao nosso escopo, e entram como sugestão para possível estudo futuro.

Ainda em um exemplo de resistência cultural silenciosa (bem como em um senso de pertencimento aos seus concidadãos), Salvacion explica que os presentes caros que recebe da patroa (como o creme mencionado na passagem) são repassados à amiga filipina, que, por sua vez, os envia para os parentes em Manila, reunindo, de uma só vez, elementos exaustivamente abordados por nós, como as *balikbayan boxes*, o *Utang Na Loob* e o forte senso de comunidade filipino. Reforçando a ideia de que repassar os presentes era um ato de resistência, temos a seguinte frase da narradora: “Robin Hood os teria redirecionado para aqueles que trabalhavam mais duro ou que tinham mais que ele. Eu não os merecia, mas alguém, sim” (Alvar, 2015. p. 45)<sup>237</sup>. Comparar-se ao mito do *ladrão de ladrões* nos mostra como a consciência de Salvacion pesava e a narradora fazia, do seu jeito, uma resistência cultural.

O livro *Cultural Politics and Resistance in the 21<sup>st</sup> Century: Community-Based Social Movements and Global Change in the Americas* (Política Cultural e Resistência no século 21: Movimentos Sociais Comunitários e Mudança Global nas Américas, tradução livre), editado pelas sociólogas Kara Z. Dellacioppa e Clare Weber, de 2012, cita vários exemplos de resistência cultural, e nas suas conclusões fazem um apanhado interessante para nosso entendimento do conceito de resistência cultural:

Nos Estados Unidos, o movimento universitário VOZ adotou o conceito zapatista de caracol como uma forma de ser inclusivo e entender a opressão como interconectado. Contudo, no capítulo 4, Govea contrasta o ponto de vista feminista dos alunos do movimento VOZ com os *Rancheros Unidos*, que abraça o zapatismo como forma de resistência cultural à cultura dominante dos Estados Unidos sem examinar criticamente a exclusão e força ao longo das linhas de gênero (...) Uma nova forma de hip-hop Chicano/a conecta as agruras em Los Angeles e América Latina, ligando resistência cultural à luta

---

<sup>237</sup> “Robin Hood would redirect them to those who worked harder or had less than he. I didn’t deserve them, but someone did”

por justiça social contra o neoliberalismo. Marquez demonstra a importância da cultura hip-hop como ferramenta de organização. (Dellacioppa; Weber, 2012, p. 178)<sup>238</sup>.

O recorte que fizemos da obra de Dellacioppa e Weber serve mais como ilustração do que foi tratado até aqui do que explicação propriamente dita para as teorias. Acreditamos já ter explicado o suficiente para embasarmos nosso entendimento. Contudo, os exemplos vindos de mexicanos-americanos reforçam alguns pontos que nos facultam abordar. Primeiramente, o movimento estudantil Vox vê a opressão como interconectada, da mesma maneira como Salvacion nos demonstrou a rede silenciosa que funciona para que o Bahrein siga de pé. O conceito zapatista de *caracóis* é traduzido pelas autoras como um coletivo (*collective*, no original), apesar de não considerarmos útil para a pesquisa nos enfrontarmos no assunto. O importante é que o conceito engloba, também, a ideia de andar para frente, fazendo progresso, mesmo que devagar como um caracol. Já os *Rancheros Unidos* (Fazendeiros Unidos, tradução livre) são um grupo de fazendeiros e ativistas locais de Los Angeles, aparentemente menos focado no feminismo e mais nas ações comunitárias zapatistas (Dellacioppa; Weber, 2012). Por fim, o uso do hip-hop como ferramenta aglutinadora muito nos interessou, por ser ao mesmo tempo uma forma de expressão/produção cultural, e ato de resistência, unindo os dois pontos abordados neste capítulo.

Acreditamos que os exemplos citados falam por si só, mas é importante reforçar que, assim como não há definição engessada para cultura ou resistência cultural, qualquer movimento, por menor que seja, pode ser incluído no termo estudado neste subcapítulo. Negar um sorriso, devolver um presente, cumprir as ordens na menor velocidade possível. Todos são válidos, todos têm o poder de mudar o mundo de

---

<sup>238</sup> “In the United States, college student members of Voz adopted the Zapatista concept of *caracol* as a way to be inclusive and understand oppression as interconnected. However, in Chapter 4, Govea contrasts the Voz students’ feminist standpoint with *Rancheros Unidos*, which embraces Zapatismo as a form of cultural resistance to the dominant culture in the United States without critically examining exclusion and power along gender lines (...) A new form of Chicano/a hip-hop connects struggles in Los Angeles and Latin America, linking cultural resistance to the fight for social justice against neoliberalism. Marquez demonstrates the importance of hip-hop culture as an organizing tool”

Minnies ao redor do planeta. Nunca sabemos qual será aquele que dará início ao processo revolucionário.

Continuemos agora a analisar as produções literárias *balikbayan*, mas especialmente através do conceito de raça (ou etnia). Usaremos a *filipinidade*, a cor da pele dos filipinos, descrita como “marrom” em várias publicações, inclusive nos três livros estudados como um diferencial e elemento identitário. Além disso, nos debruçaremos, a seguir, como a raça/etnia, a noção ou orgulho dela pode ser, dentro das obras de Alvar (2015), Castillo (2018) e Ortile (2020), um elemento de resistência.

## 5.2 RESISTÊNCIA ATRAVÉS DA RAÇA/ETNIA

Acreditamos começar, aqui, o (sub)capítulo mais espinhoso desta tese. Será necessário usarmos todos os recursos acadêmicos possíveis para que nossas hipóteses e análises não sejam alvo de, com perdão do trocadilho, *resistência*, em nome de visões encapsuladas ou confrontos gratuitos.

É importante separar dois termos que serão definidos antes mesmo das análises começarem. São eles: *Etnia* e *raça*. Somente após havermos estabelecido as diferenças entre os dois e, esperamos, satisfatoriamente conseguirmos mostrar a nossa real intenção sem gerar ruídos ensurdecadores e desnecessários, poderemos seguir adiante e encontrar passagens nas três produções literárias *balikbayan* que reforcem ou contradigam nossas presunções.

Primeiramente, abordaremos o livro organizado pelo sociólogo John Scott, *Sociologia: Conceitos-Chave*, de 2010, para guiar nossos estudos. Junto com o trabalho de Scott, referenciaremos a *Encyclopedia of Race, Ethnicity, and Society* (Enciclopédia de Raça, Etnicidade e Sociedade, tradução livre), de 2008, editado pelo também sociólogo Richard T. Schaefer.

O que Scott (2010) nos oferece como início da teoria de raça é quando Johann Friedrich Blumenbach, publicou *De generis humani varietate nativa* (sobre a variedade natural da espécie humana), em 1775. Havia, segundo o pensamento de então, “cinco raças: caucasiana (branca), mongol (amarela), etíope (negra), americana (acobreada) e malaia (morena)” (Scott, 2010. p. 166). Para Scott, é preciso entender a definição de raça acima como um produto do domínio europeu, e serviria como justificativa para horrores como a escravidão, já que as outras raças seriam inferiores ao homem branco (2010).



Ainda seguindo as definições de John Scott (2010), aprendemos que o primeiro estudioso a tentar entender e sistematizar uma teoria sobre relações entre raças foi do autor escocês chamado Robert Knox, que escreveu, no longínquo ano de 1850, um livro intitulado *The Races of Men* (As Raças dos Homens, tradução livre). Nele, Knox expressava sua crença de que o planeta possuía um número limitado de raças humanas, cada qual com suas habilidades e atributos. Cada raça adaptada a um clima diferente, como os africanos ao quente, os europeus ao frio, etc. E, por isso, “não poderiam ter êxito em viver fora dele. Isso deu início a uma longa série de teorização racial” (Scott, 2010, p. 166).

O que já conseguimos entender é que a raça, enquanto definidor e limitador social, é produto direto da força destruidora do colonialismo europeu, afundado em paternalismo, exalando sua suposta supremacia aos quatro cantos do mundo. As informações dos parágrafos anteriores são reforçadas pelo que diz Schaefer (2008), já que o sociólogo afirma que:

A ideia de que sociedades humanas podem ser divididas em distintos e geneticamente diferentes grupos raciais tem um longo pedigree. Apesar de esta assunção ter sido desacreditada por evidência científica há muitas décadas, o conceito de raças continua a viver em muito da imaginação popular. Uma das melhores abordagens para demonstrar que grupos sociais são socialmente construídos é ver as muitas maneiras nas quais a categorização de tais grupos acontece e as muitas formas que a dinâmica do conflito racial exhibe (Schaefer, 2008, p. 1146)<sup>239</sup>.

O primeiro a ser dito acerca das palavras de Schaefer, aproveitando também o que foi reunido de Scott, é que não existe, nem jamais trabalharemos com qualquer menção a raça enquanto um *subgrupo* humano. Assim, se for visto adiante ou já foi visto neste texto qualquer uso da palavra, ela é meramente enquanto uma construção social. Caso fosse possível e não infringisse as regras estabelecidas pela ABNT, reescreveríamos o pensamento acima em letras maiúsculas e negrito.

---

<sup>239</sup> The idea that human societies can be divided into distinct and genetically different racial groups has a long pedigree. Although this assumption has been discredited by scientific evidence for many decades, the concept of race lives on in much of the popular imagination. One of the best approaches to demonstrate that racial groups are socially constructed is to view the many ways in which the categorization of such groups takes place and the many forms that the dynamics of racial conflict exhibit.

Entendemos toda e qualquer alusão a raça enquanto uma forma de identidade, ou um grupo social. Como será visto em tabela 01, criada por nós, as três obras analisados trazem a palavra raça (*race*, no original), e sempre com o mesmo sentido defendido pelos autores acima. Dissemos anteriormente e reiteramos que a liberdade de pensamento e expressão esbarram e sempre esbarrarão nos direitos individuais. Explicar raça enquanto um grupo humano superior ou inferior a outro, por meros níveis de melanina, impinge à sociedade um pensamento retrógrado e criminoso.

Reforçamos a teoria trazendo à discussão os pensamentos da advogada, professora e diretora da faculdade de Direito da *Boston University*, Angela Onwuachi-Willig, que escreveu, em 2016, um artigo para o jornal *New York Times* falando justamente sobre a raça enquanto construção social. Para a professora, o conceito de identidade racial<sup>240</sup> é fluido, e a forma como alguém se vê pode variar com experiência e o passar do tempo. “Uma pessoa que poderia ser categorizada como negra nos Estados Unidos poderia ser considerada branca no Brasil ou *colored*<sup>241</sup> na África do Sul” (Onwuachi-Willig, 2016)<sup>242</sup>.

E é através desse conceito fluido, de identidade racial, que veremos a questão racial, afastando-nos de vez da discussão decrépita da divisão da humanidade em raças, como aquela proposta em 1775. Ainda, no nosso trabalho, há uma convergência entre os termos raça e etnia/etnicidade. Scott (2010) nos diz que:

Etnicidade é uma identidade autoconsciente e reivindicada que é compartilhada com outros com base na crença em uma ascendência comum, pode ter relação com país de origem, língua, religião ou costumes, e ser moldada pelo contato com outros e por experiência de colonização ou emigração. Trata-se, contudo, de um conceito ardiloso que, como assinalou Weber, não pode ser facilmente submetido a uma análise sociológica rigorosa, devido à dificuldade de precisar sua definição ou estabilidade ao longo de diferentes contextos. Também se funde muitas vezes, tanto conceitualmente

---

<sup>240</sup> Na entrevista original, a professora trabalha raça e identidade racial como conceitos distintos. Já que nosso objetivo é trabalhar identidade, e pertencimento (*belonging*), é na identidade racial que focamos a análise.

<sup>241</sup> “Na África do Sul, *colored* (literalmente ‘colorido’, em português), é uma palavra usada para descrever alguém cujos pais são de raças diferentes. Esta palavra é hoje considerada ofensiva por algumas pessoas” (Cambridge Dictionary, 2024) “In South Africa, a word used to describe a person whose parents are from different races. This word is now considered offensive by some people”

<sup>242</sup> “a person who could be categorized as black in the United States might be considered white in Brazil or colored in South Africa”.

quanto na utilização, com determinadas interpretações sobre raça (Scott, 2010, p. 87).

Já nas primeiras linhas da citação de Scott, vemos que muito do que imaginamos como raça dentro das obras é mais próximo de etnia. E, de fato, não fosse por já termos feito tantas referências a *raça* dentro das obras, substituiríamos automaticamente o termo por *etnia*. Não obstante, o próprio sociólogo afirma que é uma palavra de conceituação difícil, muito frequentemente fundindo-se com as ideias de raça. Assim sendo, esperamos ter justificado, com apoio suficiente, nossas escolhas para falar da identidade filipina, e o que buscamos encontrar nos livros.

Tornou-se parte da nossa hipótese afirmar que o uso de “marrom” (*Brown*, no inglês) para se referir à própria pele, ou identidade, é uma forma arguta de se apropriar de um termo usado originalmente como ofensa, e transformá-lo em fonte de orgulho. Agora, criamos uma tabela que mostrará todas as vezes que os três autores fizeram uso de termos que, com o suporte de tudo o que já estudamos até aqui, têm peso racial/étnico. A pesquisa foi feita através da versão das três obras em formato *Kindle*, o que nos permitiu um trabalho acurado e mais simples do que seria com o texto impresso.

Como parte da nossa preparação para esta tese, adquirimos as versões impressas e em formato *Kindle* de todas as obras. Com a opção de “buscar”, dentro do *e-reader*, é possível encontrar termos específicos e a página em que tal palavra é localizada no livro físico. Após fazer o teste com termos dos três livros, podemos dizer que o processo é preciso e pode ser confiável.

Selecionamos as seguintes palavras (e suas variações) para fazermos o levantamento dentro das obras. Estabelecemos 7 categorias que consideramos relevantes e as colocamos em ordem alfabética, antecedidas por números para facilitar o trabalho posterior de análise e leitura: 1-Asian (asiático); 2-Brown (Marrom); 3-Ethnic (Étnico); Mexican (Mexicano); 4-Filipino/a; 5-*Mestizo*; 6-*Race/Racial* (Raça, Racial); 7-*White/Light skin* (Branco, pele clara). As escolhas serão defendidas após a exposição da tabela e durante sua interpretação.

Os termos buscados foram mantidos em inglês pois esta é a língua das produções literárias, na qual foram lidas para este estudo, e de forma a respeitarmos a multiculturalidade que permeia toda esta tese. Reforçamos a hipótese de que

palavras estrangeiras nem sempre podem ser traduzidas com acurácia, e preservam seu sentido ao serem usadas no seu idioma original.

Após a apresentação da tabela, conseguiremos chegar a algumas conclusões sobre a importância de alguns dos termos para as histórias, e extrapolá-las para nosso estudo da cultura filipina como um todo.

Tabela 1: Palavras relacionadas a raça/etnia e suas menções nos livros:

	In the Country	The Groom Will Keep His Name	America is Not The Heart
1 - Asian	0	71	2
2 - Brown	14	37	2
3 - Ethnic	1	5	0
4 - Filipino/a	47	197	87
5 - Mestizo/a	0	16	5
6 - Race/Racial	1	20	0
7 - White/Light Skin	25	174	49

FONTE: Produção Própria.

É natural que os números da tabela acima sejam maiores no *mémoir* de Ortile (2020), que traz uma discussão aberta sobre raça, etnia e resistência cultural, desde o seu título. Em nenhuma das categorias criadas por nós ele tem menos citações que as outras duas autoras, que escreveram romances com histórias fictícias de terceiros. Por mais que haja a presunção de ficcionalidade, como em qualquer *mémoir*, Matt Ortile conversa diretamente com o leitor, muitas vezes compartilhando detalhes discutivelmente necessários da sua vida sexual, como será visto no próximo subcapítulo, o que acreditamos ser mais uma camada da sua existência *pinoy, queer, balikbayan*. Enquanto os outros dois romances têm a identidade filipina como pano-de-fundo, Ortile não nos deixa esquecer por um segundo do que está falando. E o melhor exemplo está na impressionante quantidade de vezes que ele usa “filipino/a” e variações, 197 vezes, ou em 61% das páginas.

A categoria 1, *Asian* (asiático/a), foi selecionada pois queríamos entender se há, no recorte de literatura *balikbayan* feito para esta tese, a noção de que o filipino é asiático, mesmo com o fato inegável de que o arquipélago, geograficamente, está no

mesmo continente que China, Índia e Japão. Entendemos, pela tabela, que há somente no trabalho de Ortile (2020) um grande reconhecimento da identidade asiática. No livro de Alvar (2015) simplesmente não há menção, e no de Castillo (2018), somente duas vezes, *en passant*.

Ao nos lembrarmos do livro de Anthony Ocampo, *The Latinos of Asia: How Filipino Americans Break The Rules of Race* (2016), sabemos que o autor trabalha a complexidade encontrada na inclusão dos filipinos dentro da identidade asiática. E dá o próprio exemplo, enquanto *balikbayan* nos Estados Unidos. Para contextualização, teremos, na citação abaixo, uma ocasião quando Ocampo, ainda estudante de doutorado, tentou se inscrever para um estudo científico que buscava analisar o uso de álcool por cidadãos de etnia asiática, e pelo qual pagaria o valor de U\$215,00:

Este estudo foi feito sob medida para mim. Dado o estresse típico da vida de doutorado, meus colegas e eu não éramos estranhos aos bares locais e, como filipino, minhas raízes étnicas eram da Ásia. Estes seriam os mais fáceis duzentos dólares que eu jamais ganhei na vida, eu pensei. Aparentemente, eu estava errado. Eu liguei para a coordenadora do estudo para marcar uma reunião para a próxima segunda, mas antes de desligar o telefone, eu mencionei que era filipino. Foi aí que tudo veio morro abaixo. 'Eu sinto muito, mas você não é elegível para o estudo', a coordenadora disse. 'Por que não?', eu perguntei. 'Porque nós podemos ter apenas participantes chineses, japoneses e coreanos no estudo'. 'Mas eu sou filipino. Seu panfleto disse que buscava participantes asiático-americanos'. 'Sim, mas nós precisamos de uma amostra geneticamente similar' (...) Eu sabia que o argumento da genética era uma falácia. Qualquer um que tenha feito Introdução à Sociologia sabia que raça é um construto social, não genético. Pessoas, não a biologia, determinam as categorias raciais (Ocampo, 2016, p. 10)<sup>243</sup>.

---

<sup>243</sup> This study was tailor made for me. Given the typical stresses of PhD life, my fellow grad students and I were no strangers to the local bars, and as a Filipino, my ethnic roots were from Asia. This would be the easiest two hundred bucks I'd ever make in my life, I thought. Apparently, I was wrong. I called the study coordinator to set up an appointment for the following Monday, but before I hung up the phone, I mentioned that I was Filipino. This was when everything went downhill. 'I'm sorry, but you're not eligible for the study', the coordinator said. 'Why not?' I asked. 'Because we can only have Chinese, Japanese, and Korean participants in the study'. 'But I'm Filipino. Your flyer said it wanted Asian American participants'. 'Yes, but we need a genetically similar sample' (...) I knew the genetics argument was bogus. Anyone who's taken Introduction to Sociology knows that a race is a social construction, not a genetic one. People, not biology, determine the meaning of racial categories.

Vemos, imediatamente, que OCampo se considera asiático pelo fato óbvio de que seu país de nascimento, as Filipinas, encontra-se no continente em questão. Ele enxergava suas raízes étnicas como asiáticas. O mesmo acontece com Ortile (2020), dado o aumentado número de vezes que o gentílico foi usado no seu *memoir*, no contexto de identidade racial. Pelo que foi dito, a coordenadora do estudo pensa como muitos: Asiáticos são chineses, japoneses e coreanos. Filipinos, malaios ou mesmo indianos não pertencem a esse grupo. Houve ali um choque de visões: De um lado, o sociólogo, pesquisador, autor e professor universitário Anthony OCampo, que nascera nas filipinas e tem consigo o mesmo entendimento que nós: Raça/etnia é um agrupamento cultural, elástico. Do outro, a coordenadora do estudo, que buscava provar alguma teoria científica sobre o uso do álcool com base na ideia de *raça* na concepção de séculos atrás, dividida em traços genéticos comuns.

Afinal, o filipino é asiático ou não? Deixaremos as conclusões detalhadas para a seção Considerações Finais, mas nos parece claro, em suma, que sim, filipinos são asiáticos. Não por compartilharem genética ou formato dos olhos, mas porque convencionou-se agrupá-los com outros povos do continente, e eles dividem elementos culturais que podem embasar tal asserção.

Por tudo isso entendemos que o aspecto asiático da identidade *pinoy* existe, mas ele está no fundo. É algo sabido, mas não necessariamente explicitado todo o tempo. Como um paralelo, podemos pensar como nós, brasileiros, sabemos que somos latinos, mas não nos referimos a isso com a mesma frequência que nossos vizinhos *hispanoablantes*.

Com relação às categorias 2 -Brown (Marrom) e 7-White/Light Skin (Branco, pele clara), bem como suas variações, nós tivemos o cuidado e método de analisar todas as citações, para excluirmos sempre que as cores aparecessem não como uma definição racial/étnica/cultural, mas como a descrição de um objeto, por exemplo. No livro de Alvar (2015), há a menção a um personagem com sobrenome Brown. Para limitarmos as análises, o sobrenome não foi incluído na contagem, mesmo que reconheçamos que há, sempre, espaço para interpretações.

Porém, na categoria 2, *Brown* (marrom), há uma presença maior, inclusive em *In The Country* (2015), e todas as vezes incluídas na tabela foram explicitamente referentes à cor da pele/etnia/raça. Como por exemplo, no conto *Legends of the White Lady*, sobre a modelo estadunidense que vai trabalhar nas Filipinas. A protagonista

comenta sobre a amiga filipina, da mesma profissão, que “trouxe para casa um homem branco que afirmava só sair com mulheres marrons”<sup>244</sup> (p. 63). No exemplo específico, Sabine, amiga da protagonista, é considerada *brown*. Porém, algumas linhas antes, ela foi considerada *white*, por um outro homem com quem saíra. A mesma pessoa pode ser vista em categorias diferentes, dependendo de quem observa.

Notamos que as únicas categorias em que há citação ao largo das três obras são a 2, 4 e 7. Enquanto a 4, *Filipino/a* é uma referência direta ao país, assim como seria o gentílico brasileiro/a para nós, *Brown* e *White/Light Skin* (Branco/Pele Clara) são especificamente sobre cor, e frequentemente usadas. Isso nos leva a crer que, dentro do recorte escolhido, há menos atenção ao senso de pertencer à Ásia e muito mais um peso da cor da pele enquanto categoria para os *pinoys*.

A categoria 4 incluiu também a palavra *pinoy*. Ela estava presente em todos as três obras, mas consideramos desnecessário criar uma categoria à parte, já que a palavra incorpora o espírito filipino. Já com relação ao nome *Filipinas*, como o país era conhecido durante a colonização espanhola, foi excluído da contagem. O texto de Ortile (2020) fez referência ao nome *Las Islas Filipinas*, mas não entrava no contexto da identidade *pinoy*.

O que depreendemos da tabela, com relação a como os *balikbayan* se veem, baseados na categoria 4, é que a identidade filipina, enquanto identidade nacional, é ponto pacífico e comum a todos os cidadãos do arquipélago, estejam eles no país ou fora dele. É um centro gravitacional ao redor do qual todos os *pinoys* giram.

Com relação à categoria 5-Mestizo/a nós consideramos também duas vezes em que a palavra *tisoy*, tagalog para mestiço, foi usada em *America is Not The Heart* (2018). Nas palavras de Ortile (2020), a ideia do filipino *mestizo* é “um artefato deste sistema de estratificação, uma organizada pela proximidade da branquitude”<sup>245</sup> (p. 102) e continua, ao explicar que, hoje em dia, nas Filipinas, “uma pessoa de raça-mista possui e representa a mobilidade de classe oferecida a pessoas que são de pele clara, um privilégio frequentemente negado àqueles de pele escura”<sup>246</sup> (p. 102), a maioria da população do arquipélago.

---

<sup>244</sup> “Brought home a White man who claimed he only dated brown women”.

<sup>245</sup> “An artifact of this system of social construction, one organized by proximity to whiteness”

<sup>246</sup> “A mixed-race person possesses and represents the class mobility offered to people who are light skinned, a privilege often denied those are dark-skinned”

Ao pensarmos as Filipinas como um país majoritariamente de pele escura, deve ser levado em consideração uma mestiçagem de forte presença, o que pode ser comprovado pelas passagens tanto na obra de Ortile (2020) quanto na de Castillo (2020). Inclusive, nesta última, fazendo uso de um termo específico da língua tagalog, reforçando ainda mais a unicidade da cultura filipina. Com os fatos expostos, nós nos lembramos da pesquisadora e professora da Universidade Federal de Juiz de Fora, Silvina Carrizo. Em seu artigo intitulado *Mestiçagem*, parte do livro *Conceitos de Literatura e Cultura*, organizado por Eurídice Figueiredo, de 2010, a professora aborda a mestiçagem dentro da cultura brasileira, mas enxergamos elementos que podemos trazer para a discussão *pinoy*. Para Carrizo, a mestiçagem “atinge seu clímax ao ser proclamado como categoria identitária de uma nação e/ou um continente” (p. 262). A singularidade da mistura de etnias, enquanto tratada por Carrizo (*in* Figueiredo, 2010) como um elemento agregador, mas também de “negação das exclusões sociais e econômicas” (p. 286) parece ir ao encontro do que Ortile chama de um artefato da estratificação social. O que é, para nós, inegavelmente comum entre o autor *pinoy* e a pesquisadora, é a visão crítica da mestiçagem enquanto um elemento de identidade nacional.

Ortile mostra que o *mestizo* filipino está mais próximo do branco, e, por isso, tem mais mobilidade social. Estão mais pertos do topo da pirâmide socioeconômica, por terem a pele mais clara. De forma metafórica, estão mais perto do paraíso branco do que o purgatório que vive a maioria de pele escura.

A categoria 6-Race/Racial, foi uma tentativa nossa de descobrir se a questão racial é abordada nas obras. Vemos que, com a já notória exceção de Ortile, ela é tratada mais discretamente nos outros dois romances. Algo parecido ocorre com a categoria 3-Ethnic, pouco presente nas obras de Alvar e Castillo. O que concluimos, baseados na tabela e na leitura dos livros, é que termos como etnia ou raça são pouco presentes no dia-a-dia enquanto uma discussão aberta da vida *pinoy*. Os elementos podem ser vistos, mas não são, necessariamente, nomeados constantemente. Talvez, a discussão sobre raça e etnia estejam mais nas elucubrações acadêmicas, enquanto o *pinoy*, o *mestizo* e o *moreno* estejam mais ocupados com a própria existência e seus desdobramentos pouco privilegiados.

Por fim, a categoria 7-White/Light Skin é a segunda mais mencionada, perdendo somente para 3-filipino/a. Esse fato foi uma surpresa ao analisarmos a



tabela. Apesar de reforçar a importância que a cor da pele tem dentro da cultura do arquipélago, chamado até mesmo de hierarquização por Ortile (2020), não nos parecia que seria tão comum e relevante dentro das histórias contadas. Se ainda não foi possível (talvez nunca seja) definir a *filipinidade*, nós temos grandes indícios de que ela passa pela categorização da cor da pele, em que pese todo o colonialismo gritante dessa realidade. Mais importante do que ser asiático, o nome da raça ou etnia, é relevante para o *pinoy*, *balikbayan* ou não, quão branca é a sua pele, para identificar-se dentro da estrutura imaginária do país Filipinas.

Houve a tentativa, mal-sucedida, de incluir a categoria *Mexican* (mexicano), por conta da histórica relação entre os dois países (vide capítulo 1). Não obstante, não encontramos citações relevantes a este estudo, que merecessem abordagem e análises. Mesmo assim, talvez tenhamos sido influenciados por uma passagem do livro de Castillo (2018), que fala sobre como os filipinos são, muitas vezes, confundidos com mexicanos. Na citação a seguir, temos uma conversa entre Roni, filha do casal Paz e Pol, e Hero, a prima filipina, imigrante sem documentos nos EUA, que trabalha em tempo parcial como babá de Roni:

‘Filipinos não são realmente asiáticos?’ Hero olhou duas vezes. ‘O quê? Quem te falou isso?’ ‘Alison Teng. Ela disse que vai a Shanghai todo verão. Eu disse que já fui à Ásia uma vez, também, e ela disse que filipinos não são asiáticos de verdade, então as Filipinas não contam’. Hero não sabia o que dizer a isso, então Roni continuou. ‘Ela disse que nós somos mais mexicanos, e a única garota da escola que eu gosto realmente é mexicana. Alicia Galvez. Ela vive em San Jose e sou convidada à casa dela o tempo todo. Isso significa que não somos asiáticos?’<sup>247</sup> (Castillo, 2018, p. 392).

A pergunta de Roni é capciosa e, se tivesse uma única e definitiva resposta, não teríamos tanto a trabalhar nesta tese. Contudo, enxergamos aqui mais um confronto entre visões de raça, etnia, e o que significa ser asiático. Anthony Ocampo (2016) disse que fora recusado em um estudo que incluía apenas asiáticos. Já a

---

<sup>247</sup> “‘Are Filipinos not real Asians?’ Hero did a double take. ‘What? Who told you that?’ ‘Alison Teng. She said she goes to Shanghai every summer. I said I’ve been to Asia once, too, and she said Filipinos aren’t real Asians so the Philippines doesn’t count’. Hero didn’t know how to respond to that, and Roni kept going. ‘She said we’re more like Mexicans. And the only girl I like in school is Mexican. Alicia Galvez. She lives in San Jose and I’m invited to her house whenever. Does that mean we’re not Asian?’”

personagem Roni não visitou a Ásia “verdadeira”, já que não é como a amiga, que visita a China todo verão.

Os filipinos, com seus sobrenomes latinos (vide capítulo 1.2), sua pele normalmente mais morena do que consideramos asiáticos (se pensamos nos japoneses, coreanos e chineses), são facilmente enxotados do continente asiático e colocados na caixa “latina”. Roni, com sua visão inteligente e típica praticidade infantil, chega à conclusão de que, se ela não é asiática, faz sentido que ela seja mexicana, já que sua melhor amiga tem origem mexicana, e ela é bem-vinda à sua casa, ou seja, é implícito que os mexicanos, representados por Alicia Galvez, abraçam e recebem os filipinos de braços abertos, ao contrário dos asiáticos.

Foram citadas, ao longo deste subcapítulo, variadas marcações de identidade. Chamem-na como preferirem: pode ser raça, etnia, etc. O importante é que, na nossa concepção, todos os termos usados pelas três obras podem ser vistos como símbolos de resistência cultural. Ao estarem no *não-lugar* identitário, na esquina da Ásia com a América Latina, os filipinos estão cravando a sua existência com cada palavra usada. Por mais que a conclusão da passagem acima, da conversa entre Roni e Hero, seja “se não são asiáticos, então são o quê?”, cremos que a resistência, a busca por uma identidade única, já seja, em si, uma identidade. Portanto, apoderar-se da dúvida, enquanto certeza identitária, já coloca os pinoy no mundo, onde já estão, diga-se de passagem, resistindo bravamente há centenas e centenas de anos.

No nosso penúltimo subcapítulo, 4.3, trataremos da sexualidade, especialmente a *queer*, e como ela serve de apoio para Castillo (2018) e, principalmente, Ortile (2020), na sua busca pelo que significa ser filipino. Há poucos elementos em Alvar (2015) que justifiquem sua inclusão na discussão, mas isso não significa que ela não será trazida para o diálogo.

### 5.3 RESISTÊNCIA ATRAVÉS DA SEXUALIDADE

Encontramos, neste subcapítulo, mais uma faceta da resistência cultural, ou qualquer ato ou ação que enfrente normas e padrões vigentes. O recorte que vamos utilizar desta vez é a sexualidade. Mais especificamente, a sexualidade que foge à heteronormatividade, simplesmente por considerarmos a identidade *queer* como um elemento mais óbvio de enfrentamento do *status quo* e, por conseguinte, dentro do escopo desta tese, de estabelecimento de uma identidade *pinoy* única.

Voltamos agora a embasar nosso estudo nas palavras do sociólogo John Scott. Para ele, sexualidade “abrange todos os aspectos da vida eroticamente relevantes – incluindo desejos, práticas, relacionamentos e identidades” (Scott, 2010. p. 182). Como todos os conceitos que já vimos, este é mais um que parece nos escapar por entre os dedos. De qualquer forma, o autor-narrador Matt Ortile (2020) se identifica como um homem gay, enquanto a protagonista do livro de Elaine Castillo (2018), Hero, é uma mulher bissexual.

Ainda segundo o sociólogo, “a sexualidade humana não resulta da repressão de um impulso inato, mas de um processo de construção social que ocorre na vida cotidiana e através dela” (Scott, 2010, p. 182). O que nos importa nas palavras do professor é que, assim como praticamente tudo o que envolve comportamento humano, ser gay, hétero, bi, ou qualquer outra denominação passa por uma construção social. Assim, quando dizemos que Matt Ortile é um homem gay, é uma categorização e até mesmo uma convenção para ordenar os desejos dele enquanto membro de uma sociedade.

Michel Foucault (1926-1984), em seu livro *A História da Sexualidade* (título original: *Histoire de La Sexualité*) diz que:

Nós não podemos esquecer que a categoria psicológica, psiquiátrica, médica da homossexualidade foi constituída a partir do momento que foi caracterizada – o famoso artigo de 1870 de Westphal, ‘sensações sexuais contrárias’ por servir como sua certidão de nascimento – menos como um tipo de relação sexual e mais como uma certa qualidade de sensibilidade sexual, um certo jeito de inverter o masculino e o feminino em uma pessoa. A homossexualidade apareceu como uma das formas de sexualidade quando foi transposta da prática da sodomia em uma forma de androginia interna, um hermafroditismo da alma. O sodomita havia sido uma aberração temporária; o homossexual era agora uma espécie<sup>248</sup> (Foucault, 1978, p. 45).

O que se entende pelas palavras de Foucault, que remetem aos seus estudos e embasam a sociologia desde então, é que a homossexualidade veio como uma

---

<sup>248</sup> We must not forget that the psychological, psychiatric, medical category of homosexuality was constituted from the moment it was characterized-westphal’s famous article of 1870 on “contrary sexual sensations” can stand as its date of birth-less by a type of sexual relations than by a certain quality of sexual sensibility, a certain way of inverting the masculine and the feminine in oneself. Homosexuality appeared as one of the forms of sexuality when it was transposed from the practice of sodomy onto a kind of interior androgyny, a hermaphroditism of the soul. The sodomite had been a temporary aberration; the homosexual was now a species

categorização, um estado humano, ao invés de apenas um impulso sexual. Se, antes, existia apenas a aberração do sodomita, hoje temos outras categorias, outras “espécies”, que vão aumentando a sigla que representa a identidade *queer*, e tenta acomodar a todos.

Scott (2010) diz que “Foucault nos permite investigar o modo como nossos prazeres são organizados por uma construção particular da sexualidade, e como e por que passamos a vê-la como ‘verdade’ intrínseca ao nosso ser” (p. 183). Isso reforça o que o filósofo francês disse, e nos permite seguir adiante, em especial à teoria *queer*.

Como explicado na Introdução, *queer* pode ser entendido, sempre sob risco de grande simplificação, como toda identidade que escape à heteronormatividade. Contudo, essa teoria revê também o binarismo imposto pela sexualidade originalmente categorizada, como gay/hétero, homem/mulher. Para Scott, “a teoria *queer* representou uma ruptura com as teorias gays anteriores, que haviam abraçado a identidade gay, vendo as identidades sexuais como fluidas, mutáveis e contingentes” (p. 184). O que entendemos aqui é que, enquanto Foucault trouxe uma importante “humanização” da (homo)sexualidade, a teoria *queer* veio borrar as fronteiras entre as sexualidades. Caixas específicas não denominam mais o que muitas pessoas sentem dentro de si, e essa singularidade precisa ser respeitada. Ser *queer* ou ser gay não são coisas excludentes, mas sim complementares.

Mary Robertson, no seu livro *Growing Up Queer: Kids and The Remaking of LGBTQ+ Identity* (Crescendo Queer: Crianças e a Reformulação da Identidade LGBTQ+, tradução livre) (2018) explica que ela usa o termo *queer* tanto para descrever “um jeito de ser no mundo que se opõe ao normal, quanto para descrever conduta e comportamento sexuais. Portanto, nem todas as sexualidades héteros são normais e nem todos os LGBTQ+ são *queer*”<sup>249</sup> (p. 6).

Dissemos, na Introdução, que a autora Elaine Castillo é bissexual, mas também se considera *queer*. Entretanto, no seu livro, *America is Not The Heart* (2018), a protagonista Hero se descreve como bissexual, mas não há menção alguma ao termo *queer* dentro do romance, o que reforça a ideia de que é uma teoria mais recente e

---

<sup>249</sup> both to describe a way of being in the world that opposes normal, as well as to describe sexual conduct and behavior. Therefore, not all heterosexual sexualities are normal and not all LGBTQ-identified people are queer.

Hero, vivendo nos anos 1990, não teria essa noção de si mesma. Consideramos um sinal de coerência por parte da autora, não inserir em um romance do século XX, conceitos que só viriam a se tornar *mainstream* mais recentemente.

Já no texto de Matt Ortile (2020) escrito apenas dois anos depois do romance de Castillo, mas sem as mesmas restrições de enredo, falando da sua própria vida (romantizada, ficcionalizada, mas sua própria vida), o termo queer aparece inúmeras vezes. Para o autor, é muito comum mencionar *queer/queerness* (a qualidade de ser queer) próximo a menções à sua condição de imigrante, o que reforça que, para nós, Matt Ortile vê sua própria identidade como uma forma de resistência à pressão *mainstream* que sofre (e, muitas vezes, à qual parece sucumbir). Em um exemplo específico, o autor-narrador diz que “dada a chance de estar com outros homens *queer*, eu não me importava tanto que eu era normalmente o único filipino nos encontros, talvez um de uma minoria de gays não-brancos” (p. 72).

O que vemos é que Matt não consegue se ver totalmente entre iguais. Nas Filipinas, como já descrevemos, ele sente falta de casa, do lar. Nos EUA, país onde se radicou cedo, ele é sempre uma minoria, um entre os poucos não brancos. A impressão que se tem é que Matt Ortile (sempre presumindo seu ponto de vista enquanto personagem-narrador) é esmagado pela Zona de Contato, no conceito de Pratt (1998). Ele não consegue ser totalmente ele mesmo em parte alguma, sempre pressionado pela cultura filipina, de onde veio, e dos EUA, para onde foi. Não obstante, como trataremos logo adiante, ele parece lutar com todas as forças para encontrar um local seguro para si, e se recusa a entregar a identidade total (mesmo admitindo uma aculturação com esforço para perder seu sotaque, já abordados por este estudo).

Um aspecto que já fora muito importante na existência homossexual, especialmente entre os homens gays, parece ter perdido relevância nos últimos tempos. No livro *Gender Issues and Sexuality* (Problemas de Gênero e Sexualidade, tradução livre) de K Lee Lerner, o estudioso afirma que:

O surgimento da AIDS indubitavelmente alterou o movimento dos direitos gays. Os ativistas afirmavam que o silêncio sobre assuntos gays poderia ser literalmente fatal. A crise da AIDS, em muitas maneiras, solidificou vários segmentos do movimento dos direitos gays, unindo a comunidade -e a sociedade como um todo – no esforço para combater não apenas a AIDS, mas a cultura do medo, pânico,

intolerância e desinformação ao redor da doença. Hoje em dia, a AIDS não é mais um problema gay. A doença não discrimina na base do gênero, sexualidade ou etnia (Lerner, 2006, p. 111)<sup>250</sup>.

A AIDS é, indubitavelmente, um marco para toda a humanidade, mas não restam dúvidas de que houve, sim, um estigma associando a homossexualidade à doença, em especial homens gays. Inclusive, a enfermidade ceifou, em 1984 a vida de Michel Foucault (Faubion, 2014), o grande pensador cujo livro, *The History of Sexuality* (1976), ajuda a embasar esta parte do nosso estudo.

Quando Lerner (2006) cita a crise da AIDS, encontramos ressonância no *memoir* de Ortile (2020), que menciona, duas vezes o mesmo termo, *AIDS crisis*, seu equivalente em inglês. Contudo, ambas as menções são referência histórica, como ao enumerar vários motivos de discriminação contra asiáticos e pessoas queer nos EUA, tais como “(...)A Lei de Exclusão Asiática de 1924. O Atentado a Bomba da Federação Filipino-Americana. Escravidão. A Crise da Aids. O Atentado na Boate Pulse, em 2016” (Ortile, 2020, p. 20). Vemos que Ortile coloca, em pé de igualdade, situações diversas como a escravidão e o atentado que matou mais de cinquenta frequentadores de uma boate LGBTQ+. Todas elas são momentos de dor para a humanidade, e processos que, em graus diferentes, exigiram resistência cultural e mobilização por parte das partes afetadas, como menciona Lerner (2006).

Consideramos curiosa a forma como Ortile decidiu enumerar os eventos/políticas discriminatórias. Ao listar situações tão sérias e diferentes entre si, o autor preferiu usar pontos, e não vírgulas, ou ponto-e-vírgula, como seria o comum. Presumimos que a intenção tenha sido uma maneira de sublinhar a gravidade dos eventos, individualizando-os, mesmo sendo parte de uma lista. É notória a sagacidade de Ortile, presente em outras partes do seu texto trazido para dentro desta tese e, por respeito às escolhas estilísticas do autor, a nossa tradução seguiu o mesmo padrão. Acreditamos que a forma do que é escrito tão importante quanto o conteúdo do que é dito.

---

<sup>250</sup> The appearance of AIDS unmistakably altered the gay rights movement. Activists asserted that silence about gay issues could literally be fatal. The AIDS crisis in many ways solidified various factions of the gay rights movement, uniting the community—and society at large—in the struggle to combat not only AIDS, but the culture of fear, panic, intolerance, and misinformation surrounding the disease. Today, AIDS is no longer a gay issue. The disease does not discriminate on the basis of gender, sexuality, or ethnicity”.

Ainda assim, mesmo dando à doença a importância que lhe é devida, vemos que, enquanto homem do século XXI, Ortile (ou seu narrador) não tem grandes preocupações com o vírus HIV, causador da AIDS. Ou pelo menos, já não é um pesadelo tão grande como fora para gerações anteriores. Há apenas quatro menções no livro de Ortile (2020) sobre AIDS ou HIV. Como já dissemos, as referências à síndrome são históricas, o que colocam o autor-narrador-personagem à parte dela; sobre o vírus em si, temos outras duas citações. Uma delas fala sobre política de contenção da propagação do vírus, nos anos 1980, ou seja, mais uma referência longe da realidade de Matt.

A única vez em que HIV é mencionado pelo autor *balikbayan*, em um contexto relativo à sua vida como homem gay, é narrando partes da sua ativa vida sexual nos *apps* de relacionamento. Para contextualização, Ortile explica que sempre tivera uma certa obsessão com homens ricos, e acionava os *apps* para sexo casual quando passava em frente a prédios de alto padrão (2020). Mais especificamente:

Como a maioria dos imigrantes filipinos que eu conhecia, eu trocava meu sotaque por ansiedade de classe. Eu respondia a qualquer homem com cara de rico e bíceps, e então trocávamos os fatos necessários: Status de HIV, posições sexuais, palavras de segurança, etc (Ortile, 2020, p. 39) <sup>251</sup>.

Mais uma vez temos uma mostra de aculturação de Matt Ortile. Ele diz que trocara seu sotaque (como já dito, em sessões de treino em frente ao espelho) por ansiedade de classe. Para ele, o primeiro requisito era ser alguém de posses e ter o corpo malhado, como entendemos da referência ao bíceps. Se algum homem se enquadrasse nos padrões específicos (e, admitamos, superficiais) de Matt, então eles passavam para a segunda fase de verificação: Estado sorológico, preferências sexuais e outras. Na citação acima é possível ver a importância dada pelo autor-narrador ao HIV. Ao contrário da listagem anterior, de fatos importantes da humanidade em que houve grande violência e perda de vidas. Na descrição da própria

---

<sup>251</sup> “Like most Filipino immigrants I know, I traded my accent for class anxiety. I’d reply any pricey-looking man with biceps, and then we’d exchange the requisite facts: HIV status, sexual positions, safe words, etc.

vida sexual, o estado sorológico é só mais um elemento. Separado por vírgulas, não pontos.

Retomamos a citação de Lerner, e voltamos a focar no ponto em que o estudioso diz que a AIDS não é um problema gay, e que a doença não discrimina. Em *America is Not The Heart* (2018) há apenas uma menção ao vírus e uma à síndrome. Com relação à última, a passagem do livro de Castillo se encaixa perfeitamente no proposto por Lerner. A personagem Hero diz que a amiga Rosalyn mencionara uma história, contada por sua mãe, “sobre ver mais e mais mulheres, incluindo filipinas, entrando no hospital e testando positivo para o HIV, apesar de estarem em casamentos monogâmicos” (Castillo, 2018, p. 211). O que depreendemos da passagem é que, realmente, já nos anos 1990 (quando se passa o livro de Castillo), o vírus começava a se espalhar e não ser somente associado aos gays.

Já sobre AIDS, a mesma personagem, Hero, lembra quando seu amigo Jaime a aconselha a usar preservativos nas relações sexuais. “Existe AIDS nas Filipinas também, né? Eu preciso te dizer para usar camisinha?”<sup>252</sup> (Castillo, 2018. p. 208). Tratamos, na obra de Castillo, de uma outra época, mas já condizente com o que foi dito por Lerner sobre o avanço da AIDS para outros segmentos da população.

A professora Jaqueline Lupi Seabra da Silva, na sua tese de doutorado defendida em 2023, traz informações notáveis sobre mudanças trazidas com novas leituras da sociedade, o que imaginamos ser o caso da teoria *queer*. Seabra da Silva diz que:

(...) Os movimentos sociais e o pensamento acadêmico podem promover tanto permanências quanto mudanças. Quando o movimento gay, por exemplo, exige o direito ao casamento, corrobora a instituição casamento em vez de colocá-la em xeque. Do mesmo modo, quando a academia começa a pensar na desconstrução de significados passados como naturais, faz com que esse ‘pôr em xeque’ seja espalhado na sociedade e tira a hegemonia de certas ideias, como, por exemplo, a de que o biológico é o fator importante na sexualidade, não considerando fatores culturais que também a influenciam (Silva, 2023, p. 28).

Entendemos a passagem da tese da professora Jaqueline Siebra da Silva como um resumo do que já trouxemos de John Scott (2010), Mary Robertson (2019) e Michel

---

<sup>252</sup> “There’s AIDS in the Philippines too, right? Do you need me to tell you to wear a rubber?”



Foucault (1978). Ao pensarmos na teoria *queer* (que, na opinião de Scott, é um termo contestado), precisamos vê-la como uma forma de adequação. Se Foucault trouxe ideia do *ser* homossexual, nos afastando da nefasta realidade de *estar* sodomita, a teoria *queer* retira as pessoas das caixas e defendem uma existência mais fluida. Não obstante, é importante que entendamos e defendamos a liberdade para cada pessoa entender a sua própria identidade da maneira que melhor lhe convier.

Hero, a protagonista de *America is Not The Heart* (2018) tem relacionamentos, sexuais e românticos, com homens e mulheres. Mesmo no tempo em que passou nas Filipinas, como guerrilheira, ela declara ter se apaixonado por Teresa, sua superiora imediata no grupo. Contudo, a abordagem da sexualidade de Hero é mais discreta que a do narrador-personagem de Ortile. Na obra de Elaine Castillo, há menções a sexo, mas em um contexto mais genérico.

A primeira vez que a identidade *queer* de Hero é trazida, acontece quando a filipina vai morar com o tio, Pol, e a narradora explica por que a protagonista se sente, desde muito nova, tão à vontade perto dele. Duas passagens, sobre o mesmo assunto, descrevem a conexão entre tio e sobrinha. Primeiro, Pol presenteia Hero com uma garrafa do perfume Tabac, o mesmo que ele usava. Encantada com o presente, a jovem começa a borrifar o líquido em si mesma e em todas as suas posses. Há uma ressalva: “não cheirava na pele dela como cheirava na pele de Pol; o que se tornara nela era dela somente”<sup>253</sup> (Castillo, 2018. p. 55). Uma adolescente que recebe do tio, de quem tanto gosta, um perfume que era a marca registrada dele, vira parte da vida de Hero, mas, ao mesmo tempo, desperta em si a obviedade de que ela é única. Por mais que o perfume fosse o mesmo do tio, nela o odor era diferente. Ela era diferente.

Mais adiante, a mãe de Hero reclama com a filha sobre o seu cheiro. Não apenas que ela “cheirava a homem, mas um tipo particular de homem, um *babaero*. Uma garota adolescente, com cheiro de playboy, era inimaginável” (p. 56)<sup>254</sup>. Vemos aí, gritante, os papéis sociais esperados de um homem e uma mulher. E a forma como, mesmo inconscientemente, a personagem Hero usava uma fragrância para mostrar ao mundo quem era, quando nem exatamente ela mesma sabia explicar sua

---

<sup>253</sup> “It didn’t quite smell on her skin the way it smelled on Pol’s; what it became on her was hers alone”.

<sup>254</sup> “Smelled like a man, but a particular type of man, a *babaero*. And adolescent girl, smelling like a playboy, it was unthinkable”.

identidade. A resposta do tio foi uma correção sutil à mãe da adolescente. Sorrindo, ele disse: “*babaera*”<sup>255</sup> (p. 56). Ao transformar uma palavra tão ligada à masculinidade, à promiscuidade masculina, o tio dava à sobrinha uma autorização implícita para ser quem bem entendesse, para não se aprisionar em caixas ou definições engessadas. A mãe da jovem, por sua vez, não reagiu bem e pediu ao cunhado: “por favor, nem brinque sobre isso”<sup>256</sup>. Por conta da cronologia do romance, imagina-se que o diálogo tenha acontecido nos anos 1980, o que implica uma moral ainda mais rígida. Não nos surpreende a reação da mãe, mas sim a do tio.

Retomando a visão sobre si própria que nasceu para Hero naquele dia tantos anos antes, a narradora explica que:

Era a forma como Pol tão facilmente dissera *babaera* que mostrou a Hero que Pol sabia algo sobre ela, algo que a própria Hero ainda estava apenas começando a tomar forma. Era apenas uma impressão. Apenas como ele sabia o que perguntar, o que não perguntar, como desviar de um tema sensível, quais pronomes evitar quando ele estava falando, em inglês, sobre alguma hipotética paixão dela, ou como mudar de idiomas no ponto certo da frase para tirar vantagem da falta de pronomes em Tagalog ou Ilocano (Castillo, 2018, p. 56)<sup>257</sup>.

Temos, na passagem anterior, elementos que são encontrados ao longo de todo este estudo. Primeiro, o mais urgente, a questão sexual-identitária de Hero. Pol parecia, com uma única mudança em um termo tão arraigado, dizer à protagonista que ele a aceitava da forma que ela fosse. E ele já parecia ver ali algo que a família ou não vira ainda, ou fingia não notar. O tio usava as palavras certas, até mesmo a língua correta, para não presumir que Hero teria namorado ou namorada. O *code-switching* entre inglês, tagalog e ilocano remete à essência desta tese, a multiculturalidade, a riqueza cultural das Filipinas. Para um homem viajado e sofisticado como Pol, havia muitas opções para se expressar. Pelo menos três

---

<sup>255</sup> *Babaero* vem da palavra *babae*, mulher (Tagalog Lang, 2024). Assim, o sentido seria mais próximo do que dizemos em português, “mulherengo”.

<sup>256</sup> “Please, don’t even joke about that”

<sup>257</sup> It was the way Pol so easily said *babaera* that told Hero that Pol knew something about her, something Hero herself was only just starting to sense the shape of. It was just a feeling. Just the way he knew what to ask, what not to ask, how to skirt around a tender spot, which pronouns to avoid when he was speaking English about some hypothetical lover of hers, and how to switch languages at the right point in a sentence in order to take advantage of the lack of pronouns in Tagalog or Ilocano.

línguas, dominadas pelo personagem, mostram a nós que sempre é possível respeitar a identidade de alguém, respeitar sua privacidade e seu direito a simplesmente existir em paz.

Para o narrador-personagem Matt Ortile (2020), a sexualidade foi menos uma descoberta e mais um *continuum*. Mesmo assim, há uma descrição do início da sua sexualidade púbere. Como é comum no texto do autor *balikbayan*, vemos o entrelace de camadas da sua personalidade:

Para mim, tudo começou na seção de roupas íntimas masculinas. Foi lá que os vi pela primeira vez, aquele monte de alabastro esculpido, um panteão de físicos idolatrados. David Beckham, Freddie Ljungberg, Jamie Dornan e – claro, o arquétipo – o clássico Marky Mark. Muito antes da sala de antiguidades gregas do Met em Nova York, eu tinha a Macy's no Fashion Show mall em Las Vegas. Aquela galeria de corpos informava meu ideal sexual, aqueles corredores de homens aparentemente talhados em mármore. Muitos garotos gays púberes passam por esse rito de passagem, olhando furtivamente para os pacotes desses pacotes, delineados em homens que vieram do próprio Olimpo. Eu fugia para aquele canto “classificação 13 anos” da Macy's sempre que minha mãe me dava dinheiro e tempo no shopping. Depois de apreciar um banquete visual de corpos esculpidos, eu arrumava minha ereção e escolhia um pacote que pudesse levar para casa. Assim como uma vez comprei um cinto e uma pulseira com tachinhas na Hot Topic para me parecer melhor com o colega de classe por quem tinha um *crush*, aproveitei essas oportunidades para comprar o que esperava que me tornasse desejável, que me ligasse a outros homens (Ortile, 2020, p 92)<sup>258</sup>.

A passagem do texto de Ortile traz uma oportunidade de falarmos sobre representatividade. Ele, ao descobrir sua motivação sexual, não encontrava, nos homens com corpos considerados perfeitos, ninguém com os mesmos traços físicos que os seus. Ao chegar nos EUA, na pré-adolescência, ele não via na mídia rostos

---

<sup>258</sup> For me, it began in the men's underwear section. It was there that I first saw them, that carved alabaster lot, a pantheon of idolized physiques. David Beckham, Freddie Ljungberg, Jamie Dornan, and – of course, the archetype – the classical Marky Mark. Long before the Greek antiquities room at the Met in New York, I had Macy's at the Fashion Show mall in Las Vegas. That gallery of bodies informed my sexual ideal, those aisles of men seemingly hewn from marble. Many pubescent gay boys go through this rite of passage, stealing glances at the packages on such packages, imprinting on men who've come from Olympus itself. I would abscond to that PG-13 corner of Macy's whenever my mother gave me money and time at the mall. After taking in a visual feast of chiseled bodies, I'd rearrange my erection and pick a package I could take home. Just as I once bought a studded belt and bracelet at Hot Topic to better resemble the classmate I was crushing on, I took those opportunities to buy what I hoped would make me desirable, would link me to other men.

como o seu, peles da cor da sua, sobrenomes parecidos com o seu. Os ídolos que admirava/desejava, eram todos anglo-saxões, brancos, de olhos claros. Não é difícil chegar à conclusão de que, ao desejar aqueles homens e não se enxergar neles, o jovem Matt começava a desenvolver um desconforto consigo mesmo e com a cultura de onde viera. Se o certo é ser como Beckham, Dornan ou, Marky Mark<sup>259</sup>, de acordo com ele, a epítome da masculinidade e *americanidade*, então o jovem *brown*, magrelo, de olhos escuros e com formato asiático, estava errado e muito, muito longe do ideal de beleza do país que adotara como seu. Não nos surpreende que ele tenha lutado tanto pelo seu processo de aculturação, que é descrito amiúde ao longo do livro e desta pesquisa.

A parte em que ele comenta sobre os “pacotes nos pacotes” (Ortile, 2020. p. 92), uma referência às genitálias delineadas nas fotos dos pacotes de cueca, reforça o estilo franco e desconcertante de Ortile escrever. Ele não mede palavras para trazer verdade à sua realidade, sem medo de ofender a sensibilidade alheia. Consideramos os termos sexuais explícitos frequentemente usados pelo autor como uma ferramenta de resistência cultural. Um ato político com o intuito de chocar.

Ainda na mesma citação, ele cita como tentou, comprando objetos que o assemelhariam ao rapaz em quem estava interessado, ligar-se aos que desejava e tornar-se, no processo, ele mesmo desejável. Há, constantemente, na obra de Ortile (2020), uma referência ao mundo material, a posses, à aspiração de classe superiora.

Para Matt Ortile, os modelos com corpos esculpidos eram uma coleção de arte, uma aspiração e inspiração. E, antes de ter a oportunidade de visitar o Metropolitan Museum of Art, em Nova York, ele tinha à disposição a sua própria ideia de perfeição. No estilo que lhe é peculiar, Ortile parece dizer que, mesmo mais velho e sofisticado, indo a Museus importantes, o ideal de beleza não muda. Continua a ser o europeu, esculpido em mármore ou impresso na capa de um pacote de roupas íntimas.

Já para Hero, talvez por vir de uma geração menos aberta à diversidade sexual, sua bissexualidade é mantida em segredo por muito tempo, e o romance com a maquiadora Rosalyn, também da comunidade *balikbayan* em Milpitas, precisa ser mantido em segredo, sob risco de chocar ou afastar as pessoas amadas.

---

<sup>259</sup> Para gerações mais jovens, o modelo, ator e *rapper* talvez seja mais conhecido pelo nome Mark Wahlberg.

Um exemplo da diferença entre gerações é como a mãe de Rosalyn reage ao encontrar o casal dormindo junto. Contudo, o que elas faziam era literalmente dormir lado a lado, na noite do funeral do avô de Rosalyn. Todo o relacionamento foi imaginado pela mãe de Rosalyn, e o resultado do que ela vira está no diálogo a seguir:

Rosalyn levou Hero para casa, estacionou na garagem da casa vazia, apoiou a cabeça contra o encosto e disse 'então, eu talvez tenha que sair de casa'. Hero se virou para olhar para ela. 'O quê?'. Rosalyn fechou os olhos. 'Desculpa. Eu não queria te contar hoje. Nem sei por que falei'. 'O que você quer dizer com sair de casa. Da sua casa?' 'Sim, minha casa, qual outra casa', Rosalyn disse. Seus olhos ainda bem fechados. 'Minha mãe estava perguntando sobre você. Você e eu. Ela vem perguntando desde que você dormiu comigo no jardim' (...) 'Você não pode falar com ela?' 'Que grande ideia, por que não pensei nisso', Rosalyn disse, secamente. 'Olha, ela já vem suspeitando de mim há anos. Ela vai precisar de um tempo para... para ficar bem com isso. Se é que jamais vá ficar bem com isso. Eu não sei'<sup>260</sup> (Castillo, 2018, p. 385).

A questão da homossexualidade ainda era um enorme tabu na época em que se passa o texto, e o simples fato de ver a filha dormir ao lado de outra foi o suficiente para que a mãe de Rosalyn forçasse a saída da filha de casa. Como é dito mais adiante, curiosamente, a avó de Rosalyn descobre sobre o relacionamento da neta e simplesmente não se opõe. Contudo, nem mesmo o apoio (ou, ao menos, a não condenação) por parte da avó é suficiente para demover a mãe de Rosalyn sobre a expulsão da filha.

Mesmo as duas formando um casal, discretamente recebido pela sociedade filipina em Milpitas, é tudo muito sutil. Não há, oficialmente, a opção para que elas morem juntas, ou tentem algum tipo de casamento, até mesmo porque não havia a menor possibilidade jurídica à época. Contudo, há uma dupla resistência por parte de Hero. Ela é imigrante sem documentos, o que, em si, é uma afronta ao sistema, mas

---

<sup>260</sup> Rosalyn drove Hero home, parked in the driveway of the empty house, leaned her head against the headrest and said, 'So I might have to move out of the house'. Hero turned to look at her. 'What?' Rosalyn closed her eyes. 'Sorry. I didn't mean to tell you today. I don't even know why I said that'. 'What do you mean, move out of the house? Your house?' 'Yeah, my house, what other house', Rosalyn said. Her eyes were still squeezed shut. My mom was asking about you since that time you slept with me out in the garden' (...) 'You can't talk to her?' 'What a great idea, why didn't I think of that, Rosalyn intoned dryly' 'Look, she's been suspicious about me for years. She's gonna take a while to... be okay with it. If she's ever gonna be okay with it. I don't know'.

continua seguindo uma vida normal. E o relacionamento com Rosalyn, que passa a ser vivido com mais e mais naturalidade pelas duas. Vemos, dentro dos limites do romance, com a sociedade de então, uma ativa resistência cultural por parte de Hero, ao não se acovardar e seguir se relacionando com a mulher que ama.

Retomando o que dissemos sobre a forma como os dois autores abordam o sexo, traremos dois exemplos que consideramos formas opostas de escrita. Na primeira, de Castillo, o casal Hero e Rosalyn discutem um momento íntimo e um elemento da anatomia feminina.

Rosalyn às vezes também era pudica em relação ao sexo. Se Hero fosse fazer sexo oral nela, e Rosalyn não tivesse tomado banho ou estivesse menstruada ou sentisse que ela fedia de alguma forma, ela cobriria a virilha com a mão, e nenhuma provocação, cócegas ou garantia a fariam afastar a mão. 'Não é sujo', Hero dizia (...) Mais tarde, Rosalyn perguntou hesitante: 'Tem cheiro de quê?' e Hero respondeu: 'Sabe aqueles chips de camarão que você compra no Magat?', e Rosalyn bateu um travesseiro nela cara com tanta força que Hero quase engasgou com a própria saliva, rindo (Castillo, 2018, p. 300)<sup>261</sup>.

Assim como a maior parte do que é dito sobre a protagonista, sua vida sexual é apresentada de forma naturalizada. Termos sexuais são usados, mas sempre dentro de um contexto. Ao dizer à namorada que não era suja, Hero poderia estar se referindo ao ato sexual, ou ao órgão sexual de Rosalyn. O importante que a companheira entendesse que nada nela era repugnante para Hero.

Mesmo que Hero tenha feito uma referência jocosa ao odor da vagina da parceira, há todo um sistema por trás, que afirma que a mulher precisa ter vergonha do seu próprio corpo, dos seus pelos e odores. E o empoderamento passa por abraçar a humanidade e enfrentar pré-conceitos enraizados. Entendemos, assim, a atitude da protagonista como um ato de resistência, feminista e libertador.

Andrea Askowitz, no livro *Looking Queer: Body Image and Identity in Lesbian, Bisexual, Gay and Transgender Communities* (Visual Queer: Imagem Corporal e

---

<sup>261</sup> Rosalyn was also sometimes prudish about sex. If Hero went to eat her out and Rosalyn hadn't showered or was on her period or felt in any way that she stank, she'd cover her crotch with a hand, and no amount of teasing or tickling or assurance would get her to move that hand away. It's not dirty, Hero would say (...) Once afterward, Rosalyn asked hesitantly, 'What, what does it smell like' and Hero replied, 'You know those shrimp chips you get at Magat, and Rosalyn slammed a pillow into her face so hard Hero nearly choked on her own saliva, laughing

Identidade em Comunidades Lésbicas, Bissexuais, e Transgênero, tradução livre), afirma que parou de se depilar, e isso é uma atitude de amor-próprio (2012). Ainda, Askowitz diz que “muito de ser lésbica é um exercício similar – um desaprender o ódio com relação às mulheres e aos corpos femininos. Eu cresci pensando que vaginas cheiram a peixe morto”<sup>262</sup> (Askowitz *in* Atkins, 2012). Temos um exemplo que mostra, claramente, que o medo de Rosalyn não é isolado.

Em 2020, a atriz Gwyneth Paltrow, fez notícia ao lançar uma vela, através de sua loja virtual *Goop*, chamada *This Smells Like My Vagina* (Isto cheira à minha vagina, tradução livre). Com uma formulação que prometia emular o odor das próprias partes íntimas da atriz. Foi um sucesso e vendeu a ponto de esgotar os estoques (Freeman, 2020). No ano de 2023, em entrevista à revista *People*, Paltrow admitiu que a vela era uma declaração feminista, e que não necessariamente foi produzida para ter o cheiro similar a qualquer vagina. A ideia era apenas mostrar que “tantas mulheres foram criadas, pelo menos na minha geração, para pensar que há algo errado com elas ou que sua vagina é estranha ou nojenta, ou algo do qual ter vergonha” (Paltrow *In* Speakman, 2023)<sup>263</sup>. Produzir uma vela com aroma (ao menos em teoria) similar ao que o senso comum e o patriarcado consideram nojento é, na nossa opinião, mais um exemplo de resistência cultural. Não nos escapa o interesse financeiro ou jogadas de *marketing* que possam estar envolvidas. Porém, acreditamos que não há propaganda negativa, em casos identitários como esse. Se o produto de Paltrow chamou a atenção do público, criou discussões, então isso pode abrir caminho para que pessoas reais como Andrea Askowitz, ou a personagem fictícia Rosalyn aprendam a singularidade do próprio corpo, e entender, como Hero disse, que não é sujo. Seja o órgão, seja o ato.

Além da defesa da particularidade pertencente a cada mulher, vemos na passagem uma referência cultural. Ao invés de citar um supermercado genérico, Hero menciona as lojas *Magat*, que vendem produtos asiáticos. Ao mesmo tempo em que a personagem mostrava à companheira que seu corpo não era algo estrangeiro, ela lembrava que as duas pertenciam à mesma cultura, ao mesmo grupo étnico. Para

---

<sup>262</sup> “Much of being a lesbian is a similar exercise—an unlearning of hatred toward women and women's bodies. I grew up thinking that vaginas smelled like dead fish”.

<sup>263</sup> “So many women have been raised, at least in my generation, to think there's something wrong with themselves or that the vagina is weird or gross or something to be ashamed”

nós, Castillo conseguiu inserir ao menos dois sinais de resistência em um só parágrafo.

Ortile (2020), por outro lado, sempre mais franco que as outras duas autoras, fala de sexo, suas preferências durante o ato, bem como diversas referências ao próprio pênis. Presumimos que seja um sinal de que homens, independente da sexualidade, costumam ser menos censurados para falar de si mesmos do que as mulheres.

Nos dois exemplos abaixo, para confirmar o que temos dito sobre o autor desde a Introdução, temos passagens com termos explícitos referentes ao sexo. A tradução feita tenta reproduzir com exatidão o que o autor disse. Em tempos como os atuais, em que livros são censurados em escolas por “linguagem imprópria” (G1, 2024), reforçamos a necessidade da academia de resistir. E nossas armas são as palavras. Elas podem chocar, mas também conscientizam e educam. No primeiro exemplo, ao dizer que é acusado por sua melhor amiga de ser uma *Dairy Queen*<sup>264</sup> (Literalmente rainha leiteira), ele explica que também há muitos *Rice Queens* (Rainha do arroz, tradução livre), ou aqueles que têm fetiche por asiáticos. E conta uma ocasião, quando “um disse, com meu pau na sua boca ‘Eu nunca fodi um filipino antes. Isto vai ser divertido’”<sup>265</sup> (Ortile, 2020, p. 107).

A próxima cena acontece dentro de uma sauna gay, e revela quão à vontade com a própria sexualidade (e em expor seus pormenores) o autor-narrador está. Por contexto, ele está na sauna, trocando beijos com um homem por quem está interessado, quando um terceiro se aproxima e começa a usar o corpo de Matt para o próprio prazer:

Hoje, nosso terceiro é um guloso. Seus lábios vão rapidamente do meu mamilo para o umbigo e para o pau. Ele não pediu permissão, mas eu acho que meu joelho encostando no dele foi a autorização. Apesar de que ele não era exatamente o meu tipo – muitas tatuagens, careca – Eu já estou aqui e a boca dele está molhada, e agora eu também estou (...)Eu puxo o Theo mais perto, joelho com joelho, lábios com lábios. Um pouco mais de carícias, chupada beijos, e eu gozo na boca de um homem enquanto eu sinto o gosto da língua do outro, sabor com notas de creatina e whey de vanilla (Ortile, 2020, p. 155)<sup>266</sup>.

<sup>264</sup> Dairy Queen, dentro do que é exposto por Ortile (2020), indica um homem não-branco que só se interessa em relacionamentos (sexuais, principalmente) com caucasianos.

<sup>265</sup> “I’ve never fucked a Filipino before. This’ll be fun”

<sup>266</sup> Today, our third is a greedy one. His lips go quickly from my nipple to navel to dick. He didn’t ask for permission, but I suppose my knee on his gave it. Though he wasn’t exactly my



Por mais que o início da citação fale de como o terceiro homem começou a acariciar o corpo do narrador sem pedir permissão, não cremos haver ali um sinal de abuso. O próprio personagem Matt afirma que há vários sinais, discretos ou não, no ambiente da sauna, que permitem que o possível parceiro saiba se é possível se aproximar ou não.

A passagem acima mostra um momento de êxtase, uma sequência rápida que culmina com a ejaculação do personagem. Por conta da descrição dada por Ortile sobre os homens que estão na sauna no dia em questão, podemos presumir que todos são brancos, mesmo que o tatuado não seja exatamente o tipo que o narrador prefere. A leitura que fazemos da cena é que, metaforicamente, Matt se sentiu poderoso ao ejacular na boca do estranho, em um tipo de dominação partindo de um indivíduo cujo histórico étnico é de ser dominado indiscriminadamente. Além disso, há a liberdade e libertinagem do ambiente, um local de resistência às regras heteronormativas. O orgasmo do personagem Matt é como um grito de independência, de alguém que se livra de amarras.

No livro de Alvar, há apenas uma passagem que indica alguma sexualidade que não esteja dentro do espectro heterossexual. Esmeralda, do conto epônimo, comemora sua cidadania estadunidense conquistada ficando bêbada com as amigas filipinas, e, num momento de estupor e embriaguez, troca um rápido beijo com a amiga Doris. O beijo é descrito como “rápido, doce e estalado, como aqueles entre crianças holandesas em uma estatueta de porcelana que você uma vez limpou. Um souvenir” (Alvar, 2015). Ou seja, longe de ser um grito de independência e resistência, como as muitas passagens de Ortile (2020) e Castillo (2018), o beijo entre duas mulheres no livro de Alvar é só uma lembrancinha de um momento único, a conquista da sua americanidade. Para fins deste estudo, a continuação do beijo é muito mais importante para nós. Ao beijar a amiga, Esmeralda grita “América!” (p.152) para o espelho, e as duas amigas riem. O que se entende aqui, é uma presunção de liberdade maior nos Estados Unidos. Lá, parece dizer Esmeralda, pode-se ser quem quiser.

---

type – too many tattoos, bald – I’m already here and his mouth is wet, and now I am too (...) I tug Theo closer, knees over knees, lips to lips. A bit more stroking and sucking and kissing, and I come into one man’s mouth as I taste another’s tongue, flavored with notes of creatine and vanilla whey.

Ainda no tema de sonhos realizados e a realizar, podemos dizer que o tema do casamento entre pessoas do mesmo sexo, e a monogamia implícita neste conceito, é absolutamente recorrente no *mémoir* de Ortile, apesar da sua busca constante por liberdade sexual. A referência ao casamento que não seja o heterossexual inexistente nos romances de Elaine Castillo e Mia Alvar. Como já mencionamos anteriormente, o livro de Ortile traz no seu próprio título os assuntos que trata na obra. E retomando a tradução livre (visto que ainda não há versão em português) do título, *O Noivo Vai Manter Seu Nome: E Outros Votos Que Fiz Sobre Raça, Resistência e Romance*, podemos analisar alguns aspectos: Todo o seu livro é uma promessa. Ele não vai mudar seu nome ao se casar. Mesmo sonhando em ver seu nome estampado na seção de casamentos do New York Times, o ápice da sua aculturação e adaptação à cultura branca *mainstream* estadunidense, ele parece dizer que sua identidade filipina seguirá inabalada.

No último parágrafo do seu *mémoir*, Ortile encapsula todo o seu texto, com palavras inspiradoras e poderosas, que nos convidam a mais análises.

Meu nome é Matthew Manahan Ortile. Está lá no meu cartão de Vassar e minha identidade de Nova York, na minha permissão para dirigir expirada e nos meus dois passaportes, azul e marrom. De acordo com a tradição filipina, meu nome do meio é o nome de solteira da minha mãe, e significa 'herança'. Meu sobrenome é do meu pai e abre espaço para um jardim, algo como um santuário. Eles indicam minha ascendência, de onde eu venho e minhas raízes. Este nome – um nome imenso e todo meu – eu escolho manter, mesmo quando for minha vez de usar branco (Ortile, 2020, p. 319)<sup>267</sup>.

Pela primeira vez, justamente no final do livro, Ortile se apresenta com o nome completo. Ao falar do cartão de Vassar, a universidade onde estudara, sua identidade de Nova York e sua permissão para dirigir, temos itens que tratam diretamente da sua história nos EUA. Ele é um imigrante que cursou o ensino superior em uma universidade de prestígio, tem uma cédula de identidade do estado de NY, e uma

---

<sup>267</sup> My name is Matthew Manahan Ortile. It's there on my Vassar card and my New York ID, my expired learner's permit and my two passports, blue and brown. In accordance with Filipino custom, my middle name is my mother's maiden name, meaning 'inheritance'. My surname is my father's and makes space for a garden, something like a sanctuary. They indicate my descent, where I come from and my roots. This name – a mouthful and all mine – I choose to keep, even when it's my turn to wear white

permissão para dirigir expirada. Três documentos que provam quem ele é. Além, claro, do símbolo-mor da identificação de qualquer cidadão fora das próprias fronteiras, o passaporte. Ele tem tanto o americano, azul, quanto o filipino, marrom. Assim como durante todo o *memoir*, Matt tem um pé em cada uma das nações. Ao contrário da personagem Paz, de *America is Not The Heart* (2018), Matt Ortile não abriu mão da sua cidadania filipina.

Vemos que o sistema de nomes e sobrenomes nas Filipinas funciona como no Brasil, e o nome do meio dele é o sobrenome de solteira da mãe. Mais interessante, ele dá significados aos sobrenomes. O que vem da mãe quer dizer ‘herança’, nada mais condizente com a história de um cidadão tão cioso (e, ao mesmo tempo inseguro) da sua identidade. Ele traz, consigo, a herança metafórica e literal da sua ascendência filipina. Ao dizer que seu sobrenome, o qual usa profissionalmente, tem significado de jardim ou santuário, imaginamos que seja o motivo de Ortile não querer se desfazer dele ao se casar. Mesmo na situação hipotética de encontrar sua alma-gêmea, ele quer manter seu refúgio, seu santuário, próximo de si. Entendemos esse poderoso último parágrafo do livro como mais uma declaração de independência do narrador-personagem. Ele é quem é, com seu nome imenso (para os padrões anglo-saxões), e não vai abrir mão de sua identidade híbrida, fragmentada, mas única.

Sigamos agora para o último subcapítulo deste estudo, antes das Considerações Finais. Nele, trataremos da literatura enquanto resistência, investigando outros nomes da literatura filipina e *balikbayan*, antigos ou recentes, como forma de prepararmos o caminho para a conclusão deste estudo.

#### 5.4 A LITERATURA *BALIKBAYAN* COMO RESISTÊNCIA

Neste último subcapítulo, e organizando nossos pensamentos para as Conclusões Finais, temos a literatura como uma categoria em si, para analisar a resistência cultural. Especificamente, grandes nomes da literatura do arquipélago, e como seu trabalho contribui para propagar uma ideia de *filipinidade*, sem jamais perder o foco nos três autores escolhidos como objetos de análise desta tese.

Ao longo das próximas páginas, revisaremos o que é entendido como resistência cultural, como ela se aplica à literatura, qual o papel do autor, e também

como as obras que alcançaram reconhecimento internacional servem para criar pontos entre o arquipélago e o resto do mundo.

Uma pergunta que consideramos válida é a seguinte: A literatura *balikbayan*, ou em geral, a *pinoy*, é consumida ao redor do mundo? Usamos *consumida* deliberadamente, pois acreditamos que livros, se são vendidos, podem ser considerados produtos, por mais que ainda exista a aspiração de que a literatura sirva apenas como elevação do indivíduo. Entretanto, vivemos em uma sociedade capitalista, em que as produções têm valor e preço. E é com isso em mente que daremos continuidade à discussão.

Como abordamos anteriormente, com o apoio de Setephen Duncombe (2002), a resistência cultural é qualquer atitude usada, conscientemente ou não, para mudar a estrutura social, política ou cultural. Se utilizarmos o termo de maneira mais livre, poderemos entender que qualquer embate cultural é de resistência. Contudo, pela nossa análise, a resistência merece este nome quando vem da parte minoritária da sociedade. Em outras palavras, sob o prisma estabelecido por Duncombe (2002) e todos os outros autores que pesquisamos, um homem hétero, cisgênero, branco e de classe média não exerce resistência cultural ao lutar para que o pronome neutro não seja usado. Entendemos, no caso, uma resistência, mas de maneira conservadora. Enquanto esse cidadão hipotético quer que a realidade *não* mude, que o *status quo* se mantenha, a resistência cultural trabalha a luta por existência. No exemplo criado por nós, o homem cis não está em perigo. O que ele não quer é perder a predominância.

Já adiantando conclusões que serão melhor trabalhadas até o final desta pesquisa, todos os produtos literários analisados até agora são, sob a ótica deste estudo, resistência cultural. Duncombe sugere que:

A própria atividade de produzir cultura tem sentido político. Em uma sociedade construída em torno do princípio de que nós devemos consumir o que outros produziram para nós, organizar uma rave ilegal em um galpão, ou criar um selo musical *underground* – isso é criar a própria cultura – toma uma ressonância rebelde (Duncombe, 2002, p. 7)<sup>268</sup>.

---

<sup>268</sup> The very activity of producing culture has political meaning. In a Society built around the principle that we should consume what others have produced for us, throwing an illegal

O que o autor discute na passagem é que toda atividade em que há a intenção de produzir algo novo, não aceitando cegamente o que nos é oferecido pelo *mainstream*, pode ser visto como resistência. Importante relativizar o termo “ilegal” usado por Duncombe, já que não temos a intenção de instigar ninguém a cometer ilegalidades. Resistência acontece em vários níveis, como abordaremos a seguir, e rogamos que todos joguem respeitando as regras do jogo. Mudemos o sistema de dentro para fora.

Os três autores que analisamos à exaustão, Alvar (2015), Castillo (2018) e Ortile (2020), produzem resistência cultural. Alvar cria personagens distintos para dar voz e identidade aos filipinos *balikbayan*, *OFWs* ou simplesmente *pinoys* resistindo à pressão da sociedade, como no último conto de seu livro, *In the Country*.

Milagros, a protagonista enfermeira, usa um instrumento legal, a greve, para convencer seus patrões a pagar aos funcionários filipinos o mesmo que se paga aos estadunidenses em Manila. Vejamos o que diz o primeiro parágrafo da história:

Ela declarou a greve em uma segunda-feira, o dia mais movimentado da semana. No que diz respeito a greves, a dela foi poesia. Oitenta enfermeiros, suas mãos marrons dadas em volta da estátua do auto-sacrifício na grama do City Hospital. A cara branca do presidente do conselho foi ficando ainda mais branca quando ele saiu do seu carro e os viu. Milagros poderia viver com aquela empolgação para sempre (Alvar, 2015, p. 262)<sup>269</sup>.

A greve decretada em uma segunda-feira, o dia mais movimentado do hospital, tinha o intuito claro de causar o distúrbio necessário que fosse impossível ignorar. Ao contrário da greve de sorrisos dos caixas italianos (vide página 202), o movimento filipino era imediato, e a resistência era em grande escala.

Descrever a cena como oitenta profissionais, suas mãos dadas ao redor da estátua do Auto-Sacrifício é um sinal inegável do que estava sendo feito ali. Os funcionários estavam colocando em risco seus próprios empregos para dizer à

---

warehouse rave or creating an underground music label – that is creating your own culture – takes on a rebellious resonance.

<sup>269</sup> She called the strike on a Monday, the busiest day of the week. Eighty nurses, their brown hands clasped around the Self-Sacrifice statue on the lawn outside of City Hospital. The chairman of the board’s white face, turning even whiter when he came out of his car and saw them. Milagros could have lived on that rush forever.

sociedade que não era justo que eles recebessem menos que seus colegas estadunidenses.

O presidente do conselho, responsável por decidir quanto os funcionários recebem, tem rosto branco. As mãos que entraram em greve são marrons. Há um conflito de raças/etnias que entram na definição de Duncombe (2002) de resistência cultural, já que os filipinos, ainda que maioria numérica na população, são minoria política, enquanto os estadunidenses e a elite *mestiza* são a maioria cultural. O fato de o rosto do diretor ir ficando mais branco conforme saía do carro traz um sentido literal de que ele estava frustrado, surpreso e furioso com o movimento petulante dos *pinoys*, mas também um metafórico, se virmos que ele ficava mais e mais branco ao ser enfrentado por mãos marrons, que se supõe, eram considerados - inconscientemente ou não- inferiores a ele.

A narradora termina o primeiro parágrafo explicando como a protagonista poderia viver para sempre com a adrenalina do momento. Cremos que o senso de comunidade, de pertencimento, de Lar, transbordou Milagros conforme ela viu seus colegas e amigos tomarem partido da sua luta, que mudaria a vida de todos eles.

Mais adiante no texto, há uma explicação para a greve, e ela parece mais do que justificada. A narradora diz que “os enfermeiros nativos, como Milagros, ganhavam menos que os americanos. Quarenta centavos por Peso, se você fizesse as contas” (p. 262)<sup>270</sup>. Isso significa que para cada peso filipino que um enfermeiro americano ganhasse, o seu colega filipino, no seu próprio país, ganharia apenas 40 centavos. Em termos matemáticos, um funcionário local ganhava só 40% do que o valor dado a um *yankee*. Ou até menos, “em alguns casos, se você pesasse a educação e experiência, habilidade e senioridade” (p. 262)<sup>271</sup>. Entende-se, claramente, que o motivo era racial/étnico. Os filipinos recebiam menos porque *eram* menos, aos olhos dos chefes. A teoria do pequeno irmão marrom seguia viva, décadas após o fim da colonização. Neste caso, vinte e cinco anos, já que o conto se passa em 1971.

Ainda antes da greve começar, quando a protagonista se dera conta da injustiça, ela tentou argumentar com o chefe, o mesmo que viria a ficar em choque ao

---

<sup>270</sup> “The native nurses, like Milagros, earned less than the American ones. Forty centavos to the peso, if you did the math”.

<sup>271</sup> “Less, in some cases, if you weighed education and experience, skill and seniority”.

ver os funcionários entrarem em greve. Ao dizer ao presidente do conselho que, dada a sua performance e sua experiência, ela merecia um aumento, a resposta foi um perfeito exemplo da arrogância yankee:

‘Eu sei que parece ruim’, disse o chefe de Milagros. ‘Mas nós estamos falando de dois diferentes padrões de vida. Veja o transporte, por exemplo. Você anda de jeepney para vir trabalhar, correto? Quatro pesos ida e volta? Os americanos amam seus carros, e eles são muito altos para se abaixar sob a entrada do Jeep. Gasolina custa uma fortuna estes dias, e a época do natal? Você está onde precisa estar; eles voam onze mil quilômetros ou mais’ (Alvar, 2015, p. 262)<sup>272</sup>.

São tantos elementos em uma passagem tão curta, que parece difícil saber por onde começar. As primeiras palavras do chefe são uma admissão que a situação “parece” ruim. Não, a situação não *parece* ruim. Ela é tétrica. Não há justificativa que dê base a funcionários fazendo o mesmo serviço, receberem apenas 40% do que outros colegas. Porém, o chefe tornou o ruim ainda pior, ao dizer que a enfermeira precisava entender que são dois estilos de vida diferente. Os *pinoy*s andam de *jeepney*, um veículo muito comum nas Filipinas que serve para transporte público, o qual, para olhos brasileiros, lembra um micro-ônibus muito coloridos. A passagem de *jeepney* é barata, apenas 4 pesos para ir e voltar. Já os pobres americanos, não. Eles amam seus carros, e não podem se separar deles. Além do mais, eles são muito altos para se rebaixar<sup>273</sup> ao entrar no *jeepney*. O simbolismo é gritante. Os americanos não podem se humilhar, dobrando o joelho para entrar em uma instituição tipicamente filipina, esse modo de transporte público *pinoy*. Além do mais, se já não fossem simbolicamente gigantes, eles são muito mais altos que os pequenos irmãos marrons. Aqui vemos a superioridade genética, na concepção do chefe, que corrobora, discretamente ou não, a concepção de raça tão atacada por nós.

---

<sup>272</sup> “I know it looks bad”, said Milagros’s boss. ‘But we’re talking two different standards of living. Take transportation. You ride the jeepney to work, correct? Four pesos round trip? Americans love their cars, and they’re tool tall to stoop under the jeep entrance. Gas costs a fortune these days, and what about Christmastime? You’re where you need to be; they fly seven thousand miles or more”.

<sup>273</sup> O verbo original usado, *stoop*, significa, literalmente, abaixar o corpo e dobrar os joelhos. Porém, é muito usado também no sentido figurado, como submeter-se, entregar-se, descer de um nível hierárquico superior (MERRIAM-WEBSTER, 2024)

Por fim, além de explicar como a gasolina é cara, e os coitados estadunidenses não podem deixar de usá-las, vem um argumento que soaria hilário, caso houvesse sido usado por qualquer imigrante nos Estados Unidos: E o custo para voltar para casa? O mero exercício de imaginar um imigrante, nos EUA, pedindo aumento porque precisa visitar a família no país de origem, vai do inimaginável ao ridículo. Em um exercício mental, a primeira resposta do possível empregador estadunidense seria algo como “mas ninguém mandou você sair do seu país”. Enquanto, pelo sentimento geral, um imigrante está nos EUA porque quer, e qualquer migalha o satisfaz, precisamos ver o americano que trabalha no exterior sendo estendido o tapete vermelho, já que ele está lá por caridade ao povo local. Enxergamos aqui uma referência não-intencional à nossa própria Superioridade do Expatriado, e como aquele ungido pelas terras americanas é automaticamente melhor que os locais.

O conto de Alvar (2015), independente da ficcionalidade, serve como ferramenta de resistência. O leitor, espera-se, pode ler o trabalho da autora e pensar na própria existência. Se for *yankee*, talvez tenha oportunidade de enxergar os imigrantes à sua volta com mais empatia; se for imigrante, poderá encontrar ali a semente da resistência. Quem sabe, lendo o conto de Alvar, não encontramos uma Milagros da vida real? Ainda, se aquele que lê for filipino e considerar os expatriados como superiores, pode usar a leitura para entender que o passaporte, a cor da sua pele, não o fazem diferente, nem, obviamente, pior. Como diz Stephen Duncombe, “o primeiro ato de política é simplesmente agir” (Duncombe, 2002. p. 7). Se o primeiro ato de política de alguma pessoa for ler um texto e usar a literatura para entender o próprio mundo ao redor, já consideramos uma imensa vitória.

Retomando Duncombe (2002), no trabalho do autor há uma importante teoria criada por ele que nos será muito útil:

Agora podemos considerar o espectro do envolvimento político, ou o que chamo de escalas de resistência. A autoconsciência política é a primeira. De um lado da balança está a cultura que pode servir a função de resistência, mas não foi criada com isso em mente, nem com a ideia de que os seus participantes a entendam como tal. O outro polo é ocupado pela cultura criada conscientemente para a resistência política e utilizada para esse fim. Em algum ponto intermediário está a cultura apropriada para fins para os quais não foi destinada. Isto pode funcionar em ambos os sentidos: a cultura que não foi concebida para ser rebelde pode ser transformada e usada para esses fins políticos e, inversamente, a cultura que foi conscientemente moldada com a



rebelião em mente pode ser feita para servir propósitos muito não-rebeldes (Duncombe, 2002, p. 7)<sup>274</sup>.

Consideramos as escalas de resistência de Duncombe fundamentais para este estudo. Foquemos no primeiro, ainda que o autor apresente outros níveis que são igualmente interessantes e podem servir ao trabalho de outros acadêmicos tão perfeitamente quanto este estágio inicial nos beneficiou na confecção deste estudo.

Antes de aplicarmos o que foi preconizado por Duncombe, é necessário separarmos criadores de criaturas. Se pensarmos nos três autores, Alvar, Castillo e Ortile, vemos, baseados em entrevistas e os livros escritos por eles, que há uma grande autoconsciência política. Além do mais, por tudo o que já foi apresentado, nos parece óbvio que seus livros foram escritos como ferramenta de resistência cultural. O livro de Ortile (2020) traz resistência no próprio título. Não há a menor possibilidade de se tratar de coincidência. Em suma, as três obras se localizam, na escala de Duncombe, como produtos criados para alimentar, gerar ou encorajar a resistência. Isso nos parece óbvio.

Outro exemplo de obra criada com o intuito de resistir e levar à revolução são os livros de José Rizal, previamente citados. Como vimos no capítulo 1.2, seus romances foram tão incendiários que a Coroa resolveu censurá-lo e, assim que se tornou impossível conter a revolução, exilá-lo. Rizal sabia o que escrevia, e tinha o intuito de tornar o seu país mais independente, ainda que, inicialmente, não tivesse o objetivo de cortar relações com Madrid (vide subcapítulo 2.2).

Uma outra abordagem que pode ser usada neste estudo é tentar entender se os personagens dos livros têm consciência política ou não, se eles vivem em ambientes de resistência e como é feito esse trabalho de resistir.

---

<sup>274</sup> Now we can consider the spectrum of political engagement, or what I call scales of resistance. Political self-consciousness is the first one. On one side of the scale is culture that may serve the function of resistance, but was not created with that in mind, nor with the idea that its participants understand it as such. The other pole is occupied by culture consciously created for political resistance and used for that purpose. Somewhere in the middle is culture appropriated for ends for which it was not intended. This can cut both ways: culture that was not meant to be rebellious can be turned and used for those political ends and, conversely, culture that was self-consciously fashioned with rebellion in mind can be made to serve very non-rebellious purposes

Com Ortile (2020), mesmo levando em consideração a autoficção, seria necessário um hercúleo jogo de palavras para tentar convencer o leitor de que Matt Ortile enquanto personagem-narrador, não tem consciência política, nem faz uso de resistência cultural. O personagem transpira rebeldia, e ela é vista na sua vida sexual, na sua intensa autocrítica com relação à própria aculturação, e na sua identidade *queer*.

A obra de Castillo (2018) é mais sutil. Alguns personagens mostram sua rebeldia. Hero, a protagonista, literalmente pegou em armas para resistir a ditadura de Marcos. Porém, quando tratamos da sua sexualidade, não vemos uma ideia de resistir enquanto mulher bissexual. Tudo o que Hero parece querer, naquele momento, é apenas *existir*. Se há resistência cultural, ela é mais acidental, na jornada da própria personagem. O mesmo pode ser dito da sua co-protagonista, a tia Paz, casada com o tio biológico Pol. A enfermeira tenta viver seu sonho americano enquanto navega as correntes pesadas do *Utang Na Loob*, e prover uma vida digna a si mesma, sua filha, marido, e parentes tanto em Milpitas quanto no arquipélago asiático. Paz está tão chafurdada nas próprias obrigações, que resistir parece similar a sobreviver às dívidas, às expectativas, etc.

Quando analisamos *In The Country*, o livro de Mia Alvar (2015), encontramos situações mais complexas. São nove contos, um livro polifônico, e as histórias precisam ser analisadas individualmente.

Em *The Kontrabida*, o enfermeiro sem nome, o que pode significar uma reprodução de toda a população de enfermeiros *balikbayan*, não parece consciente da sua própria realidade, e se sente muito mais ligado aos EUA do que à sua nação de nascimento. Ele é, de certa forma, aculturado, e seu ato de rebeldia (ilegal) é trazer um opioide para amenizar a dor do pai, que está no leito de morte. Não vimos resistência cultural, como a estudada nesta tese, presente no conto, do ponto de vista do personagem principal.

Salvacion, a protagonista de *The Miracle Worker*, o segundo conto, é alguém com grande auto-consciência. Ela se sente culpada por ter muito mais que seus colegas filipinos também moradores do Bahrein, e usa pequenos atos para resistir à patroa, como repassar os presentes que ganha. Presentes que, como dissemos, acabam sendo enviados às Filipinas. Salvacion se vê como uma espécie de Robin Hood.

*Legends of the White Lady*, cuja protagonista é uma modelo *yankee* nas Filipinas, traz o ponto de vista do expatriado no arquipélago. Por se considerar superior aos locais, o que é dito ao longo do conto e deste estudo, a modelo parece mostrar que não tem consciência política, nem faz uso de resistência cultural.

*Shadow Families* é protagonizado por Baby, uma filipina pobre, filha de pai americano a quem nunca conheceu, e mãe *pinoy*. Ela mesma usa a sua identidade, que considera híbrida, para parecer superior às colegas *OFW* que trabalham no Golfo Pérsico. Porém, Baby é frequentemente alvo das críticas das concidadãs, que mostram orgulho das origens e fazem festas frequentes em que é proibido falar outra língua que não o tagalog, mesmo quando os filhos dos patrões estão presentes. A resistência e consciência política no conto estão com as outras *OFWs*, mas não com Baby, na nossa leitura.

*The Virgin of Monte Ramon* trata da história de um menino filipino e a filha da lavadeira da família, Annelise. Ele, um cadeirante, se acha superior à nova colega, que tem pele mais escura que a sua. Ao longo do texto, vemos uma tomada de consciência por parte do garoto, que se aproxima mais e mais da filha da lavadeira, enquanto ele mesmo entende suas próprias limitações físicas.

Em *Esmeralda*, protagonizada pela personagem homônima, não vemos atitudes políticas vindas dela. Seu patrão americano, com quem tem um caso, tenta ensiná-la algumas formas de resistência cultural e mesmo de orgulho de si mesma, mas os dois se separam antes que ela demonstre alguma mudança significativa ou digna de menção neste estudo. Suas concidadãs *pinoy*s comemoram quando a empregada filipina consegue a cidadania americana, porque estaria se tornando, finalmente, igual a elas. cremos que o conto, como um todo, trate da colonização e aculturação norte-americanas, e não encontramos um personagem que mostrasse resistência cultural de forma orgânica.

*Old Girl* é um conto que, apesar de não trazer nomes para nenhum personagem, fala de política do início ao fim. Isso porque, fica óbvio, é a história de Ninoy Aquino e sua esposa Cory Aquino, que viria a ser a primeira presidente do arquipélago após o regime de Marcos. O personagem de Ninoy, chamado apenas de “marido”, é totalmente consciente da sua importância política, mas não parece preocupado com ferramentas de resistência cultural. Sua vida em Boston, EUA, é temporária, e sua vontade é retornar às Filipinas assim que possível, para concorrer

à presidência. Sua esposa, a “velha garota”, do título, é representada como uma típica dona de casa, sem grandes ambições além de servir ao marido e aos filhos.

O penúltimo conto, *A Contract Overseas*, mostra a personagem principal, cujo irmão foi trabalhar como motorista na Arábia Saudita, usando a escrita enquanto forma de resistência cultural. Como já foi mostrado, ela diz que ao escrever, mantém o irmão vivo. Dentro da história, não é possível dizer com total certeza se Andoy morreu porque teve um caso com uma das esposas do patrão, ou se foi apenas um acidente. Porém, todo o conto discute o tratamento inferior dado a filipinos no exterior, e a imensa importância dada à educação como geradora de riqueza e mobilidade social.

Por fim, *In the Country*, conto que dá título ao livro, aborda largamente a tomada de consciência por parte dos filipinos, e cremos que a personagem principal, Milagros, usa de inúmeras ferramentas para resistir culturalmente. Em especial a greve que mobiliza.

Vimos, com o apoio de Duncombe (2002), que os três livros são ferramentas de resistência cultural, mas que essa consciência não se estende, obrigatoriamente, às personagens que povoam as páginas.

Ainda, há um aspecto citado pelo estudioso que cremos ser importante abordar. Quando Duncombe nos diz que algumas vezes uma ferramenta de resistência pode ser usada para objetivos opostos à rebelião, nós imaginamos a possibilidade de alguém usar o texto de Ortile (2020), com tantas afrontas à moralidade, como um cavalo-de-tróia para atacar interesses progressistas, e, ao fim, reforçar a mesma opressão que Ortile tenta com tanto afinco combater. O uso descabido e fora de contexto de um trabalho é um dos temores que nos passou pela cabeça ao citarmos o trabalho do autor pinoy, especialmente os termos chulos e sexuais. Contudo, consideramos parte da tomada de consciência assumirmos os riscos inerentes a qualquer resistência.

Nas epígrafes usadas para este último capítulo, reunimos quatro vozes diferentes, quatro experiências e caminhos distintos, que convergem neste final. Primeiro, José Rizal, grande nome da literatura filipina e alguém que acompanha os *pinoy* do nascimento à morte, como explicado anteriormente. O polímata lembra a seus compatriotas, e também a nós mesmos, que não há vitória sem luta. Não há resistência sem combatentes. O povo do arquipélago enfrentou e enfrenta um sem-

número de humilhações, mas não perde o seu Norte, o seu sentido. Neste sentido, a mensagem de Rizal foi ouvida, aparentemente.

As palavras de Shirin Neshat, artista iraniana, além de serem profundas, úteis e convenientes a este estudo, mostram o ponto de vista de uma cidadã de um país extremamente cruel com as mulheres, como demonstramos neste texto. Algumas bravas mulheres resistem como podem, desde se recusando a usar um pedaço de tecido para cobrir seus cabelos e suas identidades, até entregando a própria vida no ato de resistir. Parafraseamos Neshat algumas páginas atrás, ao afirmarmos que as palavras são nossas armas. Esperamos que nossa luta e resistência continuem no campo das ideias, palavras e conceitos, e que pessoas não precisem morrer pelo simples direito de existir.

Arundhati Roy é uma autora indiana. Ou seja, ao trazermos uma citação proferida por um dos filhos da nação mais populosa do mundo, desejamos com isso reforçar a variedade do continente asiático, que agrupa desde cidadãos de Nova Delhi como aqueles de Manila. Mais importante do que a cidadania de Roy, é sua mensagem. Resistir sempre, para sempre. Cremos que o maior exemplo de desobediência justificada veio justamente da Índia, com Gandhi e sua sábia luta no confronto ao jugo britânico. Quem tem o poder corre o risco de abusá-lo, como foi com Ferdinand Marcos e tantos outros. Cabe a todos nós vigiá-los, para que ele continue a ser exercido, e não imposto.

Por último, mas não menos importante, a citação de bell hooks, autora estadunidense que muito estudou sobre raça/etnia, feminismo e teoria *queer*. De acordo com as palavras da ativista, ser *queer* é não se resumir, não ter limites a si próprio, enquanto habitante deste mundo. Devemos, podemos e precisamos criar espaços que sejam nossos, mas sem jamais nos esquecermos daqueles que não têm voz, ou cujas vozes foram caladas pelo Estado ou quem quer que seja.

Desta vez, sim, as epígrafes trouxeram primeiro um cidadão filipino. Seguido pelas palavras de uma iraniana e uma indiana. A *yankee* veio por último, não por desmerecimento, mas para mostrarmos que, neste estudo, tentamos dar espaço aos asiáticos para falarem de/por si, ainda que estejamos tão distantes da região que estudamos. Rizal foi escolhido por ser o representante-mor das Filipinas, mas acreditamos termos aberto espaço à mulher filipina com o estudo de duas autoras que, ou nasceram, ou têm fortes laços com o arquipélago.

As Filipinas não são um país pobre em produção cultural. Muito pelo contrário, a lista de autores cujos trabalhos poderiam ser utilizados neste estudo é imensa. Alguns antigos, como José Rizal, até mais recentes, como F. Sionil José (1924-2022), que escreveu obras que eram apaixonadamente ligadas à justiça social, e ao fato de que, segundo ele, seu país não superara os séculos de dominação espanhola e *yankee* (Mydans, 2002). Porém, escolhemos três autores diferentes, mas em um recorte temporal comum, para mostrarmos uma versão das Filipinas. Algo que abordaremos melhor nas Considerações Finais.

Como já foi dito e merece ser reforçado, o fato de considerarmos a literatura escrita por Alvar, Ortile e Castillo como *balikbayan* é embasado pelo fato de os dois primeiros terem nascido no arquipélago e emigrado, enquanto a segunda é filha de pais *pinoys*. As escolhas foram conscientes, e construídas para dar estrutura a este estudo. O que todos os três têm em comum é a sede por representação, a necessidade de serem vistos, de criarem personagens (mesmo que versões ficcionalizadas de si mesmos) para mostrar ao mundo, através da literatura, de onde vieram, o que faz de si mesmos filipinos.

Continuemos, enfim, às Considerações Finais.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parafraseando grandes pessoas que já pisaram neste planeta, gostaríamos de afirmar que esta tese não foi escrita. Ela foi reescrita, inúmeras vezes. E não foi dita por nós, mas com os ecos de todos os autores, jornalistas, sociólogos ou quaisquer outros que tenhamos citado, direta ou indiretamente. Além disso, não consideramos este trabalho pronto. Ele nunca estará. Se jamais teremos dito tudo o que define uma única pessoa, qual seria o tamanho da nossa arrogância se presumíssemos termos coberto tudo o que se refere às Filipinas e seus filhos?

Este estudo nasceu com o intuito de falar de resistência cultural. Contudo, nosso primeiro foco não eram as Filipinas, mas sim o Québec. Por ironias do destino, reorganizamos a pesquisa para tratar do arquipélago colonizado por três países diferentes. Ao invés de escrevermos sobre uma província que se considera um país dentro de outro (Canadá), nos dedicamos por muitos e muitos meses a um país que fora sufocado por potências e impedido, em pelo menos três ocasiões, de ser declarado um estado independente. Histórias diferentes, caminhos diametralmente opostos, mas a dor da repressão e sufocamento desconfortavelmente semelhantes.

Não é difícil torcer pelos filipinos. Eles são um povo sofrido, constantemente humilhado, mas mesmo assim não abrem/abriram mão da sua cultura, inclusive abraçando parte dos costumes de povos opressores, o que, nos limites deste estudo, pode ser visto como a maior das resistências culturais.

Um grande desafio ao escrevermos esta tese foi traduzir termos tão diferentes para nós, brasileiros. Se na nossa dissertação, na qual abordamos os latinos nos EUA, o *code-switching* se dava entre inglês e espanhol, uma língua tão similar à nossa própria, no texto *balikbayan* elas se davam com as expressões em tagalog, chavacano, ilocano e outras, o que tornou o estudo mais profundo e difícil de realizar. Contudo, tentamos, sempre que possível, mantê-las no texto de modo a gerar sempre um atrito com o leitor, para que ele não só se lembrasse o tempo todo da multiculturalidade desta tese, mas que tivesse acesso à essência filipina.

Em um primeiro impulso, ao tratar de uma realidade tão distante da nossa (geográfica e culturalmente), pensamos em trazer mais imagens à tese, o que facilitaria para o leitor brasileiro entender o que é um *jeepney*, ou um *barong tagalog*. Contudo, no afã do didatismo, incorreríamos no erro de fazer uma versão brasileira

do *Manila Manuscript*, citado por Matt Ortile como um catálogo do seu povo, exibido como animais. A linha entre trazer imagens que mostrassem uma sociedade diferente da nossa própria e um zoológico antropológico era muito tênue, e o risco de atravessá-la, muito alto. Preferimos contar com as nossas próprias capacidades descritivas para levar o projeto a cabo.

Uma pergunta que propusemos no início do texto é: José Rizal pode ser considerado o primeiro *balikbayan*? A resposta, como tudo nas ciências humanas, é complexa. A favor da teoria: Sim, ele morou na Europa durante o século XIX, enquanto a Espanha ainda era a potência que controlava as Filipinas. Entretanto, muitos outros fizeram esse caminho antes dele. O que podemos arriscar, com bases mais sólidas, é que, *simbolicamente*, José Rizal foi o primeiro *balikbayan* e sua obra é seminal para a literatura do país.

Toda nação precisa de símbolos, por ser uma comunidade imaginada. Em paralelo com o Brasil, o que liga um acreano a um gaúcho são elementos como nossa bandeira, nossa música, televisão, literatura e, claro, brasileiros ilustres. Portanto, Rizal é uma importante parte da identidade *pinoy*, emprestando sua imagem e memória para que um habitante de Luzon, ao norte, se sinta ligado a Manila, o centro do poder, da mesma maneira que alguém de Mindanao, ao sul.

Tendo estabelecido Rizal como o primeiro *balikbayan* simbólico, resta outra pergunta: Quão *rizalinas* são as obras selecionadas para este estudo? Por acreditarmos no *continuum* que compõe a cultura, em especial a literatura, respondemos com um retumbante *muito*. Mia Alvar, Elaine Castillo e Matt Ortile, são sim, descendentes literários de José Rizal e seus livros que alardeavam a unicidade filipina, a *filipinidade* e a independência do arquipélago. Não obstante, é um peso muito grande apoiar toda a produção literária de um país nas costas de um só homem (ou mulher). Alvar, Castillo e Ortile trazem, sim, as mesmas sementes, a mesma sede identitária, mas reduzirmos suas obras a meras versões *rizalinas* do século XXI seria desrespeitá-los enquanto autores e pessoas com experiências únicas. José Rizal pode simbolizar a literatura filipina, ser, para muitos, o pai da nação. Mas ele não está sozinho. Ser símbolo não é o mesmo que ter sido o único. Sempre em paralelo como Brasil, dizer que todos os autores nacionais são ecos de Machado de Assis seria ignorar outros nomes como José de Alencar, Drumond, Raquel de Queiroz e Castro



Alves, para citar alguns. Assim sendo, respeitemos a figura de Rizal, sem minimizar os que vieram antes e após o polímata.

Ainda na seara da *filipinidade*, urge abordar outra questão levantada: Se na nossa dissertação de mestrado abordamos o gênero literário *chica-lit*, e o vimos como um produto de tradução cultural escrito *por latinxs e para* o público *mainstream*, o mesmo poderia ser dito sobre a literatura *balikbayan*? cremos que o recorte de três obras não foi suficiente para respondermos a pergunta em sua totalidade. Entretanto, imaginamos que os textos escritos pelos autores analisados não têm como foco, ao menos como público principal, pessoas não iniciadas na cultura filipina. Dizemos isso porque, ao contrário das obras de *chica-lit*, em que há imediata tradução de qualquer termo que fuja ao vocabulário *yankee* típico, os livros dos três *balikbayans* trazem muitos termos que, mesmo com o auxílio de dicionários e da internet, ainda nos eludiram quanto ao seu significado real e total. Portanto, nossa hipótese, que não será possível confirmar nesta tese e resta como proposta de futuro artigo sobre o qual nos debruçarmos, é que ele foi escrito por *balikbayans* e para ser lido por concidadãos ou, no mínimo, aqueles que já têm contato com a cultura. Mesmo que tenhamos passado meses dedicados à cultura *pinoy*, as ferramentas à nossa disposição não foram suficientes para entender o que os termos realmente querem dizer. Tivemos a sensação de que, no mínimo, precisaríamos do auxílio de alguém com relação direta com a cultura do arquipélago para poder sanar todas as falhas de tradução, sejam elas culturais ou lexicais.

Também reforçamos o que já foi dito sobre a seleção dos autores. Ao demonstrarmos interesse na cultura filipina como tema deste estudo, foi necessário buscar autores que tivessem relevância para a cultura do país. Assim, após uma diligente pesquisa, recortamos três autores, propositalmente duas mulheres e um homem gay, de forma a tentar estudar a visão de arquipélago, tão machista e católico, pelos olhos de pessoas que fogem a estereótipos. Não pretendemos, com isso, dizer que a escolha foi a melhor, ou mesmo única, mas somente defender nosso ângulo de pesquisa. Convém lembrar que Alvar, Castillo e Ortille têm origens parecidas, tendo recebido educação universitária nos Estados Unidos. Ainda que isso tenha reduzido nosso escopo, compensou com um aumento da profundidade da nossa abordagem de resistência cultural.

Cada um dos três autores ofereceu um tipo de vantagem para esta pesquisa. Seguindo a ordem cronológica de lançamento das obras (como foi feito ao longo de toda a tese, sempre que os escritores foram mencionados), começamos por Mia Alvar. Seu livro, justamente por trazer nove contos com pontos de vista diferentes, foi o mais rico em termos literários, porque nos deu variadas experiências, e uma visão mais holística da(s) identidade(s) *pinoy(s)*. As muitas histórias permitiram um alcance maior, mas, como se pode imaginar, uma profundidade menor. Conhecemos as vidas de filipinos tão distintos como o “enfermeiro”, que ama morar nos EUA, quanto o “marido”, que mal pode esperar para retornar às Filipinas, passando por Baby, uma pinoy perdida dentro de suas próprias ilusões identitárias, enquanto ganha sua vida no Golfo Pérsico. Nenhum deles conseguiu, todavia, se aprofundar nas questões que nos eram caras para esta pesquisa, oferecendo apenas uma variada lista de elementos para que nós buscássemos nas outras ou em outras obras.

Elaine Castillo nos ofereceu a história mais profunda. Histórica, detalhada, divertida e longa. O maior livro dos três. Através das duas protagonistas, Paz e Hero, aprendemos muito sobre as ilhas, sua história, culinária e costumes. O texto de Castillo é o que mais usa termos relacionados aos sentidos, principalmente “cheiro”. A impressão que temos é que ela tentava, em todas as cenas, imergir o leitor nos costumes das ilhas, apresentando inúmeros pratos e descrevendo-os sempre à exaustão. Ao mesmo tempo, foi a obra que menos se debruçou sobre a questão de raça, apesar de falar dela muito indiretamente. O livro de Castillo constantemente menciona cor de pele, o que nos faz inferir, sem poder afirmar categoricamente, a importância da raça dentro do país.

Algo comum a Alvar e Castillo tem a ver com o nome das personagens. As duas autoras trabalham os nomes como parte do texto. Já no primeiro conto de Alvar, o personagem principal, um enfermeiro, não é nomeado. Isso nos parece ser uma forma de representar os muitos enfermeiros *pinoy*s no mundo.

Salvación, a professora que mora no Bahrein, entra na vida da pequena Aroush e sua mãe, Mrs Mansour, como uma salvação, aquela que tirará a pequena, com tantas limitações físicas e mentais, das trevas em que se encontra. Seu nome é referência direta, nos parece, ao que é sua missão.

*Baby*, de *Shadow Families*, tem um nome que nos remete a fofura, delicadeza, até ao termo carinhoso entre pessoas que se amam, e mesmo nos lembra de *babe*,

usado para mulheres atraentes. Por ser uma palavra anglo-saxã, cremos que o nome da personagem mostra que ela tenta parecer americana, mas, como pouco conhece da cultura do país de seu pai e fala muito mal a língua do ex-colonizador, culturalmente ela não passa de um bebê, dando os primeiros passos no mundo.

Esmeralda, a faxineira filipina nos EUA, tem nome de jóia, mas é tratada como lixo. Somente um homem no escritório onde trabalha nota sua existência e vê seu verdadeiro valor, o que evolui para um caso (extraconjugal, da perspectiva do *yankee*). Uma mulher discreta e sem grandes dotes físicos, carrega um nome que contrasta com sua existência insossa.

Ainda, no último conto do livro de Alvar, a protagonista se chama *Milagros*. Ao traduzirmos para o português, temos a palavra “milagre”. E é exatamente isso que a enfermeira faz, ao reunir seus colegas filipinos e protestar contra as diferenças de salários, fazendo a primeira greve do City Hospital, em 1971, ano do início da Lei Marcial decretada por Ferdinand Marcos.

Castillo também tem seus exemplos de nomes de personagens que ilustram e enriquecem as histórias. O romance traz duas protagonistas, Paz e Hero. A primeira é casada com o tio da segunda, e a recebe na sua casa, em Milpitas, Califórnia, para dar à sobrinha uma chance depois de anos lutando na guerrilha contra a ditadura de Marcos. Como já mencionamos, a enfermeira Paz parece trazer no seu nome tudo o que não tem. Desde a vida conflituosa no arquipélago, passando pela constante infidelidade do marido, os problemas de saúde da filha Roni, a necessidade de sustentar tantas pessoas diferentes, tudo isso nos mostra que Paz, antes de ser um nome, é um desejo.

Hero, cujo nome verdadeiro é Nimang, prefere ser chamada pelo apelido. E ela prova ser uma heroína ao lutar por tantos anos na selva filipina, pela liberdade e democracia, tentando derrubar um governo ilegítimo. Mesmo vítima de tortura, Hero (ou Nimang) continua feroz na defesa do que acredita, e imigra, sem documentos, para os Estados Unidos, onde recomeça sua vida ao lado da família do tio favorito. A personagem mostra sua coragem e heroísmo ao viver sua sexualidade de forma completa, entrando em um relacionamento com outra *balikbayan*, mesmo que o mundo da época, dos anos 1990, ainda não seja o mesmo em que vive a autora da história.

Importante explicar que excluímos desta análise Matt Ortile, já que, em teoria, todos os nomes citados por ele são reais. Presumimos que, salvo quando avisado expressamente pelo autor-narrador-personagem, todas as pessoas nomeadas no *memoir* carregam seus nomes de batismo ou escolha, o que tornaria inútil uma análise literária. Contudo, como mencionado acima, no último parágrafo do seu livro, Ortile traz significado ao próprio sobrenome. A literaridade e oportunidade de análise, não encontrada por nós, é oferecida pelo próprio autor.

O *memoir* do jornalista foi, sem dúvida, a melhor fonte para análises, já que ele é sempre muito eloquente e detalhista nas suas observações sobre raça/etnia, sexualidade. Conseguimos ver, com muita clareza, o que significa ser *balikbayan*, *queer* e viver nos Estados Unidos. Contudo, como esperamos ter mostrado com as citações diretas, o seu texto é o mais *gráfico*, com expressões sexuais que ofendem a pessoas mais pudicas. De fato, o nosso próprio desconforto ao descrever a vida sexual de Ortile muito nos ensinou sobre nossos próprios pudores e limitações. O receio de ver as palavras escritas aqui serem citadas fora de contexto diz muito sobre quem somos, sobre o tanto que ainda temos que aprender sobre a nossa sexualidade, mas também sobre o profundo cisma cultural existente no nosso país neste ano de 2024, e a persistência da exaustiva batalha entre direita e esquerda.

Outra pergunta que fizemos foi sobre os atos de resistência cultural. Sendo a resistência uma forma de confrontar o *status quo*, o que acontece com um cidadão que resiste culturalmente? Uma iraniana que se recusa a usar o véu, um filipino *queer* que se recusa a encontrar um parceiro do sexo oposto, um *OFW/balikbayan* que não queira retribuir o *Utang Na Loob* ou enviar *balikbayan boxes* para os parentes no país de origem, são eles menos cidadãos por isso? Apesar de tentarmos evitar de respostas definitivas, nós vemos essas atitudes como reforçadores da identidade. Ao fugir do padrão, essas pessoas dão à sociedade novas opções de caminho a seguir. Não há apenas uma única forma de ser iraniano, filipino ou brasileiro. Portanto, ao escapar de tradições que firam sua identidade individual, esse cidadão está reforçando seu pertencimento, ironicamente. Em momento algum tratamos a resistência cultural como uma negação da identidade nacional, mas sim uma faceta dela.

Algo que tentamos abordar ao longo da pesquisa foi o sentimento asiático por parte dos filipinos, se eles se veem como pertencentes ao continente, e como os

outros cidadãos dos países vizinhos enxergam os *pinoy*. Baseado no que lemos, na tabela montada para o capítulo 3.2 e no livro de Anthony Ocampo, chegamos à conclusão de que a identidade asiática é parte da vida filipina, mesmo que não seja a faceta mais explícita, e reforçamos o paralelo entre o filipino enquanto parte da Ásia e o brasileiro enquanto membro da América Latina. Já para os outros países, principalmente os mais facilmente associados com o continente, como China, Coréia e Japão, o *pinoy* é mais comumente agrupado com os ilhéus do pacífico, como os povos originários do Havaí, de Guam, etc. Como sabemos, raça ou etnia é uma questão de consenso e autodeterminação. Geograficamente, as Filipinas estão na Ásia. Para os filipinos, o país também faz parte do continente e, para fins deste estudo, é isso o que nos importa.

Já para os estadunidenses, a identidade e identificação dos filipinos segue uma incógnita, o que, infelizmente, reforça o estereótipo de indiferença dos americanos a tudo o que não é anglo-saxão. Em diversos momentos das obras literárias e científicas, observamos um desconhecimento ou até mesmo desdém dos *yankees* com relação aos filipinos. Como para a modelo americana, protagonista de *Legends of the White Lady*, de Alvar, os filipinos são todos de estatura baixa e marrons. Porém, reforçamos ser esta a visão baseada pelos livros estudados, e outras pesquisas podem chegar a conclusões diversas.

Retomando o que nos uniu, enquanto acadêmicos brasileiros, a um arquipélago tão distante, passemos ao que temos em comum com os *filiprimos*, apelido carinhoso citado ao longo da tese. Primeiramente, nos chamou a atenção os sobrenomes que nos soam latinos, mesmo se tratando de um país asiático. Nomes da política, tema que sempre nos interessou, como o dos ex-presidentes Glória Macapagal Arroyo, Ferdinand Marcos, Rodrigo Duterte, nos faziam crer que havia algo no país que justificasse uma pesquisa. E, ao nos aprofundarmos, vimos que as semelhanças entre os países são imensas. Aliás, a grande quantidade do que temos em comum é proporcional a quão desconhecido um país é para o outro. Consideramos ter dado uma ínfima contribuição na aproximação dos dois “primos” separados por tanta distância. Encorajamos e aconselhamos que mais estudos sejam feitos, para que o espaço entre as duas nações se encurte.

Mesmo já tendo trazido o tema a seguir em nota de rodapé, é importante retomá-lo nas Considerações Finais. Durante todo este estudo, usamos,

intercambiavelmente, os termos *americano*, *estadunidense*, *yankee* ou *norte-americano*. A intenção, como dito, não foi nem jamais será ofender outras nacionalidades. Sabemos que do Chile ao Canadá, somos todos americanos; que do México ao Canadá, são norte-americanos; *yankee* seriam, em tese, somente os moradores do nordeste do país, da região da Nova Inglaterra, ou mesmo alguém do país, em geral. Porém, um sulista pode se ofender ao ser chamado de *yankee*, já que isso remete à guerra civil vivida pelos Estados Unidos. Só nos restaria *estadunidense*, o que, apesar de acurado, não é comum e seria irritantemente repetitivo em uma tese com tantas páginas e tantas referências ao país. Assim sendo, pedimos desculpas se ofendemos algum leitor com as escolhas dos termos, mas foi pelo bem da fluidez do texto. Esperamos que as ressalvas sejam suficientes para explicar que utilizá-los não implica mentalidade colonial da nossa parte (pelo menos, não conscientemente).

Apesar de ter sido justificado no início da tese, consideramos por bem reforçar ao fim dela. Sim, este estudo teve muito de historiográfico, e isso é um reflexo não apenas de uma simples paixão da nossa parte por história, mas na importância que os dados históricos trazem para a formação do país e de sua identidade. Adicionamos a isso a necessidade, citada acima, de apresentarmos o arquipélago asiático aos nossos concidadãos. Mais do que estudar a história para entender o futuro, nós estudamos a história para poder ler a literatura, que nos ajuda a dar sentido ao presente.

Descobrimos, conforme escrevíamos estas páginas, um povo orgulhoso de si mesmo, das suas raízes, das suas agruras e dos seus costumes. Há todo um *pinoy pride* (orgulho *pinoy*) espalhado pelos livros analisados, e isso só reforçou nossa ânsia por aprender mais sobre o país. Foi engrandecedor ver como uma país colonizado três vezes conseguiu se reinventar e ir adicionando aspectos que o fazem único. As cicatrizes deixadas pelos invasores são expostas com orgulho, como sinal de resistência. Ao final, o país imaginado por Rizal nasceu. Não é perfeito, mas não era essa a intenção. Tudo o que se pedia era a liberdade. Ainda que tardia.

Encerramos esta tese com a convicção de que fizemos um estudo honesto, respeitoso das regras acadêmicas vigentes, e sempre cioso da sua incompletude. Jamais esperamos responder todas as perguntas propostas. Pelo contrário, sabíamos que algumas delas gerariam outros questionamentos, o que consideramos ser a essência dos estudos de ciências humanas. Mais importante do que oferecer

respostas, acreditamos que nosso papel é fazer perguntas. Incentivar o pensamento abstrato, dar ao mundo uma merecida profundidade que a visão cartesiana nem sempre permite.

Finalmente, tentaremos dissertar sobre algo que nos acompanha desde o início do mestrado, passando por todos os anos de doutoramento: Por que estudar literatura? Por que merecemos o investimento do governo brasileiro, através das agências de fomento ou mesmo da oportunidade de estudar em uma universidade financiada com os impostos nacionais? Como era de se esperar, nem as incontáveis horas solitárias de pesquisa, leitura e escrita foram capazes de responder definitivamente as perguntas, mas temos uma hipótese.

A literatura deve ser estudada para que mais pessoas tenham voz. Somos, todos os seres pensantes, fontes inesgotáveis de ideias, anseios, objetivos. Nem sempre eles são traduzidos em realidade. Muitas vezes a opressão sistêmica não permite que tenham sua vez ao sol. A palavra escrita permite que mentes brilhantes como a de José Rizal sonhem um país, mas também dá a chance que cidadãos que perderam a vida por conta de um regime opressor, como Flor Contemplacion, vivam para sempre nas páginas de livros, assim como o personagem Andoy, de um dos contos de Mia Alvar.

Em suma, escrevo, logo existo. Se não escrevo, que escrevam por mim, para que eu nunca deixe de existir.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Mariléia de; HOOKS, B. A voz, a coragem e a ética feminista. **HOOKS, B. Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra/bell hooks**. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, p. 9-14, 2019.
- ALVAR, Mia. About. In: **Mia Alvar**, 2024. Disponível em: <https://miaalvar.com/about/>. Acesso em: 3 fev. 2024.
- ALVAR, Mia. **In The Country: stories**. 1. ed. New York, NY: Vintage Books, 2015. 347 p.
- AMEAÇA autoritária: Notícias sobre ameaça autoritária. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha-topicos/ameaca-autoritaria>. Acesso em: 7 mar. 2024.
- AMERICAN HISTORICAL ASSOCIATION. **When Did Philippine History Begin? | AHA**, 2019. Disponível em: <https://www.historians.org/about-aha-and-membership/aha-history-and-archives/gi-roundtable-series/pamphlets/em-24-what-lies-ahead-for-the-philippines>. Acesso em: 2 fev. 2024.
- AMNESTY INTERNATIONAL. **Five things to know about Martial Law in the Philippines**, 2022. Disponível em: <https://www.amnesty.org/en/latest/news/2022/04/five-things-to-know-about-martial-law-in-the-philippines>. Acesso em: 2 fev. 2024.
- ANTUNES, Celso. **Geografia e participação: Introdução aos estudos geográficos**. São Paulo: Scipione, 1991.
- ARGUELLES, D. **Remembering the Manongs and Story of the Filipino Farm Worker Movement, 2017**. Disponível em: <https://www.npca.org/articles/1555-remembering-the-manongs-and-story-of-the-filipino-farm-worker-movement>. Acesso em: 2 fev. 2024
- ATKINS, Dawn. **Looking queer: Body image and identity in lesbian, bisexual, gay, and transgender communities**. Routledge, 2012.
- AVENTURAS NA HISTÓRIA. **Conheça a Verdade Sobre a Frase “Se Não Tem Pão, Que Comam Brioche”**. 2019. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-expressao-se-nao-tem-pao-que-comam-brioche.shtml>. Acesso em: 8 mar. 2024.
- BALIKBAYAN PROGRAM**. IN: EMBASSY OF THE PHILLIPINES. 2024. Disponível em: <http://philembassybrasil.org/index.php/consular-and-other-services/balikbayan-program>. Acesso em: 23 mar. 2024.
- BALIKBAYAN. In: **Oxford English Dictionary**. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/OED/4549363418>. Acesso em: 14 fev. 2024.



BANGSA In: **CAMBRIDGE DICTIONARY**. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/indonesian-english/bangsa>. Acesso em: 12 fev. 2024.

BARANGAY. In: **BRITANNICA**. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/barangay>. Acesso em: 12 fev. 2024.

BARANGAY. In: **OXFORD DICTIONARIES**. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20151222164809/http://www.oxforddictionaries.com/definition/english/barangay>. Acesso em: 28 jan. 2024.

BARBER, Kristen, Hidalgo, Danielle Antoinette. **Queer. Encyclopedia Britannica**, 2023. <https://www.britannica.com/topic/queer-sexual-politics>. Acesso em: 07 fev. 2024.

BARTHES, Roland. A morte do autor. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, v. 2, n. 1, p. 57-64, 2004.

Battleship U.S.S. Maine Explodes. **PBS. Crucible of Empire** - PBS Online. Disponível em: <https://www.pbs.org/crucible/tl10.html>. Acesso em: 7 mar. 2024.

BBC NEWS. **Philippines: Duterte orders Ferdinand Marcos body move**. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-37004690>. Acesso em: 2 mar. 2024.

BE AS AMERICAN AS APPLE PIE. In: **COLLINS DICTIONARY**. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/be-as-american-as-apple>. Acesso em: 10 mar 2034.

BELL TRADE ACT. In: **BRITANNICA**. 2024. Disponível em <https://www.britannica.com/event/Bell-Trade-Act>. Acesso em: 25 fev. 2024.

BELTRAN, Sam. **As English skills decline in Philippines, will ban on media dubs fix the issue?** Disponível em: <https://www.scmp.com/week-asia/lifestyle-culture/article/3254002/philippines-falling-english-standards-spark-calls-film-tv-dubbing-ban>. Acesso em: 10 mar. 2024.

BORICUA. In: **MERRIAM-WEBSTER**, 2024. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/Boricua>. Acesso em: 15 mar 2024.

BORLAZA, Gregorio C., Cullinane, Michael and Hernandez, Carolina G. Philippines. **Encyclopedia Britannica**. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Philippines>. Acesso em: 18 jan. 2024.

BORLONGAN, A. M. Filipino and Tagalog: **How similar, how different, or really just one language with two names?** 2023. Disponível em: <https://www.manilatimes.net/2023/06/04/opinion/columns/filipino-and-tagalog-how->

similar-how-different-or-really-just-one-language-with-two-names/1894387. Acesso em: 7 mar. 2024.

BORLONGAN, A. M. **There are 186 languages in the Philippines, not just two!** The Manila Times, 2023. Disponível em: <https://www.manilatimes.net/2023/06/11/opinion/columns/there-are-186-languages-in-the-philippines-not-just-two/1895506>. Acesso em: 10 mar. 2024.

BRITANNICA, T. Editors of Encyclopaedia. **Philippine Independent Church**. Encyclopedia Britannica, 2010. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Philippine-Independent-Church>. Acesso em: 5 mar. 2024.

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. **Andres Bonifácio**. Encyclopedia Britannica, 2023. Disponível em <https://www.britannica.com/biography/Andres-Bonifacio>. Acesso em: 27 fev. 2024.

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. **"encomienda"**. *Encyclopedia Britannica*, 11 Jun. 2024, <https://www.britannica.com/topic/encomienda>

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. **José Rizal**. Encyclopedia Britannica, 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Jose-Rizal>. Acesso em: 5 mar. 2024.

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. **Martial Law**. Encyclopedia Britannica, 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/martial-law>. Acesso em: 2 mar. 2024.

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. **Yellow journalism**. Encyclopedia Britannica, 2023. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/yellow-journalism>. Acesso em: 2 mar. 2024.

BRITANNICA. Philippines - **The Spanish period**. In: BRITANNICA. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Philippines/The-Spanish-period>. Acesso em: 30 jan. 2024.

BRITANNICA. **Treaty of Saragossa**, 2019. In: BRITANNICA. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Treaty-of-Saragossa>. Acesso em: 16 fev. 2024.

BROWN UNIVERSITY, **Literary Arts, Elaine Castillo**, 2024. Disponível em: <https://literaryarts.brown.edu/writers-online/elaine-castillo> . Acesso em 2 mar. 2024.

BUDIMAN, Abby; RUIZ, Neil G. Key facts about Asian origin groups in the US. Washington, DC: Pew Research Center, 2021.

BURDEOS, Ray L. **Pinoy Stewards in the US Sea Services: Seizing Marginal Opportunity**. AuthorHouse, 2010.

CALLAHAN, William A. **Cultural governance and resistance in Pacific Asia**. Routledge, 2006.

CARRANÇA, Thais. **Por que brasileiros não são considerados latinos nos EUA**,2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cx9nel14ekwo>. Acesso em 2 mar. 2024.

CASTILLO, Elaine. **America Is Not the Heart**. 1. ed. New York, NY: Penguin Books, 2018. 406 p. v. 1. ISBN 9780735222427.

CASTRO, Luiz Guilherme Amorim de. **A latinidad norte-americana vista pela ótica da literatura chica-lit: Alisa Valdes e sua obra Playing With Boys**. 142 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2020.

CELOZA, Albert F. **Ferdinand Marcos and the Philippines: the political economy of authoritarianism**. Bloomsbury Academic, 1997.

CHAPMAN, Graham P. *et al.* **Asia**. **Encyclopedia Britannica**, 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Asia>. Accessed 17 August 2024.

CHENG, C. Are Asian American Employees a Model Minority or Just a Minority? **The Journal of Applied Behavioral Science**, v. 33, n. 3, p. 277–290, set. 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0021886397333002>. Acesso em: 11 fev. 2024.

CHEW, Valerie. Flor contemplacion. Singapore infopedia, *in* **National Library Board**,2024. Disponível em: <https://www.nlb.gov.sg/main/article-detail?cmsuuid=4e7e82e8-a0e1-481c-9605-12a516702a40>.

CHINESE IN THE PHILIPPINES. in MINORITY RIGHTS GROUP,2023. Disponível em: <https://minorityrights.org/communities/chinese-5/>. Acesso em: 7 fev. 2024.

CHIRINO, Pedro. **Relacion de las islas Filipinas i de lo que en ellas an trabaiado los padres dae la Compañia de Iesus**. por Estevan Paulino, 1890.

CLEM, Andrew. The Filipino Genocide. Historical Perspectives: Santa Clara University Undergraduate **Journal of History**, Series II: Vol. 21, Article 6,2016.

CODE-SWITCHING. In: **BRITANNICA**. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/code-switching>. Acesso em: 11 mar. 2024.

COHEN, Robin. **Global Diasporas: An Introduction**. 1. ed. Londres: Routledge, 1997. 241 p. ISBN 1-85728-207-8.

COLOURED meaning *in*: **DICTIONARY**, Cambridge. Cambridge advanced learner's dictionary Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/coloured>. Acesso em 26 mar. 2024.

CONSTANTE, Agnes. **Historically underrepresented**, Filipino-American candidates look toward Congress. Disponível em: <https://www.nbcnews.com/news/asian-america/historically-underrepresented-filipino-american-candidates-look-toward-congress-n930036>. Acesso em: 7 mar. 2024

CONSTITUTION DAY. In: **OFFICIAL GAZETTE. CONSTITUTION DAY**. 2024. Disponível em: <https://www.officialgazette.gov.ph/constitutions/constitution-day/>. Acesso em: 7 mar. 2024.

CORRÊA, Michelle Viviane Godinho. **Milagre econômico**. INFO ESCOLA. 2024. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia-do-brasil/milagre-economico/>. Acesso em: 2 fev. 2024.

DATA, US **Official Inflation. Alioth Finance**. Inflation Calculator. URL <https://www.officialdata.org>, 2024. In: "\$20,000,000 in 1898 → 2024 | Inflation Calculator." Disponível em: <https://www.officialdata.org/us/inflation/1898?amount=20000000>. Acesso em: 16 mar. 2024.

DAVID, Eric John Ramos. **Brown skin, white minds: Filipino-/American postcolonial psychology**. IAP, 2013.

DAVIES, D. **How NYC is coping with 175,000 migrants from the Southern border**. Disponível em: <https://www.npr.org/2024/02/15/1231712535/how-nyc-is-coping-with-175-000-migrants-from-the-southern-border>. Acesso em: 14 mar. 2024.

DE GUIA, Katrin. *Kapwa: The self in the other: Worldviews and lifestyles of Filipino culture-bearers*, 2005.

DECLARATION OF MARTIAL LAW. In: **OFFICIAL GAZETTE**. 2024. Disponível em: <https://www.officialgazette.gov.ph/featured/declaration-of-martial-law/>. Acesso em: 7 mar. 2024.

DELLACIOPPA, Kara; WEBER, Clare (Ed.). **Cultural politics and resistance in the 21st century: Community-based social movements and global change in the Americas**. Springer, 2012.

DEMSAS, J. **Something's Fishy About the "Migrant Crisis"**. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/ideas/archive/2024/02/asylum-seekers-migrant-crisis/677464/>. Acesso em: 14 mar. 2024.

DEPARTMENT OF STATE. 1830–1860: Diplomacy and Westward Expansion. Disponível em: <https://history.state.gov/milestones/1830-1860/foreword>. Acesso em: 2 mar. 2024.

DESIMONE, B. Remembering José Rizal, Filipino Revolutionary | In Custodia Legis. Disponível em: <https://blogs.loc.gov/law/2024/02/remembering-jose-rizal-filipino-revolutionary/>. Acesso em: 2 mar. 2024.

DE SOUZA, Marcelo Henrique Marques. O complexo de vira-lata e o vira-lata complexo. **TRANZ-revista de uma publicação de estudos transítivos do contemporâneo**, v. 8, n. December, p. 1-5, 2013.

DESTRUCTION OF THE MAINE. In: BRITANNICA. 2024. Disponível em: 2024 <https://www.britannica.com/event/destruction-of-the-Maine>. Acesso em: 15 fev. 2024.

DEVINE, Erin C. **Translation and Transgression in the Art of Shirin Neshat**. Taylor & Francis, 2023.

DIASPORA. In: NATIONAL GEOGRAPHIC. 2024. Disponível em: <https://education.nationalgeographic.org/resource/diaspora/>. Acesso em: 15 mar. 2024.

DOURADO, Carine. **Fuga de cérebros, a diáspora de cientistas brasileiros**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-04/fuga-de-cerebros-diaspora-de-cientistas-brasileiros>. Acesso em: 15 mar. 2024.

DUNCOMBE, S. **Cultural resistance: a reader**. London: Verso, 2002.

DUYVENDAK, Jan Willem. **The Politics of Home: Belonging and Nostalgia in Western Europe and the United States**. 1. ed. New York, NY: PALGRAVE MACMILLAN, 2011. 150 p. ISBN 9780230293991.

EAGLETON, Terry; DUTRA, Waltensir. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

ELAINE CASTILLO. In: BROWN UNIVERSITY, 2022. Disponível em: <https://literaryarts.brown.edu/writers-online/elaine-castillo>. Acesso em: 15 fev. 2024.

EMBAJADA DE MÉXICO EN FILIPINAS. Secretaria de relaciones exteriores. **Trade with the philippines**, 2024. Disponível em: <https://embamex.sre.gob.mx/filipinas/index.php/negocios-y-comercio/tradewiththephilippines>. Acesso em: 30 jan. 2024

ESCALANTE, Shirley. **Imelda Marcos shoe museum: The excess of a regime that still haunts the Philippines**. Disponível em: <https://www.abc.net.au/news/2016-10-02/imelda-marcos-shoe-museum:-the-excess-of-a-regime/7877098>. Acesso em: 2 mar. 2024.

ESPINOSA, Mariola. **Epidemic invasions: yellow fever and the limits of Cuban independence, 1878-1930**. University of Chicago Press, 2019.

ESPIRITU, Yen Le. **Home bound: Filipino American lives across cultures, communities, and countries**. Univ of California Press, 2003.

EUGENIO, L. Jamie. **Overseas Filipino Workers: The Modern-Day Heroes of the Philippines**. Disponível em: <https://hir.harvard.edu/overseas-filipino-workers-the-modern-day-heroes-of-the-philippines/>. Acesso em: 13 mar. 2024.

EVANS, Gareth. **Why the Marcos family is so infamous in the Philippines**. BBC. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-61379915>. Acesso em: 2 mar. 2024.

FAUBION, James (Ed.). **Foucault now**. London, John Wiley & Sons, 2014. 234 p.

FERDINAND E MARCOS. In: BRITANNICA. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Ferdinand-E-Marcos>. Acesso em: 3 mar. 2024.

FERDINAND E. MARCOS. In: **SENATE OF THE PHILIPPINES**. 2024. Disponível em: <https://legacy.senate.gov.ph/senators/senpres/marcos.asp>. Acesso em: 8 fev. 2024.

FERDINAND MAGELLAN In: **BRITANNICA**. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Ferdinand-Magellan>. Acesso em: 5 jan. 2024.

FIGUEIRA, Helena, et al. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. **Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa, 2011**. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/col%C3%B3nia>. Acesso em: 8 mar. 2024.

FLORES, HELEN. **US most trusted Philippine's ally – Pulse Asia**. <https://www.philstar.com/headlines/2019/01/15/1885232/us-most-trusted-philippines-ally-pulse-asia>. Acesso em: 09 mar.2024.

FOLHA DE SÃO PAULO, 2021. **Bolsonaro ameaça o STF de golpe, exorta a desobediência à Justiça e diz que só sai morto**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/na-paulista-bolsonaro-repete-ameacas-golpistas-ao-stf-e-diz-que-canalhas-nunca-irao-prende-lo.shtml>. Acesso em 30 jan.2024.

FOUCAULT, Michel. Histoire de la sexualité. La volonté de savoir. Éditions Gallimard, Paris. English edition: Foucault M (1978) The history of sexuality. Volume 1 Introduction (trans: Hurley R). Pantheon, New York, 1976.

FRANCIA, Luis H. **A History of the Philippines: From Indios Bravos to Filipinos**. New York, NY: The Overlook Press, 2014. 393 p.

FRANCISCO, Luzviminda. **The Philippine-American War. The Philippines reader: A history of colonialism, neocolonialism, dictatorship, and resistance**, p. 8-19, 1987.

FREEMAN, Kate. **Why is Gwyneth Paltrow selling a candle that smells like her vagina?** Disponível em: <https://www.theguardian.com/fashion/2020/jan/13/why-is-gwyneth-paltrow-selling-a-candle-that-smells-like-her-vagina-goop>. Acesso em 29 mar. 2024

FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL (FMI). Relatório. Washington, DC: Fundo Monetário Internacional, 2023.

FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL. Relatório. Washington, DC: Fundo Monetário Internacional, 2024.

GHARIB, Malaka. **The tricky obligations of utang na loob: Code Switch.** Disponível em: <https://www.npr.org/2023/03/27/1166303217/the-tricky-obligations-of-utang-na-loob>. Acesso em: 8 fev. 2024.

GOODMAN, Peter S.; AZNAR, Jes. 'There's No Other Job': The Colonial Roots of Philippine Poverty. **International New York Times**, 2023.

GOTT, Richard. **Cuba: A new history.** Yale University Press, 2005.

GOU, Michael et al. Reconstruction Finance Corporation Act. 2013. **Federal Reserve History** In GUEDES, Paloma. BBC. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cd1p8g2l45po>. Acesso em: 08 jul. 2024.

GOVERNMENT OF CANADA. **Classification of Generation Status - 1 - First generation.** Disponível em: <https://www23.statcan.gc.ca/imdb/p3VD.pl?Function=getVD&TVD=117200&CVD=117200&CLV=0&MLV=1&D=1>. Acesso em: 15/03/2024.

GUERRERO, Leon Ma; GUERRERO, Leon Maria. **The first Filipino: a biography of José Rizal.** Guerrero Publishing, (English Edition) eBook Kindle 2012.

GUILLEMARD, Francis Henry Hill. **The life of Ferdinand Magellan, and the first circumnavigation of the globe: 1480-1521.** G. Philip & son, 1890.

HÄGERDAL, Hans. Boxer Code. **INTERNATIONAL INSTITUTE FOR ASIAN STUDIES.** 2024. Disponível em: <https://www.iias.asia/the-review/boxer-codex>. Acesso em: 10 mar. 2024.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades culturais e mediações culturais.** Belo Horizonte, editora UFMG, 2003.

HARVARD DIVINITY SCHOOL. **Islam in the Philippines** ,2024. Disponível em: <https://rpl.hds.harvard.edu/faq/islam-philippines>. Acesso em: 29 jan. 2024. <https://psa.gov.ph/content/religious-affiliation-philippines-2020-census-population-and-housing>. 10 mar. 2024.

HARZOUNE, Mustapha. **What policy should Europe implement in terms of immigration and asylum?** Musée de l'histoire de l'immigration, 2022. Disponível em: <https://www.histoire-immigration.fr/en/the-words/what-is-an-immigrant>. Acesso em 08 jul. 2024.

HAWLEY, Caroline. **Irã: as mulheres que se arriscam diariamente desafiando lei sobre véu.** BBC News. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cw4qyllz0xno>. Acesso em: 25 mar. 2024.

HILSDON, Anne-Marie. 8 O fiasco da Contemplação: O enforcamento de uma empregada doméstica filipina em Cingapura. Em: **Direitos Humanos e Política de Gênero** . Routledge, 2004. p. 172-192.

HONCULADA, Jurgette. **The story of Sarah Balabagan.2020**. Disponível em: <https://opinion.inquirer.net/133484/the-story-of-sarah-balabagan#ixzz8iJykHcWe>>. Acesso em: 8 mar. 2024.

ICHIMURA, ANRI. **Find Your Family Name in This Catalog of Historical Surnames from the Spanish Colonial Era**, 2019. Disponível em: <https://www.esquiremag.ph/culture/books-and-art/surname-spanish-catalog-a00304-20191102>. Acesso em: 20 fev. 2024.

INDONESIA. *In*: Cia Factbook. 2024. Disponível em: <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/indonesia/>. Acesso em: 13 jan. 2024.

INGICCO, Thomas et al. Earliest known hominin activity in the Philippines by 709 thousand years ago. **Nature**, v. 557, n. 7704, p. 233-237, 2018.

INSURREIÇÃO. *In*: DICIO-DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS,2024. Disponível em <https://www.dicio.com.br/insurreicao/>. Acesso em: 13 mar. 2024.

JANSEN, Charlotte. **'I want to unleash rage': Iranian exile Shirin Neshat on her film about veils, prison and rape**. The Guardian,2023. Disponível em: <https://www.theguardian.com/artanddesign/2023/oct/02/iranian-exile-shirin-neshat-fury-film-veils-prison-rape>. Acesso em 31 mar. 2024

JOSÉ, Ricardo. **International Encyclopedia of the First World War**. Disponível em: [https://encyclopedia.1914-1918-online.net/contributors/Ricardo\\_Jose](https://encyclopedia.1914-1918-online.net/contributors/Ricardo_Jose). Acesso em 15 mar. 2024.

KAMLIAN, J. A. **Who are the Moro people?** Disponível em: <https://opinion.inquirer.net/39098/who-are-the-moro-people>. Acesso em 13 mar.2024.

Kapwa: The Self in the Other | **Jacksonville's Museum of Science and History**. Disponível em: <https://themosh.org/explore/signature-exhibits/kapwa>.Acesso em 01 mar.2024.

KHAZAN, Olga. **Why Americans Smile So Much**. The Atlantic, 2017. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/science/archive/2017/05/why-americans-smile-so-much/524967/>. Acesso em 25 mar. 2024.

KHALID, Asma. **Democrats Used To Talk About 'Criminal Immigrants,' So What Changed The Party?** Disponível em: <https://www.npr.org/2019/02/19/694804917/democrats-used-to-talk-about-criminal-immigrants-so-what-changed-the-party>. Acesso em: 13 mar.2024.

KNOX, Robert. **The races of men: A fragment**. H. Renshaw, 1850.



KORTRIGHT, Chris. **Colonization and identity**. The Anarchist Library, v. 1, 2003.

LEONHARDT, D. Biden Tries to Close a Loophole. **The New York Times**, 5 jun. 2024.

LERNER, K. Lee; LERNER, Brenda Wilmoth; LERNER, Adrienne Wilmoth. Gender Issues and Sexuality: Essential Primary Sources. Thomson I Gale. Harvard University, 2006.

LEVINSON-KING, R. Canada: Why the Country Wants to Bring in 1.5m Immigrants by 2025. **BBC News**, 22 nov. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-63643912>. Acesso em: 11 mar. 2024.

LIBRARY OF CONGRESS, **Treaty of Paris of 1898**. Disponível em: <https://guides.loc.gov/world-of-1898/treaty-of-paris>. Acesso em 09 fev. 2024

LIBRARY OF CONGRESS. **Prints and Photographs Division Washington, D.C. 20540 USA. Periodical illustrations-1890-1900**(Charge). Disponível em <http://hdl.loc.gov/loc.pnp/pp.print>. Acesso em 09 fev. 2024

LIMA, Luiz Costa. **A questão dos gêneros. Teoria da literatura em suas fontes**, v. 1, p. 255-292, 1983.

LIMOS, MARIO ALVARO. **Spanish Words You Thought Were Filipino**,2019. Disponível em: <https://www.esquiremag.ph/long-reads/features/filipino-words-from-spanish-a00293-20200819-lfrm>. Acesso em: 5 fev. 2024.

LIMOS, MARIO ALVARO. **The Rise and Fall of Sulayman, Matanda, and Lakandula, the Allied Rulers of Manila**. Disponível em: <https://www.esquiremag.ph/long-reads/the-rise-and-fall-rajahs-sulayman-matanda-and-lakandula-the-allied-rulers-of-manila-a00293-20191019-lfrm>. Acesso em: 1 mar. 2024.

LOOMBA, Ania. **Colonialism-postcolonialism**. Reino Unido, Routledge, 1998.

MAGRAMO, Kathleen. CNN. They were tortured under Philippine dictator Ferdinand Marcos Snr. **Now they fear their stories are being erased**,2022. <https://edition.cnn.com/2022/09/29/asia/philippines-martial-law-50-years-marcos-intl-hnk/index.html>. Acesso em: 8 fev. 2024.

MAIN, P. A., Camila DeChalus, Alison. **Migrant crisis looms over governors' gathering at the White House | CNN Politics**,2024. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2024/02/25/politics/migrant-governors-gathering-white-house/index.html>. Acesso em: 14 mar. 2024.

**Mapping Philippine Material Culture**. Disponível em: <https://philippinestudies.uk/mapping/>. Acesso em 07 fev. 2024

MORALLO, Audrey. Duterte Explains Soft Stance on West Philippine Sea Dispute: We Can't Win. **Philippine Star**, 2018.

**Naval History and Heritage Command disponível em:**

<https://www.history.navy.mil/news-and-events/news/2024.html>. Acesso em: 8 fev. 2024.

MAJEED, Yas min Madele. **A Little Bit Like Worship: An Interview with Elaine Castillo**, 2018. Disponível em: <https://aaww.org/america-is-not-the-heart-an-interview-with-elaine-castillo/>. Acesso em: 10 mar. 2024.

Mapa Do Sudeste Asiático. **Center for Southeast Asian Studies**

**University of Wisconsin – Madison**. Disponível em:

<https://seasia.wisc.edu/southeast-asia-country-information-and-resources/> Acesso em: 03 mar. 2024.

MARTIAL Law Museum. Disponível em: <https://martiallawmuseum.ph> Acesso em 07 mar. 2024.

MCCARTHY, J. A dictator's son runs for Philippines president in a bid to revive his family's power. **NPR.org**, 12 abr. 2022. Disponível em: <https://www.npr.org/2022/04/12/1090802987/philippines-elections-ferdinand-bongbong-marcos-junior>. Acesso em: 7 mar. 2024.

MCGRADY, Clyde. **Why bell hooks didn't capitalize her name**. The Washington Post. 2021. Disponível em:

<https://www.washingtonpost.com/lifestyle/2021/12/15/bell-hooks-real-name/> Acesso em 09 jul. 2024

MCSHERRY, Patrick. The Loss of the Battleship MAINE and the World Trade Center Towers: An Historical Comparison. Disponível em:

<https://www.spanamwar.com/MaineWTC.htm>. Acesso em: 2 mar. 2024.

MEDINA, Andrei; PULUMBARIT, Veronica. How martial law helped create the OFW phenomenon. **GMA News**, 2012.

MEKO, H. **What to Know About the Migrant Crisis in New York City**. **The New York Times**, 2023. Disponível em: <https://www.nytimes.com/article/nyc-migrant-crisis-explained.html>. Acesso em: 13 mar. 2024.

MELTON, William Russell. **The new American expat: thriving and surviving overseas in the post-9/11 world**, UNKNO, 2005.

MEMORIAL DA DEMOCRACIA. **Migrante volta para o Nordeste**, 2010. Disponível em: <https://memorialdademocracia.com.br/card/migrante-nordestino-volta-para-casa>. Acesso em: 14 mar. 2024.

**Migrante, Imigrante, Emigrante, Refugiado, Estrangeiro: qual palavra devo usar?** Disponível em: <https://museudaimigracao.org.br/blog/migracoes-em->

debate/migrante-imigrante-emigrante-refugiado-estrangeiro-qual-palavra-devo-usar. Acesso em: 10 mar. 2024.

**DIGITAL HISTORY.** Mintz, S., & McNeil, S. 2021. <http://www.digitalhistory.uh.edu> Disponível em <https://www.digitalhistory.uh.edu/dAguinaldowascapturefurtheroverseasterritory>. Acesso em: 07 mar. 2024

**MYDANS, S. F. Sionil Jose, 97, Novelist Who Saw Heroism in Ordinary Filipinos, Dies.** The New York Times, 2022. Acesso em 30 mar. 2024.

**MULTI** *in: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa.* Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/multi>. Acesso em: 25 mar. 2024.

**NADEAU, Kathleen. The History of the Philippines.** Westport, Connecticut: Greenwood Press, 2008. 160 p. ISBN 9780313340901.

**NASH, Kieran. The difference between an expat and an immigrant?** Semantics. Disponível em: <https://www.bbc.com/worklife/article/20170119-who-should-be-called-an-expat>. Acesso em: 5 mar. 2024.

**NAVAL HISTORY AND HERITAGE COMMAND, 2024.** <https://www.history.navy.mil/our-collections/photography/wars-and-events/spanish-american-war/sinking-of-uss-maine.html#>

**NGUYEN, Sophia. A Conversation with Mia Alvar, 2015.** Disponível em: <https://www.harvardmagazine.com/2015/08/a-conversation-with-mia-alvar>. Acesso em: 7 mar. 2024

**NIGGER.** In: **MERRIAM WEBSTER.** 2024. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/nigger>. Acesso em: 27/02/2024.

**NINOY OLD.** In: **OFFICIAL GAZETTE. NINOY OLD.** 2024. Disponível em: <https://www.officialgazette.gov.ph/ninoy-old/>. Acesso em: 9 mar. 2024.

**NOLI MI TANGERE** in **THE NATIONAL GALLERY.** Disponível em: <https://www.nationalgallery.org.uk/paintings/titian-noli-me-tangere>. Acesso em: 7 mar. 2024.

**OCAMPO, Ambeth. José Rizal. National Portrait Gallery,** 2024. Disponível em: <https://npg.si.edu/jos%C3%A9-rizal>. Acesso em: 7 mar. 2024.

**OCAMPO, Anthony Christian. The Latinos of Asia: How Filipino Americans break the rules of race.** Stanford University Press, 2016.

**ONWUACHI-WILLIG, Angela. Race and racial identity are social constructs.** **New York Times**, n. September 6, 2016, 2016.

ORTILE, M. **The Groom Will Keep His Name**. Hachette UK/ed. New York, NY: Bold Type Books. 319 p. 2020.

PBS. Crucible of Empire-**Ten Years' War in Cuba** - PBS Online. Disponível em: <https://www.pbs.org/crucible/tl1.html>. Acesso em 10 mar. 2024.

PBS YELLOW JOURNALISM. Pre-colonial Manila | Presidential Museum and Library. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20211222090232/http://malacanang.gov.ph/75832-pre-colonial-manila/>. Acesso em: 10 mar. 2024.

**PHILIPPINES ADMINISTRATIVE DIVISIONS**. In: LIBRARY OF CONGRESS, 2024. Disponível em: <https://www.loc.gov/resource>. Acesso em: 7 mar. 2024.

PHILIPPINES MAPS. Disponível em: <https://www.freeworldmaps.net/asia/philippines/>. Acesso em: 7 mar. 2024.

PINOY in Oxford **english dictionary**. Simpson, JA & Weiner, ESC. 2023. Disponível em: <https://www.oed.com/search/dictionary/?scope=Entries&q=Pinoy>. Acesso em: 13 fev. 2024.

POSTMA, Antoon. LATER PREHISTORIC DEVELOPMENTS IN SOUTHEAST ASIA The Laguna copper-plate inscription: a valuable Philippine document. **Bulletin of the Indo-Pacific Prehistory Association**, v. 11, p. 160-171, 1991.

PRATT, Mary Louise. A crítica na zona de contato: nação e comunidade fora de foco. **Travessia**, n. 38, p. 7-29, 1999.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. EDUSC - Editora Da Universidad, 1999.

RAMAKRISHNAN, J. R. **In the Country** by Mia Alvar. The New York Times, 2015 Disponível em: <https://www.nytimes.com/2015/06/21/books/review/in-the-country-by-mia-alvar.html>. Acesso em: 2 fev. 2024.

RESISTIR. In: PRIBERAM. S.A, **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/resistir>. Acesso em: 25 mar. 2024.

REUTERS, 2020. Philippines' Duterte threatens martial law if communist rebels disrupt aid. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/idUSKCN22602H/>. Acesso em: 10 mar. 2024.

ROBERTSON, Mary. **Growing up queer: Kids and the remaking of LGBTQ identity**. NYU Press, 2018.

RODRIGUEZ, Jeanette; FORTIER, Ted. **Cultural memory: Resistance, faith, and identity**. University of Texas Press, 2007

ROUDINESCO, Élisabeth. **O Eu Soberano: Ensaio Sobre as Derivas Identitárias**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, Rio de Janeiro, 2022. 296 p.

SAID, E. W. **Culture and Imperialism**. London: Vintage, 1993.

SAID, E. W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo (Sp): Companhia Das Letras, 2007.

SAMPAIO, Jorge Henrique Maia; OLÍMPIO, Marise Magalhães. Estados Unidos e o destino manifesto. *Revista Ameríndia - História, cultura e outros combates*. Fortaleza, v.2, n.2 p. 1-12, 2006. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/13920>. Acesso em: 10 mar. 2024.

SCHAEFER, Richard T. **Encyclopedia of race, ethnicity, and society**. DePaul University, USA, Sage, 2008.

SCOTT, John. **Sociologia: conceitos-chave**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2010.

SENKO, Elaine Cristina. Ibn-Khaldun (1332-1406) e um olhar muçulmano sobre a Península Ibérica. **Revista Vernáculo**, v. 1, n. 24/24, 2009.

SCOTT, John. **Sociologia: Conceitos-Chave**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor Ltd., 2010. 245 p. ISBN 9788537802731.

SICAT, G, 2019. Colonial economic and social development: 1898-1941. Disponível em: <https://econ.upd.edu.ph/perse/?p=7437>. Acesso em: 2 fev. 2024.

SILVA, Jaqueline Lupi Seabra da. **Coleção Amores Expressos: Sexualidade Na Literatura Contemporânea Brasileira**. 2023.

SPEAKMAN, Kimberlee. **Gwyneth Paltrow Doubles Down on the Goop Vagina Candle Being a “Feminist Statement”**, 2023. Disponível em <https://people.com/gwyneth-paltrow-says-goop-vagina-candle-was-feminist-statement-7964824>. Acesso em: 29 mar. 2024.

SOLBERG, S. E. [Review of] Carlos Bulosan. *America Is in the Heart: A Personal History*. **Explorations in Sights and Sounds**, v. 8, n. 1, p. 13-14, 1988. Acesso em: 2 fev. 2024.

SPENCER, David Ralph. **The yellow journalism: The press and America's emergence as a world power**. Northwestern University Press, 2007.

STANFORD MEDICINI - **Demographics**. Disponível em: <https://geriatrics.stanford.edu/ethnomed/filipino/introduction.html>. Acesso em: 7 ago. 2024.

STATEN, Clifford L. **The history of Cuba**. Bloomsbury Publishing USA, 2015.

STERNGASS, Jon. **Filipino Americans**. Infobase Publishing, 2007.

**STOOP**. In: MERRIAM WEBSTER. 2024. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/stoop>. Acesso em: 30 mar. 2024.

STUCKE, Walter. Magellan, Ferdinand, 1480–1521 CE. **The Sea in World History: Exploration, Travel, and Trade [2 volumes]**, p. 432, 2017.

TAGALOG. In: CORNELL UNIVERSITY. **Department of Asian Studies**, 2024. Disponível em: <https://asianstudies.cornell.edu/research/tagalog-filipino>. Acesso em: 1 mar. 2024.

TAN, Samuel K. **A History of the Philippines**. Quezon City, Philippines: University of the Philippines Press, 2008.

TARDIFF, S. **The Beloved Filipino Tradition That Started as a Government Policy**, 2021. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/culture/archive/2021/12/christmas-tradition-keeps-my-grandmothers-memory-alive/621135>. Acesso em: 1 mar. 2024.

TAVARES, Vitor. **'Filiprimos'? As semelhanças entre Brasil e Filipinas que se refletem nas redes sociais, 2023**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cv240x00p90o>. Acesso em: 15 jan. 2024.

**The Hindu. India overtakes U.K. to become fifth largest economy in the world.** The Hindu, 2022. Disponível em : <https://www.thehindu.com/news/national/india-overtakes-uk-to-become-fifth-largest-economy-in-the-world/article65844906.ece>. Acesso em: 29 mar. 2024.

**THE KAIMYHING PROJECT** –Ruy Lopez de Villalobos begun his expedition to the Philippines. November. Disponível em: <https://kahimyang.com/kauswagan/articles/721/today-in-philippine-history-november-1-1542-ruy-lopez-de-villalobos-started-his-expedition-to-the-philippines>. Acesso em: 07 mar 2024.

THE LOUISIANA PURCHASE. **Louisiana Purchase Educator Resource**<sup>[OBJ]</sup>. Disponível em: <https://acwm.org/louisiana-purchase-edu>. Acesso em 5 mar. 2024.

The Philippines and the University of Michigan, 1870-1935 · **A Brief History of The Thomasites · Philippines**. Disponível em: <https://philippines.michiganintheworld.history.lsa.umich.edu/s/exhibit/page/a-brief-history-of-the-thomasites>. Acesso em: 29 jan. 2024.

ISPI. **The Venezuelan Diaspora: a long term crisis?** 2024- Disponível em: <https://www.ispionline.it/en/publication/the-venezuelan-diaspora-a-long-term-crisis-161365>. Acesso em: 15 mar. 2024.

TIN HOUSE. *Between the Covers Elaine Castillo Interview*. Disponível em: <https://tinhouse.com/transcript/between-the-covers-elaine-castillo-interview>. Acesso em: 12 mar 2024.

TIKKANEN, A. **Arundhati Roy | Biography, Books, & Facts**, *in Encyclopedia Britannica*, 2024. Disponível em <https://www.britannica.com/biography/Arundhati-Roy>. Acesso em: 31 mar. 2024.

THORNELL, C. **Why the US has so many Filipino nurses,2020**. Disponível em: <https://www.vox.com/2020/6/30/21307199/filipino-nurses-us>.

TORO-MORN, Maura I. Boricuas en Chicago: Gender and class in the Migration and Settlement of Puerto Ricans. **The Puerto Rican Diaspora: Historical Perspectives**, p. 128-150, 2005.

TUAZON, Anna Cristina. **Understanding 'utang na loob'** in Philippine Daily Inquirer. Disponível em: <https://opinion.inquirer.net/159721/understanding-utang-na-loob>. Acesso em: 13 mar 2024.

TUSING, David. **Nine US celebrities you might not know are part Filipino,2022**. Disponível em: <https://www.thenationalnews.com/arts-culture/2022/10/27/nine-us-celebrities-you-might-not-know-are-part-filipino>. Acesso em: 11 mar 2024.

TWAIN, Mark. *Adventures of Huckleberry Finn*. 1884. **Available from a variety of publishers**, 1985.

UNESCO. **Memory of the World.Treaty of Tordesillas**. Disponível em: <https://www.unesco.org/en/memory-world/treaty-ordesillas>. Acesso em: 5 fev. 2024.

UOL. **Professor puxou minha filha pelo cabelo: agressão a brasileiros em Portugal**. 2024 Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2024/02/22/professor-arrastou-aluna-pelos-cabelos-o-choque-de-brasileiros-em-portugal.htm>. Acesso em: 14 mar. 2024.

UTSET, Marial Iglesias. **A cultural history of Cuba during the US occupation, 1898-1902**. UNC Press Books, 2011.

VACAY *in CAMBRIDGE DICTIONARY*,2024. Disponível em <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/vacay>. Acesso em: 11 mar 2024.

VALINOR, Rodrigo. **Xenofobia em Portugal cresce 505% nos últimos anos.2023**. Disponível em: <https://www.remessaonline.com.br/blog/xenofobia-portugal/>. Acesso em 08 jul. 2024.

WILLIAMS, Raymond. **Society and Culture: 1780-1950**. 1. ed. Garden City, New York.: Anchor Books Doubleday & Company, Inc, 1960. 412 p.

VEIGA, Edison. **Tiradentes: como um herói “sem rosto” acabou ganhando uma representação quase religiosa.** BBC News Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61159686>. Acesso em 11 fev. 2024.

VILELA, Túlio. **Imelda Marcos: Corrupção, diamantes e uma coleção de sapatos.** Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/imelda-marcos-corrupcao-diamantes-e-uma-colecao-de-sapatos.html>. Acesso em 07 mar 2024.

VORE, Adrian. 2015. **“Immigrant” vs. “migrant”; what’s the difference?** Disponível em: <https://www.sandiegouniontribune.com/opinion/readers-rep/sdut-immigrant-migranr-undocumented-europe-syria-2015sep25-story.html>. Acesso em: 14 mar 2024.

WEBSTER DICTIONARY. Merriam-webster. COMMONWEALTH v. 8, n. 2, 2002. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/commonwealth>. Acesso em: 2 mar. 2024.

WEE, S.-L.; ACAYAN, E. “Just Like Medicine”: A New Push for Divorce in a Nation Where It’s Illegal. **The New York Times**, 4 nov. 2023.

**What Is The Difference Between The Words “Immigration” and “Emigration”?** Disponível em: <https://www.dictionary.com/e/immigrants-vs-emigrants-vs-migrants/>. Acesso em: 15 mar 2024.

WHITEHEAD, K. **What can tourists expect when visiting North Korea?** Disponível em: <https://edition.cnn.com/travel/article/north-korea-tourist-protocol/index.html>. Acesso em: 16 mar. 2024. Acesso em: 15 fev. 2024.

WILLIAMS, Raymond. **Society and Culture: 1780-1950.** 1. ed. Garden City, New York.: Anchor Books Doubleday & Company, Inc, 1960. 412 p.

WU, Ellen D. **The Color of Success: Asian Americans and the Origins of the Model Minority.** 1. ed. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2014.

YOHANNES A. Matt Ortile charts a course of unlearning in **The Groom Will Keep His Name**, 2020. Disponível em: <https://ew.com/books/matt-ortile-the-groom-will-keep-his-name>. Acesso em 07 de mar. 2024.